

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Osmar Pancera

**A práxis artístico-cultural da ONG Rádio Margarida: uma história de linguagens
artísticas e meios de comunicação social, a serviço da educação popular.**

DOUTORADO EM SERVIÇO SOCIAL

**SÃO PAULO
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Osmar Pancera

**A práxis artístico-cultural da ONG Rádio Margarida: uma história de linguagens
artísticas e meios de comunicação social, a serviço da educação popular.**

DOUTORADO EM SERVIÇO SOCIAL

**Tese apresentada à Banca Examinadora
como exigência parcial para obtenção do
título de Doutor em Serviço Social pela
Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, sob orientação da Prof^a. Doutora
Maria Lúcia Martinelli.**

SÃO PAULO

2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Bibliotecário Ellison dos Santos

- P83p Pancera, Osmar
A práxis artístico-cultural da ONG Rádio Margarida: uma história de linguagens artísticas e meios de comunicação social / Osmar Pancera – 2009.
200 f. : il.
Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, São Paulo, 2009.
Orientador, Maria Lúcia Martinelli.
1. Linguagens artísticas. 2. Cultura. 3. Meios de comunicação social. 4. Práxis.
5. Educação popular. I. PUC. II. Maria Lúcia Martinelli, Orient. III. Título.

CDD 22. ed.: 372.6

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

No início de todo este movimento chamado “Rádio Margarida”, prestei homenagem à memória de minha carinhosa mãe, Margarida Gavranich Pancera. Agora **dedico este trabalho ao meu saudoso pai, Osvaldo José Pancera**, operário, autodidata dos ensinamentos espirituais e do mundo da matéria, que me ensinou a verdadeira cultura da vida.

No decorrer desta jornada de estudo e pesquisa sou grato à acolhida fraterna em São Paulo, por parte de meu irmão e sobrinho, Norberto(s) Pancera. Agradeço também aos meus filhos Guido e Vidal pela renovação da minha vida, e à sua mãe, Fátima A. Bastos, por conceber estas duas preciosas pessoas.

Continuo sendo grato a todas as professoras da Pós-graduação em especial, Carmelita Yazbek, Myrian Veras Baptista e à minha orientadora e amiga Maria Lúcia Martinelli por tudo que pude aprender e realizar. Também agradeço a fiel procuradora e amável Kátia Cristina.

Saudações radiofônicas e reverências teatrais aos artistas e amigas (os) da ONG Rádio Margarida, homenageados neste momento por meio da sua diretoria: José Ailton de Carvalho Arnaud, Maria Eugênia Moreira de Melo e da incansável companheira Carmen Rita Chaves de Lima que tornou real o banco de dados, as revisões dos conteúdos da tese e a colaboração para sua realização.

Agradecemos aos parceiros da ONG, destacadamente à Fundação AVINA e sua equipe pelo reconhecimento e apoio aos nossos trabalhos, pela oportunidade de visibilidade em nível nacional, de América Latina e pelo mundo afora.

Tu te tornas eternamente responsável por tudo aquilo que cativas. Então, sou grato pela re-ligação e aprendizagem dos ensinamentos verdadeiros: luz, paz e amor aos amigos, conselheiros e mestres da UDV.

Na reta final deste trabalho também recebi o apoio de amigos de plantão: José dos Anjos e Lucileny dos Santos para revisão e Ellison dos Santos para formatação.

*Gracias a la vida (Tradução)
Mercedes Sosa*

*...Graças à vida que me deu tanto
Me deu o riso e me deu o pranto
Assim eu distingo fortuna de quebranto
Os dois materiais que formam meu canto
E o canto de vocês que é o mesmo canto
E o canto de todos que é meu próprio canto*

Graças à vida, graças à vida.

RESUMO

A pesquisa-ação, “A práxis artístico-cultural da ONG Rádio Margarida: uma história de linguagens artísticas e meios de comunicação social, a serviço da educação popular”, descreve e analisa a história da união e vivência – produção artístico-cultural e educacional – de um grupo de pessoas (artistas, educadores, intelectuais, trabalhadores...) que compartilham uma concepção de mundo, organizadas na forma de sociedade civil de utilidade pública, juridicamente constituída, sem fins lucrativos, denominada de Centro Artístico Cultural Belém Amazônia, ONG Rádio Margarida. A práxis artístico-cultural da ONG, que é desenvolvida desde o ano de 1991 até hoje, é a base para a defesa da tese: A arte como socialização da cultura para transformação social, que é afirmada pela demonstração da utilização do método de educação popular que utiliza as linguagens artísticas (teatro, teatro de bonecos, palhaço, brincadeiras, música) e meios de comunicação social (radiodifusão e vídeo popular). As categorias do método: comunicação + sentimento + ação transformadora, são decodificadas em seu movimento de criação e representação de textos teatrais, músicas, programas de rádio, roteiros de vídeo, guias de orientação de utilização de materiais educativos e processos pedagógicos de fazer-apreendendo-compartilhando.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagens artísticas; Cultura; Meios de comunicação social; Práxis artístico-cultural; Educação popular.

ABSTRACT

The action research, "the artistic-cultural practice of the *Rádio Margarida* Non-Governmental Organization (NGO): a history of artistic languages and social communications media, serving popular education", describes and analyzes the history of union and experiences – artistic-cultural production and educational – from a group of people (artists, educators, intellectuals, workers...), which shares a conception of world, organized in the form of civil society for public services, legally constituted, non-profit, named “Centro Artístico Cultural Belém Amazônia” (Artistic Cultural Center Belém Amazonia) *Rádio Margarida* NGO. The artistic-cultural practice of the NGO, which is developed since 1991 up to today, is the basis for the defense of this dissertation: The art as socialization of culture for social transformation, which is affirmed by demonstrating the usage of popular education method utilizing artistic languages (theater, theater of dolls, clown, games, music, etc) and social communications media (radio and popular video broadcasting). The categories of methods: communication + sense + transforming actions, are decoded into movements of creation and representation of theater plays, music, broadcasting radio programs, video scripts, oriented guides to use educational materials and pedagogic processes of making-learning-sharing.

KEYWORDS: Language arts; Culture; social communications media; Artistic-Cultural Practice; Popular Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: EXISTE UMA HISTÓRIA... ..	15
1.1 A HISTÓRIA DOS HOMENS.....	15
1.2 A FILOSOFIA DA PRÁXIS.....	20
1.3 A PRÁXIS ARTÍSTICO-CULTURAL	23
1.4 AS MEDIAÇÕES DA PRÁXIS ARTÍSTICO-CULTURAL: O MÉTODO DE EDUCAÇÃO POPULAR DA ONG RÁDIO MARGARIDA	35
CAPÍTULO 2: UMA HISTÓRIA PRA CONTAR.....	43
2.1 O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA ONG RÁDIO MARGARIDA.....	43
2.2 UMA ORGANIZAÇÃO CIVIL COM PRINCÍPIO, MEIO E SEM FIM, MAS COM FINALIDADES: ESTATUTO DA ONG, SEU SIGNIFICADO, ESTRATÉGIAS, PROJETO-PILOTO E EIXOS INICIAIS DE ATUAÇÃO.....	64
2.3 UM OLHAR ARTÍSTICO-CULTURAL ANTECIPATÓRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS (PESQUISA, PLANEJAMENTO E AÇÃO).....	74
CAPÍTULO 3: A HISTÓRIA CONTINUA.....	91
3.1 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO MÉTODO DE EDUCAÇÃO POPULAR DA ONG RÁDIO MARGARIDA	91
3.2 POR MEIO DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS DE TEATRO, TEATRO DE BONECOS, PALHAÇOS, BRINCADEIRAS E MÚSICA.....	110
3.3 POR MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE RADIODIFUSÃO E VÍDEO POPULAR.....	148
CAPÍTULO 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: SOBRE A PRÁXIS ARTÍSTICO- CULTURAL DA ONG RÁDIO MARGARIDA	188
REFERENCIAS	196
ANEXO	199

Nova Irradiação (Zico e Zeca)

Eu agora inventei uma nova irradiação
Essa rádio é diferente dessas outras estações
É ligada no meu peito pra fazer a transmissão
Ela pega na memória e transmite no coração

Caprichei na instalação pra ficar bem instalada
Coloquei as ondas média, tropical e modulada
Pus a onda intermediária pra ficar mais reforçada
E as ondas curtas e longa eu deixei “areservada”

Essa rádio só funciona com a força da inteligência
A antena é o destino transmissor da consciência
Fiz dos baques da lembrança a metragem da competência
O volume da bondade e os miliciclos da ciência

Eu mesmo que fiz a rádio, sou eu mesmo o locutor
Escalei meu companheiro pre’le ser o diretor
Quem quiser ouvir a rádio ligue seu receptor
É na faixa da saudade e na sintonia do amor

*“O vivido em mim mora”...
Sabedoria popular*

INTRODUÇÃO

Memória

*Esta casa que tudo abriga,
Que guarda o acontecido, caminhos percorridos,
O realizado, as renúncias e escolhas de vida,
O querer, o não e o sim
As opções e decisões erradas e certas,
Experiências, aprendizagens, ser,
A vivência pensada, refletida, rememorada...
(PANCERA, 2007)*

As moradas da minha existência estão guardadas em uma casa com portas, janelas e entradas para a consciência, que é viva de vida, de existência vivida, vivências refletidas, pensadas e repensadas, que se tornam consciência da minha existência. “Onde não há memória não há história”¹, de um, de todos nós, da humanidade. A memória que é a própria história, contada de um para outro, de um para o mundo, em diálogos: dois mundos e mais falando e interagindo sobre suas vivências. Memória, “possibilidade de dispor dos conhecimentos passados” (ABBAGNANO, 2003, p. 657), o passado e o presente unidos não só nas lembranças, mas no vivido e no que somos hoje, transportados para o aqui e agora.

A história que agora vem ser descrita é uma história repleta de ação-reflexão-ação transformadora da realidade social do mundo das necessidades em que vivemos, em busca das liberdades humanas que queremos. É a história da união e vivência de um grupo de pessoas que compartilham uma concepção de mundo, organizadas na forma de sociedade civil de utilidade pública, pessoa jurídica, sem fins lucrativos, denominada **de Centro Artístico Cultural Belém Amazônia, ONG Rádio Margarida**, criada de fato em julho de 2001 e de direito em novembro de 2002. Uma caminhada de práticas educativas em arte, educação, cultura, jornada de realizações e também em curso, repleta de produção de eventos, campanhas, projetos e programas sociais próprios e também desenvolvidos com parceiros públicos e privados. Uma história de práticas e vivências profissionais, reunindo artistas, intelectuais, cientistas, técnicos, artesãos, operários e tantas pessoas que compreendem o processo de criação categoricamente trabalhado e analisado como: **A práxis artístico-**

¹ Apontamentos em orientação de tese com Maria Lúcia Martinelli, São Paulo, PUC-SP, abril de 2007.

cultural da ONG Rádio Margarida: uma história de linguagens artísticas e meios de comunicação social, a serviço da educação popular.

Por meio das linguagens artísticas e dos meios de comunicação social, demonstra-se o método de educação popular da ONG Rádio Margarida em sua concepção e fundamentos teóricos metodológicos e ação de transformação sociocultural da realidade em que se vive. Por meio das linguagens artísticas de teatro, teatro de bonecos, palhaços, brincadeiras e música e pelos meios da comunicação social de radiodifusão e vídeo popular, constroem-se as mediações e aproximações sucessivas dentro do processo de criação e produção artístico-cultural, relacionados à diversidade de temas e conteúdos de interesse coletivo: saúde, educação, arte, cultura, direitos humanos, meio ambiente, violência, dentre outros.

Com base em toda uma vivência e experiência de práxis artístico-cultural que conformam a história da ONG Rádio Margarida, afirma-se a tese: **A arte como socialização da cultura para transformação social.** A arte que pode ser concebida, teorizada e exercida de diferentes modos, formas e reafirmada: “Segundo Aristóteles, os seres naturais originam-se de causas necessárias que independem da nossa vontade. Os produtos da arte, decorrentes da atividade prática (práxis), são contingentes, dependendo de nós para existir” (NUNES, 1989, pp. 26-27). Os produtos da arte decorrentes da atividade prática (práxis) é o que se denomina de práxis artística. Atividade prática como princípio produtivo, acrescido da intencionalidade e mediação humana, carregada de criatividade e atividade formadora, que não dispensa a busca e contemplação do belo, mas que acima de tudo continua sendo uma atividade cuja finalidade é a realização de uma obra.

O referencial teórico desta pesquisa parte da história dos homens e sua produção da vida material, a partir do qual estabelece as bases de pavimentação do caminho de construção do conhecimento, “[...] a produção de ideias, de representações, da consciência, está de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real [...]” (MARX; ENGELS, 1987, p. 36). A partir da práxis artístico-cultural da ONG abordam-se as representações e o acervo de sua obra artística em suas mediações e processos, para a construção de novos valores e referenciais de cultura em busca de elevação do senso comum a novos patamares de consciência e vida superior. A linguagem da vida real abordada pela adoção das linguagens artísticas e dos meios de comunicação social; as dimensões do humano retratadas pela arte e práxis artístico-cultural de fazer e conceber as suas representações e manifestações das coisas do homem, mundo e da natureza. O homem que em sua prática e relação transforma a natureza, sociedade e pensamento humano e é transformado por tudo aquilo que transforma.

Quanto à metodologia da pesquisa que conforma esta tese, esta não poderia ser diferente da orientação do referencial teórico, pois o caminho percorrido para comprovar a produção da vida material e suas representações e linguagens da vida real principia com a análise e descrição do produzido, das vivências e práticas realizadas; neste caso, das linguagens artísticas e meios de comunicação social da ONG Rádio Margarida. Neste sentido, esta pesquisa é uma **pesquisa ex-pós-fato**, que estuda o fato já acontecido, ou seja, as práticas e materiais já produzidos, para interpretar as intervenções realizadas no sentido da transformação social e de movimento de acúmulo de conhecimento, é também uma **pesquisa da ação na ação**², dos fatos e acontecimentos em trânsito no presente momento de elaboração da tese.

A descrição e análise dos fatos ocorridos, ex-pós-fato, tem componentes de resgate do objeto de estudo em suas mutações e movimentos, que é efetivado por meio de mediações e avaliações do transcorrido e das coisas que fundamentaram estes fatos. Estudo que trabalha a complexidade de tratar de fatos ocorridos, nos quais se buscaram evidências e conexões não só entre os fatos, mas de processos nos quais os fatos estavam inseridos, evidências com base em registros, escritos, produções artísticas e culturais realizadas, arquivos de relatórios, projetos, avaliações particularizadas, depoimentos... A descrição e análise do que está em decurso, pesquisa da ação na ação, trabalha a apropriação do conhecimento das relações e processos em curso, as mediações e complexidade do aqui e do agora, das circunstâncias imediatas e mediatizadas pela intervenção e reflexão vividas no processo da práxis artístico-cultural em movimento, peças e obras artísticas vivas que influenciam na percepção e no olhar do investigador, principalmente quando quem faz a investigação tem participação direta no transcorrer dos fatos.

Para a construção do objeto de estudo se utilizou de instrumentos e formas de mensuração permanentes, dentro de um sistema de avaliação com indicadores de processos e resultados, que contemplou eventos, campanhas e projetos em separado e no conjunto, elementos de informação e documentação obtidas do banco de dados existentes na ONG Rádio Margarida. A investigação que ocorreu por aproximações sucessivas para a apreensão e compreensão do movimento em suas trajetórias: antes, durante e pós-ocorrido, dentro de uma análise histórica processual, na qual se trabalha com dois tempos, um tempo histórico e um tempo artístico.

² Terminologia adotada na construção de proposta metodológica por Myrian Veras Baptista em: “A investigação em Serviço Social” (2006).

Dois tempos trazidos para o aqui e agora, tanto dos fatos transcorridos desde os primórdios da produção artístico-cultural da ONG, que data do início dos anos noventa, como também dos acontecimentos presentes em sua produção e pesquisa da ação na ação. Tempo passado e presente da produção artística da ONG que continua a criar e reproduzir seus meios e modos, do ponto de vista artístico, num processo que vem demonstrando as possibilidades de se chegar à transformação sociocultural da realidade trabalhada, por meio da intervenção das linguagens artísticas e meios de comunicação social, mediações possíveis e necessárias para produzir determinados avanços na sociedade.

Ainda no que diz respeito à metodologia da pesquisa e construção do objeto de estudo, o leitor mais atento observará, em alguns momentos, a repetição de argumentos do referencial teórico e de práxis artístico-cultural. Esse recurso foi utilizado com base na experiência da história da ONG e de seu método de educação popular bem como na relação pedagógica e movimento cultural concebidos por Antonio Gramsci: “[...] não se cansar jamais de repetir os próprios argumentos (variando literalmente a sua forma); a repetição é o meio didático mais eficaz para agir sobre a mentalidade popular [...]” (GRAMSCI, 1989, p. 27).

No capítulo 1 “Existe uma história”, encontram-se contributos e concepções de história em que se possibilite fundamentar, fazer e ter a ciência como ‘ciência da história’ e da inseparável união do homem e seu meio; meio no qual é produzido e produz a própria vida e transforma o meio em que vive. Contribuições e fundamentos do Marxismo para referendar o que se concebe por história humana e como se dá a sua construção: “são os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas, como as produzidas por sua ação” (MARX; ENGELS, 1987, p. 26), bem como para tratar de filosofia da práxis, a prática elevada ao seu mais alto grau de complexidade da realidade humana e social é a Práxis. A filosofia da práxis presente em nossas vidas, como filosofia, ciência com seus instrumentais técnicos, bem como crítica, superação do senso comum e do mundo cultural existente.

Neste capítulo 1 também se fundamenta a concepção de práxis artístico-cultural presente no momento laborativo e existencial, na atividade objetiva do homem e formação da sua subjetividade, dualidades indissolúveis e inseparáveis da realidade humana, que produz os seus meios de vida, para a satisfação de suas necessidades biológicas, psicológicas, sociais, políticas, culturais.

No capítulo 2 “Uma história pra contar”, tem-se a descrição e análise da história propriamente dita da ONG Rádio Margarida em suas realizações, práticas e no conjunto de sua obra artística, desde o princípio de sua jornada de fato e também em seu processo de

criação como uma organização civil com princípio, meio e sem fim, mas com finalidades: Estatuto da ONG, seu significado, estratégias, projeto-piloto e eixos iniciais de atuação. Na sequência desta caminhada tem-se o que vem sendo uma das marcas e características de quem está com um pé em seu tempo e com um olhar artístico-cultural antecipatório de políticas públicas: Pesquisa, planejamento e ação para a transformação da realidade social existente. Uma história para contar que continua sendo traduzida e interpretada até o estado das artes da ONG na atualidade.

No capítulo 3 “A história continua”, com ênfase na trajetória histórica do método de educação popular da ONG Rádio Margarida, seu início dentro da órbita da academia como projeto de extensão universitária, a legitimação científica das suas categorias de pesquisa e intervenção artístico-cultural, mediações de aproximação da realidade por meio das linguagens artísticas de teatro, teatro de bonecos, palhaços, brincadeiras e música e por meios de comunicação social de radiodifusão e vídeo popular. Neste capítulo podem-se acompanhar em detalhes as mediações efetuadas nas construções e resultados alcançados pelas linguagens artísticas e meios de comunicação social. Capítulo no qual se detalham os textos de teatro, teatro de bonecos, composições musicais, roteiros de radionovelas e de vídeos educativos, publicações de livros e guias de orientação, conteúdos dos quais se fazem análises e avaliações dos resultados alcançados por intermédio de depoimentos de cientistas, técnicos, intelectuais, artistas e público em geral.

Por fim, mesmo que a história não tenha fim, temos as considerações finais sobre a práxis artístico-cultural da ONG Rádio Margarida. Considerações sem um ponto final, pois esta história não é uma construção para evidenciar uma teoria, não é um teorema que se quis demonstrar, na verdade é o relato de uma experiência: Um confesso que vivi e continuo a viver de produção de arte, educação, cultura e construção de conhecimento científico na reafirmação da tese: **A arte como socialização da cultura para transformação social**, uma pesquisa ex-pós-fato e que permanece em movimento de pesquisa da ação na ação, pois continuamos na produção, vivência e reflexão da **Práxis artístico-cultural da ONG Rádio Margarida: uma história de linguagens artísticas e meios de comunicação social, a serviço da educação popular**, que continua para além das páginas desta tese...

*“[...] A vida é amiga da arte
É a parte que o sol me ensinou
O sol que atravessa essa estrada
Que nunca passou [...]”
(CAETANO VELOSO)*

CAPÍTULO 1: EXISTE UMA HISTÓRIA...

1.1 A HISTÓRIA DOS HOMENS

“Conhecemos apenas uma única ciência, a ciência da história. A história pode ser examinada sob dois aspectos: história da natureza e história dos homens” (MARX; ENGELS, 1987, p. 23). Com base nos fundamentos traçados por Marx e Engels (1987), em parte de sua vasta obra, neste caso, “A ideologia alemã”, busca-se contribuições teóricas e concepções de história em que se possibilite fundamentar, fazer e ter a ciência como ‘ciência da história’, que ultrapassa a interrogativa dos filósofos idealistas, de ser ela possível ou não, bem como a visão do historiador que indaga o que acontece na história de determinadas épocas passadas e recentes, direcionando seu olhar aos príncipes, personalidades, pontífices e religiões. Na perspectiva do materialismo histórico e dialético, capitaneado por Marx e Engels, a história da natureza e dos homens é inseparável:

Enquanto existirem homens, a história da natureza e a história dos homens se condicionarão reciprocamente. A história da natureza, a chamada ciência natural, não nos interessa aqui; mas teremos que examinar a história dos homens, pois quase toda a ideologia se reduz ou à concepção distorcida desta história, ou à abstração completa dela. A própria ideologia não é senão um dos aspectos desta história. (MARX; ENGELS, 1987, p. 24).

Marx e Engels (1987) contestam Bruno Bauer, quando este argumenta sobre “as oposições entre natureza e história”. Pode-se observar em Marx e Engels a seguinte colocação: “como se as duas ‘coisas’ fossem separadas uma da outra, como se o homem não se encontrasse sempre em face de uma natureza histórica e de uma história natural” (MARX; ENGELS, 1987, p. 68). Na interpretação do movimento e relações homem – natureza Marx e Engels alcançam a dimensão científica, filosófica e também, por que não dizer, poética de entendimento da inseparável união do homem e seu meio; meio no qual é produzido e produz a própria vida e transforma o meio em que vive.

Em sua crítica à filosofia alemã e aos seus filósofos, Marx e Engels analisam a produção idealista de seus contemporâneos, sobre os quais afirma que não faziam a conexão entre a filosofia e a realidade, entre a sua crítica e o seu próprio meio material. Sendo assim,

traz os pressupostos para tratar de história humana e como se dá a sua construção: “são os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas, como as produzidas por sua ação” (MARX; ENGELS, 1987, p. 26). Continuam afirmando:

O primeiro pressuposto de toda a história humana é naturalmente a existência de indivíduos humanos vivos³. O primeiro fato a constatar é, pois, a organização corporal destes indivíduos e, por meio disto, sua relação dada com o resto da natureza. (MARX; ENGELS, 1987, p. 27).

Ao falar da organização corporal Marx e Engels não estão falando da constituição física dos homens e nem das condições naturais (geológicas, climáticas e outras) já encontradas por eles, mas sim de que toda historiografia, ou seja, a história descrita pelos historiadores e filósofos deva partir destes “fundamentos naturais e de sua modificação no curso da história pela ação dos homens” (MARX; ENGELS, 1987, p. 27). Em outra consideração sobre o mesmo assunto, referindo-se mais uma vez aos filósofos e à filosofia alemã, afirma:

[...] somos forçados a começar constatando que o primeiro pressuposto de toda existência humana e, portanto, de toda história⁴ é que os homens devem estar em condições de viver para poder ‘fazer história’⁵. Mas para viver é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. (MARX; ENGELS, 1987, p. 39).

Marx e Engels apresentam o processo ativo da vida, na qual a história deixa de ser ‘uma coleção de fatos mortos’ como nas abstrações dos empiristas ou na fértil imaginação dos idealistas. Nesse sentido faz referência ao primeiro ato histórico dos homens:

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo que se queira. Mas eles próprios começam a se diferenciar dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida, passo este que é condicionado por sua organização corporal. Produzindo seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material. (MARX; ENGELS, 1987, p. 27).

A produção dos meios que permitam a satisfação das suas necessidades é considerada por Marx e Engels o primeiro ato histórico...

³ [Suprimido no manuscrito:] O primeiro ato *histórico* destes indivíduos, pelo qual se distinguem dos animais, não é o fato de pensar, mas o de *produzir seus meios de vida*. (MARX; ENGELS, 1987, p. 27).

⁴ [Observação marginal de Marx:] *história*. (ibid, p.39)

⁵[Observação marginal de Marx:] *Hegel*. Condições geológicas, hidrológicas etc. Os corpos humanos. Necessidade, trabalho. (ibid)

[...] a produção da própria vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos dias e todas as horas, simplesmente para manter os homens vivos. (MARX; ENGELS, 1987, p. 39).

O segundo ponto abordado nos pressupostos enfatiza a distinção dos homens em relação aos animais, pois, uma vez “satisfeita esta necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem a novas necessidades” (MARX; ENGELS, 1987, p. 40), que passam a ser não só a satisfação das necessidades materiais e de sobrevivência física, mas também alcançam a dimensão de valores, costumes, habilidades, técnicas, artes, cultura, alicerçados naquilo que produzem e no modo pelo qual o fazem. A produção dos meios de vida depende primeiramente do que se encontra na natureza e da relação que os homens estabelecem com o seu meio, do modo pelos quais os homens produzem. Este modo de produção não pode ser considerado apenas pela ótica da reprodução da existência física dos homens, alertam Marx e Engels, e sim se trata de ‘determinada forma de atividade e forma de manifestar a vida e de determinado modo de vida’.

Tal como os indivíduos manifestam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, portanto, com sua produção, tanto com o que produzem, como com o modo como produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção. (MARX; ENGELS, 1987, p. 28).

As relações do homem com a natureza, do indivíduo com seu meio, da produção dos meios de vida e de como produzem os meios de vida, intervêm no desenvolvimento histórico da reprodução e renovação da vida dos homens: “A terceira condição que já de início intervém no desenvolvimento histórico é que os homens, que diariamente renovam sua própria vida, começam a criar outros homens, a procriar: é a relação entre homem e mulher, entre pais e filhos, a família” (MARX; ENGELS, 1987, p. 41).

A família, que inicialmente estabelece uma relação social dentro de seu âmbito próprio, tem suas necessidades ampliadas o que demanda novas relações sociais. Consequentemente, o acréscimo da população estabelece novas necessidades.

Os três aspectos da atividade social citados não devem ser considerados fases diferentes, mas três momentos que coexistem desde os primeiros homens e primórdios da história que ainda continuam valendo nos dias atuais. Ressalta-se que a produção da vida própria por meio do trabalho, como da vida de outros pela procriação, se mostra numa dupla relação, como relação natural e como relação social, entendido o social como cooperação de

vários indivíduos, em quaisquer que sejam as condições de trabalho, modo de produção e finalidade para que se produza. Surge, assim, o quarto momento e aspecto das relações homem e natureza e entre os homens em si, que é derivado da cooperação de vários indivíduos.

[...] um determinado modo de produção ou uma determinada fase industrial estão constantemente ligados a um determinado modo de cooperação e à fase social determinada, e que tal modo de cooperação é, ele próprio, ‘uma força produtiva’, segue-se igualmente que a soma de forças produtivas acessíveis aos homens condiciona o estado social e que, por conseguinte, a história da humanidade [...]. (MARX; ENGELS, 1987, p. 41).

Força produtiva é uma categoria fundamental na obra de Marx e Engels, como fator determinante das relações sociais, compondo com os meios de produção, materiais, insumos, maquinários e instrumentos às relações de produção, consumo, distribuição e troca. A força produtiva não é objeto específico deste estudo, mas formula-se como uma das questões de importância vital na construção das análises e funções do materialismo histórico, um método científico contrário aos métodos historiográficos da burguesia, pois permite revelar as verdadeiras forças motrizes históricas.

Após termos sido guiados pelo olhar de Marx e Engels em seu exame dos quatro momentos das ‘relações históricas originárias’, vamos tratar do pensado e representado pelos homens, com base nos pressupostos apresentados. Neste sentido seguimos a argumentação:

A produção de ideias, de representações da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção espiritual, tal como aparece na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica de um povo e etc. Os homens são produtores de suas representações, de suas idéias, etc.⁶ (MARX; ENGELS, 1987, p. 36).

Mantendo a linha da tradição Marxista, citamos novamente o pensamento inicial (epígrafe) que abre este capítulo, formulado por Gramsci (1989, p. 43): “A natureza do homem é a história”. Assim sendo, somente existe história porque existe o homem, caso contrário, não existiriam os registros de tempo e movimento na matéria e a história com significado de “devenir”. “A natureza humana é o conjunto das relações sociais”.

⁶ [Suprimido no manuscrito:] As representações que estes indivíduos elaboram são representações a respeito de sua relação com a natureza, ou sobre suas mútuas relações, ou a respeito de sua própria natureza. (ibid, p. 36).

Outro aspecto contido no manuscrito sobre as representações: “são a expressão consciente – real ou ilusória – de suas verdadeiras relações e atividades, de sua produção, de seu intercâmbio, de sua organização política e social” (MARX; ENGELS, 1979, p. 36). Destaca-se a interpretação de que estas representações exprimem a realidade ou ilusão, ambas como expressão da consciência, mas, para colocarmos uma referência de ponto de partida e princípio do que determina a consciência, citamos a continuidade da análise de Marx e Engels (1987, p. 37):

Totalmente ao contrário do que ocorre na filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se ascende da terra ao céu. Ou, em outras palavras: não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, e tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida.

As representações e formas de consciência que os homens fazem da natureza, de si mesmos e de suas relações sociais, incluindo aí principalmente a moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, não são autônomas, mas sim determinadas pela produção material e seu intercâmbio, que transformam o pensar e a consciência: “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX; ENGELS, 1987, p. 37). Ressalta-se mais uma vez que a vida própria, conquistada pelo trabalho, assim como a de outros, na reprodução da espécie, aparece como uma dupla relação: natural e social e a consciência determinada pela vida não se trata de uma consciência ‘pura’:

Desde o início pesa sobre ‘o espírito’ a maldição de estar ‘contaminado’ pela matéria, que se apresenta sob a forma de camadas de ar em movimento, de sons, em suma, de linguagem. A linguagem é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e, portanto, existe também para mim mesmo; e a linguagem nasce, como a consciência, da carência, da necessidade de intercâmbio com os outros homens.⁷ (MARX; ENGELS, 1987, p. 43).

A linguagem passa a ser por nós destacada como elemento-chave, sendo inúmeras vezes relacionadas aos temas e questões tratadas nesta pesquisa que dizem respeito à filosofia, ciência, práxis, cultura, produção cultural e artística, das artes e suas formas de expressão; a linguagem é a base das relações entre os seres humanos. Marx e Engels (1987) citam que o animal não se ‘relaciona’, não estabelece relações sociais, não tem linguagem, não transmite a sua história de geração em geração, primeiramente pela oralidade, presente até os dias atuais

⁷[Suprimido no manuscrito:] Minha relação com meu ambiente é a minha consciência.

nas culturas indígenas e tradicionais e posteriormente em outras formas de expressão. Nesta linha de raciocínio e argumentação, voltamos a ressaltar a citação anterior: “a linguagem nasce, como a consciência, da carência e da necessidade de intercâmbio com os outros homens [...] A consciência, portanto, é desde o início um produto social, e continuará sendo enquanto existirem homens” (MARX; ENGELS, 1979, p. 43). Sendo produto social, a consciência é resultante de relações, processos e práticas: “Toda vida social é essencialmente Prática” (MARX; ENGELS, 1987, p. 14).

1.2 A FILOSOFIA DA PRÁXIS

Toda vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que levam a teoria para o misticismo encontram sua solução racional na práxis humana e na compreensão dessa práxis (MARX; ENGELS, 1987, p. 14).

A vida social, a história, é essencialmente prática, assim como as relações entre o homem e a natureza para produção dos meios de sobrevivência e reprodução da vida humana no seu sentido material e na busca de verdades objetivas. “É na práxis que o homem deve demonstrar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno do seu pensamento” (MARX; ENGELS, 1979, p. 12). A prática elevada ao seu mais alto grau de complexidade da realidade humana e social é a Práxis, categoria que vem sendo abordada de diferentes formas na larga tradição marxista, por inúmeros ativistas e intelectuais, dentre os quais buscamos inicialmente Antonio Gramsci, que em seus escritos – em sua maioria dentro do cárcere, prisioneiro do fascismo – recorre a artifícios de expressões e pseudônimos para tratar dos elementos constitutivos do marxismo e dos seus autores: “o fundador da filosofia da práxis” e “o autor da economia crítica”, atribuídos a Marx (1977), e “o primeiro e o segundo dos fundadores da filosofia da práxis e crítica da economia política”, a Marx e Engels, e “o maior teórico moderno da filosofia da práxis”, referindo-se a Lênine⁸. “Para a filosofia da práxis, o ser não pode ser separado do pensar, o homem da natureza, a atividade da matéria, o sujeito do objeto; se se faz esta separação, cai-se em uma das muitas formas de religião ou na abstração sem sentido” (GRAMSCI, 1989, p. 70).

Gramsci neste momento em que trata da filosofia da práxis, aborda tal questão dentro do contexto da discussão da ciência e das ideologias científicas. Indaga se tudo que a ciência afirma é verdadeiro e definitivo; “que também a ciência é uma categoria histórica, um movimento em contínua evolução” (GRAMSCI, 1989, p. 70), que não existe uma verdade

⁸ Pequeno glossário (GRAMSCI, 1989).

definitiva em termos científicos, pois se assim fosse não seria ciência. A ciência é condicionada ao desenvolvimento das práticas do homem, de seus instrumentos físicos e da inteligência histórica da produção do conhecimento científico em sua somatória e coletividade e do acúmulo dos cientistas individualmente. Gramsci (1989, p. 70) continua perguntando:

Sem o homem o que seria a realidade do universo? Toda a ciência é ligada às necessidades, à vida, à atividade do homem. Sem a atividade do homem, criadora de todos os valores, inclusive os científicos, que seria a objetividade? Um caos, isto é, nada, o vazio, se é que é possível dizer assim, já que, realmente, se imagina que o homem não existe, não se pode imaginar a língua e o pensamento.

A ciência ligada diretamente à vida, no atendimento real de suas necessidades de subsistência. A ciência advinda da atividade dos homens, a mesma atividade que garante a sua reprodução é também criadora de todos os seus valores. O homem não pode ser separado de seu fazer e de seu pensar, unidade indissolúvel da teoria e da prática, do que se produz e do que é produzido. Neste contexto de argumentação e constatação do que é a vida real, Gramsci (1989, p. 70) reafirma o entendimento da filosofia da práxis e coloca a ciência na base da vida: "... fazer da ciência a concepção do mundo por excelência, a que liberta os olhos de qualquer ilusão ideológica, que põe o homem em face da realidade tal como ela é...".

Em continuidade à concepção dialética da história, não só como título de literatura, mas como entendimento e compreensão dos movimentos e relações homem-natureza-sociedade e pensamento, Gramsci (1989, p. 79) diz⁹:

A filosofia da práxis, reduzindo a 'especulatividade' aos seus justos limites (isto é, negando que a 'especulatividade' – como a entendem inclusive os historicistas do idealismo – seja o caráter essencial da filosofia), revela ser a metodologia histórica mais adequada à realidade e à verdade.

Como metodologia histórica entende-se que filosofia da práxis dê retaguarda, arcabouço e lastro teórico no qual a ciência deva buscar o seu respaldo a partir do desenvolvimento de práticas e instrumentais científicos, reorientando os seus parâmetros e procedimentos. A filosofia da práxis resolve outras equações colocadas pelo processo histórico da natureza investigativa do ser humano, relacionadas entre "filosofia e política, entre pensamento e ação: em suma, numa filosofia da práxis, tudo é político, inclusive a

⁹ Quando trata do esperanto filosófico e científico decorrente da falta de compreensão da "historicidade das línguas – e, portanto das filosofias, das ideologias e das opiniões científicas [...] tudo o que não vem expresso em sua linguagem é delírio, é preconceito, é superstição, etc." (GRAMSCI, 1989, p. 78). Fala da influência do positivismo e naturalismo predominante nas concepções filosóficas e científicas com tendências ao metodologismo e à lógica formal, acrescidas das doses exacerbadas de "criticismo" e do "historicismo" contidas nelas. Gramsci vai além, indicando o caminho para tal superação: a filosofia da práxis.

filosofia ou as filosofias¹⁰, e a única ‘filosofia’ é a história em ato, ou seja, a própria vida” (GRAMSCI, 1989, p. 44). A própria vida que dá origem ao homem, a sua história e relações sociais: “Toda vida social é essencialmente prática...” (MARX; ENGELS, 1987, p. 14) e as soluções racionais dos mistérios, preconceitos e idealismos encontram uma estação, de partida e de chegada, na práxis humana e na compreensão dessa práxis, ou seja, na filosofia da práxis:

Uma filosofia da práxis só pode apresentar-se, inicialmente, em uma atitude polêmica e crítica, como superação da maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente (ou mundo cultural existente). E portanto, antes de tudo, como crítica do ‘senso comum’ (e isto após basear-se sobre o senso comum para demonstrar que ‘todos’ são filósofos e que não se trata de introduzir *ex novo* uma ciência na vida individual de ‘todos’, mas de inovar e tornar ‘crítica’ uma atividade já existente) e, posteriormente, da filosofia dos intelectuais [...]. (GRAMSCI, 1989, p. 18).

Continuamos neste momento a dialogar com a tradição marxista e a perceber a abrangência da filosofia da práxis presente em nossas vidas, como filosofia, ciência com seus instrumentais técnicos, bem como crítica, superação do senso comum e do mundo cultural existente. Introduzem-se assim em acréscimo as necessidades, os valores a ela relacionados pelo nível de consciência e amplitude das práticas sociais, o conceito de ‘senso comum’ muito presente na obra de Gramsci (1989, p. 20), que caracteriza o senso comum como a filosofia primitiva presente no homem comum e para quem ele destina suas forças e objetivos na busca de uma concepção de vida superior:

A posição da filosofia da práxis é antitética a esta posição católica: a filosofia da práxis não busca manter os ‘simplórios’ na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca, ao contrário, conduzi-los à concepção de vida superior. Se ela afirma a exigência do contato entre os intelectuais e os simplórios não é para limitar a atividade científica e para manter uma unidade no inferior das massas, mas justamente para forjar um bloco intelectual-moral, que torne politicamente possível um progresso intelectual de massa e não apenas de pequenos grupos intelectuais.

Pelas concepções de Gramsci percebe-se a filosofia da práxis em movimento de intelectualidade e compromisso de classe para mudança de pensamento e concepção de mundo e nível de consciência dos “simplórios” ou homem comum. A filosofia da práxis como “metodologia histórica mais adequada à realidade e à vida” (GRAMSCI, 1989, p. 79) serve aos cientistas, aos filósofos e à crítica do senso comum e à superação do mundo existente ou pensamento precedente.

¹⁰ “Cfr. as notas sobre o caráter das ideologias” (GRAMSCI, 1989, p. 44).

Na análise de Gramsci dos elementos constitutivos do marxismo: filosofia, política e economia, a práxis está presente em todos eles, embora na economia determinada pela relação entre trabalhador e as forças industriais, o centro nervoso e motor propulsor das contradições seja o valor. Na política se estabelece a relação entre o estado e a sociedade civil, movimentos de força e consenso pela disputa hegemônica do poder. “Na filosofia, este centro é a práxis, isto é, a relação entre a vontade humana (supra-estrutura) e a infra-estrutura econômica” (GRAMSCI, 1989, p. 112). A tradição marxista continua reafirmando: “O grande conceito da moderna filosofia materialista é a práxis” (KOSIK, 1976, p. 197):

A práxis é ativa, é atividade que se produz historicamente – quer dizer, que se renova continuamente e se constitui praticamente – unidade do homem e do mundo, da matéria e do espírito, de sujeito e objeto, do produto e da produtividade. Como a realidade humano-social é criada pela práxis, a história se apresenta como um processo prático no curso do qual o humano se distingue do não-humano: o que é humano e o que não é humano não são já predeterminados; são determinados na história mediante uma diferenciação prática. (KOSIK, 1976, p. 202).

A realidade humano-social é consequência da práxis, que formula as bases de como podemos responder aos problemas filosóficos de quem somos, homem, sociedade, o que é o humano social e como criamos esta sociedade.

Neste sentido, o conceito de práxis constitui o ponto culminante da filosofia moderna, a qual, em polêmica com a tradição platônico-aristotélica, colocou em evidência o autêntico caráter da criação humana como realidade ontológica. A existência não é apenas ‘enriquecida’ pela obra humana; na obra e na criação do homem – como em um processo ontocriativo – é que se manifesta a realidade, e de certo modo se realiza o acesso à realidade. (KOSIK, 1976, p. 202).

A realidade ontológica é aquela em que o ente criador da filosofia e sabedoria não desce do céu à terra, ou seja, não se tem como ponto de partida o que os homens dizem e representam de si mesmos, mas dos homens ativos e de seu processo de vida real, da práxis como criadora da realidade humano-social, que desvenda o oposto do ser dado e acabado, que apenas enriquece a existência. Com a obra humana se manifesta a realidade humano-social, o ser ontocriativo que cria e se recria e compreende o que é humano e não é humano. A práxis revela o ser criativo da realidade em sua totalidade.

1.3 A PRÁXIS ARTÍSTICO-CULTURAL

“Sendo o modo específico de ser do homem, a práxis com ele se articula de modo essencial, em todas as suas manifestações; e não determina apenas alguns dos seus aspectos

ou características. A práxis se articula com todo o homem e o determina na sua totalidade” (KOSIK, 1976, p. 202). Os animais e as máquinas não podem saber e nem exercer a práxis, que é inerente ao ser do homem, as dimensões humanas e suas manifestações, sonhos, sentimentos, questionamentos sobre a vida e a morte, a incerteza do futuro. O homem que também vai além da sua finitude, se recriando e reproduzindo a vida, produzindo e construindo sua cultura e civilização, o mundo do trabalho, das artes, sua relação com a natureza, com a sociedade e com os outros homens, a sua realidade humano-social. As relações do homem com o mundo e as aberturas a que possa permitir-se, possibilitam romper com as barreiras da animalidade e estabelecer conexões com o mundo como totalidade. “Na abertura o homem – como ser supremo – ultrapassa a sua própria finitude e se põe em contato com a totalidade do mundo” (KOSIK, 1976, p. 206), abertura para as novas possibilidades criadas pelo mundo humano.

Assim, a práxis compreende - além do momento laborativo - também o momento existencial: ela se manifesta tanto na atividade objetiva do homem, que transforma a natureza e marca com sentido humano os materiais naturais, como na formação da subjetividade humana, na qual os momentos existenciais como a angústia, a náusea, o medo, a alegria, o riso, a esperança e etc., não se apresentam como ‘experiência’ passiva, mas como parte da luta pelo reconhecimento, isto é, do processo de realização da liberdade humana. Sem o momento existencial o trabalho deixaria de ser parte da práxis. (KOSIK, 1976, p. 204).

O momento laborativo e o existencial, atividade objetiva do homem e formação da sua subjetividade, são dualidades indissolúveis e inseparáveis da realidade humana, que produz os seus meios de vida, para a satisfação de suas necessidades biológicas, psicológicas, sociais, políticas, culturais. “A práxis é tanto objetivação do homem e domínio da natureza quanto realização da liberdade humana” (KOSIK, 1976, p. 204).

Aprendemos no decorrer da dialética do tempo, senhor de toda a história e da existência humana, a compreender as manifestações e determinações exercidas pelo homem, ser criativo e criador de sua arte e cultura. O tempo e os acontecimentos nos permitem seguir buscando conhecer as limitações e capacidade humana, bem como a totalidade de sua práxis, tanto na expressão de sua objetividade quanto na sua subjetividade. As dimensões do humano são retratadas pela arte e práxis artístico-cultural de fazer e conceber as suas representações e manifestações das coisas do homem, mundo e da natureza. O homem em suas práticas e relações, transforma a natureza, a sociedade e o pensamento humano e é transformado por tudo aquilo que transforma. É o ser que desenvolve técnicas e habilidades fazendo extensão da sua corporeidade, de seus braços, pernas, cérebro e de suas mãos que utilizam ferramentas

para entalhar a madeira e manufaturar móveis e utensílios, plantar, colher, cortar, perfurar o bambu e confeccionar uma flauta para podermos ouvir a música lançada no ar, que ao mesmo tempo traz à tona a subjetividade dos sentimentos e a objetividade das construções musicais. A práxis, no seu momento essencial, se articula com o todo e determina a sua totalidade, na qual a arte e a cultura estão contidas, inseridas e exercem influência no todo. “À totalidade do mundo pertence também o homem com sua relação de ser infinito e com a sua abertura diante do ser, sobre as quais se baseia a possibilidade da linguagem e da poesia, da pesquisa e do saber” (KOSIK, 1976, p. 207).

No processo de construção da liberdade humana e vontade de transformar a sua relação com outros homens, nos expressamos e revelamos a essência criadora do humano artístico e cultural. Exercitamos a plena unidade dialética do ser criador, momentos de introspecção e exteriorização dos sentimentos e representações do mundo, movimento e simbiose do pensamento – ação – transformação, em giro espiral e evolutivo que é a práxis na sua dimensão filosófica e artística, aqui dimensionada com o prisma da arte como socialização da cultura para transformação social. A práxis artística, caminho e ponte de relações, expressões humanas e manifestações culturais, formas de interpretação, diversidades e também de habilidades técnicas, didáticas e pedagógicas.

A arte que vem sendo tratada nesta tese tem por conteúdo e extensão ser “atividade formadora que tem por fim a realização de uma obra” (NUNES, 1989, p. 26), ou seja, a arte como póiesis, diferenciada da arte compreendida como sendo a ideia do belo, contemplação pura da filosofia platônica. Essa distância de compreensão e concepção do conteúdo e extensão do que é a arte, diminui na doutrina de Aristóteles, “onde o caráter contemplativo do Belo tende a ajustar-se ao caráter prático da obra de arte” (NUNES, 1989, p. 26). Em “atividade artística e contemplação”, capítulo contido no livro “Introdução à filosofia da ARTE”, Benedito Nunes (1989), filósofo contemporâneo e catedrático da Universidade Federal do Pará (UFPA), parte dos conceitos fundamentais dos primeiros filósofos da antiguidade, Platão e Aristóteles, para conhecer e discutir a influência desses pensadores na raiz da concepção e constituição da ‘obra de arte’. Nunes (1989, pp. 26-27) trabalha com a categoria de práxis artística ao tratar da relação arte e natureza:

Segundo Aristóteles, os seres naturais originam-se de causas necessárias que independem da nossa vontade. Os produtos da arte, decorrentes da atividade prática (práxis), são contingentes, dependendo de nós para existir. Sob esse aspecto, Natureza e Arte ocupam pólos opostos. A primeira possui movimento próprio, no-lo demonstram a geração e a corrupção das coisas, determinadas pela ação de duas causas principais: matéria e forma. A segunda, que tem na atividade prática o seu

princípio produtivo, acrescenta à natureza dimensão puramente humana, artificial, que em nada participaria dos processos naturais.

Os produtos da arte decorrentes da atividade prática (práxis) é o que se denomina de práxis artística. Atividade prática como princípio produtivo, acrescido da intencionalidade e mediação humana, carregada de criatividade e atividade formadora, que não dispensa a busca e contemplação do belo, mas que acima de tudo continua sendo uma atividade cuja finalidade é a realização de uma obra.

Compondo a Natureza, estão as coisas brutas e os organismos animados, plantas, animais e homens, que nascem crescem e morrem; no domínio artificial e contingente da arte, os objetos fabricados, os artefatos, que nascem de uma ação formadora, mobilizada pelas necessidades humanas. (NUNES, 1989, p. 26).

Relacionando as categorias de análise deste estudo, podemos reafirmar os pressupostos citados de Marx e Engels, tomando-se como eixo central a produção dos meios de vida, mola mestra na inseparável e permanente relação do homem com a natureza, do homem com outros homens para a produção do conhecimento, história, práxis artístico-cultural e na busca da satisfação das necessidades humanas, sendo esta produção considerada como primeiro ato histórico do homem. Uma vez “satisfeita esta necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem às novas necessidades” (MARX; ENGELS, 1987, p. 40). Novas necessidades que passam a ser não só a satisfação das necessidades materiais e de sobrevivência física, mas alcançam a dimensão de valores, costumes, habilidades, técnicas, artes, cultura e mais, alicerçadas naquilo que se produz e o modo pelo qual esta produção é realizada. Na história viva das realizações do homem podemos afirmar que as artes e a cultura estão marcadas na essência do que tratamos por civilização, sociedade, relações de produção e relações humanas. A arte esta no DNA da espécie e gênero, ou seja, mediação de transposição de necessidade em liberdade e de liberdade em novas necessidades.

Para Platão a arte compreende todas as atividades humanas ordenadas (inclusive a ciência) e distingue-se no seu complexo, da natureza [...] Aristóteles restringiu notavelmente conceito de arte. Em primeiro lugar, retirou do âmbito da arte a esfera da ciência, que é a do necessário, isto é, do que não pode ser diferente do que é. Em segundo lugar, dividiu o que não pertence à ciência, isto é, o possível (que pode ser de um modo ou de outro) no que pertence à ação e no que pertence à produção. Somente o possível que é objeto de produção é objeto da Arte. (ABBAGNANO, 2003, p. 81).

Dentro daquilo que é possível, ou seja, realizável, é que temos objetos de produção e de artes, que também podem ser relacionados e definidos como “o hábito, acompanhado da razão de produzir alguma coisa” (ABBAGNANO, 2003, p. 81). Na doutrina de Aristóteles existem duas causas naturais inseparáveis que são matéria (o estofado das coisas, o material de que são feitas) e forma (causa intrínseca do nascimento, crescimento e conservação dos seres naturais). “Essas mesmas causas naturais, matéria e forma, aplicam-se à arte. Nesta última, a forma se identifica com a ideia concebida pelo artista. Ela é, portanto, um ato de sua inteligência que, através da práxis produtiva, determina a matéria, gerando um novo ser, que denominamos de obra” (NUNES, 1989, p. 27).

A arte inerente do homem enquanto atributo do intelecto e de sua capacidade produtiva é manifesta nos povos e culturas diferenciados. Obras que se desenvolvem mediante as condições e materiais existentes em territorialidades. A práxis artística que expressa a diversidade, a multiplicidade e somatória de valores, sentimentos e geradora de identidades pessoais e culturais, bem como de classe e compromisso de lutas e transformação social. A arte que tem muitas linguagens e representações da cultura do homem, tanto a cultura existente como a cultura que queremos e suas formas de civilização. “Das coisas que nascem ou comecem a existir, umas são produção da natureza, outras da arte e outras do acaso” (ARISTÓTELES, 1999 apud NUNES, 1989, p. 28). Para a análise e interpretação das afirmações de Aristóteles, recorreremos novamente ao professor Benedito Nunes (1989, p. 28):

Pelo que se infere do pensamento de Aristóteles, a natureza seria uma espécie de arte da inteligência divina e a arte, o prolongamento da natureza na atividade humana, enquanto esta, a seu modo, dá nascimento a objetos que, pela composição de matéria e forma, assemelham-se a seres vivos, orgânicos, dotados de alma.

O prolongamento da natureza na atividade humana não significa uma extensão mecânica e inexorável de domínio da natureza na obra humana, mas uma inferência da capacidade produtiva do homem tal como acontece com a natureza. A atividade artística também deve ser diferenciada da ação propriamente dita, pois, “segundo Aristóteles, a arte é produtiva, enquanto a ação não é” (ABBAGNANO, 2003, p. 772). Desse modo, o que é produtivo e criativo pode ser considerado uma ação, mas a ação não pode ser considerada como uma criação. “A doutrina da arte era chamada pelos antigos com o nome de seu próprio objeto, poética, ou seja, arte produtiva, produtiva de imagens” (ABBAGNANO, 2003, p. 366).

Existem inúmeras formas de expressões e representações da práxis artística que desde suas origens e desenvolvimento atual aproximam-se da natureza, tanto imitando-a ou mesmo quando se criam formas, objetos, sons... A arte como processo criativo aparece antes da escrita e antes mesmo da idade de ouro e apogeu da civilização grega, marcos da civilização ocidental. A arte que representa a vida e também é representada por ela, a arte que conta, descreve, narra, interpreta a história humana. A epopéia, tragédia, comédia, canto, dança, poesia, pintura, música e demais formas de representar a realidade natural e humana.

Sem perder de vista as outras artes, Aristóteles, que estudou particularmente a tragédia, a comédia e a epopéia, diz, na Poética, que as representações imitativas da poesia, cujo meio de expressão é a palavra, têm por objeto retratar homens em ação, ocupando-se a tragédia dos bons e nobres, e a comédia dos maus e vis. Ambas imitam por intermédio de agentes (atores), enquanto que a epopéia utiliza outra maneira de imitar, que é a narrativa. (NUNES, 1989, p. 28).

As representações e formas de consciência que os homens fazem da natureza, de si mesmos e de suas relações sociais, incluindo aí principalmente a moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, não são autônomas, mas sim determinadas pela produção material e seu intercâmbio, que transformam o pensar e a consciência: “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX; ENGELS, 1987, p. 37). O espírito é contaminado pela matéria e “a linguagem nasce, como a consciência, da carência, da necessidade de intercâmbio com os outros homens” (MARX; ENGELS, 1987, p. 43). A linguagem descrita por Marx e Engels é própria do ser humano, sendo que seu melhor meio de expressão é a palavra, meio necessário para o intercâmbio, troca, transmissão de conhecimentos, feitos, o homem em ação, ação dos homens, a história sendo transmitida, registrada, interpretada pela práxis artística, a vida sendo transformada em seus planos estético, ético, moral:

A tragédia, imitação de uma ação completa, acabada, necessita de caracteres: representa o essencial do destino humano naquilo que tem de grande, nobre e exemplar. O seu efeito estético, a catarse (kátharsis), mostra-nos que essa representação exemplar estende a sua influência ao plano moral da vida. (NUNES, 1989, p. 28).

Destacam-se dentre as diversas formas de expressão, relacionamentos e comunicações presentes nas relações sociais e nas linguagens em geral, a “palavra” e os recursos utilizados para fazer uso dela, as representações, construções poéticas, escritos, que sirvam para difundir e socializar uma nova cultura.

*Hay hombres que luchan un día y son buenos;
 Hay otros que luchan un año y son mejores;
 Hay quienes luchan muchos años y son muy buenos;
 Pero hay los que luchan toda la vida,
 eso son los imprescindibles.*
 (BERTOLD BRECHT)¹¹

A arte e a cultura são resultantes da práxis humana, da relação que os homens estabelecem com o meio vivente e conseqüentemente das determinações da natureza em suas vidas, assim como também são produto das relações sociais entre homens, da produção de seus meios de sobrevivência e reprodução da vida. Arte e cultura que exprimem situações da vida real, ou seja, o homem nas suas condições de classes sociais: escravos, servos, operários, patrões. A arte e a cultura são realizadas e difundidas por meio de artistas, bem como a filosofia, por meio de filósofos e toda intelectualidade circulante ao redor do homem: concepções de mundo, religião, ideologia e demais representações passam por mediações e necessitam de mediadores para se tornarem obra, doutrina, valores e tornarem-se integrantes, componentes culturais de uma sociedade e civilidade. “A relação entre os intelectuais e o mundo da produção não é imediata... ‘é mediatizada’ em diversos graus, por todo um contexto social, pelo conjunto das superestruturas...” (GRAMSCI, 1988, p. 10).

O conjunto das relações ideológico-culturais, a vida artística, espiritual e intelectual não acontecem pelo acaso e sim por relações de dominação com base na força de quem é detentor do poder, o qual é exercido e acompanhado de seu modelo unilateral, ditatorial, também envolvendo o jogo de cooptação e da adesão para dar a aparência de legitimidade à força. A força física e a dominação, características instintivas do mundo animal, do qual também o homem é parte integrante, podem ser superadas culturalmente a partir do estabelecimento de relações consensuais, nas quais prevalece o convencimento, a conversa, a participação. Em qualquer Estado político ou de estado de espírito e coisas, as ideologias e culturas não são dadas, prontas e acabadas, mas para que ocorram e aconteçam é obrigatória a ação humana, seja naquilo que possamos chamar de nobre, ético e moral ou cruel e desumano.

Os artistas, filósofos, cientistas, professores, operários e demais seres humanos com suas habilidades e formações têm suas concepções de mundo mediatizadas pelos seus cenários, relações sociais e interlocuções que podem propiciar uma reprodução mecânica dos

¹¹ Poema de Bertold Brecht, colocado em música de Silvio Rodriguez (1980), com participação especial de Mercedes Sosa, CD Melhor de Milton Nascimento, Canção da América.

valores e ideologias, bem como podem dar condições de uma opção consciente das mediações que possam realizar, do que querem manter e conservar ou o que desejam transformar.

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas ‘originais’, significa também; e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, ‘socializá-las’, por assim dizer; transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. (GRAMSCI, 1989, p. 13).

Gramsci nos diz que quem conduz a vontade de transformação do mundo é a filosofia da práxis, que nos aporta elementos e argumentos sobre a existência e relações humanas, sociais, de produção e reprodução da vida, valores éticos e morais. Que para materializar os valores em vontade e transformação cultural necessita-se de recursos e criatividade para fazer mediações e socializações de verdades conhecidas, trabalhando o senso comum para sua transformação em níveis superiores de compreensão e prática política. Neste sentido, tratamos de duas dimensões, tanto de concepção de mundo como de um conjunto de preceitos para levar esta concepção de mundo à ação, unindo conceitualmente aquilo que na prática também não se separa e que passamos a conceituar por filosofia da práxis artístico-cultural, categoria em alto grau de abstração, da qual vamos nos valer e utilizar para dar destaque a uma das dimensões da práxis, nos valer de recursos de verdades já descobertas e para recriá-las, apropriando-se de sentidos e significados para conhecer melhor a nossa realidade, a começar pelo ‘conhece-te a ti mesmo’, celebre frase de Sócrates, também citada por Gramsci¹², e difundir e socializar novas práticas: “A arte como socialização da cultura, para transformação social”.

Podemos observar com tudo isso que temos um importante componente presente impulsionador da práxis, que na linguagem de Gramsci (1989) é a vontade humana, que ele traduz como atividade prática ou política: racional, não arbitrária, que tem seus vínculos e ‘necessidades objetivas históricas’:

Se esta vontade é inicialmente representada por um indivíduo singular, a sua racionalidade é atestada pelo fato de ser ela acolhida por um grande número, e acolhida permanentemente, isto é, ela se torna uma cultura, um ‘bom senso’, uma concepção de mundo, com uma ética adequada à sua estrutura. (GRAMSCI, 1989, p. 33).

A vontade como atividade prática ou política, racional, não arbitrária, que corresponda às necessidades objetivas históricas é própria da filosofia da práxis, que – diferentemente das

¹² Concepção dialética da história (GRAMSCI, 1989, p. 12).

atividades meramente receptivas de um mundo exterior absolutamente imutável – é uma atividade amplamente criadora, o pensamento criador, “no sentido de pensamento que modifica a maneira de sentir do maior número e, em consequência, a própria realidade [...] que ensina como não existe uma ‘realidade’ em si mesma, em si e por si, mas apenas em relação histórica com os homens que a modificam, etc.” (GRAMSCI, 1989, p. 34). Além do pensamento e atividade criadora a filosofia da práxis também é movimento, renovação...

[...] e sobretudo, como luta cultural para transformar a ‘mentalidade’ popular e divulgar as inovações filosóficas que se revelem ‘historicamente verdadeiras’, na medida em que se tornem concretamente, isto é, histórica e socialmente, universais – a questão da linguagem e das línguas deve ser ‘tecnicamente’ colocada em primeiro plano. (GRAMSCI, 1989, p. 36).

Segundo Gramsci (1989, p. 36), os questionamentos filosóficos e os problemas, assim como a busca de suas soluções intelectuais e práticas passam pela linguagem, que não deve ser entendida de maneira restrita, uma vez que...

[...] linguagem é essencialmente um nome coletivo: ela não pressupõe uma coisa ‘única’, nem no tempo nem no espaço. Linguagem significa também cultura e filosofia (ainda que no nível do senso comum) e, portanto, o fato ‘linguagem’ é, na realidade, uma multiplicidade de fatos mais ou menos organicamente coerentes e coordenados: no extremo limite, pode-se dizer que todo ser falante tem uma linguagem pessoal e própria, isto é, um modo pessoal de pensar e de sentir.

Ao mesmo tempo em que significa cultura e filosofia, linguagem também pode significar arte e suas formas de expressão, linguagem ou linguagens artísticas. Neste sentido, nos referimos ao trabalho do Centro Artístico Cultural Belém Amazônia, a práxis artístico-cultural da ONG Rádio Margarida, objeto desta tese, organização que realiza suas pesquisas e labor educativo desenvolvendo um método de educação popular com adoção das linguagens artísticas e meios de comunicação social, isto é, fazendo a união de arte, cultura e educação popular para transformação social, ou seja, uma linguagem dentre outras, com recursos, conteúdos e formas direcionadas ao intercâmbio, promoção, troca e transmissão de conhecimentos, para propagar verdades já descobertas e socializá-las, neste caso, por intermédio das linguagens do teatro com atores e bonecos, palhaços, música, dança, jogos, brincadeiras e outras, associadas às formas e aos meios modernos de comunicação, radiodifusão, vídeo, cinema ...

A cultura presente na linguagem e nas línguas, “em seus vários níveis, unifica uma maior ou menor quantidade de indivíduos em estratos numerosos, em contato mais ou menos expressivo, que se entendem entre si em diversos graus, etc.” (GRAMSCI, 1989, p. 36). As

linguagens artísticas também permitem a unificação e o entendimento entre os indivíduos em seus diversos graus de entendimento, basta lembrar-nos da figura do palhaço, que em muitas situações, sem dizer sequer uma palavra, faz do seu gesto e mímica o ambiente do riso e entendimento das situações.

Gramsci (1989, pp. 36-37) também destaca a importância que tem o “momento cultural” e a obtenção do “clima cultural” com base na linguística em geral, presente na atividade prática individual e coletiva:

[...] todo ato histórico não pode deixar de ser realizado pelo ‘homem coletivo’, isto é, ele pressupõe a obtenção de uma unidade ‘cultural-social’ pela qual uma multiplicidade de vontades desagregadas, com fins heterogêneos, se solidificam na busca de um mesmo fim, sobre a base de uma idêntica e comum concepção de mundo (geral e particular, atuante transitoriamente – por meio da emoção – ou permanentemente, de modo que a base intelectual esteja tão radicada, assimilada e vivida que possa se transformar em paixão).

A base para formação de uma unidade “cultural-social”, conseqüentemente de uma idêntica e comum concepção de mundo, pode ser alcançada transitoriamente por meio da emoção ou permanentemente pela formação de uma base intelectual profundamente radicada na personalidade e prática humana. A base de formação é imprescindível tanto para quem divulga as verdades conhecidas como para o homem – indivíduo comum, fortalecendo a unidade de conteúdos éticos, políticos e concepção de mundo, bem como de compromisso entre os homens, na edificação do alicerce imprescindível para a construção da consciência coletiva, que por sua vez ocorre por meio de aproximações e mediações sucessivas, em relações de troca de conhecimentos e habilidades.

A linguagem, as línguas em geral, bem como a práxis artística provêm das necessidades de relação e intercâmbio entre os homens. São elementos imprescindíveis para a formação de uma unidade cultural-social, e devem estar guiados pela vontade política de transformação da cultura e sociedade, acontecimento que não ocorre de maneira imediata e sim numa processualidade, por meio de sucessivas aproximações e mediações de interpretação de concepções de mundo e práticas pedagógicas que sensibilizem à formação de uma cultura superior. Isto é válido tanto para quem divulga as verdades conhecidas como para o indivíduo comum, que estabelece a troca de vivências e saberes. Gramsci (1989, p. 37) também descreve: “Este problema pode e deve ser relacionado com a colocação moderna da doutrina e da prática pedagógica [...]”.

A relação pedagógica pressupõe recursos e instrumentos didáticos para a empatia e troca de conhecimentos, num processo de contínua aprendizagem entre as partes, entre

protagonistas e atores sociais. Neste sentido, utilizamos a denominação de atores para dizer que a filosofia da práxis artístico-cultural possibilita os recursos e instrumentais da relação pedagógica. Para Gramsci (1989, p. 37), “Esta relação existe em toda a sociedade no seu conjunto e em todo indivíduo com relação aos outros indivíduos [...]”. O autor trata também do papel do filósofo democrático que pode propiciar “uma relação social ativa de modificação do ambiente cultural” (GRAMSCI, 1989, p. 38). Ao tratar da filosofia da práxis, considera-se que esta coloca as bases de doutrina – marxismo – nas quais se alicerçam a concepção por nós trabalhada, como ONG, de práxis artístico-cultural, elementos essenciais e estruturantes da construção e relação pedagógica, vivenciada por nós artistas, educadores sociais, filósofos, intelectuais e tantos outros atores sociais.

A relação pedagógica pressupõe ser ativa, de vinculações recíprocas, em que o educador aprende com o educando, o artista com a sua obra e público, as camadas intelectuais e não-intelectuais compartilhando saberes e fazeres. Ao considerar a relação de massas populares com novas convicções em contradição com as convicções ortodoxas “socialmente conformistas, de acordo com os interesses de classes dominantes” (GRAMSCI, 1989, p. 37), cita-se o exemplo das perdas sofridas de fiéis pela igreja católica e o velho catolicismo na revolução francesa:

Disto se deduzem determinadas necessidades para todo movimento cultural que pretenda substituir o senso comum e as velhas concepções do mundo em geral, a saber: 1) não se cansar jamais de repetir os próprios argumentos (variando literalmente a sua forma); a repetição é o meio didático mais eficaz para agir sobre a mentalidade popular; 2) trabalhar incessantemente para elevar intelectualmente camadas populares cada vez mais vastas, isto é, para dar personalidade ao amorfo elemento de massa, o que significa trabalhar na criação de elites de intelectuais de novo tipo, que surjam diretamente da massa em contato com ela para tornarem-se os seus sustentáculos. (GRAMSCI, 1989, p. 27).

Dentro do movimento cultural, bem como nas várias classes e estratificações sociais, pode-se entender que se encontram aqueles que participam e fazem produção cultural e artística, tanto de maneira individual como por meio de uma organização artística, cultural, social, política, educacional, como é o caso do Centro Artístico Cultural Belém Amazônia, ONG Rádio Margarida. Aqueles que pretendam substituir o senso comum e as concepções conservadoras das classes dominantes têm de saber cativar e conquistar a confiança daqueles com quem pretendem estabelecer a relação e fazer as mediações, utilizar instrumentais e procedimentos pedagógicos: incansavelmente repetir os seus argumentos, lastreados por princípio nas verdades conhecidas para serem divulgadas, variando literalmente os argumentos na sua forma. Aproveita-se para perguntar, e ao mesmo tempo reafirmar, quem é

capaz de repetir com criatividade as formas e transformar os mesmos temas e conteúdos em novas formas de apresentação. A práxis artística com compromisso de classe, de emancipação das classes subalternizadas tem que ter a capacidade por princípio ético e vontade de transformação de viabilizar a variação das formas de apresentar e reapresentar novos valores, bem como com o lastro e suporte da filosofia da práxis criar uma atitude polêmica e crítica para superação da maneira precedente ou para substituir as velhas concepções do mundo em geral.

Se a repetição é o meio didático mais eficaz para agir sobre a mentalidade popular, ela não pode ser maçante e sem criatividade, senão a sua eficácia de contar uma mesma história sem variações pode servir às crianças, que têm imaginação fértil para criar novas situações e cenários imaginários na mesma situação, mas não para o adulto, cuja imaginação tem de ser aguçada e motivada de diversas formas. Ressalta-se que mesmo no âmbito da práxis artística essa forma de repetição e variação, enquanto uma atividade sistemática e pedagógica, tem de ser qualificada e direcionada dentro de cada maneira de expressão e práxis artística: pintura, dramaturgia, canto, dança, música... As formas, os objetos produzidos e transformados em linguagens são realizações humanas que, para se tornarem acessíveis e desmistificadas, podem ser ensinadas e transmitidas, bem como demonstradas e decompostas em seu processo, em suas mediações. Nas artes de forma geral, trata-se o modo de fazer, denominado de técnicas e procedimentos; nas ciências, temos os métodos, que são responsáveis pela relação, interlocução e movimento da teoria com a prática. Transitando em ambas as dimensões, científica e artístico-cultural, destacamos a práxis, a história e a experiência do Centro Artístico Cultural Belém Amazônia, ONG Rádio Margarida, em seus processos artísticos, culturais, seus resultados e relação pedagógica que vêm sendo desenvolvidos durante anos, desde o ano de 1991. Transitando pela arte como socialização da cultura da liberdade, justiça social, solidariedade, direitos humanos e transformação social, caminha-se cientificamente e sistematicamente desenvolvendo um método, com seus procedimentos e técnicas, buscando e viabilizando formas e meios de educação popular, de mediação de conhecimentos e verdades para transformação social. Um método que adota linguagens artísticas e meios de comunicação social, ou seja, variando as formas de persuadir com base no mesmo argumento ou utilizando diversos argumentos temáticos.

1.4 AS MEDIAÇÕES DA PRÁXIS ARTÍSTICO-CULTURAL: O MÉTODO DE EDUCAÇÃO POPULAR DA ONG RÁDIO MARGARIDA

Nas linguagens artísticas em geral, temos uma diversidade e multiplicidade de objetos, fatos e acontecimentos, que podem estar debaixo desta denominação, organicamente coerentes e coordenados, por serem da mesma natureza, mas que materializam e falam de assuntos e conteúdos distintos. Uma convergência de formas de linguagens com base no mesmo argumento é de fundamental importância para garantir a repetição como meio didático eficaz para transformar a mentalidade popular. Esta convergência não ocorre de maneira espontânea, pode ser que ocorra até de maneira ocasional, mas, para que aconteça com frequência, tem que haver intencionalidade, objetivo, e um método capaz de prover recursos, meios e instrumentais. Essas mediações possibilitam a organização e os procedimentos para investigação, para pesquisa-ação na ação e para produção de conhecimentos, que possam ser incorporados na relação pedagógica da realidade humana e nas relações sociais e de produção. O método que filosófica e cientificamente, tem dois significados fundamentais:

1º – qualquer pesquisa ou orientação de pesquisa; 2º – uma técnica particular de pesquisa. No primeiro significado, não se distingue de ‘investigação’ ou ‘doutrina’. O segundo significado é mais restrito e indica um procedimento de investigação organizado, repetível e auto-corrigível, que garanta a obtenção de resultados válidos. (ABBAGNANO, 2003, p. 668).

Realizam-se, por parte da ONG Rádio Margarida, os procedimentos necessários de investigação, organização e ordenamento para a pesquisa, a fim de reafirmar a arte como socialização da cultura, bem como comprovar os objetivos e validação dos resultados advindos da sua práxis artístico-cultural: A arte como socialização da cultura para transformação social. O método é tratado literalmente como advindo etimologicamente do grego: “uma meta (meta), via e caminho (hodós), métodos, no sentido da investigação científica” (CUNHA, 1986, p. 517), que corrobora os argumentos da prática pedagógica de variar a forma e repetir argumentos. Na práxis artístico-cultural desenvolvida pela ONG Rádio Margarida, é o processo de mediação e de atuação das linguagens artísticas e dos meios de comunicação social, o qual é alcançado pela adoção das linguagens artísticas do teatro, teatro de bonecos, música, paródias, jogos, dinâmicas de grupo, brincadeiras, contar histórias e produção de programas de rádio, vídeos educativos, atos *shows* e uma gama de outras possibilidades ligadas à produção de recursos e tecnologias dos meios modernos de comunicação social.

As linguagens artísticas e os meios de comunicação social são coordenados por um mesmo recurso de compreensão e aplicação de procedimentos processuais e operacionais de investigação e produção de conhecimentos. Trata-se da utilização de um método que centralize e dê ordenamento às formas de expressão e comunicação, que trabalha não somente com a mesma base de argumentos, pois, por se tratar de método, é repetível, mediação possível para tratar de outros temas e conteúdos sem perder a base de orientação do marco teórico e finalidade da filosofia da práxis “[...], o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto é para o pensamento, precisamente, a maneira de se apropriar do concreto, de o reproduzir como concreto espiritual. Mas este não é de modo nenhum o processo de gênese do próprio concreto” (MARX, 1977, p. 219).

Em seus estudos e produção escrita intitulada: “Contribuição à crítica da economia política”, Marx descreve o método da economia política, orientando por onde e como começar, “[...] que o melhor método será começar pelo real e pelo concreto, que são a condição prévia e efetiva” (MARX, 1977, p. 218). O método, ou seja, a investigação tem, como seu ponto de partida para o conhecimento, “os fatos empíricos e isolados e abstratos” (GOLDMANN, 1979, p. 4), o fato empírico é a realidade imediata na qual se fará a reflexão, “no sentido de desvendá-lo, de descobrir suas determinações, suas peculiaridades, seus atributos – a constituição do fato real”¹³. A gênese do próprio concreto tem sua origem na realidade das coisas da natureza e dos homens e não nas ideias do que se pensa ou acha da realidade das coisas e na imaginação de como poderiam ser os fatos e acontecimentos. O concreto, assim como a realidade, não aparece como algo pronto e acabado, não advém de soluções ideais, precisa ser descoberto, desvelado, motivo de existência da ciência e da investigação, sendo o empírico e a experiência o ponto de partida para iniciar-se o conhecimento da realidade e de se apropriar do concreto. Os fatos empíricos e isolados fazem parte de uma realidade imediata que deve ser ultrapassada. “Marx arrancava de fatos, mas via-os como um sinal, um índice, de algo que os ultrapassa, como sinais de um processo que os transcendia”¹⁴. Os fatos estão inseridos em um processo, ou seja, devem ser investigados e apreendidos em um conjunto de movimentos e múltiplas determinações que tem anterioridade e posterioridade a esses mesmos fatos e a outros que devem ser tidos apenas como manifestações fenomênicas, cuja essência concreta necessita ser desvelada.

¹³ Octavio Ianni citado por Myrian Veras Baptista no texto: “O método na economia política”. Texto comentado por vários autores. PUCSP, São Paulo, 1990.

¹⁴ José Paulo Neto citado por Myrian Veras Baptista no texto: “O método na economia política”. Texto comentado por vários autores. PUCSP, São Paulo, 1990.

“Implica, portanto, em reconhecer que a significação desses fatos só é apreensível quando eles são inseridos no processo do qual eles são uma expressão. Esse processo se imbrica com outros processos, que remetem a outros fatos, que se conectam, que se relacionam, com aquele fato de que se partiu. Nesse sentido não se tem relações e correlações entre fatos, tem-se a pesquisa dos processos, a relação entre processos, a sua expressão em outros fatos e a relação desses fatos com os primeiros, aquele que foi o ponto de partida. Feito esse movimento, os fatos, ainda que no plano da empiria, permanecem os mesmos, já não são os mesmos na reflexão”¹⁵.

Marx descreve esse movimento como a ação de elevar-se do abstrato ao concreto, apropriar-se dele e reproduzi-lo como concreto espiritual, ou seja, apropriar-se do concreto no pensamento, obter conhecimento incorporado a partir do real e da apreensão do movimento de processos da realidade, elevar-se para a construção do concreto pensado. “Essa elevação, no caso da análise do ser social, implica a abstração, permite apanhar as mediações e, portanto, determinar progressivamente o nosso objeto de estudo. Nessa determinação progressiva, concretiza-se esse objeto”¹⁶. O objeto de estudo vai sendo construído dentro de um processo de investigação, por aproximações sucessivas, mergulhos nos movimentos e processos do ser social e das relações sociais. Os processos são as expressões – como concreto pensado – conceituais e categóricas dos movimentos da natureza, da sociedade e do pensamento humano, “[...] um concreto pensado: um sistema complexo de categorias”¹⁷. A investigação se aproxima do seu objeto e reconstrói os seus processos por meio das mediações, que são colocadas como o problema fundamental do conhecimento: “[...] as mediações não são vistas tão somente como meio para um crescente processo de concreção e particularização. Elas não são dadas apenas no resgate do processo do objeto, na avaliação de suas metamorfoses, elas são fundamentais para se entender a vinculação de um processo a outro. Localizar mediações é localizar o que vincula um processo a outro”¹⁸.

Nas localizações das mediações da análise do ser social temos uma atenção voltada e particularizada nesta pesquisa para os processos e mediações da arte em relação à cultura e à sociedade, cujo objeto de estudo de tese em construção trata da arte como socialização da cultura para a transformação social. Para uma qualificação deste estudo e precisão do objeto de pesquisa em construção buscou-se incorporar as orientações efetuadas de outros

¹⁵ Idem a nota de rodapé anterior.

¹⁶ Idem a nota de rodapé anterior.

¹⁷ Octavio Ianni citado por Myrian Veras Baptista no texto: “O método na economia política”. Texto comentado por vários autores. PUCSP, São Paulo, 1990.

¹⁸ José Paulo Neto citado por Myrian Veras Baptista no texto: “O método na economia política”. Texto comentado por vários autores. PUCSP, São Paulo, 1990.

pesquisadores sobre o mesmo objeto de pesquisa, obtendo-se deles as seguintes observações: “[...] a importância da arte como mediadora nesse processo [...]”¹⁹. Continuando com a análise: “[...] ela é mediação da cultura e ela é ambas, arte e cultura são mediações para um trabalho educativo, você vai entrar na educação, todos os produtos são educativos, porque você vai mostrar um método de educação. Em tudo você está partindo de hipótese e de uma suposição de que a arte como forma de socializar a cultura, porque ela é isto, é uma mediação para alcançar um objetivo educacional [...]”²⁰.

Tais observações citadas pelas professoras orientadoras foram decisivas para validação dos objetivos propostos no projeto de pesquisa, bem como da confirmação do caminho percorrido, das vinculações de processos e na precisão da identificação de qual projeto de pesquisa está se tratando: “[...] este é um tipo de pesquisa que é o ex-pós-fato, uma pesquisa que estuda o fato já acontecido e que está em trânsito, agora você pode ampliar isto, pois tem o decurso [...] é uma pesquisa da ação na ação você vai falar nas ‘tessituras’ que foram feitas naquele período, não só na descrição dos fatos, mas como as coisas que fundamentaram este fato, que tipo de discussão foram feitas. Embora seja uma pesquisa que ainda está em continuidade, esta questão do conhecimento não tem fim. Até onde hoje já se chegou nos mostra como é verdadeira a sua tese”²¹.

A pesquisa ex-pós-fato acrescida da pesquisa da ação na ação refere-se a um estudo acadêmico de fatos já ocorridos e que também estejam ocorrendo, os quais são descritos e analisados em detalhes no capítulo 2 desta tese, com o título de: Uma história pra contar, e capítulo 3 “A história continua”, no qual se realiza o mesmo procedimento em relação ao processo de criação e desenvolvimento da ONG Rádio Margarida, com enfoque nas questões relacionadas à arte, cultura e método de educação popular. Este projeto de pesquisa também trata de fatos que estão ocorrendo, portanto também temos uma pesquisa da ação na ação, ou seja, fatos em continuidade no presente momento da pesquisa.

A pesquisa em ação da intervenção profissional é, portanto, uma metodologia que implica um processo de reflexão, de análise e de produção de conhecimentos, de explicações e de ações, que busca apreender como se operam as mudanças nas condições da sociedade e como uma atuação pode ocorrer para o alcance dos avanços considerados necessários. (BAPTISTA, 2006, pp. 70-71).

¹⁹ Transcrição da avaliação da Prof.^a Dr.^a Myrian Veras Baptista, em exame de qualificação do projeto de tese, com o título: “A práxis artístico-cultural da ONG Rádio Margarida: uma história de linguagens artísticas e meios de comunicação social, a serviço da educação popular”. PUC-SP, junho de 2007.

²⁰ Transcrição da avaliação da Prof.^a Dr.^a Maria Carmelita Yazbek, em exame de qualificação do projeto de tese, com o título: “A práxis artístico-cultural da ONG Rádio Margarida: uma história de linguagens artísticas e meios de comunicação social, a serviço da educação popular”. PUC-SP, junho de 2007.

²¹ Idem nota de rodapé 19.

A pesquisa-em-ação-da-intervenção ou pesquisa da ação na ação, ambos os termos utilizados pela autora, Baptista (2006, p. 71), trata de procedimentos metodológicos e científicos necessários de se pensar a prática profissional, neste caso: a práxis artístico-cultural da ONG Rádio Margarida, bem como se constitui também de um estudo acadêmico de comprovação de uma tese: A arte como socialização da cultura para transformação social.

Essa metodologia procura deliberadamente o conhecimento rigoroso e científico, mas não se atém a um circuito analítico da ação que investiga: desenvolve percursos independentes para a construção do conhecimento e para operacionalização da ação. Mais do que a compreensão isolada dos processos que configuram a realidade, procura conhecê-la e atuar sobre ela em uma perspectiva de totalidade, a partir da qual emergem possibilidades concretas de intervenção: procura um saber abrangente e crítico para construir um saber fazer crítico e abrangente.

A descrição e análise dos fatos ocorridos, ex-pós-fato, tem componentes de resgate do objeto de estudo em suas mutações e movimentos, que é efetivado por meio de mediações e avaliações do transcorrido e das coisas que fundamentaram estes fatos. Estudo que tem o seu grau de dificuldade, por se tratar de fatos ocorridos, nos quais se buscam evidências e conexões não só entre os fatos, mas de processos nos quais os fatos estavam inseridos; evidências com base em registros históricos, escritos, produções artísticas e culturais realizadas, arquivos de relatórios, projetos, avaliações particularizadas, depoimentos. A descrição e análise do que está em decurso, pesquisa da ação na ação, também tem seus graus de dificuldade, pois se trata do aqui e do agora, das circunstâncias imediatas, vivas e que influenciam na percepção e no olhar do investigador, principalmente se quem faz a investigação tem participação direta no transcorrer dos fatos. Para a construção do objeto de estudo são necessários instrumentos e formas de mensuração permanentes, dentro de um sistema de avaliação com indicadores de processos e resultados que contemple eventos, campanhas e projetos em separado e no conjunto, conforme banco de dados existentes na ONG Rádio Margarida. A investigação que ocorre por aproximações sucessivas para a apreensão e compreensão do movimento em suas trajetórias: antes, durante e pós-ocorrido, dentro de uma análise histórica processual “[...] a investigação da intervenção assume um sentido ontológico e sua operacionalização se faz na relação dialética história e ciência” (BAPTISTA, 2006, p. 73).

O método de educação popular desenvolvido processualmente desde o ano de 1994 pela ONG Rádio Margarida, será descrito e analisado de maneira detalhada em suas formas de criação e produção artística e cultural, bem como pelas suas mediações efetivadas pela adoção

das linguagens artísticas e meios de comunicação social, demonstradas em sua materialização por meio de textos teatrais, músicas, brincadeiras, vídeos, jornais, programas de rádio, bem como pela avaliação dos resultados alcançados na utilização destes meios, que estão necessariamente inseridos em conjunto de eventos, campanhas e projetos educativos. Como concreto pensado, o método da ONG organiza-se a partir de pressupostos e categorias, com base na filosofia da práxis, em cuja concreção e particularidade de produção artística e cultural, trabalha-se com as categorias: comunicação, sentimento e ação transformadora.

A comunicação, que por nós é compreendida como mediadora de construção de conhecimento e experiências de vida, vai além da troca de informação entre sujeitos, sem negar a importância da troca. Oportuniza relações sucessivas e aproximações de saberes, entendimentos por meio do diálogo: “o diálogo é uma exigência existencial” (FREIRE, 1979, p. 93), entre sujeitos e protagonistas. A comunicação não se configura em um monólogo em que existe um transmissor e outro receptor, mas em pessoas e cidadãos que dialogam suas experiências e percepções acerca de realidades vivenciadas. É o que traz o verbo comunicar em ação, “tornar comum, fazer saber” (CUNHA, 1986, p. 202)²² seja fato, acontecimento, histórias de vida. A comunicação alicerçada na palavra, nos símbolos e signos, que contém, no seu DNA, a informação a ser transmitida, recebida e decodificada, na qual “se trabalham os conteúdos ideológicos, os conceitos, preconceitos, juízos de valores culturais” (PANCERA, 2002, p. 73).

Comunicação que numa perspectiva libertadora a serviço da transformação social encurta os caminhos do entendimento e compreensão, desmistifica, possibilita a vez e voz do oprimido, estabelece as mediações necessárias pela imagem, áudio, palavra escrita e falada. “Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar” (FREIRE, 1979, p. 92). Pronunciar o mundo principalmente ao educador é comunicar, buscar o diálogo, garantir a palavra e o direito da expressão aos que têm este direito negado. “O diálogo é este encontro dos homens mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto na relação eu-tu” (FREIRE, 1979, p. 93).

Nesse nosso diálogo de arte, educação, cultura e comunicação, manifesta-se a outra categoria do método, que é o **sentimento**, palavra derivada do verbo sentir: “experimentar, pressentir, conjecturar” (CUNHA, 1986, p. 715)²³. Algo além das emoções em grau e refinamento, próprio daquele que sente, experimenta, conjectura; próprio do sujeito, do

²² Comunicar, verbo do latim *communicare*.

²³ Sentir, verbo do latim *sentire*.

subjetivo e da sensibilidade. Sentimento que é entendido como órgão das artes, da filosofia e da religião pelos românticos.

No aspecto sentimento se desenvolvem as maneiras de levar e trazer a informação, para dentro de cada um de nós, a sensibilização, a emoção que os meios facilitadores transmitem; as mediações para mexer nas posições, o lúdico, que não é um fim em si mesmo, mas deve conduzir à ação. (PANCERA, 2002, p. 73).

Dentro de uma perspectiva humanista e dialógica, esse sentimento não pode ser ignorado e nem escondido, pois é inerente ao ser, ao homem no mundo e à composição da essência humana. Sentimento que pode ser relacionado às mais diversas formas de expressão da criatividade e da manifestação do mais íntimo e puro da existência humana. Sentimento presente nos diálogos e na dialogicidade, que não se opõe à razão, mas que é complementar e irreduzível a esta: “o coração tem razões que a própria razão desconhece” (PASCAL apud ABBAGNANO, 2003, p. 877). Sentimento que está presente em diversas formas de comunicação e educação popular que lida com gente e pessoas que podem ser elevadas à condição de cidadãos, homens livres, que dialogam entre si e com o mundo. “Sendo fundamento do diálogo o amor é também diálogo [...] Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens” (FREIRE, 1979, p. 94).

Quando articulamos esse conjunto de ideias e parâmetros com utilização de recursos, mediações propiciadas pela comunicação, pelo lúdico, pelas maneiras de levar e trazer informação e conhecimento, para sensibilizar e fazer vir à tona sentimentos, é porque continuamos com os nossos objetivos de gerar e colaborar para uma **ação transformadora**: ação que é uma palavra com poucas derivações em vários idiomas, com o nome básico de “ação, ato”²⁴ (CUNHA, 1986, p. 7), que, se não puder ser realizada de uma só vez, é partilhada em atos, com união, organização de pessoas, grupos e movimentos sociais. Como categoria, “a ação corresponde a uma tomada de decisão, manifesta a mediação da vontade, obtida por meio do pensado e do refletido com base nas experiências anteriores, permeada pelos sentimentos, a fim de colocar a ética e moral em movimento, ou seja, a posição política na prática, que é uma ação transformadora” (PANCERA, 2002, p. 73). A ação transformadora que segue a mesma linha condutora da dialogicidade e da teoria da ação dialógica (FREIRE, 1979).

Historicamente o método de educação popular da ONG Rádio Margarida que adota as linguagens artísticas e os meios de comunicação social vem sendo desenvolvido por

²⁴ Ação, sufixo nominal. Castelhana -ación; francês -ation; inglês -ation; italiano -azione; derivado do latim atio.

mediações das categorias: comunicação, sentimento e ação transformadora, que se materializam e podem ser mensuradas e validadas com base na produção artística e cultural de textos teatrais, músicas, brincadeiras, vídeos, jornais, programas de rádio e outros processos pedagógicos e produtos educativos, desencadeados em eventos, campanhas e projetos. O conjunto da produção artística e cultural, que é detalhada nesta pesquisa nos capítulos 2 e 3, reafirma, com base na história da ONG, a tese: A arte como socialização da cultura, para transformação social. A demonstração e validação da afirmação se faz ao longo desta pesquisa na decodificação do processo de produção artística e cultural em seus movimentos de concreção e particularização do objeto de estudo, correlacionando os processos desenvolvidos com as aplicações do método e os resultados obtidos pela práxis artístico-cultural desenvolvida pela ONG Rádio Margarida.

“Onde não há memória não há história”...

Maria Lúcia Martinelli

CAPÍTULO 2: UMA HISTÓRIA PRA CONTAR...

2.1 O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA ONG RÁDIO MARGARIDA

Todos nós temos uma história para contar, a que vivemos, a que ouvimos de outra pessoa, a história transmitida de geração em geração pela tradição oral, a palavra dita em diversas línguas e também a palavra escrita de diversas formas, trazendo consigo a aprendizagem da relação do homem com a natureza e em sociedade, seus valores humanos, éticos, morais, sua arte, estética, cultura. História transmitida nos símbolos, signos, nas representações e artes em geral, do oriente ao ocidente, desde os desenhos nas cavernas até os meios eletrônicos. História, “termo, que em geral significa pesquisa, informação ou narração e que já em grego era usado para indicar a resenha ou narração dos fatos humanos” (ABBAGNANO, 2003, p. 502), apresentada em forma de “crônica, relato” (CUNHA, 1986, p. 414), conto, poesia, prosa, verso... interpretada em palcos e estúdios, vivida nas ruas. História contada nas versões e olhares do dominador e da resistência à dominação, das lutas de classes, pela liberdade individual e coletiva. A história dos movimentos sociais, seus avanços, vitórias e derrotas na luta pelos direitos humanos. A narração das grandes produções e realizações do homem, dos encontros e despedidas consigo mesmo e com os outros, daquilo que já foi e do que continua sendo. A história que pode trazer ao seu lado a variante popular e arcaica do século XIII, estória, “para designar, especificamente, os contos, narrativas, tradições e lendas do povo” (CUNHA, 1986, p. 414), no nosso caso, o povo brasileiro, do norte do país, de uma terra chamada: Amazônia!

Nesta pesquisa, adotamos a maneira mais simples e adequada de transmitir a história da ONG Rádio Margarida, que é a narrativa em primeira e terceira pessoas, testemunho do que foi vivido, junto com outras pessoas: sujeitos, autores e atores de uma organização da sociedade civil. Como quem conta um conto, embora de uma História com muitas Estórias para encantar e chamar a atenção. A narração que tem a riqueza do vivido, do ser e estar na origem e nascedouro dos acontecimentos. O jardineiro que plantou, regou, colheu flores e espinhos, acompanhou a trajetória, avanços e recuos da ONG Rádio Margarida no cenário Amazônico e Brasileiro.

Nesta narração faremos o seguinte movimento: “trabalharemos com dois tempos, um tempo histórico e um tempo artístico; do ponto de vista histórico estaremos trabalhando os anos noventa (1990...) e do ponto de vista artístico estaremos trazendo para o século XXI a sua vida do século XX, sua vivência, sua construção. Isto é de uma riqueza ímpar, o próprio autor poder contemplar a sua obra, quantos artistas gostariam de ter vivido este momento. Isto é de uma riqueza densa e importante, tem que ser bem vivido, bem evidenciada [...] sem ufanismos, mas com autorreconhecimento [...] Manter a tensão constitutiva do texto que é o tempo presente, tempo passado. Quando você fala do tempo passado, você tem todo direito de usar o texto (Livro de Ouro: Projeto Rádio Margarida, PANCERA, 1992) como foi feito naquele momento”.²⁵

O nosso tempo histórico e contexto da narrativa começa a contar a partir do ano de 1990, quando iniciamos a pesquisa-ação: Belém de Nazar-Et, retratando o cenário da Região Metropolitana de Belém, situada no estado do Pará, região Norte do país, Amazônia, Brasil, que vive ares de um período de continuidade da redemocratização do país, momento de riqueza dos movimentos sociais, com destaque para alguns daqueles nos quais fomos interlocutores e participantes, como é o caso do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, que, com o apoio de diversos segmentos sociais de todo o país, conseguiram com sua luta a criação e a aprovação do Estatuto da criança e do adolescente (ECA), ainda no governo do ex- Presidente Fernando Collor de Mello. Em cena também neste início dos anos noventa o movimento ambientalista que se encontrava em efervescência, cita-se como exemplo desse movimento a ECO 92, encontro paralelo à Conferência das Nações Unidas para o meio ambiente.

Vale contextualizar um pouco melhor sobre qual o cenário, inserido na região Norte do país, e quais circunstâncias tratamos, tanto no plano dos acontecimentos e referenciais históricos quanto nas determinações e processos de divisão do trabalho, relações de poder que têm nos fatores geopolíticos e econômicos rebatimentos diferenciados mediante processos históricos hegemônicos. Quando falamos da região Norte de um país chamado Brasil, de muitas diversidades e diferentes formações econômicas, sociais, culturais e políticas, temos que falar melhor que Brasil é este, que realidade se vive, que olhar e cultura existem naquela região e local, com que olhar os sujeitos locais veem a si e aos seus, com que olhar se vê de quem se fala, principalmente se o olhar for do colonizador ou de quem vem trazer cultura e

²⁵ Apontamentos em orientação de tese com Maria Lúcia Martinelli, São Paulo, PUC-SP, março de 2006.

civilização a um povo primitivo. Para tratar melhor deste assunto vamos contar com o apoio dos artistas da região para cantar que Norte não é com ‘M’:

*Vão destruir o Ver-o-Peso
Pra construir um Shopping Center
Vão derrubar o Palacete Pinho
Pra fazer um Condomínio
Coitada da Cidade Velha,
que foi vendida pra Hollywood,
pra ser usada como albergue
no novo filme do Spielberg*



*Quem quiser venha ver
Mas só um de cada vez
Não queremos nossos jacarés tropeçando em vocês*

*A culpa é da mentalidade
Criada sobre a região
Por que é que tanta gente teme?
Norte não é com M
Nossos índios não comem ninguém
Agora é só Hambúrguer
Por que ninguém nos leva a sério ?
Só o nosso minério*

*Quem quiser venha ver
Mas só um de cada vez
Não queremos nossos jacarés tropeçando em vocês*

*Aqui a gente toma guaraná
Quando não tem Coca-Cola
Chega das coisas da terra
Que o que é bom vem lá de fora
Transformados até a alma
sem cultura e opinião
O nortista só queria fazer
parte da Nação*

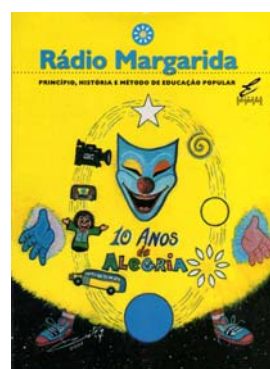
*Ah! chega de malfeituuras
Ah! chega de tristes rimas
Devolvam a nossa cultura!
Queremos o Norte lá em cima!
Por quê? Onde já se viu?
Isso é Belém!
Isso é Pará!
Isso é Brasil!*

(Belém, Pará, Brasil - de Ravena, 1992)²⁶

²⁶ Disco: Cave Canen - Belém, Pará, Brasil - Mosaico de Ravena, 1992 – Gravasom.

Além das coordenadas geográficas de relevo da planície Amazônica, clima, bacia hidrográfica, vegetação, pecuária, agricultura, extrativismo e demografia, têm-se a geografia humana, vidas e vozes – de povos indígenas, caboclos, ribeirinhos e urbanos – inaudíveis e imperceptíveis do longínquo planalto central e do sul concentrador de riqueza e poder. Neste ponto vamos falar de Amazônia introduzindo o assunto lembrando-se das velhas práticas com novos conceitos, ao falar de pós-colonialismo²⁷ e dupla colonização, a qual buscamos simbolicamente sintetizar utilizando-se da expressão popular para dizer que ‘o Brasil está de costas para o Brasil e o Sul do país está de costas para o seu Norte’, para a Amazônia Legal (legal somente para os incentivos fiscais).

Após esta breve localização e importância da região Norte no Brasil, onde transcorre o contexto, o cenário e os acontecimentos, iremos narrar a história da ONG Rádio Margarida. Para isto vamos contar com a utilização de registros históricos e publicações que foram escritas em dois momentos distintos da vida da organização, sendo o primeiro descrito no “Livro de Ouro: Projeto Rádio Margarida” (PANCERA, 1992), que trata em seu conteúdo do projeto-piloto, eixos de atuação, caracterização do contexto e personagens da realidade da Região Metropolitana de Belém. O tempo cronológico, mental e de valores ideológicos do momento anterior à criação de direito ou legal da ONG. Esta publicação também torna pública, no sentido de ter dado divulgação, a pesquisa-ação realizada e descrita em publicação, bem como as proposições de intervenção para atuar e transformar na realidade narrada em dados estatísticos, prosa, verso e reverso, ou seja, a partir da veia crítica e humorística do autor. Publicação que vem contendo as bases dos valores e princípios programáticos transcritos posteriormente no estatuto da organização.



²⁷“Entendo por pós-colonialismo um conjunto de correntes teóricas e analíticas, com forte implantação nos estudos culturais, mas hoje presentes em todas as ciências sociais, que têm em comum darem primazia teórica e política às relações desiguais entre o Norte e o Sul na explicação ou na compreensão do mundo contemporâneo. Tais relações foram constituídas historicamente pelo colonialismo, e o fim do colonialismo enquanto relação política não acarretou o fim do colonialismo enquanto relação social, enquanto mentalidade e forma de sociabilidade autoritária e discriminatória.” (SANTOS, 2006, p. 28).

O segundo momento é publicação intitulada “Rádio Margarida: princípio, história e método de educação popular” (PANCERA, 2002), que registra uma narração dos dez primeiros anos de existência e realizações da organização. Estas duas publicações passarão a integrar o material empírico e fundamental de trabalho, materiais que ganham o estatuto de documentos essenciais para a pesquisa, não só por trazer o referencial dos fatos históricos, mas por descrever processos de fatores determinantes da realidade e contexto de inserção e relações sociais, bem como de construção do objeto de pesquisa. Destacamos que estes dois livros têm características próprias e estilo artístico de dialogar com o leitor e utilizar de linguagem não-formal, ou seja, acadêmica, de informar e comunicar: “Você tem todo direito de usar o texto como foi feito naquele momento, como por exemplo, fazer o texto como se fosse um programa de rádio: a Rádio Margarida é circo? É teatro ambulante? Não me digam! a Isadora Duncan vai dançar! Vocês querem bacalhau? Dentaduras? Então é o que está naquele contexto, daquele momento, o que foi usado, utilizado como recurso de comunicação, com aquele grupo, com aquela população naquele momento”²⁸.

Então, contando a história propriamente dita, com o auxílio do que foi registrado no livro “Rádio Margarida: princípio, história e método de educação popular” (PANCERA, 2002, p. 29), são descritos os momentos e simbolismo do lançamento do projeto-piloto, que posteriormente deu origem à ONG. Sendo assim, no item 1.5 - A primeira viagem a gente nunca esquece, encontra-se:



Ônibus à venda na República do Pequeno Vendedor



Belém, Praça da República

No dia 20 de julho de 1991, aconteceu a primeira aparição pública do Projeto, por meio do seu ônibus com cara de cachorro-chorão (não mais tão chorão, pois havia sido restaurado e não vendido como sucata esquecida e abandonado e desmontado em algum canto pegando chuva), com palhaços, bonecos de manipulação dependurados em suas janelas, oito projetores de som (bocas de ferro) colocados no teto, um toca-fitas com microfones, todos alugados, conduzidos nas pernas do amigo Pinheiro, levando consigo e veiculando informação educativa, *spots* pré-gravados, tocando música e transmitindo mensagens:

²⁸ Apontamentos em orientação de tese com Maria Lúcia Martinelli, São Paulo, PUC-SP, março de 2006.

*A Rádio Margarida traz até vocês:
 Crepúsculo ao pôr- do- som,
 um programa pra deixar você com os tímpanos e as retinas
 coloridas pela aurora boreal.
 Continue sintonizado na 'ZYK pra nós' - 96.69 no seu,
 a mais nova emissora da cidade,
 a primeira e única sobre rodas,
 abrindo picadas na floresta do seu coração.
 (PANCERA, 2002, p. 29).*

A mesma fonte ou livro também dá destaque para os documentos factuais e comprobatórios daquilo que se descreve, como o artigo do jornal escrito por William Silva (1991, p. 11), que dá o seguinte título e redação à matéria:

Rádio Margarida vai difundir a cultura - O antigo ônibus, conhecido como 'Mondrongo' que serviu à República do Pequeno Vendedor, passa a ser um importante elemento no Projeto cultural Rádio Margarida, elaborado pelo sociólogo Osmar Pancera e que será lançado amanhã às 9 h. Conforme informou o autor do projeto, a Rádio Margarida tem como finalidade levar atividades culturais e artísticas às pessoas que não têm o acesso aos *shows*, espetáculos e exposições realizadas em Belém, contando para este objetivo com o 'Mondrongo'. Amanhã pela manhã o veículo, adaptado para a nova finalidade, fará seu *'vernissage'*, transportando uma equipe de artistas à ilha do Mosqueiro, para apresentações aos banhistas e nativos do local.

Para Osmar Pancera, muitas pessoas não têm recursos financeiros para acesso às atividades culturais e artísticas que são realizadas em Belém, e este foi o principal motivo para elaboração do Projeto Rádio Margarida, bem como a valorização dos artistas locais, relacionados ao teatro, cinema, música e outros tipos de arte. Destacou que o próprio ônibus já se constitui em um elemento cultural, pelo fato de que foi construído em 1945, na Suíça, apresentando uma carroceria Berna e a parte mecânica Saurer. O veículo foi doado às missões religiosas na Amazônia e por muito tempo foi utilizado nos trabalhos da República do Pequeno Vendedor, referentes aos meninos e meninas abandonados.

Em dezembro de 1992, após 16 meses do lançamento do projeto-piloto, que ocorreu em 20 de julho de 2001, realizamos a primeira publicação (Livro de Ouro), com o título de "Projeto Rádio Margarida", publicação que contém todo um levantamento de dados socioeconômicos e culturais da Região Metropolitana de Belém (RMB), fruto da pesquisa-ação: Belém de Nazar-Et- portal da Amazônia, que teve seu início em outubro de 1990, antes do projeto-piloto e que colaborou fundamentalmente para o seu desaguadouro. Os dados sistematizados na pesquisa se encontram descritos no livro, o qual trouxe uma estética própria de escrita e estilo, unindo poesia, fotos, flores, desenhos, ironia e irreverência, que permearam informações sobre a realidade da RMB, com dados estatísticos de nível e modo de vida, e de proposições para intervenção artística, cultural e de transformação social, do contexto e cenário da RMB, uma pesquisa levada à ação e à pesquisa-ação na ação.

Uma poesia entra como abre-alas do livro. Entre uma flor e outra que reticulam as páginas e chamam os próximos assuntos, chegamos ao índice e à apresentação, que trata do que somos, o que achamos e queremos. Em forma de um programa de rádio foram descritos com a verve crítica os itens II – contexto (localidade e personagens) e III – descrição do programa (objetivo, como e fases). Nos itens IV, V, VI e VII, tratamos dos eixos iniciais de atuação, sendo: cultura, saúde, educação e artes, permeadas pela decomposição do símbolo e logomarca, que simbolicamente chama-se de logos-marca. Na sequência, tem-se as considerações finais em forma de poesia, seguidas de anexos com mapa da cidade sinalizando áreas alagáveis, foto e desenhos do ônibus com palco móvel, carruagem saltimbanco. Finalizando, apresenta-se a ficha técnica.

Após a identificação das partes do Livro de ouro, iremos agora ao detalhamento de cada item, com sua descrição e análise, a começar pela apresentação:

O Projeto Rádio Margarida, uma iniciativa civil, instrumento de transformação da realidade, é movimento de irradiação artístico-cultural; Sua finalidade é a saúde, bem-estar, estar de bem com a vida. Compreendemos que o oposto complementar da saúde é a alegria, estado d'alma, anima, humores; 'Tudo o que você disser deve fazer bem, nada do que você comer deve fazer mal'. (Barato Total – Gilberto Gil). Reunir conhecimentos, pessoas, recursos, contribuir numa educação integral, despertar para o conhecimento do humano como extensão da natureza. Sensibilizar as personas pelas artes e para as artes, incentivar a criatividade, viver holismo, universalidade, cativar o artista que existe em cada um. O Projeto Rádio Margarida é rádio, teatro e TV popular, como mambembe e saltimbanco, leva informação e sensibilização aos bairros periféricos da cidade, prioritariamente às crianças, aos adolescentes e idosos, para os que não se sentem velhos. (PANCERA, 1992, p. 2)

Continua a apresentação com a poesia-canção (PANCERA, 1992, p. 2):

*[...] “Somos nós que fazemos a vida, como der ou puder, ou quiser
Sempre desejada, por mais que esteja errada
Ninguém quer a morte, só saúde e sorte
E a pergunta rola, e a cabeça agita
Eu fico com a pureza das respostas das crianças
É a vida, é bonita e é bonita
Viver e não ter a vergonha de ser feliz
Cantar, e cantar, e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz
Eu sei, que a vida devia ser bem melhor, e será!
Mas isso não impede que eu repita:
É bonita, é bonita e é bonita” [...]
(O que é, o que é - Gonzaguinha, 1982)²⁹.*

A apresentação do Livro de ouro, que se pode dizer, carregada de poesia e utopia, traz uma saudação à vida e ao estar de bem com a vida; já nas primeiras linhas diz de onde vem e

²⁹ Disco: “Caminhos do coração” – O que é, o que é, Gonzaguinha, 1982- EMI- Odeon.

de quem é a iniciativa, ou seja, de uma organização da sociedade civil e com o propósito de servir de instrumento de transformação social, de não esperar que as coisas ou acontecimentos caíssem do céu, mas de fazer e realizar, com vontade e determinação política, “quem sabe faz a hora não espera acontecer”³⁰, demonstrar que é possível, para além da postura e condição de fiscalizar o Estado e os governos, mas de realizar e demonstrar a capacidade operativa e intelectual da sociedade civil. Neste sentido a iniciativa e a organização da sociedade civil não significam substituir o Estado e as políticas públicas, mas se posicionar politicamente, para resolver questões econômicas, sociais, culturais e muito mais, de atuar na gestão e co-gestão de políticas públicas, que não é uma atribuição somente dos poderes constituídos, mas de colocar-se diante das ausências, incompetências e falta de compromisso com as classes subalternizadas. “A sociedade civil é a verdadeira fonte, o verdadeiro cenário de toda a história” (MARX; ENGELS, 1987, pp. 52-53), palco onde inclusive o Estado atua, quer dizer, o Estado pode estar presente ou não, mas com certeza a sociedade civil é sempre sujeito coletivo, presente e atuante.

Entrar no movimento da sociedade e gerar movimento dialético de produção e irradiação artístico-cultural; um Centro de Arte e Cultura, que parte do porto de Belém para Amazônia, rio adentro, e daí para o mundo, falando da Amazônia e mostrando as coisas do Norte. O conteúdo temático foi fortemente influenciado por uma vivência e pós-graduação em saúde pública, na República Socialista de Cuba, realizada apenas quatro anos antes (1988) do escrito no livro (1992), influência suficiente para que estivéssemos falando de saúde – como finalidade para a vida das pessoas, políticas públicas e compromisso de Estado – não só como eixo temático e objetivo do projeto, mas como modo de vida. Neste sentido é que destacamos a veia poética e utópica do texto, pois não falávamos das doenças do sacrificado e explorado povo brasileiro, nem das mazelas de um país de miseráveis (principalmente os governantes), de ausência de dignidade e direitos humanos, mas de necessidades e possibilidades.

A via sonhadora de pés no chão, tanto no sentido de ter como ponto de partida a realidade, para depois ascender aos céus, como diziam Marx e Engels em sua crítica ao idealismo alemão, como também pés no chão de não ter recursos e meios, a não ser os já dispostos, que geraram o ônibus e o Livro de ouro, aqui representado no simbolismo do seu conteúdo, relembrando a era auge da Grécia antiga, na qual a arte fazia parte do cotidiano da vida das pessoas e do processo civilizatório.

³⁰ Citando a célebre frase musical e símbolo da resistência política, de Geraldo Vandré, cantada por ativistas políticos, contra a ditadura militar.

Conclamar a reunir conhecimentos, pessoas, recursos para e por meio de uma educação por inteiro e não um remendo, mas uma educação integral³¹, proposta em contraposição ao praticado pelo ‘modelo brasileiro’, se é que se pode chamar de modelo algo que apenas delega responsabilidades aos estados e municípios, em troca de algumas migalhas, se eximindo de compromissos com a pré-escola, ensino fundamental e médio. Numa educação integral, despertar para o conhecimento do humano como extensão da natureza, ou seja, representando em linguagem figurativa a inseparável relação homem- natureza e não na construção de seus meios de vida e objetos de estudo. Neste mesmo momento em que escrevíamos o texto do livro destacamos as fortes influências da ECO-92³², para onde nos dirigimos, em sintonia com os movimentos sociais e ambientais da Amazônia e do mundo, como na atualidade ocorre com o Fórum Mundial. Deste grande encontro ‘não-oficial’, que ocorria em paralelo à Conferência das Nações Unidas, durante dias de convivência com gente de várias partes do globo terrestre, colocamos em nossa bagagem toda uma multiplicidade e diversidade de olhares de preservação do meio ambiente e recursos naturais do planeta, de uma nova ética e olhar na relação homem-natureza, sem a lógica devastadora e consumista do capital que tudo pode, desde que o valor seja o lucro.

Continuando com a análise do escrito ou mesmo do caminho percorrido, vamos dando destaque a algumas expressões tal como: sensibilizar as ‘personas’³³, recurso utilizado no texto em alusão às máscaras ou couraças características dos papéis sociais das relações de poder; expressão seguida pelo verbo prepositivo de sensibilizar pelas artes e para as artes – intensamente, ternamente – (ver item VII - ARTES - Livro de ouro), direcionamento seguido não só como recado ou discurso para os outros, mas adotado como método de educação popular a partir do ano de 1994, Projeto de extensão Rádio-Ação: linguagens artísticas e meios de comunicação social, desenvolvido em conjunto com a UFPA. A metodologia de trabalho da ONG Rádio Margarida levada para dentro da academia, tendo gerado formação de turmas de estágio profissional do curso de Serviço Social, trabalhos de conclusão de curso e outros, movimentando a dinâmica e concepção do estágio e do curso, demonstrando possibilidades e ao mesmo tempo causando estranheza, por trazer meios inovadores e fora dos padrões normalmente aceitos pela academia, pois não se enquadrava no tradicional, mas abria

³¹ Ver detalhadamente sobre o conceito de educação no item VI – educação, do Livro de ouro, que será abordado mais adiante.

³² ECO-92, para onde fomos, levando um folder na mão, com uma poesia na capa, um texto falando do projeto Rádio Margarida nas páginas centrais e uma foto do ônibus desfechando o impresso. O texto do material é o seguinte: capa - Rádio Margarida, poesia - manifesto em flor. *Sobrevivemos hoje, apenas sobrevivemos; o tempo atual não está para peixe, nem para poesia, muito menos para a alegria...*

³³ “Persona – pessoa, homem e mulher; ser humano com qualidades socialmente condicionadas e individualmente expressadas”. (PANCERA, 1992).

um novo campo de arte e cultura, também adotado por outros profissionais, com destaque para a Professora Heliana Baia Evelin Soria, doutora pela PUC-SP, a qual iniciou e coordenou o curso de mestrado em Serviço Social da UFPA e o núcleo de pesquisa em cultura.

Viver holismo,³⁴ palavra e conceito inserido no texto original e preservado assim não só pela fidelidade ao escrito histórico, mas também para tratar da origem do termo advindo da Grécia antiga, para falar de totalidade, universalidade, viver as possibilidades da dimensão humana que somos e que queremos: do todo e não apenas partes ou migalhas, compartilhar as riquezas desta terra, o todo de dentro para fora, de fora para dentro. Sabe-se que na atualidade o termo holismo transita na fala de vários movimentos que ecleticamente misturam muitos conceitos que não são compatíveis entre si, mas voltamos a ressaltar a vinculação que fazemos ao trazer o conceito na sua origem, bem como abordá-lo no momento contemporâneo dentro da perspectiva bastante explícita do materialismo histórico-dialético e filosofia da práxis, quando trata do ser social e “a sociedade como uma totalidade concreta” (LUKÁCS, 1974, p. 63).

Cativar o artista que existe em cada um, dois, três... aí todo mundo sabe o que é, pois artista não são somente os outros, fato este que pode ser comparado ao modo de dizer: viva a criança que existe em você ou deixe viver a criança que existe dentro de cada adulto, bem como sinta e viva o artista e a capacidade criadora que existe em cada um, dois, três..., de nós mesmos.

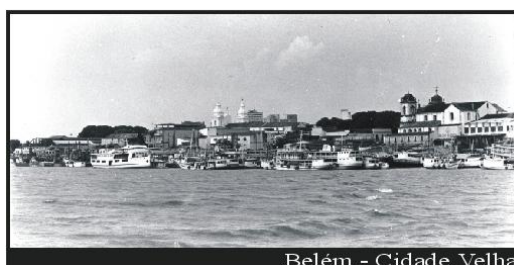
O Projeto Rádio Margarida é rádio, teatro e TV popular, sendo estas as linguagens artísticas e os meios de comunicação sociais citados explicitamente e adotados desde o início do projeto, mas complementadas por outras linguagens igualmente adotadas desde o início, tais como: teatro de bonecos, palhaços, jogos e brincadeiras, dinâmicas de grupo, oficinas de arte, radioteatro ambulante, cinema ao ar livre, materiais educativos em formatos de jornais, CDs, vídeos e mais. Mambembe³⁵ e saltimbanco (ator de rua) levam informação e sensibilização aos bairros periféricos da cidade, prioritariamente às crianças, aos adolescentes e idosos. Primeiramente falamos da maneira que encontramos para nos manifestar e comunicar, com que meios e modos, ou seja, a rádio, teatro e TV popular, instrumentos de transformação da realidade, movimento de irradiação artístico-cultural, movimento que vai ao encontro e não de encontro à população. “Todo o artista tem de ir onde o povo está, se foi

³⁴ Holo, do grego holos, completo, total, inteiro (CUNHA, 1986).

³⁵ Grupo teatral itinerante, organizado para excursionar pelo país. Os artistas da Commedia dell'Arte já mambembavam pela península itálica, mas através de toda a Europa, chegando a atingir até a Rússia, da mesma forma que as companhias espanholas, no século XVII (GUINSBURG; FARIA; LIMA, 2006). Embora nossa excursão pensada inicialmente fossem os bairros periféricos de Belém, começamos desde cedo a ir aos interiores do estado do Pará e depois excursionando pelo país.

assim, assim será”³⁶, artistas que, no nosso caso, fizemos uma opção ideológica, elegemos as classes subalternizadas, territorialmente moradoras de áreas ocupadas, desprovidas de serviços públicos, da periferia da cidade. Também seguindo a mesma opção, priorizamos nas classes subalternizadas as pontas “não produtivas” do processo de exploração capitalista: crianças, adolescentes e idosos, a turma da primeira e da terceira idade, que com bom-humor, em um país como o nosso, possa-se chamar de “melhor idade”. Lembramos que até hoje no Brasil está difícil de visualizar a melhor idade tanto para os idosos, como para as crianças e também quando se fala do futuro do país.

Após a apresentação, continuamos a navegar pelo Livro de ouro, agora adentrando ao item II - CONTEXTO (localidade e personagens), descrito com a verve crítica em forma de um programa de rádio:



O programa que ora vamos apresentar ocorre em Santa Maria de Belém do Grão-Pará (ontem) e sua região metropolitana (hoje); capital do estado do Grão-Pará, localiza-se na região Norte do país, no ponto em que o Rio Amazonas desemboca no Oceano Atlântico, mais precisamente às margens da confluência da Baía do Guajará, com a foz do Rio Guamá. O acesso à cidade se faz por terra, água e ar.

– O município desempenha importante papel de entreposto comercial e de centro de irradiação do desenvolvimento regional, possui uma área de 736 km² e uma população de 1.250.708 habitantes, destes somente 11,65% pertencem à área rural (IBGE, 1991).

– Belém modelo de URBES atropelado (adotado)³⁷ pela civilização branca da América Lat(r)ina. E por falar nisto, lembro logo das epidemias da Idade Média; quando andamos pela cidade atolamos, como cerca de 500.000 pessoas³⁸ (40% da população) que vivem em áreas alagáveis denominadas de baixadas; desprovidas de infraestrutura de saúde e saneamento (água tratada, esgotamento sanitário, coleta de lixo, distribuição de alimentos, micro e macrodrenagem, atendimento médico-odontológico, escolas, teatros, áreas de lazer...), hábitos de higiene só os remanescentes da tribo; saímos da aldeia à Necrópoles.

– Ouçam só nossos ouvintes, agora um momento aterrorizador: a desnutrição associada às péssimas condições sanitárias é a principal causa de mortalidade infantil³⁹. É, compadre, isso é grave, mas não é tudo, pois o povo aqui vive muito

³⁶ CD – Canção da América – O melhor de Milton Nascimento.

³⁷ “Mais vale um carro na mão do que dois pedestres no chão: 622 atropelamentos deram entrada no Pronto Socorro Municipal, de janeiro a junho de 1992”. No ano de 2008 deram entrada 1.692 feridos por acidente de trânsito por colisão e 1.617 acidentes de trânsito com pedestres, atropelamentos. SERM - Serviço de Estatística e Registro Médico. Hospital Pronto- Socorro Municipal Dr. Mário Pinotti.

³⁸ “Estimativa da Secretaria de Saneamento do Município de Belém”. Devido ao aumento populacional a estimativa de habitantes nestas áreas que sofreram intervenções de Projetos de saneamento se eleva para cerca de 800.000 pessoas.

³⁹ “Taxa de mortalidade infantil em menores de um ano no Brasil, em 1992, é de 52 por mil nascidos vivos (IBGE), enquanto em Cuba no ano de 1986 era de 14,7 por mil nascidos vivos (MINSAP). A desnutrição crônica



menos ⁴⁰ que os nossos irmãos do Sul maravilha ou mesmo da Europa. Se não morre de morte morrida, morre de morte matada ⁴¹; infelizmente dizem até que se morre mais do que galinha. Será porque se é bípede e desdentado? ⁴². Além da fartura que há de montão, pois falta trabalho, falta escola, falta vida. Crianças abandonadas, atiradas às ruas em busca de sobrevivência, expostas à toda sorte ⁴³ de acontecimentos. Infelizmente aqui também se começa cedo demais, crianças e adolescentes engravidam precocemente⁴⁴(sem atenção médica e afetiva necessárias), assim como tempramente as mulheres se esterilizam, ou pior, são esterilizadas.

– Queridos espectadores, com tantas desgraças assim é possível ser feliz? Liguem para o programa Conviver e façam sugestões, propostas para mudar; quando sairemos da posição de pacientes para participantes? Quais são os nossos direitos e deveres? As respostas mais criativas vamos premiar com o disco do maestro Waldemar Henrique (coleção Nus originais, volume 1). O livro Bhagavad Gitã – A mensagem do mestre e ingressos para o espetáculo de Balet no teatro Da Paz, ou ‘vocês querem bacalhau’?⁴⁵ Dentaduras? Pares de óculos como prêmios? ‘Você decide’.⁴⁶

da região Norte é de 23% das crianças de zero a cinco anos, pesquisa INAN e IBGE 1989. (Folha de São Paulo de 22/07/1992)”. A taxa de mortalidade infantil no estado do Pará apresenta uma queda significativa, em quinze anos, sendo que no ano de 2000 tem um percentual de 24,58 por mil nascidos vivos, sendo reduzida para 18,16 por mil nascidos vivos no ano de 2007, segundo dados disponibilizados do Diagnóstico de Saúde do Estado do Pará, Secretaria de Estado de Saúde Pública do Pará, janeiro/ 2009.

⁴⁰ “Índice de Swaroop no Brasil no ano de 1983 é de 50,7%, isto quer dizer que um pouco menos da metade da população brasileira, cerca de 49,3% da população morre antes dos 50 anos de idade. Na região Norte este percentual ainda é maior, mediante às condições de vida (autor)”. A curva de mortalidade proporcional, segundo Nelson de Moraes, no estado do Pará (valores médios) – 2000 a 2005, para 50 anos e mais, é de 55%. Dados disponibilizados no Diagnóstico de Saúde do Estado do Pará, Secretaria de Estado de Saúde Pública do Pará, janeiro/ 2009.

⁴¹ “Morte matada: acidente de trânsito veículo motor, 2568 – 4,1%; homicídio, lesões provocadas intencionalmente por outras pessoas, 1475 – 2,4%. Dados da Secretaria Estadual de Saúde do Estado do Pará de 1980 a 1988, nos quais podemos afirmar a existência de sub-registros”. As principais causas externas de morbidade e mortalidade, somados todos os tipos de agressões dos anos de 2006 a 2008, totalizam 6.175 registros correspondentes a 50,46% do total das causas externas, e 2.858 registros relacionados a acidentes de trânsito, correspondentes a 23,35% do total das causas externas do mesmo período. Dados do Departamento de Epidemiologia da Secretaria de Estado de Saúde Pública do Pará.

⁴² “90% da população brasileira é atingida por cáries, perdem todos os dentes antes dos 40 anos de idade (1º Congresso Internacional de Odontologia- Belém, julho de 1992)”. O Brasil é o campeão mundial da cárie [...] 81% dos gastos com assistência odontológica são realizados no setor privado, que cobre apenas cerca de 10% da população. Estes dados constam do Projeto Brasil SB Brasil – Pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde de maio de 2005 a novembro de 2006 (www.odontologica.com.br), acesso em março de 2009.

⁴³ “Situação de violência contra crianças e adolescentes na RMB – Região Metropolitana de Belém, ano de 1990: 2.277 casos (tipificação: atentado violento ao pudor, estupro, violências sexuais, homicídio, lesão corporal e outros) – Movimento República de Emaús / Centro de Defesa da Criança e do Adolescente de Belém – CEDECA”. Situação de violência contra crianças e adolescentes na RMB – Região Metropolitana de Belém, ano de 2002: 4.700 casos – Movimento República de Emaús / CEDECA. De 1990 a 2002 pode-se verificar um aumento de 2.423 casos, situação que pode salientar uma melhora nas formas de registro e denúncia, bem como de aumento real da situação de violência.

⁴⁴ “Cerca de 32% das mulheres grávidas atendidas nos hospitais públicos têm entre 16 e 17 anos e cerca de 28% entre 12 e 15 anos (estimativa feita por Maria José Xavier, Assistente Social da URES – Unidade de Referência Especializada, no ano de 1991)”. A partir de dados oficiais do SINASC – Sistema de Informação de Nascidos Vivos, da Secretaria de Saúde do Estado do Pará, no ano de 2008, obteve-se a informação de nascidos vivos de mulheres com menos de 14 anos de idade: 2.339, correspondentes a 1,6% do total e 41.597 de mulheres entre 15 e 19 anos, correspondendo a 27,67% do total de 150.338 nascidos vivos no estado do Pará.

⁴⁵ Expressão utilizada por Chacrinha (Abelardo Barbosa), mestre em programas de auditório e comunicação.

⁴⁶ Programa da Rede Globo de Comunicação transmitido nos anos 90.

Não desliguem, hoje ‘a noite vai ser boa e de tudo vai rolar’ (Noite do Prazer – ZOLI, 1983); voltamos no próximo bloco, um intervalo na nossa respiração e para os nossos anunciantes. (PANCERA, 1992, pp. 4,6).

Para o leitor ouvinte ou ouvinte leitor iremos fazer as considerações sobre o texto do Projeto Rádio Margarida, que, transcrito em forma de programa de rádio, trata do contexto (localidade e personagens), ou seja, o que se aborda na atualidade da academia e estudos científicos como territorialidade, com sua situação socioeconômica, cultural e política regionalizada e particularizada por indicadores e sinais diferenciados da situação conjuntural deste cenário. O item II começa por apresentar o contexto com citação dos nomes históricos adotados pela cidade e estado, seguido pela localização da região no país e por uma de suas características: o ponto em que o rio Amazonas forma, com outros rios, a Baía do Guajará. Buscando a história, faz lembrar dos nomes da cidade (Santa Maria de Belém e do Estado Grão-Pará), das influências da colonização portuguesa e da grandeza do território que outrora começava por essas paragens e se entendia até o estado do Maranhão. O Grão-Pará perdeu o nome de grande mas continua colossal pelas suas riquezas, basta citar apenas o desaguadouro que forma a Baía do Guajará, ‘uma das maiores concentrações de água doce do planeta’.

A importância do município de Belém dentro da região metropolitana se evidencia na década de noventa como uma economia lastreada de entreposto comercial, com uma população de mais de um milhão de pessoas. Região metropolitana que era formada somente com o município vizinho: ‘Ananindeua’, e após o ano de 1995 vem sendo acrescida de outros municípios, abrangendo na atualidade seis cidades.

O programa radiofônico que foi sendo apresentado, descrito pela verve crítica, vem neste momento sendo trazido ao cenário atual e contemporâneo em termos estatísticos e científicos, sendo atualizado de acordo com os dados disponíveis, para que o leitor possa ir acompanhando no tempo, espaço e movimentos, as mudanças conjunturais e estruturais de mais de quinze anos de transcurso de história do território, meios e modos de vida do que se intitulou de CONTEXTO. Neste sentido, a contagem da população da cidade de Belém no ano de 2007 é de 1.408.847⁴⁷. Assim sendo, de 1991 a 2007 houve um acréscimo da população de 158.139 habitantes.

Belém, modelo de URBES adotado, usando o trocadilho com atropelado, para falar do alto índice de lesões e mortalidade causadas pelo trânsito caótico, que, neste momento (ano de 1992), na estatística de saúde pública é a segunda causa de morbidade e mortalidade,

⁴⁷ Fonte disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acessado em: 23 jan. 2009.

perdendo apenas para doenças cardíacas, mais à frente de um conjunto de doenças crônicas e degenerativas, como câncer e outras.

Os acidentes de trânsito e seus altos índices estatísticos, mesmo com sub-registro, continuavam e continuam sendo um fator alarmante para a cidade e para as tendências em saúde pública, como também as condições de saneamento, uma vez que cerca de 500.000 pessoas ou mais viviam em áreas alagáveis, denominadas de baixadas, abaixo do nível do rio, que sofrerem influência direta das marés e das águas de chuvas. Esta população vivia em áreas de difícil acesso, desprovida de água tratada, utilizando para consumo e ‘higiene’ águas infectadas, com dejetos humanos, fezes e urina, acompanhados de lixo domésticos e outros detritos e impurezas que acabavam sendo jogados e depositados nas mesmas áreas de “moradia”, se assim se pode chamar.

Nas baixadas, a dificuldade de andar era extrema, pois os acessos eram de passarelas (estivas) de madeira, feitas em cima de áreas alagadiças, pontes banguelas muito parecidas com o sorriso triste dos seus moradores, que se equilibravam nas pinguelas e estivas, como eram chamadas, onde tinham de trafegar, ir e voltar em mão dupla, em um corredor de apenas 1,50 metros (um metro e meio de largura), por onde passava um fluxo enorme de pessoas e cargas. Não era raro que pessoas, bicicletas, sacolas, caíssem no alagado, às vezes com vítimas fatais em se tratando de crianças, idosos ou simplesmente os que não soubessem nadar, mas tivessem a infelicidade de cair em partes fundas do alagado.

Transcorrida cerca de uma década e meia das citações efetuadas no Livro de ouro de 1992, até o presente momento, início do ano de 2009, pode-se dizer que intervenções governamentais foram realizadas nestas áreas denominadas de baixadas, principalmente na bacia do Una, a maior das áreas alagáveis, com extensão e influência em nove bairros de Belém e uma população estimada de cerca de 500.000 pessoas. Foram realizados serviços de macrodrenagem de canais, pavimentação de vias, iluminação, sinalização, arborização, drenagem, água potável, esgotamento sanitário. Destaca-se as ações de educação ambiental realizadas no denominado Projeto Una, por parte da ONG Rádio Margarida, o qual é citado ao final do item 2.3 deste capítulo.

Continuando com o Livro de ouro, dentre outras dificuldades do modo de vida, citava-se que, dos hábitos de higiene, restaram somente os da tribo; saímos da aldeia à Necrópoles. A ausência absoluta de saneamento associada à desnutrição leva a fatos aterrorizadores: mortalidade infantil, principalmente aos mais vulneráveis, no caso de crianças com menos de um ano de idade. Mortalidade antecipada não é algo que ocorre apenas com os menores de um ano de idade, ocorre também com crianças na faixa de um a cinco anos de

idade e assim por diante, sendo que os maiores riscos incidem nos mais frágeis, desprovidos e desprotegidos. No ano de 2000 o estado do Pará já apresentava taxas mais aceitáveis, dentro dos critérios estabelecidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS), com um percentual de 24,58 por mil nascidos vivos. No ano de 2007 essa taxa foi reduzida a 18,16.

Para tratar da expectativa de vida, utilizamos o índice de Swarop, que nos evidenciava a incrível constatação do início da década de 90, de que cerca de 50% da população brasileira morria antes de completar 50 anos de idade. Se este índice se referia à média nacional, então quer dizer que aqui, no Norte do país, se vive menos ainda (em 2008 o índice Swarop & Uemura no estado do Pará é de 55%), pois a média estatística traz tudo para o meio e não para os extremos, homogeneizando situações e realidades distintas. Por isso é que afirmamos que os irmãos daqui (região Norte) vivem menos que os do Sul, quando acrescidas às condições de vida locais, que denominamos de morte matada e morte morrida. Em ambos os casos alertávamos para os níveis e condições de vida da população, assim como para os altos números de acidentes de trânsito, já citados, como um dos mais altos no cenário nacional. Continuávamos a falar também de saúde ou da ausência desta, e como fator agravante a absurda constatação de que 90% da população brasileira perdem todos os dentes antes dos 40 anos de idade, fato bastante divulgado em nível local por conta da realização em Belém do 1º Congresso Internacional de Odontologia, julho de 1992.

Evidenciamos a falta de trabalho, de escola e de condições dignas de vida na qual as classes subalternizadas vêm sendo historicamente submetidas neste país, em foco a região Norte, cidade de Belém do Pará, na qual também denunciemos o aumento da violência cometido contra crianças e adolescentes, comparando apenas os anos de 1990 e 1991. Nestes dois anos os números são parciais, ou seja, o que aparece é apenas uma parte do fenômeno, havendo assim o chamado sub-registro. São crianças abandonadas, atiradas à rua em busca de sobrevivência, expostas à toda sorte de acontecimentos, incluindo a perda da infância por conta do trabalho infantil, abandono, negligência, violência física, abuso e exploração sexual e outras mazelas.

E o programa de rádio continua, fazendo perguntas, pedindo a participação dos ouvintes, neste caso a população paraense: sociedade civil, autoridades e tantos outros que querem sair da condição de espectadores para participantes ativos no processo de mudança, de transformação da realidade. Respondendo com criatividade aos desafios e premiando também a criatividade, oferecem-se música, arte e cultura, meios e modos de enfrentar estas situações de exploração, pobreza e ausência de direitos humanos. Continuando a verve crítica, pergunta-se: Vocês querem bacalhau? Dentaduras e pares de óculos como prêmios? Tal como

a forma de atuar dos políticos na véspera das eleições. Ao final do item II – Contexto, anunciamos que voltamos no próximo bloco (item III – descrição do programa), pede-se um intervalo na respiração do escritor - locutor e uma pausa para os nossos anunciantes, sendo que os anunciantes são imaginários e na imaginação cabe a utopia de um novo tempo, de expectativas e esperanças, pois dizíamos, no lançamento do Livro de ouro, que a Rádio Margarida possuía um veículo que havia sido utilizado na Segunda guerra mundial, mas este nosso símbolo tinha uma nova utilização na Amazônia, que viria ser de construção de um novo mundo, com os princípios e finalidades de uma cultura da PAZ.

Na apresentação e na descrição do contexto, pode-se dizer que ficam aparentes algumas influências na maneira de olhar a realidade e no público para o qual e com o qual estabelecemos compromissos: as classes subalternizadas, prioritariamente crianças e adolescentes, tudo ao melhor estilo e olhar atento do Mestre Mário da Costa Barbosa, que, antes de ser nome de escola da rede estadual de ensino, foi um grande homem, que influenciou inúmeras gerações de educadores sociais e também o movimento religioso do qual fazia parte. Homem de caráter íntegro, intelectual, ótimo orador que empolgava seus ouvintes e alunos com pensamentos e citações. Uma de suas pérolas que se colocava de forma complementar à histórica frase de Vandrê ‘quem sabe faz a hora’, é ‘quem sabe também espera a hora’. Assim aprendemos com ele a importância do planejamento:

É um desafio a humanização do planejamento, tarefa muito mais que um idealismo, é uma atitude político-ideológica. É um novo estágio do planejamento a ser conquistado pelo homem, tanto ao nível de historicidade como de conscientização. Consiste esta conquista na busca de formas de participação direta e indireta [...] Esta participação através de aproximações sucessivas, e de uma perspectiva dialetizante, pela ampliação dos conhecimentos advindos da própria realidade, de si mesmo, no mundo e de suas interações [...] A participação do povo seria a antítese da alienação e o planejamento, a síntese do processo de negação-criação numa verdadeira práxis humana. (BARBOSA, 1990, pp. 24-27).

Ainda bebendo desta mesma fonte, Mário Barbosa (1990, pp. 31-32) caracterizava o planejamento como um processo, cujas fases são:

i) conhecimento da realidade e por realidade devem ser entendidos o diagnóstico e prognóstico dos principais indicadores explicativos de uma situação-problema, situação espacial e temporal de uma variável considerada [...] ii) decisão, o processo crítico é um complexo de decisões, decisão política [...] iii) ação, decisões que estão intimamente relacionadas com um conjunto de proposições, decisões traduzidas em termos de planos, programas e/ou projetos [...] iiiii) críticas, acompanhamento, controle e avaliação do desempenho para realimentar o processo..

O conhecimento da realidade a ser pesquisada e trabalhada ocorreu com base em inúmeras vivências e aproximações sucessivas que experienciamos junto a diversos segmentos populacionais em distintas territorialidades. Primeiramente por força de atribuições como Assistente Social, desenvolvendo inúmeros projetos e programas sociais educacionais em instituições de promoção social e educação, também como secretário municipal da Prefeitura de Belém e posteriormente como professor e pesquisador das Universidades do Estado, da rede privada e Federal. As vivências desta realidade constituíram e aprimoraram o olhar do pesquisador em sua forma sistemática de conhecer, buscando o aprimoramento do conhecimento da realidade nos fatos e processos determinantes das condições de vida, na correlação destas manifestações com os indicadores e dados estatísticos, na crítica aos conhecimentos já elaborados e na busca de sistematização de procedimentos. Sendo assim, pudemos demonstrar algumas das bases conceituais e técnicas que influenciaram na pesquisa e elaboração do Projeto Rádio Margarida, item II- Contexto e item III - DESCRIÇÃO DO PROGRAMA, de que trataremos a seguir:

Antes das propostas dos nossos ouvintes vamos lembrar que durante nove anos (anteriores a prescrita data) vivenciamos a dura realidade de vida da população da Região Metropolitana de Belém, através de trabalhos de ação comunitária, estudos sociais, econômicos e políticos, bem como uma vontade enorme para querer e ousar transformações sociais. (PANCERA, 1992, p. 8).

A partir de uma base de vivências e conhecimento da realidade, reitera-se em todo o texto e faz-se referências aos princípios fundantes, ideológicos, artísticos, políticos contidos no olhar do pesquisador e também coloca-se com que postura e concepção pretende-se realizar as inserções e intervenções de transformação social neste contexto.



Rádio Margarida é circo? É teatro ambulante? Não me diga! A Isadora Duncan vai dançar! Oficinas de artes, cinema, rádio e TV popular contando e vivendo histórias e estórias de vida; A música e poesia jamais vão faltar;

Brincadeiras, jogos (Homero não duvida).

-Rádio Margarida, difusão e produção cultural na Amazônia: Arte-educação; Saúde (saneamento, meio ambiente); Pesquisa e intercâmbio científico-cultural. Reúnem-se em torno do programa, artistas, artesãos, profissionais em educação e saúde, equipes inter e transdisciplinares. Em maio de 1991 foi adquirido o Mondrongo⁴⁸, no qual foi realizada a restauração técnica e modelação cênica, de algo que é um patrimônio histórico da cidade – ônibus marca Saurer – Berna (Suíço) ano 1941, único exemplar

⁴⁸ Mondrongo – nome popular e carinhoso dado pelas crianças e adolescentes da República do Pequeno Vendedor ao muito conhecido ônibus, que durante mais de 20 anos foi utilizado como meio de transporte desta entidade em trabalhos com meninos de rua.

no estado, o qual consideramos elemento de cultura e instrumento artístico do projeto. (PANCERA, 1992, p. 8).

Na descrição do programa são repetidos os princípios e linguagens, ou seja, atitude política, bem como os meios e modos de atuar, as linguagens a serem utilizadas para contar e viver histórias e estórias. A alusão, em tempo presente, da cultura grega com a comparação à Polis e aos autores e personagens históricos: Homero e Isadora Duncan. A influência mais do que direta da concepção de Antonio Gramsci com o conceito de produção cultural, no que concebe a participação de artistas, intelectuais, profissionais liberais, técnicos, educadores sociais, todos a bordo no meio de transporte mais chamativo da cidade. Portanto, quem quer se esconder nem se aproxime. “Até o momento presente batalhamos para a compra dos demais equipamentos necessários para funcionamento da rádio, teatro e TV popular e para o pagamento de recursos humanos” (PANCERA, 1992, p. 8).

Ainda em 2008, continuamos batalhando, lembrando que essa é a vida das ONGs que trabalham com questões públicas de interesse coletivo, principalmente as que se voltam ao atendimento de segmentos subalternizados e excluídos da população, sem políticas definidas de articulação com o Estado, à mercê de convênios, adesão aos programas governamentais ou em busca de editais e concursos da iniciativa privada. Os recursos para o início do projeto-piloto foram advindos da venda de uma casa de propriedade particular, e possibilitaram a compra do ônibus e sua restauração, além da publicação do Livro de ouro, o mesmo aqui comentado. O investimento inicial até hoje não pôde ser totalmente repostado, passados 17 anos (em 2008) do lançamento do projeto. Não há arrependimentos por isso, pois, quando se iniciou esta jornada, não sabíamos o que fazer em termos de eventos, campanhas, projetos e programas, com a lógica do capital, de retorno do investido, assim como ainda nos dias atuais a nossa lógica tem como princípios a socialização e a democratização da arte, cultura e educação. A utopia e a atitude política ideológica não têm preço e prazo de validade, uma vez que não são mercadorias, portanto não sofrem das mazelas e do fetiche das coisas, do que é consumível e do perecível, inerente aos produtos e mercadorias descartáveis do capital. O texto e história continuam:

Pois então, ouvintes, o programa continua recebendo muitas chamadas - as pessoas se ligam na estação da luz⁴⁹ - os participantes deste programa realmente decidem; temos aqui selecionadas algumas boas indagações e propostas que apontam

⁴⁹ *Jingle* de apresentação da Rádio: Ponha asas na sua imaginação, ofereça uma flor, cante uma canção; Rádio Margarida a boca do seu coração (bis); se ligue nesta estação. Na estação da Luz!

caminhos para a dimensão humana⁵⁰ que queremos. O Abdias Pinheiro, jornalista, diz que já fotografou muito pela cidade, afirma que o povo paraense é festeiro, é pacífico, é trabalhador e que esta terra tem muitas riquezas e se pergunta, por que tanta pobreza? O seu José Carlos, mais conhecido como Gondim, morador da Cidade Velha, disse que Belém já foi mais humana, mais bonita, mais alegre e emenda: também pudera, o povo não tem acesso a educação.

A professora Elna Trindade, da Associação em Defesa do Patrimônio Artístico e Histórico de Belém, protesta contra a perda do patrimônio histórico, e indaga: o povo que não tem memória tem o quê? O psicólogo Ricardo Mello comenta o aumento da violência⁵¹. O vendedor Edmar Barbosa, morador da Marambaia, critica a falta de trabalho digno e pouca organização popular. O artista e arte-educador José Arnaud fala com tristeza do abandono, exploração e prostituição de crianças e adolescentes, questiona qual o futuro dos nossos filhos? Dona Rosa Maria, Assistente Social, incentivadora do trabalho com creches e pré-escola, denuncia a violência contra mulheres⁵² e propõe a retomada da vida em comunidade, com amor e fraternidade. O mestre Roberto, da Associação Filosófica Nova Acrópole, pergunta quais os valores éticos e morais e relembra um pensamento Socrático: ‘conhece a si mesmo e conhecerás os deuses e o universo’. Concluindo, o senhor Fernando Jorge especialista em planejamento econômico-social, lembra que um dos principais problemas de Belém é o das áreas alagáveis e propõe um programa para recuperação das baixadas, e fala também de ecologia e desenvolvimento autossustentável com preservação do meio ambiente e do apoio às pequenas e médias empresas. (PANCERA, 1992, p. 10).

Todos os personagens citados anteriormente são reais, as especialidades e os comentários efetuados são das suas áreas de competência. Embora os diálogos sejam partes da criatividade do autor, podemos afirmar que estes colóquios foram realizados em algum momento da trajetória de relacionamentos, na interlocução com os personagens citados. Por exemplo, com a professora do curso de arquitetura da UFPA, com a arquiteta Elna Andersen Trindade, fundei a Associação em Defesa do Patrimônio Artístico e Histórico de Belém. Com o arte-educador José Ailton de Carvalho Arnaud, trabalho atualmente na ONG Rádio Margarida. Com o economista e atual presidente do Tribunal de Contas do Estado do Pará (TCE), Fernando Coutinho Jorge, que também foi prefeito de Belém, em cujo mandato e gestão exerci o cargo de Secretário Municipal de Ação Comunitária, elaborando e executando projetos para as áreas e bairros da periferia, áreas alagadas denominadas de baixadas. Nestes diálogos com os amigos, técnicos e especialistas continuamos nas aproximações sucessivas do conhecimento da realidade, em seus contrastes e contradições, bem como aportávamos elementos de observação e vivências à pesquisa-ação: Belém de Nazar-et, citada anteriormente, a qual deu origem ao projeto. E a história continua:

⁵⁰ Dimensão humana – desumanização e humanização, ambas demandam ação dos homens sobre a realidade, ora para mantê-la, ora para modificá-la. “Ação cultural para liberdade e outros escritos”. (FREIRE, 1976).

⁵¹ Acidente com arma branca 1.216; acidente de trabalho 79; acidente com arma de fogo 718; acidente de trânsito 401; tentativa de homicídio 1.616. Pronto-Socorro Municipal de janeiro a junho de 1992; Secretaria Municipal de Saúde de Belém.

⁵² Crimes contra Mulher de Janeiro a junho de 1992: Crimes contra pessoa 3.026; Crimes contra costume 334; abandono material 1.431; fins de direito 1.495 - Delegacia de Crimes Contra a Integridade da Mulher.

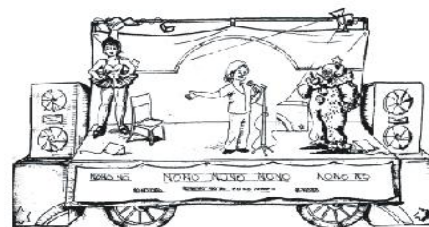
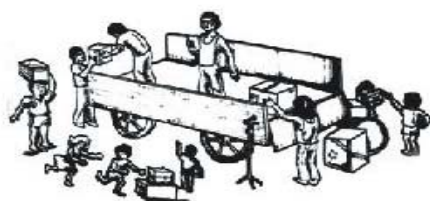
Que tal? Acabamos de ouvir o quanto os participantes do programa estão vivos, atentos, conscientes. Muitos também querem saber o que fazer, como mudar. A direção da Rádio Margarida não tem explicação para tudo, às vezes respondemos algo perguntando, e a nossa pergunta é: O que cultuamos⁵³?

Vamos dizer agora um pouco como agimos; vocês conhecem o velho ditado: Se a montanha não vai a Maomé, Maomé vai à montanha;

Pois assim é o movimento da Rádio Margarida: Estar pelos bairros populares, praças e jardins da cidade. Levar informação + sentimento + ação, a quem não tem acesso; A população a ser preferencialmente sensibilizada: crianças, adolescentes e idosos (para os que não se sentem velhos). (PANCERA, 1992, p. 10).

Na mesma linha de estilo de redação e persuasão que vem sendo seguida (aqui também se aplica a verve socrática de perguntar e persuadir a ‘si mesmo’) bem como utilizando de recursos da maiêutica, em que para responder pergunta-se, indaga-se e ao mesmo tempo propagam-se elementos primordiais dos conteúdos e valores que buscamos e do que queremos para a construção da sociedade e civilidade. Neste ponto fazemos menção aos princípios fundantes da constituição do Centro Artístico Cultural Belém Amazônia, de que trataremos em detalhes descritos mais adiante. Novamente são abordados em conjunto com o diagnóstico e prognóstico social os meios e modos de atuar e lançam-se as bases do método de educação popular referendado pela UFPA em 1994, o método Rádio-ação: Linguagens artísticas e meios de comunicação social, que se fundamentou com as categorias iniciais: informação + sentimento + ação transformadora.

Com relação à população a serem preferencialmente direcionadas as ações, destacam-se novamente as pontas mais excluídas do processo de produção capitalista: crianças, adolescentes e idosos. Quanto à operacionalização, o livro descrevia, naquele momento, as possibilidades que vislumbrávamos de atuação e de como seriam os procedimentos. Neste sentido, dizia-se como:



As equipes⁵⁴ visitarão as localidades, após prévio contato e preparação junto às organizações populares e instituições públicas locais e nestas visitas se apresentam com o ônibus e sua carroça mambembe, levando consigo teatro, circo, rádio e TV ambulante, tudo pequenino e humilde, mas bem intencionado, trazendo um conjunto de atividades: Físicas (ginástica, jogos, brincadeiras); Vitais (conhecimento do corpo, alimentação, meio ambiente em que vive); Emocionais (teatro, poesia,

⁵³ Cultuamos: Natureza, liberdade, justiça, beleza, paz, amor, fraternidade, unidade, sabedoria...

⁵⁴ Proposta modular que pode acontecer em mais de um lugar ao mesmo tempo.

musicalização, canto, oficinas de artes); Mentais (elementos ideológicos, símbolos, signos).

Após o primeiro contato donde se inicia o diagnóstico participativo, continua-se o acompanhamento e verificação na mudança de hábitos, costumes, nos indicadores sociais e preparação para próxima visita. Os estudos efetuados visam estabelecer um contato direto e simples do indivíduo com sua realidade e possibilitar um planejamento participativo daquela comunidade na convivência local e no seu meio ambiente (cidade e estado).

O projeto terá a duração experimental de 03 (três) anos, com implantação gradativa e crescente. Os bairros e comunidades escolhidas são pertencentes à Bacia da Estrada Nova com os bairros: Jurunas, Condor, parte do Guamá, Cremação, parte de Batista Campos, parte da Cidade Velha e parte de Nazaré: 613 hectares de áreas alagáveis, 219.592 habitantes ou os bairros pertencentes à Bacia do Tucunduba, que reúne os bairros: Guamá (parte), Terra firme, Canudos, parte do Marco e parte de São Brás; 575 hectares de áreas alagáveis, 149.075 habitantes (IDESP-IBGE). (PANCERA, 1992, p. 12).

Destacamos alguns aspectos desta proposta de operacionalização, a começar pela preparação das atividades com as organizações populares, de acordo com suas necessidades, possibilidades, envolvimento na programação, diagnóstico participativo, acompanhamento e verificação nos processos, resultados e nas mudanças de costumes, hábitos e indicadores sociais (tudo isso antes mesmo da adoção pelos organismos públicos e políticas sociais de indicadores quantitativos e qualitativos). Falávamos de planejamento participativo, sem maiores ilusões de resultados rápidos e de efeito imediato, pois propúnhamos uma duração experimental de três anos, com fases e programação em tempos distintos. Mesmo tendo precauções para não propor o inviável em termos técnicos e políticos, temos que admitir a dificuldade para instituições públicas e privadas bancarem experiências que não são próprias, além disto com proposição para três anos de duração. Buscam-se resultados e impactos sociais, mas no máximo as agências financiam projetos de um ano de duração, sendo que, na maioria dos casos, mesmo bem-sucedido, o projeto dificilmente obtém renovação, somente quando ONGs são bem estruturadas e com resultados acumulados, o que é a situação da Rádio Margarida neste momento, mas ainda não era na década de noventa. Fala-se de sustentabilidade em segmentos como das ONGs, que devem ser considerados de investimento social, cultural e de políticas públicas, para as quais não deveriam ter a mesma lógica de mercado.

O Livro de ouro (dezembro de 1992) foi uma tentativa de dar mais visibilidade e tornar público o projeto-piloto que havia sido lançado em julho de 1991. Após esta data apenas foram realizados poucos e pequenos eventos, dos quais destaca-se a ida à ECO 92. O livro criava bases científicas para argumentação e defesa desta proposta de intervenção nesta realidade, bem como serviu de estrutura para a constituição da ONG, com seu estatuto contendo: natureza, princípios, objetivos, atividades a que se destina e atribuições de corpo e

organização jurídica (novembro de 1992). No ano de 1993 intensificou-se a participação em eventos e campanhas educativas com temas de cultura e folclore paraense, educação no trânsito, divulgação e popularização do ECA, conforme descrito no livro “Rádio Margarida: Princípio, história e método de educação popular” (PANCERA, 2002, pp.44-66). Somente em janeiro de 1994 iniciamos nosso primeiro Projeto que foi o Rádio-ação, levado para a UFPA como projeto de extensão, o que não significou o aporte de recursos materiais para o projeto-piloto, apenas o reconhecimento institucional da academia ao método de educação popular. Ainda neste ano, seguimos realizando eventos e campanhas educativas e firmamos o nosso primeiro contrato com o UNICEF, Projeto Criança Esperança, projeto que tinha como objetivo popularizar o ECA, por meio de oficinas de arte-educação, passeatas e atos *shows*.

No parágrafo anterior descrevemos brevemente o período transcorrido de julho de 1991 a dezembro de 1994, ou seja, três anos e meio até que conseguíssemos iniciar um projeto com financiamento para 6 (seis) meses. Tivemos que esperar mais tempo para executar o primeiro projeto do que o prazo proposto como período de projeto experimental, quem sabe tenha sido o tempo experimental de três anos para verificar a nossa persistência. Quanto às exigências contratuais tivemos que aprender vários mecanismos de elaboração de projetos, prestações de contas e demonstração de resultados. O dever de casa foi bem feito. Tanto é verdade que no ano de 1996 fomos indicados pelo mesmo escritório do UNICEF, região Norte do Brasil, por conta da realização do Projeto JUVENTUDO (cultura, esporte e lazer para a juventude de Belém – uma abordagem de prevenção à violência urbana), a uma premiação internacional. Concorrendo para indicação do prêmio com outras entidades do Paquistão e da Croácia, tornamo-nos vencedores e vencedores de nós mesmos, recebendo por meio do escritório do UNICEF Holanda, uma doação da “*National Lottery of the Netherlands*”, ou seja, da loteria Nacional da Holanda. Assim sendo, temos que contar a história como ela aconteceu, desvelando a sua essência e trazendo a moral da história: recebemos o prêmio sem precisar comprar o bilhete de loteria.

2.2 UMA ORGANIZAÇÃO CIVIL COM PRINCÍPIO, MEIO E SEM FIM, MAS COM FINALIDADES: ESTATUTO DA ONG, SEU SIGNIFICADO, ESTRATÉGIAS, PROJETO-PILOTO E EIXOS INICIAIS DE ATUAÇÃO

Organização significa “estabelecer as bases” (CUNHA, 1986, p. 564) para a ação. As bases da ONG foram estabelecidas a partir de uma iniciativa e vontade de cidadãos que se encontraram para compartilhar princípios, valores, utopias de transformação social. Assim,

formalmente passamos a existir não só de fato, o que já vinha ocorrendo desde 20 de julho de 1991, mas de direito, a partir de 18 de novembro de 1992, quando foi criado o Centro Artístico Cultural Belém Amazônia, incorporando as bases já propagadas do Projeto-piloto Rádio Margarida. Neste mesmo período rodava na gráfica o chamado ‘Livro de ouro’ que foi simbolicamente lançado em homenagem à força das águas da Amazônia no dia 8 de dezembro do mesmo ano. Os elementos contidos no estatuto que serão descritos continuam a linha de pensamento e influências do conteúdo do Livro de ouro, quanto aos princípios e valores, pois tiveram a mesma orientação:

Capítulo 1 - O Centro Artístico Cultural Belém Amazônia, com existência de fato desde 20.07.1991, é uma entidade civil, de utilidade pública sem fins lucrativos, apartidária, não fazendo discriminação de qualquer espécie, constituída (ONG) como pessoa jurídica de direito privado, que se rege pelas leis vigentes e pelo presente estatuto [...] O centro tem por objeto, a promoção social em: cultura, saúde, educação, artes, ciências e filosofia. (CENTRO..., 1992).

Essa entidade civil, antes de ser uma exigência legal, era para nós uma concepção de mundo, que continuava a ter uma influência direta do conceito de sociedade civil organizada de Gramsci; de utilidade pública por trabalhar com questões de interesse coletivo, alinhadas ou não com as políticas governamentais, no âmbito da sociedade civil, sem fins lucrativos, diferentemente das empresas e do capital. Desde o primeiro momento nos colocamos como Organização Não-governamental (ONG), com dimensões políticas, mas sem filiação partidária em termos de partido político e também não discriminatória, de raça, religião, gênero, condição e classe social. Tinha por objeto a promoção social no sentido de realizar, socializar novos valores, aquilo que queremos mudar para melhoria de vida, a partir dos eixos que consideramos importantes ou que era foco de nossa atenção, não no sentido de substituir as políticas públicas, mas no sentido de dar a elas a dimensão que buscamos. Neste sentido, sempre andamos de mãos dadas com os eixos descritos no Livro de ouro: cultura, saúde, educação e artes, além de querer estender a todos os conhecimentos e avanços da ciência e filosofia. No estatuto reformulado em 2001, de acordo com o novo código civil, a Associação passou a ter por objeto as artes, cultura, educação, saúde, meio ambiente, cidadania e comunicação social. Portanto, somente ajustando as novas necessidades de foco atual, mas sem se distanciar das origens, dando continuidade aos princípios e objetivos iniciais.

Continuando com o estatuto:

Capítulo 2 - Os princípios do centro são: Culto à vida: Natureza, liberdade, justiça, beleza, paz, amor, fraternidade, unidade, sabedoria; Convicção no movimento e

transformação constante da natureza, homem e sociedade; Relações de troca pautadas no trabalho artesanais; Solidariedade entre indivíduos, comunidades, povos e nações; Superar os preconceitos, estigmas, discriminações de raça, sexo, credo, cor, etnia e demais manifestações de violência. (CENTRO..., 1992).

A palavra culto não teve um sentido religioso, foi inserida em uma descrição figurativa, interpretativa e sinalizando a cultura que queremos, a sociedade a ser construída, nossas formas de relação sociais, com a natureza, que nos possibilita a reprodução da vida e que hoje sabemos o quanto está ameaçada pela devastação e efeitos danosos provocados pela poluição atmosférica, de rios, mares e oceanos, efeitos estufa, emissão de CO₂, e outras mazelas da sociedade de consumo capitalista. A liberdade, a justiça social, econômica e política, são construções de um processo civilizatório e de sociedade. A arte e o belo devem conviver e ser incorporados ao dia-a-dia. Paz, amor, fraternidade, nas dimensões individuais e coletivas, são sentimentos com a dimensão do humano, que também quer dizer unidade de essência e totalidade de possibilidades, que só a sabedoria pode nos dar ou mesmo nos levar a entender. Os princípios podem parecer um tanto idealistas, mas continuam sendo a busca da cultura que queremos; a realidade ontológica não advém do céu, mas é semente, labor e colheita das relações homem - natureza - sociedade.

Convicção na mudança e transformação da sociedade, das relações sociais. Sociedade cujo valor principal seja dado ao trabalho e não ao capital, ao trabalho sem alienação que denominamos de trabalho artesanais, que relembra o artista e artesão trabalhando com consciência de seu lugar na produção e reprodução de sua própria vida, de sua classe social e da sociedade. No estatuto reformulado este item diz: relações de troca pautadas na arte, práxis e criatividade. Solidariedade que também levanta bandeiras e vimos acontecer na República Socialista de Cuba, com a vontade explícita de Che Guevara, no histórico ano de 1968 em várias partes do mundo, movimentos ainda sobreviventes e resistentes, como o do Fórum Social Global. Superação de preconceitos, entendido hoje este conceito como convivência com a diversidade, embora a convivência com as diferenças possa não significar superação do pré-conceito e demais manifestações de violência advindas da ignorância; então superar significa luz na consciência, solidariedade, colaboração, valores que numa sociedade com justiça social são mais fáceis de serem vivenciados. Na atual redação do estatuto temos: compreensão de que o diálogo é a melhor maneira para a busca do entendimento e da paz.

Seguimos adiante no estatuto de criação do Centro:

Capítulo 3 - A finalidade e objetivos do Centro são: Contribuir no desenvolvimento e conscientização das potencialidades criativas da dimensão humana; Promoção

cultural de saúde, artes, educação, filosofia e ciências; Desenvolver instrumentos de comunicação social: rádio, teatro, televisão popular e jornal inter-comunitário; Habilitar-se à concessão de serviços de comunicação; Realizar pesquisas e intercâmbio científico – cultural a nível local, nacional e internacional; Atuar conjuntamente aos movimentos sociais; Incentivar o pensar global e agir local, bem como valorizar a cultura indígena, cabocla e negra. (CENTRO..., 1992).

O primeiro item do capítulo é a finalidade, que pela sua natureza tem um caráter transversal, perpassando todo o estatuto; diferentemente dos objetivos, que têm uma característica vertical, demarcando o que a entidade tem que fazer. Neste sentido, a finalidade aporta valores que perpassam os objetivos e nem sempre são passíveis de serem mensurados quantitativamente. Na atualidade substituímos o conceito ‘contribuir’ por colaborar, pois contribuição também pode significar contributos, aporte de recursos para realizar tal fim, o que não é possível sem arrecadação, função do Estado. Assim sendo, colaborar tem a ver diretamente com o mundo do labor, ou seja, o nosso trabalho para e com o processo social de construção da consciência e das potencialidades criativas do humano. Como objetivo geral: promoção cultural de realizar, socializar novos valores, para saúde e bem-estar de vida, com arte e pelas artes, com e pela educação e conhecimento socializados com o apoio da filosofia e ciências em geral.

Desenvolver instrumentos de comunicação social significa socializar o acesso à informação, possibilitar conhecer algo que não se conhece; levar a rádio, o teatro, a televisão popular e ambulante ao público desprovido de serviços públicos, desmistificar esses meios como inacessíveis e inalcançáveis ao povo; trabalhar o preconceito, ou melhor, a falta de informação e educação. Habilitar-se é colocar-se no lugar de fazer o que os privilegiados de concessão públicas de emissoras de rádio e TV não fazem à coletividade, ou pior, fazem em benefício próprio. Realizar pesquisas continua sendo a base da nossa atuação, embora o que fazemos denominamos de pesquisa-ação, com um pensar sobre a nossa vivência e proposições. Atuar em conjunto com os movimentos sociais é entrar no movimento e não ficar à margem dele; é valoriza as culturas das “minorias” e dos não “civilizados”, culturas tidas como inferiores e primitivas (indígenas, caboclos, ribeirinhos, quilombolas...), bem como trabalhar no senso comum e com as classes subalternizadas, tidas como “inferiores” por parte das classes dominantes.

Dando continuidade aos elementos que criaram as bases e influências do estatuto e Projeto-piloto Rádio Margarida, citaremos os eixos temáticos contidos no Livro de ouro, descritos nos itens IV- CULTURA, V- SAÚDE, VI- EDUCAÇÃO e VII- ARTES, os quais

dizem por si mesmos as concepções sobre cada conceito e categoria a serem trabalhadas. Sendo assim:



Do latim cultura, cultur-ae, cultivo, veneração, culto. A Rádio Margarida cultua: natureza, liberdade, justiça, beleza, paz, amor, fraternidade, unidade, sabedoria...

O conhecimento e a organização da cultura⁵⁵ é algo que não ocorre somente de forma espontânea, para uma formação econômico-social se coloca antes de tudo a urgente seara do incentivo às potencialidades humanas; a construção de uma civilização se alicerça em valores éticos e na prática destes.

Herdamos da colonização a resignação e subserviência ao que vem de fora, a menos valia do nosso povo, desconhecemos a história e cultura dos povos da floresta, a história da formação deste estado, e por consequência não

sabemos dar valor ao que é nosso. Hoje, com os meios avançados de comunicação de massa não se requer mais a ocupação territorial; mesmo à distância recebemos informação e indução ao consumo que nada tem de compatível com a nossa realidade, com a soberania de um modo próprio de desenvolvimento dos nossos recursos naturais.

Iniciar um processo significa romper com as práticas de eventos isolados, significa unir pontos da história, elementos de memória perdidos sem esclarecimento, sem elucidações. É a oportunidade de troca de conhecimentos, ampliação dos horizontes culturais, é o voltar-se para dentro de si e descobrir-se como nação, como pessoa, agente político e cultural da própria história. (PANCERA, 1992, p. 15).

Produção cultural e organização da cultura são conceitos dentro da categoria cultura que trabalhamos desde o início desta jornada do Centro Artístico Cultural. A fonte de orientação ou mesmo o referencial teórico e político são basicamente as obras: “Concepção dialética da história” e “Os intelectuais e a organização da cultura”, de Antonio Gramsci. Daí, neste tempo, na década de noventa, mesmo sem conhecer as discussões e teorias mais recentes sobre os pactos e contratos sociais, ‘conversamos’ com Gramsci e com a filosofia clássica, sobre valores e princípios para a socialização e a construção dos marcos de uma civilização. Ao falar de cultura, bem como dos outros temas e eixos, adotamos uma postura de buscar o conceito na sua origem, assim também o que queríamos dizer e interpretar por meio dos referenciais adotados. Assim sendo, por mais que tenhamos herdado da colonização a resignação e subserviência, existe(m) cultura(s), mesmo sob a influência dominante da ‘ideologia das fronteiras’⁵⁶. Também existe cultura quando se nega e se crítica o que vemos na sociedade capitalista e seu modelo de exploração, injustiças e mazelas sociais: o mesmo

⁵⁵ Organização da cultura - Os intelectuais e a organização da cultura (GRAMSCI, 1988).

⁵⁶ Argumentos e teorias utilizados pelo colonialismo e pós-colonialismo.

quando falamos do que não queremos e do que buscamos, também existe cultura, pelo menos uma nova cultura, embrião contido em cada um de nós. Por isso iniciar um processo significa... Ser o agente político e cultural da própria história. Os conceitos, produção cultural e organização da cultura, bem como arte e educação permeiam toda a criação artística e método de educação da ONG, justamente por sua natureza de Centro Artístico e Cultural, sua vocação e convicção de poder colaborar na transformação sociocultural, tendo como ferramenta e inspiração intelectual a arte para socialização da cultura, pelo menos da cultura que queremos. As produções culturais com diversas temáticas: saúde, meio ambiente, direitos humanos, educação e outras, as visualizamos dentro do âmbito cultural, nos processos e mediações de construção de identidade e civilização, ou seja, produção e organização de cultura. Pode-se observar melhor um pouco desta produção citada quando descrevermos o item 1.3 deste capítulo.

O item V- SAÚDE vem na sequência e da mesma maneira do tema anterior aborda-se a origem do termo e sua influência em nosso idioma e costumes, conforme o texto a seguir:

Do latim *sálus útis*, deusa romana, salvação, segurança, preservação, bom estado, conservação da vida; equilíbrio do espírito, alma e corpo conhecimento de si, da natureza do humano.

Sálus útis direito fundamental de viver, direito a ser são, livre e feliz; Dever e responsabilidade de cada um. Cabe ao Estado garantir a saúde, saneamento básico, água tratada...

Infelizmente no Brasil se privilegia a doença e a enfermidade nas políticas públicas e no sistema de saúde, no qual se paga pela produtividade no atendimento da doença. Os interesses particulares acima do público têm um bom mercado de consumidores de remédios; A educação e atenção básica perdem de goleada, também pudera, pois, não são prioritárias. Por sua vez a população incorporou o discurso e reivindica atendimento médico e medicamentos, o que é bom, mas saúde é muito mais [...] ⁵⁷

As fases de interação e articulação comunitária são fatores prioritários para realização dos trabalhos, bem como a participação de órgãos responsáveis pelos serviços de saúde, educação, etc. (PANCERA, 1992, pp.16-17).

A lógica adotada naquele momento para falar de uma questão social, antes mesmo do termo, conceito ou categoria desenvolvida com base em estudos e pesquisas e construção do

⁵⁷ “Neste ponto, o texto continua da seguinte maneira: Aguçar a sensibilidade, motivar para o conhecimento do corpo físico, seus órgãos, funções, sentidos - o homem aparece no seu interior constelado de astros “A chave da Alquimia - Paracelso - (Biblioteca Planeta, 3ª edição, SP-SP - 1983). Despertar para o conhecimento da natureza humana e sua relação com a natureza Mãe e seus elementos: terra, água, ar, fogo. As forças duais, a complementaridade, seu movimento de impulsão e evolução (Biologia celeste – Glossário Teosófico BLAVATSKY, 1892), o yin-yang, o masculino-feminino, o dia e a noite, vida-morte, saúde-alegria... Entender o corpo humano como extensão da natureza, sua composição: Mineral (estrutura óssea, sais, água); Vegetal (pelo, unhas, pele); Animal (instinto); Humana (razão, amor, liberdade). As funções vitais: Respiração (inspiração-expiração); Alimentação (nutrição, trofoterapia); Defecação (higiene pessoal, saneamento); Imaginação (intelecto, raciocínio), compreender a alma e espírito humano, sua capacidade criativa, suas emoções, valores. Estimular hábitos de higiene, saneamento, cultivo de plantas e ervas medicinais, frutas, legumes, cereais. Cuidados para criação de animais. Incentivar o esporte, lazer, o respeito mútuo, a não-violência, a amizade, cordialidade...” (PANCERA, 1992, pp. 16-17).

objeto, buscou a origem da palavra para identificar aspectos importantes com relação a sua essência, conteúdo e extensão. A palavra saúde, estado de são, salvação, conservação da vida, conhecimento de si, equilíbrio. Partiu-se de uma base referencial para buscar saber o que é a saúde e que esta depende de uma série de fatores para poder se ter saúde, relacionados a cada um ser social e ao todo; cada um só pode ter a dimensão do que é, como pessoa comum, se isto lhe for ensinado, incentivado e garantido também como um direito. Infelizmente no Brasil o modelo de saúde adotado não privilegia a prevenção, a atenção básica e complementar. O mercado de capitais determina a lógica do consumo quando a saúde é vendida em cápsula, comprimidos e serviços; a saúde como mais um produto e mercadoria à disposição nos balcões dos ‘planos de saúde’, balcão das farmácias e nas escolas de formação de recursos humanos em saúde. Na tese de mestrado “Características metodológicas e filosóficas da formação de recursos humanos em saúde (Médicos e Enfermeiros) e sua correspondência com o estado de saúde da população e a organização dos serviços de saúde no Brasil” (FARIAS; PANCERA, 1987), pudemos observar a desconexão entre o conteúdo da formação e os reais índices de estatística de saúde pública, inúmeras especialidades a serviço da indústria farmacêutica, de equipamentos e tecnologia hospitalar. Enquanto isto, nos postos de saúde dos subúrbios no Brasil falta o profissional da medicina chamado de generalista, pediatra, cuidados com atenção básica e medidas vitais de saúde: hidratação, amamentação, vacinação. Neste país de enfermos ainda se adocece de tuberculose, hanseníase, alta mortalidade infantil por falta de alimento, saneamento, higiene e atendimento.

O item VI- EDUCAÇÃO continua a tratar dos eixos e concepções com que trabalhamos, descritos no Livro de ouro a partir dos quais nos movimentamos e criamos os movimentos iniciais da ONG:

Do latim educ ere, educo, fazer sair, lançar para fora, avançar, tirar, dar a luz, fazer vir à tona, tornar-se consciente, conhecer e transformar a si próprio e ao meio em que vive. Educar a própria personalidade, desenvolver virtudes, bens espirituais, ideais transcendentais.

Educ ere processo de busca da essência humana, da sua capacidade de criar, de transformar a realidade, de erradicar com a miséria, a pobreza material e espiritual. Alcançar patamares superiores de vida, ser amante e praticante da liberdade, justiça, sabedoria, fraternidade. Conviver sem preconceito de raça, credo, cor: elevar-se à condição de ser universal.

Educação: uma aventura holística que reúne conhecimentos da filosofia (busca da sabedoria), religião (re-ligação entre o manifestado e o não manifesto), ciências (cum sciens tis, com ciência, consciência) e arte (intuições estéticas). Significa romper com o separatismo, partidarismo, o positivismo que impregnam a visão de mundo.

‘Educar não é forçar as naturezas, mas libertá-las do jugo da animalidade e das estreitezas animais, psíquicas e espirituais que aprisionam e são a causa do sofrimento’⁵⁸.

‘A educação não deve robotizar condutas, nem imprimir verdades. Pelo contrário, deve ser libertadora, promovendo a independência física, psíquica, moral e política dos homens’⁵⁹.

Cativar a população, valorizar o conhecimento e identidade cultural local, tornar o convívio de técnicos e artistas algo dinâmico, prazeroso, aguçando o senso crítico, a imaginação.

A história do estado Brasileiro traz a marca da exploração, da submissão e subserviência das classes populares, a resignação a qualquer forma de poder constituído. A ideia sempre presente de que o pobre é preguiçoso, indolente e violento, ou seja, a extrapolação das condições de vida (pobreza) à dimensão humana. A construção de uma nova identidade nacional e local requer o assentamento de uma sociedade em novas bases de relação homem - natureza - sociedade. A cultura da força substituída por relações de consenso.

Aos educadores sociais se coloca a difícil incumbência de trabalhar os preconceitos e estigmas que recaem sobre as classes subalternizadas, denunciar e interromper a reprodução da violência, trabalhar a convivência grupal e comunitária, exercitar a pedagogia da promoção,⁶⁰ utilizando-se de meios alternativos de comunicação no processo de grupalização, organização e capacitação da população para o exercício das relações de cidadania. ‘A verdadeira pedagogia na educação é a que ensina a despertar a própria capacidade de aprender, experimentar e viver.’⁶¹ Educ ere... (PANCERA, 1992, p. 18).

Não existe educação sem filosofia, nem filosofia que não seja para educar e conscientizar, ou mesmo para servir de base para as ciências. Esse movimento de renovação podemos perceber mais intensamente na física quântica, que muda seus paradigmas, perguntando “quem somos nós”⁶². Existem mais possibilidades de que as clássicas afirmações e modelos fechados. Pois então, lançar para fora, avançar, tirar, dar à luz, fazer vir à tona, não é algo novo, pois segue os princípios da maiêutica na atualidade, em contraversão com uma orientação de profundo respeito à condição de ser humano, na pedagogia de Paulo Freire. Buscar a realização de ideais transcendentais não significa idealismo, mas sim manter a chama da utopia daquilo que queremos alicerçado em valores éticos e morais, um tanto do que falta àqueles que ocupam posições e cargos de autoridade.

Educação é uma aventura holística que reúne múltiplos conhecimentos. É um desafio e não uma acomodação. Como aventura pode ser vivida pelos jovens de espírito que entendem mais de aventura. É o que dizem os cientistas da física quântica e não apenas os ‘sonhadores’ filósofos. Esta aventura para nós manifesta-se como caminho e caminhada, ou seja, “uma ideia na cabeça e uma câmera na mão”, de Glauber Rocha. Aí chegamos ao método de educação popular da Rádio Margarida, que, por meio das linguagens artísticas e

⁵⁸ O ideal político. Nova Acrópole.

⁵⁹ Projeto Saúde e Alegria. – educação e cultura.

⁶⁰ Pedagogia da Promoção Humana. “Educação e Mudança”, Paulo Freire, 1983.

⁶¹ Nova Acrópole. Manual interno, Jorge Angel Livraga.

⁶² Light&Lord of the Winds Films, 2004.

meios de comunicação social, estabelece a troca, respeita e reconhece o conhecimento e a cultura popular, quando procura cativar a população, valorizar o conhecimento e identidade cultural local, tornar o convívio de técnicos e artistas algo dinâmico, prazeroso, aguçando o senso crítico, a imaginação. Unir o conhecimento popular, a expertise do técnico, mediados pelas artes e pelo artístico que existe e resiste em cada um de nós.

Falamos, mais uma vez, do Estado Brasileiro e da ideologia das elites, mas também na perspectiva da construção de uma nova identidade, da substituição da cultura da força por relações de consenso, citando novamente a influência presente de Antonio Gramsci na concepção de educação e dos educadores sociais voltados à defesa das classes subalternizadas, utilizando-se de meios alternativos de comunicação no processo de grupalização, organização e capacitação da população para o exercício das relações de cidadania.

No item VI- ARTES, do Livro de ouro, tratamos deste eixo, colocado na razão de fato e de direito da ONG, Centro Artístico e Cultural. Neste caso é o ar que respiramos ou o que nos faz respirar. Assim, carinhosamente, apresentamos:



Do latim *arcte* ou *arte*, apertadamente, estreitamente, intensamente, ternamente. As várias formas de linguagem, de transmissão de conhecimento tem nas artes sua fiel companhia e cumplicidade. Da Grécia antiga temos o legado da civilização ocidental, herdamos a tragédia e comédia, música, oratória, poesia, escultura, pintura, dança, o culto do belo ⁶³. A arte é inerente ao ser humano, manifestação autêntica do eu, é a ampliação da imaginação, é a livre criação, é o procurar ser (sair fora).

Por meio das artes ⁶⁴ trabalhar os valores (criação e recriação), se lapida a *persona*, ⁶⁵ que vai se valorizando, capaz de desenvolver suas potencialidades; Inicia-se um processo de catarse, de ampliação dos sentimentos nobres. O eu mobilizado para a criação (o que não é o papel que se vive no dia-a-dia), tomado e inspirado. O desenvolvimento da sensibilidade, ou seja, tirar a carcaça da violência, da couraça que toma conta do corpo todo.

As artes propiciam a leitura real de uma cultura através dos símbolos, signos, sinais que as artes detêm (intuição estética) e o poder de comunicação. Estabelecer um

⁶³ Platão assinala que o belo é um dos primeiros princípios da natureza e que é mais perceptível através dos objetivos que nele participam. "O ideal político", livro do nível 2, Nova Acrópole.

⁶⁴ Entrevista com Maria Rita Freire Costa, atriz, arte-educadora.

⁶⁵ *Persona*, pessoa homem e mulher; ser humano com qualidades socialmente condicionadas e individualmente expressadas.

calendário e programa de trabalho que incorpore as várias formas de manifestações artísticas culturais: Círio de Nazaré, quadra junina, pastorinhas, carnaval, o carimbó, lundum, siriá, as lendas e mitos amazônicos, comidas, artesanato...

Nas visitas aos bairros e localidades ocorrem simultaneamente eventos artísticos e culturais (troca de informações, jogos, ginástica, festivais, concursos, banda, música, vídeo, radionovela, poema, artes plásticas, artesanato, fotografia...).

Além das linguagens já citadas, adotam-se outras formas e meios de comunicação (do latim *communicatio*: comunicação, participação, partilha, conversação), rádio e TV popular, jornal comunitário (meios de comunicação social), que desde o início das atividades devem registrar as fases de implantação do projeto, bem como construir importante meio de educação e comunicação popular. Utilizar-se de meios modernos, onde a população tenha acesso, vez e voz, torna cada um responsável, co-participante e protagonista da sua história, resgatando a perda de sua identidade cultural.

A rádio popular é uma simulação de uma emissora de rádio com programação variada de música, notícias. Prestação de serviços de utilidade pública. Onde já existir sistema de rádio de poste local (caixas de som ou bocas de ferro instaladas nos postes) se fará uma combinação, bem como fazer parte da programação das emissoras de AM e FM, com horários e participações a serem acordados.

A TV popular utilizando-se de equipamentos de vídeo, associados ao projetor e telão, serão gravadas as imagens e projetadas à população, no período de atividades. Equipes volantes, com a participação de pessoas da comunidade, registrarão fatos, acontecimentos, bem como editarão os vídeos educativos.

Jornal comunitário será um veículo de comunicação periódico, tratando assuntos de interesse interno e externo, divulgando as manifestações individuais e grupais das comunidades envolvidas, com pauta realizada pelos grupos locais. (PANCERA, 1992, p. 19).

Mesmo antes da primeira manifestação e aparição pública do cenário ambulante e elemento cênico, ônibus da Rádio Margarida, já eram concebidas as formas e representações artísticas de apresentação do Projeto-piloto e de suas linguagens. Primeiramente o nome Rádio Margarida, rádio no sentido de irradiação artístico-cultural, e Margarida uma homenagem materna. Pois então, já tínhamos um nome que não era pessoal e sim de uma proposta que também passou a ter um símbolo, uma logomarca que as religiões e contemporaneamente as empresas sabem muito bem o que é, sabendo da força e presença dos símbolos na vida humana. As linguagens artísticas adotadas não são um fim em si mesmo, não se justificam apenas pelo agradável, belo e bom, mas fazem uma ponte para sabermos e despertarmos para outras coisas, pelo menos no nosso caso, parte de uma obra com materialidade e presença. Mesmo na utilização dos meios de comunicação propostos, as expressões artísticas lá estavam e continuam dando vida, dinamicidade e movimento à comunicação compartilhada, participada. Todas as formas artísticas citadas foram utilizadas muitas vezes em diversos eventos, campanhas, projetos, programas próprios ou de terceiros. Dependendo da circunstância, em uma mesma atuação foram utilizadas várias linguagens, como um ato *show* que reúne teatro, teatro de bonecos, música, dança, vídeo, cinema popular e outras, bem como quando fazemos um vídeo educativo com participação de teatro de bonecos, animação com desenhos e interpretação de artistas em simulações de situações reais.

Ainda dentro do espírito artístico, tido aqui como inspiração e não idealismo, pode-se descrever e pensar sobre o item VIII do Livro de ouro, CONSIDERAÇÕES FINAIS, no qual registramos a dimensão da arte, cultura e princípios da ONG Rádio Margarida:

*Mudar é condição essencial,
Transformar o mundo,
Erradicar a fome, pobreza e a guerra.
Cultivar virtudes,
Incentivar a criatividade,
Tornar-se ator de sua vida e cultura,
Conquistar a liberdade!*
(PANCERA, 1992)

2.3 UM OLHAR ARTÍSTICO-CULTURAL ANTECIPATÓRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS (PESQUISA, PLANEJAMENTO E AÇÃO)

Nesta parte do Capítulo 2, continuaremos a trabalhar com dois tempos, ou seja, o tempo histórico, com citação de acontecimentos conforme o ocorrido, descritos em bibliografias e documentos, fazendo um movimento de ir e vir nas citações e tempos cronológicos de acordo com a questão e tema social abordado, bem como trabalharemos também com o tempo artístico e científico presente, trazendo o ocorrido até o momento atual.

Para que pudéssemos, ao longo de anos, ter uma visão antecipatória de políticas públicas, no sentido de compreender o que deve ser feito para melhoria da qualidade de vida das classes subalternizadas e em situação social de risco, foi pré-requisito o conhecimento e vivência da realidade na qual estávamos inseridos, acrescidos da vontade política individual e grupal dos participantes da ONG, ou seja, compreensão acrescida de vontade de transformação da realidade social, política e cultural na qual se vive. O conhecimento que pode ser alcançado de diferentes maneiras, mas, no caso do pesquisador que descreve este estudo, foi construído por meio de diversas aproximações e vivências: na esfera pública, por ter participado da gestão do órgão de Assistência Social do Estado e também na administração municipal da Prefeitura de Belém em setores nevrálgicos do planejamento urbano e Secretaria Municipal de Ação Comunitária, em contato direto com os movimentos sociais, organizações populares; e no trato direto com a população que buscava atendimento às suas necessidades e reivindicações. Além desta rica vivência pelo lado de quem recebe as demandas, tive a oportunidade de uma qualificação em nível superior, que me proporcionou uma experiência significativa em um país de regime socialista (República Socialista de Cuba), mesmo sem recursos materiais ou com recursos escassos, mas com vontade e consciência política de

construção de uma sociedade socialista. Ademais, neste percurso pode-se acrescentar a isto o olhar crítico da academia, da qual passei a fazer parte a partir do final dos anos oitenta (1989), a UFPA, que sempre esteve presente na vida do município de Belém e da região metropolitana.

O Livro de ouro retrata bem as influências descritas acima e pode ser considerado a primeira demonstração deste olhar antecipatório das políticas públicas, pois, conforme já descrito em suas breves páginas, tece uma narração de um determinado momento histórico de um contexto: com ênfase na descrição da localidade territorial e seus personagens, população, sua realidade e formação econômica, social, cultural. Com o apoio de índices e dados estatísticos, procurou-se demonstrar o que a olhos nus a população ou senso comum não via diretamente, mas, com as lentes e focos apurados e ajustados, pudemos passar a demonstrar e descrever, estabelecendo comparações dos indicadores do local observado, com outras regiões e localidades. Assim sendo, coloca-se o conhecimento com base na ciência, e a informação traduzida em linguagem acessível à disposição de uma coletividade, na busca de traduzir e possibilitar a reflexão daquilo que empiricamente já se vive e se expressa no senso comum.

Enfoques abordados no Livro de ouro continuaram a ser planejados por nós, ONG Rádio Margarida, buscando-se meios para intervenção nesta realidade. Neste sentido, propostas foram apresentadas a gestores governamentais, empresas, ONGs e demais setores, contendo dados e sistematizações para realizações de trabalhos planejados, diferenciados por circunstâncias, em forma de campanhas educativas, projetos, programas e ações de educação. Estas proposições, ao longo de dezessete anos de produção artístico-cultural (de 1991 a 2008) e até o presente momento, formam um conjunto de resultados que possibilitaram dar respeito, credibilidade e visibilidade à ONG Rádio Margarida, bem como respaldo a sua maior especialidade que é o método de educação popular e também ao que se intitula na atualidade por tecnologias sociais.

Em alguns casos, que citaremos a seguir, podemos mostrar a trilha que foi traçada por nossa influência direta, gerando mudanças significativas no cenário local, regional e até além das fronteiras; casos nos quais nossa visão, olhar e proposições influenciaram no âmbito das políticas públicas, nas mudanças do plano físico da cidade em nível de obras e serviços, na mentalidade de dirigentes e governantes, bem como na sociedade civil organizada e população atendida em geral. Em algumas outras situações também sabemos de nossa influência pelo fato de sermos citados e referendados por outros, que veem a ONG Rádio Margarida no site de busca “Google”, na internet, além de uma considerável quantidade de artigos de jornais, revistas e menções feitas ao nosso nome.

Quanto à influência que exercemos para formação e organização da cultura, temos a clareza pelo que produzimos, bem como pelo que nos é relatado e registrado por terceiros, de que não fomos figurantes neste espetáculo, cujo palco principal é a cidade de Belém. Múltiplas interfaces por nós já realizadas com diversos temas, agentes sociais, parceiros, população envolvida, atuações junto aos movimentos sociais e uma imensidão de possibilidades foram abertas, das quais não temos dimensão e condições de mensurar. Somente com a Fundação AVINA, que é um dos parceiros da ONG, desenvolvem-se trabalhos levando as tecnologias sociais da organização para outros estados do país e o resultado é transmitido a dezoito escritórios desta fundação na América Latina.

Ao focarmos alguns trabalhos desenvolvidos, que demonstram o olhar antecipatório das políticas públicas, vamos continuar a relembrar as citações do Livro de ouro, pois estas apontavam para questões sociais que foram e continuam sendo objeto de atuação da ONG. Para exemplificar o que estamos descrevendo, e afirmar que não ficamos apenas no plano da identificação dos problemas, vamos narrar os acontecimentos que tiveram nossa participação direta.

Ao citarmos os acidentes de trânsito como sendo uma das principais causas de morbidade e mortalidade no ano de 1992, na cidade de Belém, não tardou muito para que fôssemos na época ao órgão responsável, o Departamento de Trânsito do Estado do Pará (DETRAN-Pa), dirigido na ocasião pelos militares (Coronéis, Tenentes, Capitães) da corporação da Polícia Militar do Estado. Dirigimo-nos aos órgãos pedindo audiência para falar dos índices estatísticos de saúde pública e do nosso olhar com proposições educativas para a diminuição da alta incidência de acidente de trânsito.

As abordagens que sempre procuramos fazer das questões sociais, culturais e de interesse coletivo foram e continuam sendo para demonstrar colaboração, ou seja, trabalhar em conjunto a fim de planejar, pensar, elaborar políticas e intervir na realidade, mesmo que para isto tenhamos que ter uma grande persistência e boa dose de paciência. Assim sendo, conseguimos realizar no ano de 1993 as nossas primeiras ações junto ao DETRAN-PA, talvez uma das primeiras feitas com a participação da sociedade civil na sua organização e direção, sendo estas: campanha educativa de verão, que foi realizada nos balneários de Mosqueiro, distrito de Belém e no município de Salinópolis, durante o mês de julho e semana de educação de trânsito, realizada em setembro do mesmo ano, dando suporte e apoio ao frágil e quase inexistente setor de educação do órgão (PANCERA, 2002, pp. 50-51) ⁶⁶. As nossas buscas e

⁶⁶ Em virtude da avaliação positiva do DETRAN com relação ao trabalho realizado na Campanha Educativa de Trânsito, fomos procurados pela direção desse órgão para a realização da Semana de Trânsito, ocorrida no

persistências com este Departamento passaram por muitas administrações, sempre no sentido de se priorizar e incorporar permanentemente a educação como sendo a principal forma de prevenção e diminuição da gravidade das ocorrências de acidentes e mortes no trânsito, e continuávamos na persistência... Até que em junho de 1999 fomos convidados a participar do planejamento estratégico do DETRAN-PA. As nossas proposições apontaram para a criação de um programa permanente de educação de trânsito, com equipes destinadas e capacitadas especificamente para este fim. O resultado desta participação colaborou para a largada inicial de prevenção de acidentes de trânsito no estado, de forma sistematizada e organizada, pois foi criado o Programa Pacto Cidadão Pela Vida no Trânsito, a partir de bases de pesquisas sobre locais de periculosidade, situações e condutas no trânsito, bem como pela adoção da arte-educação como modelo para ações de educação.

No planejamento estratégico do qual participamos, houve uma colaboração efetiva, com destaque para as participações da defensoria pública, Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), ONG Rádio Margarida e da nova direção do DETRAN, promotora do evento. A partir da consultoria da ONG Rádio Margarida, detalhavam-se os seguintes meios e linguagens de interlocução junto à população para a criação de um programa permanente de educação: utilização da radiodifusão para comunicações massivas, sendo necessário orientar para a formatação dos programas, com arte, informação e educação no trânsito; equipes de arte-educadores com utilização de linguagens artísticas, como o teatro, palhaços, bonecos, adereços cenográficos das situações de trânsito (carros, bicicletas, celulares, placas, semáforos...); produção de materiais educativos (cartilhas, vídeos, jogos...); descentralização das ações do órgão, além de medidas de melhoria de atendimento ao público usuário dos serviços do órgão, combate a burocracia, corrupção e qualificação de recursos humanos...As nossas proposições foram em parte acatadas, pelo menos no que convinha ao órgão gestor do trânsito, DETRAN. O que acabou sendo conveniente foi acatar as indicações sem a nossa participação na execução do programa, fato ocorrido devido as divergências entre o que foi proposto e o encaminhamento destas, situação corriqueiramente comum nas relações da sociedade civil organizada com gestores de órgãos e instituições governamentais.

Somente voltamos a atuar junto ao DETRAN no Programa Pacto Cidadão Pela Vida no Trânsito, no ano de 2003, já em outra administração do órgão, em campanha de verão que

período de 17 a 25 de setembro de 1993, cujo slogan foi “Trânsito: Sem Educação Não Há Solução”. Essa semana começou com a exposição de veículos envolvidos em graves acidentes, bem como de equipamentos usados no controle, na prevenção e segurança no trânsito. À Rádio Margarida coube a tarefa de demonstrar situações vivenciadas no trânsito, com orientações básicas de segurança, indicando o comportamento correto em seus deslocamentos. “Embora fossem destinadas principalmente ao público infanto-juvenil, as peças, surpreendentemente atraíram mais os adultos” (O LIBERAL, apud PANCERA, 2002, P. 54).

alcançou resultados significativos registrados no jornal “O liberal”, com a seguinte manchete: “Pacto garante segurança nas estradas e municípios. Programa de educação no trânsito reduz em mais de 30% o índice de acidentes e vítimas fatais nas rodovias do estado”. Em outro título da matéria jornalística que ocupou uma página inteira, lê-se:



Embarca cidadão, a barca de aproximadamente 15 metros do Pacto Cidadão Pela vida no Trânsito, do Departamento Estadual de Trânsito – DETRAN, continua sendo a grande sensação neste período de férias em Salinas. A barca está ‘ancorada’ na principal pista de acesso da praia, recepcionando assim, banhistas e visitantes, que durante quatro horas participavam de atividades de educação no trânsito através de música, dança e teatro. (PROGRAMA, 2003, p. 1).

A barca e as atividades descritas na matéria foram produção da Rádio Margarida, dentre outras, realizada com arte, sensibilização, manipulação de boneções, palhaços, adereços e distribuição de materiais informativos. A maior colaboração a ser destacada foi a nossa participação, ou seja, a influência e interferência direta da sociedade civil organizada na criação de um programa institucional de prevenção a acidentes de trânsito, de caráter educacional, que incorporou a arte-educação como meio e modo de desenvolver um processo de mediações sucessivas para diminuir a gravidade e fatalidade de acidentes de trânsito. O Programa Pacto Cidadão Pela Vida no Trânsito existiu com esse nome e dimensões até o final do ano de 2006, contando-se assim pelo menos seis anos ininterruptos de execução até a mudança de redirecionamento governamental, por causa da troca de mandato de governo e gestão do órgão. Em maio de 2008, solicitamos à assessoria de imprensa do órgão dados sobre os resultados alcançados neste período de execução do programa, principalmente com relação à redução dos acidentes de trânsito, com e sem vítimas, dados que eram acessados no site oficial do órgão e que foram retirados, assim como o nome do programa de educação no trânsito.

Realizamos nestes 17 anos de existência, multiplicidades de produções artísticas e culturais, direcionadas às questões sociais relacionadas à saúde, cidadania, educação, cultura, ao meio ambiente, etc. Criações e concepções desenhadas a partir do Projeto-piloto e com o estatuto do Centro Artístico Cultural Belém Amazônia, ONG Rádio Margarida, bem como de acordo com a opção desenhada para a sua missão: irradiar arte, cultura e educação popular,

para melhoria da qualidade de vida na Amazônia, voltada ao atendimento das necessidades humanas prioritariamente de crianças e adolescentes. Sempre buscamos focar nossa atenção e esforços direcionados a um público prioritário, sendo este de crianças e adolescentes, por razões já destacadas, concernentes à escala de prioridades que estas ocupam no sistema de relações de produção e processo de exploração das classes subalternizadas, ou seja, uma população ainda “não-produtiva” na escala de economia capitalista, dentro de cenários nos quais existe mão-de-obra barata em abundância. Crianças abandonadas pelas famílias, sem condições de estudo, moradia, alimentação, afeto, carinho e cuidados básicos, levadas prematuramente, pelas condições de sobrevivência, a trabalhar na maioria das vezes, em condições precárias, expostas a riscos graves de violência⁶⁷: violência doméstica⁶⁸, abuso sexual⁶⁹, trabalho infantil⁷⁰, dentre outras formas de violência. Crianças e jovens sendo colocados em risco de morte, prejudicando a saúde e o desenvolvimento pleno e íntegro como pessoas e cidadãos. Portanto, desde que pudemos dar os nossos primeiros passos como organização, procuramos desenhar projetos, propostas de educação, buscar parceiros na sociedade civil e cobrar providências de políticas públicas para crianças e adolescentes.

Acompanhamos, no final dos anos 80 e início da década de 1990, a luta do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua pela criação e efetivação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no qual os meninos e meninas de Belém tiveram liderança nacional, pelo trabalho histórico do Movimento de Emaús, expressão da República do Pequeno Vendedor, cujo compromissado trabalho de educação de base deu suporte à organização local e nacional dos meninos e meninas. A promulgação da Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990, foi uma conquista, mas não bastava, porque o maior desafio viria depois na sua implantação e efetividade.

Sentindo e avaliando o impacto imediato da aprovação do ECA na opinião pública em geral, que desconhecia o Estatuto, entendemos que este grande contingente populacional, no qual prevalece o senso comum, poderia ser manipulado por falas e discursos reacionários que

⁶⁷ “A violência contra criança pode ser compreendida como qualquer ação ou omissão que provoque danos, lesões ou transtornos a seu desenvolvimento. Pressupõe uma relação de poder desigual entre o adulto e a criança” (MATOS; PANCERA, 2007, p. 11).

⁶⁸ “Toda violência física, psicológica, verbal ou sexual que ocorre no ambiente do lar. A violência doméstica pode ocorrer com crianças, adolescentes, adultos e idosos”; Idem nota de rodapé anterior, p. 15.

⁶⁹ “É um tipo de violência em que o agressor busca satisfazer-se sexualmente, através da dominação ou explorando a sexualidade de outra pessoa. É toda a situação em que crianças ou adolescentes são usados para satisfação sexual de pessoas mais velhas, baseada numa relação de poder desigual”... (Ibid, p. 20).

⁷⁰ “É proibido o trabalho para menores de 14 aos 16 anos; dos 14 aos 16 anos, é permitido na condição de aprendiz” (ECA – art. 60). “Acima de 16 anos, é permitido com a garantia dos direitos trabalhistas e previdenciários” (BRASIL, 2004).

se manifestaram dizendo que o ECA protegia bandidos. Ao refletir estratégias de informação e convencimento, bem como ao fazer a leitura dos discursos desprovidos de análise histórica, já antevíamos dificuldades por vir e desafios a seguir. Quanto a isso, podemos dizer do nosso olhar também antecipatório da necessidade de como os movimentos sociais devem estar atentos e articulados para se posicionar antecipatoriamente e organizadamente para defesa dos direitos sociais conquistados e impedir, conforme vem se repetindo ao longo da vigência desta lei, o retrocesso da diminuição da maioria penal (vide exemplo da última grande investida dos setores conservadores e reacionários, realizada com alarde pela grande mídia em abril de 2007 e com desdobramentos até os dias atuais).

Em muitos projetos, campanhas e ações da ONG Rádio Margarida nos direcionamos firmemente com o objetivo de divulgar e difundir o ECA, a fim de decodificar e traduzir a lei, na perspectiva do que foi a sua conquista para as classes subalternizadas, interpretá-la na sua íntegra, com destaque para os direitos assegurados na Constituição. A difícil tarefa era e continua sendo divulgar e difundir o ECA, fazer isso massivamente, por diferentes meios e modos, de maneira agradável, de forma que se pudesse entender, incorporar e multiplicar os seus preceitos e alcance social. Possibilitar que o ECA pudesse ser levado para dentro de casa, discutido em sua abrangência de direitos humanos e das crianças e adolescentes, ser levado para as comunidades, escolas, meios de comunicação...

Começamos a dar os nossos primeiros passos de divulgação do ECA ainda no ano de 1993, recém-promulgada a Lei, sendo este ensaio um trabalho em parceria com o Movimento de Emaús, expressão da República do Pequeno Vendedor:

Dando continuidade à organização e estruturação do CACBA, continuamos as articulações para se realizar outros trabalhos, sendo uns remunerados e outros de adesão e solidariedade. Assim, no dia 17 de outubro, fomos às ruas em comemoração ao aniversário da Rádio Cultura e, no dia 7 de novembro, participamos da manifestação em apoio ao Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, ocorrido em novembro de 1993. Nesse mesmo período, tivemos a grata satisfação de estabelecermos conversações com o padre Bruno Secchi, que nos ofereceu apoio para montagem e realização de um espetáculo artístico de teatro, teatro de bonecos, música e dança, no qual divulgamos o Estatuto da Criança e do Adolescente e a realização do 1º Encontro Nacional de Meninos e Meninas de Rua. Esse apoio profissional e cultural foi fundamental para que levássemos esse espetáculo ao bairro periférico do Bengui, na escola Maria Luiza da Costa Rego, para estudantes e população em geral daquela comunidade. (PANCERA, 2002, p. 62).

O desafio estava colocado e a maneira que encontramos de fazer a divulgação e difusão do ECA, bem como a propagação da defesa dos direitos de crianças e adolescentes, ocorreu com base naquilo que iniciávamos e sabíamos fazer, por meio das linguagens

artísticas, numa produção cultural reunindo teatro, dança, música, o lúdico presente na maneira de falar com o público em geral. Na citação anterior, podemos dizer que se registra o início de uma jornada de incontáveis atos (diversidades de eventos, projetos, programas sociais) de apoio ao ECA, dos quais destacaremos, a seguir, os que consideramos mais significativos para o cumprimento deste objetivo e expansão das ações da ONG Rádio Margarida. Neste quase início de carreira, nós: ONG, crianças, adolescentes, jovens e população em geral, contamos com a providencial colaboração do UNICEF:

Esta primeira aproximação resultou da elaboração do Projeto Criança Esperança, que levou o mesmo nome do fundo de arrecadação de recursos financeiros para financiamento de entidades sociais em apoio à criança e ao adolescente. O objetivo geral dessa proposta foi popularizar o Estatuto da Criança e do Adolescente, motivando crianças, adolescentes, adultos e idosos por meio de oficinas de arte-educação. A realização desse projeto iniciou em janeiro do ano de 1995.

Na apresentação do Projeto Criança Esperança, destacamos que a arte está presente no universo do ser humano, manifestação autêntica do eu; a arte é a ampliação da imaginação, é a livre criação, é o procurar ser (lançar para fora). Alimentar o encontro da arte com aqueles que não dispõem de meios e, portanto, não conhecem os instrumentos em potencial que possuem, é um desafio que parece irreal, utópico, porém o real é consequência de sonhos que não envelhecem. Fazer de crianças e adultos possíveis artistas é libertá-los da prisão da ignorância, do despreparo, da solidão, da carência.

Na justificativa do projeto, ressaltamos a importância do Estatuto da Criança e do Adolescente como instrumento, meio e fim da garantia dos direitos humanos e de cidadania; para popularizar o ECA, e nada melhor do que as próprias crianças tornarem-se agentes multiplicadores de informação; capacitá-las por meio de oficinas de artes e montar com elas um produto final, na verdade, um espetáculo surgido das suas necessidades, dificuldades e problemas e que sirva para apresentar os novos artistas à comunidade, os quais transmitirão como mensagem os direitos contidos no Estatuto. (PANCERA, 2002, pp. 82-83).



Jogaram Cinza no Meu Sonho Colorido

*Em um lugar, não longe daqui,
Onde crianças abandonadas adormecem nas calçadas,
Outras das escolas afastadas,
No lixo enfiadas, cedo escravizadas.
Este pesadelo de sombras,
Homens cinzas, tutores, ditadores
Invadem o sonho colorido dia-a-dia,
Tirando as cores da minha alegria.
(PANCERA, 2002).*

O olhar antecipatório das políticas públicas, desmistificando qualquer conotação de adivinhação ou previsões além da realidade, é, antes de qualquer coisa, estar em plena sintonia com os movimentos sociais, ouvindo de perto as necessidades da população e da organização da sociedade civil. O olhar antecipatório tem de ser criativo, empreendedor, bem como propositivo no sentido de buscar soluções nas situações nas quais se vê apenas

problemas; superação de estigmas e preconceitos, mediações imprescindíveis nas relações de produção e reprodução da vida existente, para avançar na luta e avanços dos direitos sociais. Neste sentido, a nossa colaboração continuava, dentre outras, agora em destaque com o Projeto Educação é Imaginação: Arte-educação, Linguagens em Movimento que foi realizado no período de novembro de 1995 a maio de 1996 em conjunto e com apoio do UNICEF, conforme descrevemos a seguir:

*Há um ponto onde todas as
coisas e seres se tocam:
o momento da criação,
sem barreiras ou muros.
Explode coração,
EDUCAÇÃO é IMAGINAÇÃO.
(PANCERA, 2002).*

Ao justificar o caos em que se encontra a educação em nosso país e no nosso estado, com centenas de crianças e adolescentes fora da escola por inúmeros fatores, ocasionando o aparecimento de problemas sociais reforçadores da delinquência, propusemos a criação de estímulos alternativos para as escolas públicas se tornarem um centro educacional de excelência na comunidade. Entendemos que a Arte-Educação é capaz de chamar a atenção, despertar o interesse, estimular a criatividade, buscando a sensibilização pelo lúdico, mágico, misterioso; aprendizagem pela manipulação, ideação e recreação. Atividades que não coloquem somente a palavra como fator mais importante das relações, mas linguagens em movimento, quer dizer, o corpo, a manipulação e a ideia em movimento, construindo uma peça, um artefato, aprendendo habilidades, por meio de oficinas de papel artesanal, grafismo em cuia, confecção de instrumentos de percussão, teatro de bonecos, danças folclóricas, pintura mural, fotografia artesanal, jogos e dinâmicas de grupo, assim como levando a palavra e a informação principalmente alicerçadas no ECA. O público-alvo são as crianças e os jovens, de 10 a 17 anos, com orientação sobre sexualidade, DST-AIDS, gravidez precoce, drogas, violência, educação, trabalho, direitos humanos e cidadania. (PANCERA, 2002, p. 93).

Em artigo do jornalista Dênio Maués (1996, p. 1), publicado no jornal ‘O Liberal’, registra-se a reportagem “Em terra firme”, Rádio Margarida colhe os frutos de seu trabalho na periferia e festeja o primeiro ano de parceria com o UNICEF:

Há quatro anos desenvolvendo projetos de arte-educação com crianças e adolescentes de bairros da periferia de Belém, a Rádio Margarida está contabilizando o sucesso do convênio com o UNICEF, assinado há um ano, e anuncia novas oficinas a serem realizadas em fevereiro como continuidade ao Projeto ‘Educação é imaginação’, desenvolvido desde dezembro [...] As discussões críticas são uma das características da Rádio Margarida. De janeiro a maio do ano passado, por exemplo, as oficinas de rádio, teatro e teatro de bonecos desenvolvidas nos bairros do Jurunas, Guamá, Sacramenta, e Marambaia não terminaram sem que o Estatuto da Criança e do Adolescente houvesse sido dissecado.

Neste mesmo ano de 1995 vivenciávamos o crescimento da violência urbana levando precocemente adolescentes e jovens à prática de delitos, fazendo com que muitos cumprissem

medidas socioeducativas, outros fossem parar nas prisões. Também vimos o aumento da impunidade e mais atos de violência. Em articulação com a sociedade local, estivemos presentes em várias discussões na busca de atuações para diminuição do fenômeno da violência:

No decorrer do ano de 1995, várias entidades públicas, governamentais e ONGs (Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente de Belém, UNICEF, Juizado da Infância e Juventude e Agência Griffó), participaram de fóruns e grupos de trabalhos para a discussão do fenômeno violência, focalizando as “gangues de rua”. Com base nessas medidas, elaborou-se a proposta de chegar à juventude e à comunidade em geral, enfatizando valores que enalteçam o belo, o estético, o lúdico, a natureza, liberdade, imaginação, amizade, cidadania, organização e principalmente a não-violência. Daí surgiu o *slogan* da campanha: “Juventudo! Para a juventude: tudo! Para a violência: nada! (PANCERA, 2002, p. 107).

A campanha publicitária e o seu *slogan* não decolaram, por conta da ausência de verbas e de falta de interesse da Prefeitura Municipal de Belém e de outros fatores, mas nós, ONG, e o UNICEF, que havíamos vivenciado intensamente este processo, resolvemos desenhar, em conjunto, uma proposta de trabalho que acabou se tornando o Projeto Juventudo: Esporte, Cultura e Lazer Para os Jovens de Belém⁷¹, que teve a sua primeira execução de novembro de 1996 a junho de 1997, e a sua segunda edição realizada de outubro de 1997 a março de 1998. Podemos afirmar que este projeto teve ampla repercussão alcançando resultados significativos de acordo com os objetivos propostos naquele momento, tendo sido reconhecido pelo UNICEF como uma abordagem educativa eficiente dentre outras por nós desenvolvidas. Isso contribuiu para que fôssemos indicados como entidade de referência no trabalho com crianças e jovens a um concurso internacional, obtendo uma premiação, por meio do escritório do UNICEF Holanda, que resultou em uma doação da “*National Lottery of the Netherlands*”, ou seja da loteria Nacional da Holanda, que enviou ao Brasil uma equipe de filmagem da RTL Television – *National Dutch Television*, a fim de realizar a produção de uma matéria sobre nosso trabalho, a ser exibido em canal aberto da Rede Holandesa de Televisão. A experiência deste projeto também foi inscrita no Prêmio Itaú-Unicef, educação e participação – 1997, ao qual concorremos com 368 inscrições, ficando entre as 35 finalistas.

Os registros desta vivência do Projeto Juventudo foram efetuados de diversas maneiras: relatórios, fotos, depoimentos em áudio, edição de jornal em vídeo com a síntese de

⁷¹ No projeto por nós apresentado, juntamos em sua argumentação as conclusões das discussões desse fórum, com dados do Diretório Regional Norte do UNICEF e parte das narrativas e escritos realizados pelo oficial de projetos da área de educação do UNICEF, Reinaldo Bulgarelli, além das contribuições do Juizado da Infância e Adolescência e Conselhos. (PANCERA, 2002, p. 107-108).

cada vivência nos bairros e localidades trabalhadas, bem como elaboração de monografia, Trabalho de Conclusão de Curso de Serviço Social, da UFPA, vamos citar algumas passagens que avaliam a experiência no Projeto e cenário dos acontecimentos:



A partir desse cenário, associado ao acúmulo de experiências vivenciadas com crianças na Região Metropolitana de Belém, é que apresentamos o “Projeto Juventudo: para a juventude de Belém, tudo de bom: esporte, cultura e lazer. Para a violência, nada!”. Onze bairros foram contemplados. Seu período de duração foi de dezembro de 1996 a junho de 1997, com alcance direto de 1.650 jovens e indireto de 13.810 pessoas da população em geral. A finalidade do Projeto era promover atividades de esporte, cultura e lazer na Região Metropolitana de Belém e adjacências, como meio educativo junto às crianças e principalmente aos adolescentes, colocando em debate a centralidade da escola e a qualidade do ensino, saúde, violência, trabalho infanto-juvenil e

demais questões sociais. Todo o processo operacional transcorreu nos objetivos de sensibilização da população para a importância das atividades de esportes, cultura e lazer; de sua mobilização por meio das linguagens artísticas e dos meios de comunicação, em destaque o vídeo e o cinema popular; da realização de eventos, jogos, gincana, shows e ações de curta duração, além de influenciar a médio e longo prazos as políticas públicas do estado nos seus conteúdos e nas relações com ONGs e sociedade civil organizada.

[...] Na verdade, todos os bairros foram participantes ativos na realização do Juventudo e, durante os três dias, interagimos de forma verdadeira. Os jovens faziam amizades, conheciam novas pessoas, namoravam, dançavam, brincavam, jogavam e etc., ou seja, exercitavam seus direitos à cidadania. Os agrupamentos existentes que se encontravam desarticulados se organizavam no processo de trabalho do Projeto, dando um novo fôlego para o grupo, como nos escreveu a coordenação do movimento jovem Jocrijó, do bairro do Bengui:

Esta mensagem é para toda a direção deste evento. Obrigado Rádio Margarida, por vocês darem essa grande força para todos os grupos do nosso bairro, porque nosso bairro precisa de muita força, mas até hoje ninguém nunca pensou em fazer nada por nosso bairro. A única coisa que muitas pessoas fazem é criticar as pessoas que querem fazer alguma coisa. Espero que vocês não esqueçam da gente. O nosso grupo agradece de coração a todos vocês. Se não fosse Jesus Cristo e a força de vocês, o nosso movimento jovem não tinha ressurgido com toda a sua garra do mundo. Que Deus esteja com vocês e com todos os grupos onde quer que vocês estejam. Obrigado por tudo.

[...] Este e outros agradecimentos comprovaram a credibilidade e a eficácia do Projeto, por meio do qual a população deixava de ser simples receptora de informações, para também as retransmitir. Mediante um conhecimento mas crítico da realidade, cada grupo desvelava as razões do fenômeno Violência Urbana, partindo de uma compreensão global da vida de cada um, vivenciando, interpretando, vendo, sentindo a situação a que estavam sujeitos. Assim, reconstruíram suas vidas com arte e criatividade.

No momento em que compreendiam o seu cotidiano, também visualizavam soluções para o problema, por meio das manifestações artísticas do bairro, da necessidade de organização e, principalmente, com a continuação da proposta oferecida pelo Projeto, como ocorreu no bairro da Terra Firme, onde - segundo informações de um pesquisador com mestrado em antropologia -, em termos de esporte, cultura e lazer, o Projeto Juventudo ficou como um referencial para os jovens que estavam organizando uma programação semelhante no bairro. (GUEDES, 1997 apud PANCERA, 2002, pp. 109-114).

Não Precisamos da Violência

*Hoje eu acordei triste
Pensando em violência
Essa grande desgraça
Tanto em casa como na rua em evidência*

*Aqueles pobres adolescentes
Aquelas mães sofridas
Que sem nada a ver
Acabaram destruídas*

*Eles matam para não morrer
Eles lutam para sobreviver
Largam tudo e vão para a rua
Vão apenas para sofrer*

*É o poder que faz a violência
E manipula a adolescência
É uma tristeza
Mas jamais haverá decência*

*O povo devia se juntar
E toda a sua existência
E dizer alto, bem alto
Não precisamos mas da violência.
(Autor desconhecido)⁷²*

Na sua segunda versão, o Projeto Juventudo aconteceu no período de outubro de 1997 a março de 1998. Durante 05 meses, percorreu 10 bairros da Região Metropolitana de Belém, atuando em 59 localidades, articulando 76 instituições e grupos jovens. O Projeto realizou 20 *shows* culturais com presença aproximada de 10.500 pessoas, 12 eventos esportivos com 1.710 participantes, alcançando um total de 12.210 pessoas. As metas iniciais de atender 2.500 jovens diretamente e 5.000 pessoas de forma indireta foram superadas, conforme relatório de atividades do ano de 1998, do Centro Artístico Cultural Belém Amazônia/ ONG Rádio Margarida e relatório específico do projeto direcionado ao UNICEF e UFPA, respectivamente patrocinador e entidade parceira.

⁷² Projeto Juventudo (PANCERA, 2002, p. 115).

Temas e mensagens elaborados por equipes de jovens eram trabalhados para peças teatrais apresentadas pelos artistas e protagonistas: adolescentes e jovens...

Levanta Geração de Adolescentes

Levanta geração de adolescente!

Vamos fazer esse PAAR mais decente,

Sem teres que passar pela tortura do errar,

E depois de cair se levantar.

(adolescentes e jovens da área denominada PAAR, RMB)

Perseguindo os nossos objetivos de divulgar e difundir o ECA, das mais diferenciadas e criativas formas e meios, dentro daquilo que sabíamos e podíamos fazer, a partir do olhar antecipatório das políticas públicas e de responsabilidade social, continuamos propondo e ousando outras maneiras de alcançar diversos públicos. Assim, foi criado o Programa de Rádio Pará Popular, que teve como objetivo geral:

Utilizar o potencial de comunicação e popularidade da radiodifusão em amplitude média (AM), abordando em sua programação temas ligados ao Estatuto da Criança e do Adolescente; medidas vitais de saúde, trabalho e prostituição infantil, gangues de rua, uso de drogas, etc., com abrangência à população da capital e do interior do Pará, assim como ouvintes de Ondas Tropicais na mediação da Amazônia Legal. O programa teve a duração de seis meses sendo veiculado na Rádio-Liberal AM, todo domingo num intervalo de 30 minutos em que contava com a participação dos ouvintes opinando sobre assuntos polêmicos. A duração foi de dezembro de 1997 a junho de 1998. As parcerias foram o UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância, Projeto Criança Esperança; Universidade Federal do Pará – Projeto de extensão “Rádio-ação: Linguagens Artísticas e Meios de Comunicação”, Programa de Educação à distância, Departamento de Comunicação, Centro de Letras e Artes. Uma realização do CACBA – Rádio Margarida e Sistema Rômulo Maiorana – Rádio Liberal AM/OT. (CENTRO..., 1998).

Breves citações deste Projeto também foram assim descritas:



Em dezembro, participamos da campanha de combate à AIDS, cujo tema era “Crianças vivendo com AIDS, o Pará dá um abraço” e, enfim, entramos no ar transmitindo o primeiro programa do Projeto Pará Popular, cujo tema foi a erradicação do trabalho infantil. Todo domingo, iniciando às 07h30min da manhã, com meia hora de duração; com o tempo chegamos até uma hora semanal. Por meio de um programa ao vivo tratamos de diversos temas, trazíamos um entrevistado, visitávamos com o repórter diversas localidades de Belém, entrevistando pessoas e obtendo opiniões a respeito do tema discutido. O microfone era aberto à participação

dos ouvintes, que faziam perguntas, davam depoimentos e relatavam acontecimentos. A média de ligações variava de 5 a 11 chamadas, dependendo do tema discutido.

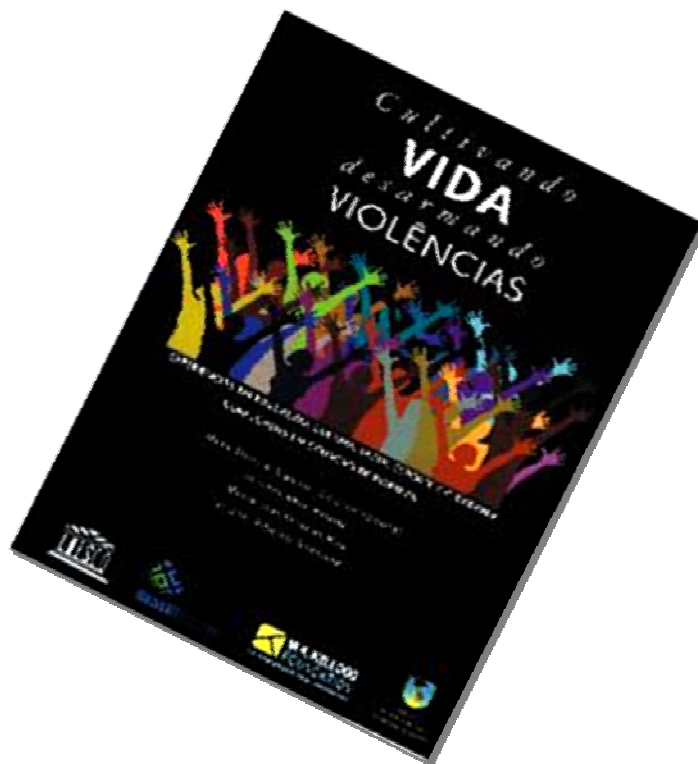
Desestruturação familiar, direitos humanos, Estatuto da Criança e do Adolescente, novo código de trânsito, saneamento básico, erradicação do trabalho infantil, gravidez precoce, entre outros, foram uma sequência do que seria inicialmente a produção de 24 programas ou seis meses de duração levados ao ar, o que acabou sendo uma produção de 36 programas com nove meses de permanência na emissora. O programa só deixou de ir ao ar por ausência absoluta de recursos para pagar locutor, estagiários e produtor. (PANCERA, 2002, p. 125).

A nossa intervenção voltada para a radiodifusão tem data anterior à citada (dezembro de 1997) e continua se prolongando até o presente momento (abril de 2008), em diversas modalidades: capacitação de recursos humanos para rádios comunitárias (1997 a 1999 – AAPCS), programas e produtos para rádio (2001 a 2002 – BNDES - UFPA); radionovelas educativas (2005 edital e concurso nacional – Rede ANDI); pesquisa sobre o perfil das rádios e dos radialistas do estado do Pará, com relação aos temas: ECA e defesa dos direitos de crianças e adolescentes, meio ambiente e responsabilidade social (2005 - Fundação AVINA); músicas e radionovelas educativas (2005 – INFORMARTE - MEC); certificação de tecnologia social de Radionovelas Educativas (2006 – Fundação Banco do Brasil); radionovelas educativas em defesa de crianças e adolescentes (2007-2008 - PETROBRAS), com continuidade e renovação para o ano de 2009.

A nossa visão e o olhar antecipatório das políticas públicas foram acompanhados de persistência para realização dos objetivos por nós traçados, objetivos que foram forjados no compromisso da luta pelo avanço e garantia dos direitos de crianças e adolescentes, direitos humanos e de cidadania. Os resultados daquilo que fizemos foram de grande valia para nós e para a coletividade na qual estávamos inseridos, uma efetiva colaboração ao sistema de garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes. Obtivemos o reconhecimento de nosso trabalho em nível local, bem como por instituições nacionais e internacionais. Nesse sentido, podemos citar o apoio recebido do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para nosso desenvolvimento organizacional, registrado em citação de publicação com o título “Programa de apoio a crianças e jovens em situação de risco social”:

Na Amazônia, onde as distâncias entre as povoações são grandes e a oferta de atividades de lazer para as comunidades mais pobres é pequena, o Centro Artístico Cultural Belém Amazônia descobriu um modo de levar às populações da periferia das cidades um trabalho cultural de alto nível e perfeitamente integrado às condições da região [...] Com o apoio do BNDES o CACBA vai adquirir equipamentos de áudio e de vídeo visando a expansão de suas atividades (PROGRAMA, 2000, p. 54).

Também recebemos reconhecimento e premiação da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO). Tal reconhecimento aparece na publicação do livro “Cultivando VIDA, desarmando VIOLÊNCIAS: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza”.



Este estudo versa sobre experiências promovidas por organizações não-governamentais (ONGs) e entidades do setor público junto aos jovens em situações de pobreza,⁷³ acionando oficinas, cursos e atividades ligadas à arte, cultura, educação, para cidadania, ao esporte e lazer. O intuito é explorar a construção de um vocabulário de sentidos para uma cultura que se contraponha a culturas de violências; documentar esforços pela construção de espaços de democratização dos acessos a bens culturais; registrar testemunhos de impactos de tais experiências na vida dos jovens, seus familiares e de suas comunidades em particular, mudanças ou distanciamento de violências (CASTRO, 2001, p. 23).

A pesquisa descreve uma ficha-síntese; caracterização e histórico da ONG; recursos humanos; programas e projetos em curso; metodologia; redes; multiplicação; parcerias; problemas específicos da experiência; por que uma experiência inovadora e efeitos da experiência para as mudanças na vida dos jovens. Parágrafo da citação de nosso trabalho no livro da UNESCO, selecionamos alguns depoimentos com parceiros, jovens e comunidade, que foram transcritos e registrados pelos pesquisadores no livro: “Cultivando VIDA,

⁷³ Algumas poucas experiências também envolvem jovens em outras situações socioeconômicas, como os de classe média e alta.

desarmando VIOLÊNCIAS: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza” (CASTRO, 2001, pp. 263-275).

Nesse um ano de parceria, a gente vê muitos resultados quando tu vê que as crianças ficam felizes na expressão, no entusiasmo delas durante uma apresentação de teatro, durante uma gincana, durante uma oficina, a criança se sente feliz, o jovem, de saber que foi ele que teve a capacidade de transformar, de fazer aquele brinquedo, de transformar alguma coisa que poderia ser um lixo e transformar em algo. (Entrevista com parceiro, Belém/PA).

O curso nos ensinou a lidar com as diferenças dos outros. Coisas que a gente, todos nós, éramos muito unitários. Era só nós e nós mesmos. Aí o curso nos ensinou a nos relacionar uns com os outros, a saber lidar com as diferenças e aceitar essas diferenças. E nós tivemos várias aulas com a assistente social que dava esse intercâmbio para a gente aprender a viver em sociedade, em comunidade e vivermos em grupo e termos uma boa convivência. Tanto é que hoje em dia nós não temos uma excelente convivência, mas temos já uma boa convivência. (Grupo focal com jovens, Belém/PA).

A comunidade procura, sempre pergunta: Por que nunca mas vieram os palhaços da Rádio Margarida? Então, que a Rádio Margarida não nos abandone, leve o incentivo para a comunidade, porque ainda é uma esperança, e eu acredito que uma divulgação da Rádio Margarida, eu acho que é uma esperança, porque o jovem de hoje é adulto de amanhã. (Grupo focal com membros da comunidade, Belém/PA).

Com certeza, é bem sucedido à medida que você vê que não existe desistência dos jovens. Tu vê que até o final tu consegues, o jovem tá ali engajado, sabe das ações, está bem motivado. Porque eu acho que tudo é a motivação que eles recebem, porque todo dia é uma coisa nova, a questão do teatro, da pintura, das descobertas. Então todo dia é uma coisa nova, até porque a educação ambiental é isso, não existe uma fórmula para educação ambiental. (Entrevista com parceiro, Belém/PA).

O nosso olhar antecipatório de políticas públicas também olhou para outros públicos e áreas do conhecimento, dentre elas a saúde pública, área na qual procuramos por fazer e também fomos procurados por instituições gestoras dos serviços de saúde, empresas, escolas, e outros segmentos sociais para quem elaboramos programas e projetos em saúde, produções com vistas à prevenção e educação em saúde. Assim sendo, continuamos a planejar, pesquisar interagir socialmente de acordo com o perfil da nossa organização.



Neste eixo temático da saúde, somente a título de ilustração dos nossos valores e persistência, podemos afirmar que recomeçamos e não mais paramos. A partir do Projeto Saúde é Alegria, por nós proposto ao UNICEF, que iniciou em junho de 1995, em forma de caravana educativa com a trupe de artistas, palhaços, grupo folclórico, divulgávamos e sensibilizávamos para medidas vitais de saúde que visavam a redução da mortalidade

materno-infantil, por meio do aleitamento materno, vacinação, pré-natal e cuidados para evitar a desidratação infantil. No início de 1996, durante nove meses, realizamos com a Prefeitura de Belém, Secretaria Municipal de Saúde, o Projeto “Sorriso: Dentes limpos saúde em família”, no qual um pequeno circo ambulante, com carro-som e aparatos de vídeo, teatro e teatro de bonecos, circulou pelos bairros periféricos e escolas, ensinando sobre os fatores de risco da saúde bucal, a importância da escovação e a formação de hábitos de saúde e higiene bucal. “De maio a dezembro de 1996 o projeto atendeu um total de 38.591 pessoas, sendo 10.180 curativos e 28.411 preventivos” (GUEDES, 1997 apud PANCERA, 2002, p. 101).

Lembramos também, como já citamos na descrição do programa Livro de ouro, a proposição de trabalharmos com saneamento básico nas áreas denominadas de baixadas e assim ocorreu, quando procuramos a gerência do Projeto Una de Macrodrenagem (sete sub-áreas, nove bairros, um contingente populacional de cerca de 500 mil habitantes). No Projeto, passamos a ser fundamentais na execução da educação ambiental e de saúde, por meio de contrato que foi desenvolvido por 18 meses. Para efeito de visualização da importância do trabalho, citamos o relato da nossa participação pelo transcrito da gerente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID)⁷⁴, responsável pelo acompanhamento do Projeto.

Podemos dizer que na área da Saúde percorremos o alfabeto em temas, questões, meios, modos de educação e prevenção: saúde da mulher, DST-AIDs, câncer, tabagismo, água, saneamento básico, destino de resíduos sólidos, coleta seletiva de lixo, sexualidade, planejamento familiar, alcoolismo, drogas, tabagismo, doação de sangue, abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes... Que continuamos buscando novos horizontes de saúde pública, com acessibilidade, universalidade, direito do cidadão e dever de Estado.

⁷⁴ “A equipe de educação ambiental segue desenvolvendo a sua programação tais como previstas, porém com novo ânimo e melhor desempenho, em decorrência da contratação, ainda no decorrer do 1º semestre de 1999, da ONG ‘Rádio Margarida’, especializada em comunicação social, com comprovada experiência na Região Metropolitana de Belém e, inclusive, em outros locais. O fato da referida ONG contar com profissionais, utilizar meios diversificados de comunicação (rádio propriamente dito, teatro, fantoche), desenvolver em paralelo atividades pedagógicas (ex.: oficina de reciclagem de lixo) e circular nas diversas bacias, interpretando a população e convidando-a para participar diretamente dos programas, conferiu um novo otimismo ao programa de Educação Ambiental, dando-lhe maior visibilidade e permitindo melhor aceitação por parte da população. Dada a receptividade da população a esse tipo de comunicação, a equipe de Educação Ambiental e a ‘Rádio Margarida’ estão desenvolvendo em conjunto, diversos temas relevantes para o sucesso do projeto (ex.: preparação da população para o processo de titulação de imóveis, reciclagem de lixo como alternativa de geração de renda e etc.). Relatório do BID - representação Brasil. Ofício nº 136/2000/PPU. Relatório assinado por Marie Madeleine Mailleux Sant’Ana de 16 de março de 2000”.

*“Os filósofos se limitaram a interpretar
o mundo de diferentes maneiras;
o que importa é transformá-lo.”*

Marx

CAPÍTULO 3: A HISTÓRIA CONTINUA...

3.1 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO MÉTODO DE EDUCAÇÃO POPULAR DA ONG RÁDIO MARGARIDA

A história continua, a história humana que acontece pela produção e reprodução do homem e sua relação com a natureza, na qual produz a própria vida e transforma o meio em que vive, satisfaz suas necessidades e cria condições de novas necessidades. A produção de suas condições de vida real e do que se quer que venha acontecer é uma simbiose da sua atividade material e intercâmbio com a linguagem da vida real. A linguagem da vida real que tratamos nesta pesquisa é a da produção artística e cultural da ONG Rádio Margarida, objeto de estudo e projeto de pesquisa com base no acontecido e no que está em trânsito, pesquisa da ação na ação, no sentido de comprovação de uma tese: A arte como socialização da cultura para transformação social. Neste sentido, tratamos a história da ONG, enquanto categoria social de conhecimento, “um conceito em alto grau de abstração que pode ser generalizado” (CARMONA apud FARIA; PANCERA, 1988, p. 7)⁷⁵, principalmente quanto ao seu método de educação popular que produz mediações necessárias para produção artístico-cultural.

[...] o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto é para o pensamento precisamente a maneira de se apropriar do concreto, de o reproduzir como concreto espiritual. Mas este não é de modo nenhum o processo de gênese do próprio concreto [...] O concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade da diversidade. É por isso que ele é para o pensamento um processo de síntese, um resultado e não um ponto de partida, apesar de ser o verdadeiro ponto de partida e, portanto, igualmente o ponto de partida da observação imediata e da representação. (MARX, 1977, pp. 218-219).

A história continua artisticamente falando, pois se trata da arte como mediação cultural na visão crítica de mundo do filósofo, do intelectual, do artista como socializador da cultura, cujo objetivo é mudar este mundo de coisas, objetos, relações sociais de produção e reprodução da vida, mudar a ‘mentalidade popular’:

⁷⁵ Conceituação de Arsênio Carmona, professor e pesquisador do Instituto Superior de Ciências Médicas de Havana (ISCM).

Luta para transformar a 'mentalidade' popular e divulgar as inovações filosóficas que se revelem 'historicamente verdadeiras', na medida em que se tornem concretamente, isto é, histórica e socialmente, universais - a questão da linguagem e das línguas deve ser 'tecnicamente' colocada em primeiro plano [...] linguagem é essencialmente um nome coletivo: ele não pressupõe uma coisa 'única', nem no tempo nem no espaço. Linguagem significa também cultura e filosofia (GRAMSCI, 1989, p. 36).

A linguagem desta tese é a linguagem artística, colocada aqui no singular, mas contendo a multiplicidade e pluralidade da totalidade. A linguagem da arte, a arte da linguagem que é universal. Arte que se expressa de diversas formas e meios, como palavra, texto, representação, música... Arte facilitadora, mediadora, por estar sempre presente, é o meio e ao mesmo tempo o caminho sem o qual pode até existir o início, mas não teremos a jornada, nem tampouco o fim, pois o caminho é por onde andam todas as linguagens.

Por narrarmos uma história na qual somos e estamos sujeitos e atores participantes, buscamos abordar os nossos significados e compreensão do vivido, inserindo as nossas argumentações e marco teórico, com base na teoria social de Marx, a fim de tratar o tema neste âmbito, bem como demonstrar a sua importância neste mesmo ambiente científico, artístico e cultural. Algumas precauções e cuidados são necessários para que o leitor não considere o tema como 'coisa de artista', que tudo pode, mas não pode ser considerado cientificamente. Por isso, destaca-se que se trata o tema de arte e cultura inseridos em um marco teórico, metodológico e histórico, e que, embora cuide de aspectos da própria história, da ONG Rádio Margarida, na qual o pesquisador tem participação direta, não se descuida dos critérios e procedimentos científicos necessários para se trabalhar o vivido e produzido historicamente. Aliás, diga-se que o que se pode tratar por história própria não é tão própria assim, porque está no mundo das relações sociais, do qual fazem parte o homem, a mulher (Eu, Tu, Ela, Nós, Vós, Elas), seres culturais que produzem e são produzidos por sua cultura.

Em história e consciência de classe, podemos nos valer da interpretação dos acontecimentos históricos dada por Lukács (1974, pp. 63-64), quando critica o indivíduo histórico-empírico (homem, classe ou povo) dado pela ciência histórica burguesa:

A sociedade como totalidade concreta, a organização da produção em um nível determinado de desenvolvimento social e a divisão em classe que tal organização opera na sociedade. Ao ignorá-la, considera concreto algo de totalmente abstrato. Estas relações, diz Marx, não são relações entre um indivíduo e outro indivíduo, mas relações entre operário e capitalista, entre o rendeiro e o proprietário fundiário, etc. Eliminaí essas relações e tereis abolido toda a sociedade; o vosso Prometeu não será mais do que um fantasma sem pernas nem braços.

A tarefa e o dever neste estudo de fazer uma narração de fatos e acontecimentos vividos em primeira, segunda e terceira pessoa, simbolicamente, representa, cidadãos, organizações da sociedade civil em movimento, estabelecendo os nexos de relações sociais no contexto socioeconômico, político e cultural do “acontecimento como algo que se produz em nós, ou seja, não é um acidente (o que acontece), mas é no que acontece” (MELLO, 2006, p. 26).

No que acontece reafirmamos o início do método de educação popular, algo que se produz em nós e por nós a partir de março de 1994 com o nome de Rádio-ação: linguagens artísticas e meios de comunicação social. “Numa roupagem de projeto de extensão universitária, dava legitimidade e reconhecimento acadêmico ao trabalho de arte-educação do CACB – Rádio Margarida, que desde a sua concepção teve princípios filosóficos, teóricos e ideológicos voltados à transformação social” (PANCERA, 2002, p. 71).

O nome Rádio-ação foi utilizado para criar uma identidade própria do projeto de extensão e sua relação com a produção acadêmica, integrando ensino, pesquisa e extensão. Rádio-ação também faz a ligação pelo nome inicial com a entidade proponente e ao mesmo tempo estabelece a autonomia da ONG que não fazia parte da estrutura da Universidade. O Projeto, com prazo de execução definido inicialmente de março de 1994 a março de 1997, apresenta-se com o seguinte texto:



O curso de Serviço Social e o Centro Artístico Cultural Belém Amazônia – ONG Rádio Margarida apresentam à Universidade e à comunidade universitária projeto de extensão com conteúdo e abrangência às várias áreas da organização acadêmica. Seu objetivo maior é desenvolver um método de educação popular, com adoção de diversas linguagens artísticas e meios de comunicação; comunicar com criatividade e imaginação a re-produção do conhecimento gerado e pouco difundido da Universidade, criar instrumental técnico-científico, demonstrar os meios e procedimentos, bem como a sua fundamentação teórica, perceber os caminhos da proposição, da afirmação, negação e resolução de conhecimento é dever daqueles que fazem ciência, que praticam filosofia: criar métodos que unam o empírico ao científico. (PANCERA, 2002, p. 71).

A possibilidade de legitimação científica do método de educação popular do recém-iniciado labor educativo da ONG também visava atender a uma necessidade premente da Universidade de estabelecer uma comunicação interna e principalmente com a população e região Amazônica. Partindo do curso de Serviço Social, que dispunha dessa relação e compromisso histórico com movimentos sociais e classes subalternizadas, resolve-se trazer uma nova dinâmica e motivação ao estágio profissionalizante, bem como a abertura de mais um campo de atuação e aprendizagem profissional:

[...] é mais um desafio trazido para dentro dos muros da Universidade Federal do Pará, propondo que esta, como instituição produtora de conhecimento, saia de si, indo ao encontro da população pauperizada e explorada, num compromisso humano, ético e profissional e colocando-se com seus paradigmas, categorias teóricas e modos de orientação e desenvolvimento a ser seguido. (PANCERA, 2002, p. 71).

Conclama-se que Universidade viva o compromisso com o seu meio, do qual é originária e para o qual tem o dever de se dirigir não só para ensinar, mas também aprender e se colocar à disposição de servir com soluções de auto-desenvolvimento e sustentabilidade local. Para descrever o contexto, optamos por fazê-lo de uma maneira simples, a fim de fugirmos dos enormes e enfadonhos textos acadêmicos. Assim, fundamentamos o Projeto com breves conceituações, categorias de análise e direcionamento para ação, justificativa, compromisso e prática, de transformação social. Descrevemos a seguir a justificativa e caracterização histórica do início do Projeto de extensão Rádio-ação:

EXTENSÃO - Para a Universidade, estende-se um longo caminho até chegar à universalidade, globalidade; retornar aos eixos da unidade, interdisciplinaridade; ligar os elementos de memória perdida; abrir caminhos internos e externos de buscas de suas origens, finalidades e relações sociais, como organismo vivo e público de (re) produção do conhecimento. (PANCERA, 2002, p. 71).

Primeiramente procurou-se caracterizar em que contexto estava inserido o projeto focando os seus desafios e, como toda Universidade, buscar as origens de seu meio, das necessidades e potencialidades da região amazônica e sua cultura não valorizada pela academia, cultura de povos tidos como primitiva. Por isso mesmo trata-se no texto de ligar os elementos de memória perdida, bem como decifrar as chaves colocadas no texto que diz: reprodução do conhecimento, conhecimento próprio dos povos e comunidades desta parte da Amazônia, bem como dos gerados e retransmitidos pelas suas pesquisas e estudos. Também se fala do compromisso com este meio: “COMPROMISSO - Fazer retornar ao seu meio os

conhecimentos que dele se adquiriu; difundir hábitos e costumes; produzir a construção da sua realidade; gerar acontecimentos” (PANCERA, 2002, p. 71).

O conhecimento produzido pela academia não pode ser uma abstração idealista sem base e lastro na realidade, sem conexão entre a filosofia, ciência, cultura e conhecimento local, entre a sua crítica e o seu próprio meio material em que vive. Devolver o conhecimento ao meio no qual se adquire conhecimento, bem como modificar este meio onde existir injustiça, falta de respeito e dignidade humana, melhoria das condições de saúde, educação na busca de construção de formas de civilidade superiores, com respeito e autonomia às culturas e aos conhecimentos locais.

Desde o início do Projeto Rádio-ação, pôde-se perceber as categorias principais do método de educação popular e sua centralidade na orientação ao balizamento teórico-prático da ONG Rádio Margarida:

PRÁXIS - A práxis é a evolução do pensamento à ação, é a prática em espiral, movimentos ascendentes e de profundidade do saber. O movimento teoria-prática nas ciências humanas precisa de métodos para estabelecer a troca de informações, o contato humano, a comunicação. (PANCERA, 2002, p. 72).

A práxis como movimento e relação interna e externa de aproximações sucessivas do saber. A práxis como princípio metodológico e de educação popular, a fim de diminuir as distâncias entre o erudito, o acadêmico, o científico e o empírico e popular. A informação e a comunicação diretamente a serviço da ciência para estabelecimento de trocas de conhecimento e não de imposição de maneiras de pensar e de uma cultura dominante.

“COMUNICAÇÃO - Comunicar é uma arte. Como comunicação social, é capaz de estabelecer a troca verdadeira, não a massificação, romper a inércia. Informação + Sentimento + Ação transformadora” (PANCERA, 2002, p. 72). Comunicação social é uma expressão formada por dois conceitos: comunicação + social, que podem se elevar a uma abstração e uma generalização, duas categorias de conhecimento que, unidas formam outra categoria, a qual é adotada por nós, pois não concebemos em nossa área de conhecimento e prática social a comunicação isolada sem uma finalidade, que é a de estabelecer a troca verdadeira. Isto também quer dizer não à massificação e dominação da informação manipuladora. A informação tida como um direito do cidadão, fonte primária para que se possa iniciar a conhecer, refletir, mensurar, estabelecer comparações e decidir. Somente a informação, hoje na era da informática, não basta para que ocorra o processo educativo. A informação é preciosa, via de regra, parte de um “mundo” ou de quem comunica destinada a outro

“mundo”, ou seja, a quem deve receber a informação, ou a quem abrir o seu invólucro e decifrá-la.

Na concepção da educação popular do método da ONG Rádio Margarida, a categoria informação, inicialmente colocada como uma das categorias do método foi analisada em sua abrangência e redimensionada como um dos componentes da comunicação. A comunicação, que por nós é compreendida como mediadora de construção de conhecimento e experiências de vida, vai além da troca de informação entre sujeitos. Sem negar a importância da troca, oportuniza relações sucessivas e aproximações de saberes, entendimentos por meio do diálogo. Assim sendo, nos últimos três anos, passamos a conceituar melhor aquilo que sempre fizemos quanto ao movimento da práxis artístico-cultural, por meio do método de educação popular, que desenvolve as categorias: comunicação + sentimento + ação transformadora.

As linguagens artísticas e os meios de comunicação social são campos de atuação bastante abrangentes e se não tiverem um foco e direção pode-se falar de possibilidades bastante diversificadas, sem concretude, coesão e objetividade. Para facilitar o entendimento e foco de atenção, procurou-se uma associação de modalidades que recriam o que a arte já criou e delimitam o campo de atuação em novas formas de atuação. Por isso tratou-se de trazer a modalidade Rádio Saltimbanco, TVIDA e jornal intercomunitário:



Rádio Saltimbanco: Visa a chamar a atenção, animar, brincar, ‘roubar a cena’, colocar o espectador como ator, agente. Despertar a curiosidade por onde passar. A radioteatro - estúdio com sonorização, espaço Cênico Mambembe, que leva e traz informações, serviços de utilidade pública, mensagens educativas, microfone aberto à expressão popular, à comunidade, às manifestações locais, com a participação de palhaços e bonecos de manipulação. Acontece a magia, a fascinação; aguça-se a imaginação, a necessidade de comunicação, a mensagem viva, entrevistas, músicas, histórias e estórias, palhaçadas, brincadeiras. A apresentação de teatro de bonecos e *show* de calouros compõem parte da programação de animação, informação e comunicação da Rádio Saltimbanco. (PANCERA, 2002, p. 74).

Dentro deste universo das linguagens artísticas e dos meios de comunicação social, pode-se perceber que se tem um foco bastante peculiar e particular de definir conteúdos e formas de atuação, a começar pela rádio saltimbanco, ou seja, uma radioteatro ambulante. A continuar pela interpretação da palavra rádio, esta foi apropriada na simbologia de irradiação e propagação de informação, comunicação, arte, educação e cultura, seguindo a inspiração do nome da matriz Rádio Margarida e também uma releitura da cultura local de ter unidades móveis de aparelhagens sonoras que fazem a festa, se deslocando às comunidades e aos locais

distantes. Na releitura de uma determinada tradição e vocação local, podemos e muitas das vezes devemos trazer o novo ou mesmo o velho de novo, e então temos o saltimbanco das tradições do século XVII dos artistas da *commedia dell'Arte* e do mambembe brasileiro; “grupo teatral itinerante” (GUINSBURG; FARIA; LIMA, 2006, p. 176) do artista brincalhão saltitante, da arte na rua e do palhaço que por si só chama atenção, mas que tem intenção explícita de interação, de colocar o outro como ator e não espectador na situação. Propiciar a comunicação, mensagens educativas e serviços de utilidade pública.

Continuando a descrever o método de educação popular, linguagens artísticas e os meios de comunicação social, tratamos de outra forma de expressão inicial denominada de TVIDA:



TVIDA: Acompanhando a Rádio Saltimbanco, vamos utilizar a potencialidade dos meios modernos (eletrônicos) de comunicação, associados ao nosso sempre presente princípio educativo e, com isso, anunciamos a TVIDA, uma televisão viva, retratando os problemas locais, as circunstâncias de vida, expectativas, esperanças. Uma TV de acesso público, sem censura. De telespectadora, a população passa a participante, ator e cidadão no processo de construção de seu cotidiano, aparecendo no telão a projeção de sua imagem e de sua realidade, bem como recebendo informações das mais diversas. Trabalhar com liberdade, informar com liberdade, utilizando o mesmo meio de comunicação, para discutir a crença dos espectadores na mídia. As supostas objetividade e inacessibilidade do veículo são desmistificadas. (PANCERA, 2002, pp. 74-75).

A TVIDA trata-se da concepção do vídeo popular propriamente dito, a telinha desmistificada, que mostra como esse processo da imagem é realizado, feito, abre-se a caixa preta, desmistifica-se o fetiche, o inacessível passa a estar ao alcance, com a tradução imediata da imagem por meio da retração da realidade local. Os artistas da novela e da televisão são agora substituídos pelos personagens locais. Os materiais e vídeos educativos são também levados e discutidos com o público, além daqueles que acontecem na localidade com participação direta da população.

Outra forma de expressão proposta no início da concepção do método diz respeito ao jornal popular a ser apreendido como linguagem e modo de fazer a ser apropriado e utilizado por parte dos movimentos sociais no encaminhamento de suas lutas e reivindicações:

Jornal Intercomunitário: Símbolos, signos, sinais compõem a materialização dos arquétipos que conformam uma civilização. Ler e escrever são bases indispensáveis para ampliar a percepção, a comunicação e o intercâmbio entre indivíduos, comunidades. A escrita tem a ver com os primórdios da humanidade: registrar, informar, divulgar a história, experimentar o sentido da decodificação, da análise, difundir a escrita como um instrumento em que a palavra se torna um documento, pegar nas mãos algo que se possa detalhar, mostrar a imagem, a palavra, sua silabação, sonoridade fonética. (PANCERA, 2002, p. 75).

Por tratarmos de linguagens artísticas e meios de comunicação social que são os campos e esferas de circulação do método de educação, colocamo-nos, no momento da caracterização do projeto de extensão, em relação a nossa concepção de práxis artístico-cultural na atualidade:

TEMPOS MODERNOS - Charles Chaplin não hesitou em usar meios modernos para exprimir sua arte e sentimentos, para comunicar sua visão de mundo. Hoje, também um mundo moderno dominado pela massificação, desperdício e destruição da própria espécie humana e outras da natureza faria Carlitos pular, correr, chorar e sorrir novamente. (PANCERA, 2002, p. 72).

Chaplin levou a mais autêntica arte da interpretação cênica, da comédia, poesia, dança, música e muito mais para a “sétima arte”, ou seja, para o cinema, a nova linguagem, capaz de promover avanços e transformações sociais, mas que apropriada ideologicamente serve até hoje aos interesses de expansão do capital, dominação ideológica e de supremacia racial, financeira e industrial norte-americana. O irreverente “Carlitos” satirizou as crises do capital, ditadores e déspotas, assim como falava do sentimento e da alma humana da pessoa comum, mortais e subalternizados. Por meio das linguagens artísticas e meios de comunicação social temos também um pé no teatro, teatro de bonecos, no circo e seu representante da irreverência, “o palhaço”, bem como adentramos com estas linguagens nos meios modernos de comunicação na perspectiva da transformação social.

Outra associação indispensável diz respeito à relação arte e ciência: “ARTE & CIÊNCIA - Utilizar-se de meios modernos de comunicação, associados à sempre presente criatividade artística e mais os conteúdos temáticos de diversas ciências a serem abordados e discutidos com a população” (PANCERA, 2002, p. 72).

A articulação arte e ciência tem um claro propósito de servir ao meio e à população na qual a Universidade esta inserida, relacionando-se e se permitindo interagir, vivenciar trocas de experiências e saberes.

TROCA I- Informar, interagir com o seu meio ambiente, com sua comunidade; é a prática da troca, da extensão dos seus conhecimentos e serviços à população. Romper os muros da Universidade, difundir-se, misturar-se, multiplicar-se, perder-se para enfim encontrar-se não em si mesmo, mas no outro, no outro lado do muro: Ah! que bonito o nosso rio Guamá...

TROCA II - Entendemos que a aproximação com outras áreas e centros de conhecimento dentro e fora da Universidade pode melhorar tanto a qualidade dos serviços prestados à população quanto o desempenho da aprendizagem profissional, além de exercitar um movimento holístico na práxis do saber. (PANCERA, 2002, p. 72).

As trocas ocorrem em um movimento de busca de saber, interação interna entre muros e áreas do conhecimento da Universidade, e para fora de si, quando metaforicamente sinalizamos para que se estenda em serviços à população e também que se perca além de seus muros para verdadeiramente se encontrar, ou mesmo que permita a população que entre em suas dependências, conhecimentos e serviços. Por isso “Ah! que bonito o nosso rio Guamá”, que é a vista onde se encontra o campo universitário. Na expressão: “movimento holístico na práxis do saber”, o termo “holístico” deve remontar à sua origem: “holos”, do grego “holos”, para falar um pouco de totalidade, completude e inteireza na busca do conhecimento, ou seja, a totalidade da realidade e a sua realidade com os processos de aprendizagem, em oposição ao positivismo prevalecente da academia e nas ciências em geral. A práxis que também no seu momento essencial se articula com o todo e determina a sua totalidade concreta⁷⁶, na qual a arte e a cultura estão contidas, inseridas e exercem influência no todo.

A busca de identidade é outro desafio para qualquer movimento social, cultural, artístico, científico. Neste aspecto, tratamos a questão da seguinte maneira: “IGUAL E DIFERENTE - A busca de identidade é a busca de diferenças; a Universidade não se conhece internamente, as ciências ainda se estranham, não exercitam a complementaridade, embora vivamos em um momento único na busca de novos paradigmas” (PANCERA, 2002, p. 72).

A identidade científica de uma Universidade e de saberes deve ter seus olhares e compromissos voltados ao potencial de conhecimento e desenvolvimento da biodiversidade e de respeito às culturas e aos conhecimentos tradicionais de uma vasta região e territorialidade chamada Amazônia. Para tudo isto é necessário o posicionamento político, vontade de fazer e refazer, de criar e conceber e recriar. Os artistas, filósofos, cientistas, professores, operários e demais seres humanos com suas habilidades e formações, têm suas concepções de mundo mediatizadas pelos seus cenários, relações sociais e interlocuções que podem propiciar uma reprodução mecânica dos valores e ideologias, bem como podem dar condições de uma opção consciente das mediações que possam realizar, do que querem manter e conservar ou o que desejam transformar, por qual intencionalidade e vontade se movem, porque querem transformar sua vida e interferir em sua cultura e coletivo.

⁷⁶ **Totalidade concreta:** “Princípio metodológico da investigação dialética da realidade social. É o ponto de vista da totalidade concreta, que antes de tudo significa que cada fenômeno pode ser compreendido como um momento do todo. Um fenômeno social é um fato histórico na medida em que é examinado como um momento de um determinado todo; desempenha, portanto, uma função dupla, a única capaz de dele fazer efetivamente um fato histórico: de um lado, definir a si mesmo, e de outro definir o todo; ser ao mesmo tempo produtor e produto; ser revelador e ao mesmo tempo determinado; ser revelador e ao mesmo tempo decifrar a si mesmo; conquistar o próprio significado autêntico e ao mesmo tempo conferir um sentido a algo a mais” (KOSIK, 1976, p. 40).

VONTADE INCONSCIENTE - A Universidade tem um potencial desmotivado, burocratizado e por isso desmobilizado, a informação circula com dificuldade. Conjuntamente à luta por prioridade à educação, podemos criar condições motivadoras de relações profissionais entre alunos, professores, servidores, departamentos, cursos, áreas de conhecimento, inovando na ação, envolvendo a comunidade acadêmica para, em conjunto, realizar ensino-pesquisa/extensão. (PANCERA, 2002, p. 72).

Gramsci (1989) nos diz que quem conduz a vontade de transformação do mundo é a filosofia da práxis, que nos aporta elementos e argumentos sobre a existência e relações humanas, sociais, de produção e reprodução da vida, valores éticos e morais. Que para materializar os valores em vontade e transformação cultural, necessita-se de recursos e criatividade para fazer mediações e socializações de verdades conhecidas, trabalhando o senso comum para sua transformação em níveis superiores de compreensão e prática política.

Descrevem-se também na caracterização do projeto, por vontade própria da ONG, as relações e articulações que possam ser feitas e que se pretende que venham a ser realizáveis no âmbito interno e externo de interlocução da Universidade junto à sociedade:

RELAÇÕES I - A Universidade é o interlocutor preferencial com a sociedade civil, por sua própria natureza, hoje permeando-se e estendendo-se aos movimentos sociais, políticos, culturais. Junto às organizações governamentais viabiliza encaminhamentos das suas questões, denúncias e descentralização de serviços e decisões (poder local).

RELAÇÕES II - Encontrando-se e perdendo-se, a Universidade estabelece colaboração com a sociedade civil, prestando assistência à população, atuando com empresas, associações populares de defesa dos direitos, entidades ambientalistas e outros. (PANCERA, 2002, p. 72).

As relações I e II nem sempre ocorrem da maneira descrita, assim como não ocorreram; do texto fazemos um vocativo para ação e falamos das pretensões do Projeto e do ensejo de colocar a Universidade em um lugar de destaque. Apesar da falta histórica de investimentos e prioridade para a educação, reafirmamos o que os acontecimentos têm demonstrado: Universidade é o interlocutor preferencial com a sociedade civil, por ser um espaço destinado à discussão, aos debates e ao livre pensamento. Durante todos estes anos de existência do Projeto Rádio-ação, de 1994 a 2005, pelo menos durante onze anos, obtivemos apoio e reconhecimento das nossas proposições e realizações. Com o enunciado intitulado “memória”, ressaltamos um pouco da prática histórica do curso de Serviço Social:

MEMÓRIA - Vale ressaltar e assinalar com a nossa memória a participação histórica do profissional de Serviço Social nos movimentos sociais, na conquista dos direitos de cidadania, bem como na sua participação acadêmica nos Movimentos da Universidade em busca de sua identidade social. O curso de Serviço Social da UFPA, ao longo das três últimas décadas, tem demonstrado

entender e envolver-se com os movimentos sociais e acadêmicos, propondo e reorientando seus rumos e eixos teórico-metodológicos na interação de sua realidade. Tem demonstrado querer a inovação nos métodos, instrumentos e técnicas de comunicação social e na maneira de fazer ciência no seu objeto de trabalho e de estudo: as relações sociais. (PANCERA, 2002, pp. 72-73).

Na estrutura do Projeto também foram detalhados os objetivos, geral e específico, a serem seguidos:

GERAL: Desenvolver método de educação popular, com adoção de diversas linguagens artísticas e meios de comunicação, nos programas e projetos do Curso de Serviço Social, bem como em outras áreas do conhecimento.

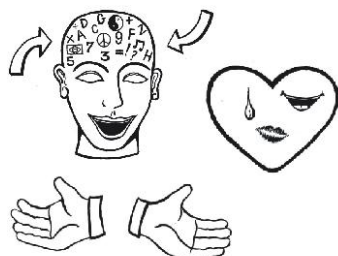
ESPECÍFICO: Utilizar as linguagens de circo, teatro, jogos e brincadeiras no processo pedagógico; produzir meios e instrumentos de comunicação social, radioteatro, televisão e jornal popular; realizar oficinas e grupos de trabalhos sobre linguagens e meios de comunicação. (PANCERA, 2002, p. 73).

No objetivo geral podemos verificar que está sendo sinalizado, de maneira explícita do que se trata o Projeto, ou seja, de desenvolver um método de educação popular. Ainda que de maneira geral, fala-se que este método adota as linguagens artísticas e meios de comunicação popular, direcionado aos programas e projetos do curso de Serviço Social e outros. Nas perguntas clássicas que devemos fazer ao objetivo geral (o que é que se está tratando e para quem foram respondidas), ficou faltando responder “para que”, ou seja, a finalidade deste objetivo geral. A resposta para tal pergunta não foi colocada no objetivo geral, mas podemos encontrá-la no desaguadouro das categorias do método de educação popular: ação transformadora, ou seja, desenvolver método de educação popular, com a finalidade de uma ação transformadora no processo de conhecimento e intervenção na realidade.

Nos objetivos específicos pode-se verificar os meios pelos quais se pretende fazer alcançar o objetivo geral ou mesmo na formulação clássica da resposta à pergunta: como se pretende alcançar o objetivo geral? Nos meios pelos quais se encontram os instrumentais, aparece então, o destacamento conceitual para utilização das linguagens artísticas, com foco apontando para o circo, o teatro, os jogos e as brincadeiras inseridos em um processo pedagógico. No segundo objetivo específico, trata-se do detalhamento dos meios de comunicação social a serem utilizados: radioteatro, televisão e jornal popular. Aqui neste objetivo específico tem que se fazer um parêntese para a citação do conceito televisão, o qual seria mais apropriado tratar por vídeo popular. Tal cuidado foi observado quando falamos do conceito jornal popular, pois desde o início fazíamos a distinção do jornal convencional da imprensa, ou mesmo da comunicação escrita nos jornais de massa. Quanto ao terceiro objetivo, destaca-se a formulação do conceito de oficinas que nada mais são do que a

capacitação nas linguagens artísticas e meios de comunicação, ou seja, a multiplicação das linguagens e meios como instrumental técnico-científico de educação popular.

Quanto à metodologia descrita no Projeto Rádio-ação: linguagens artísticas e meios de comunicação social, registra-se o seguinte:



METODOLOGIA: Em parceria com o Centro Artístico Cultural Belém Amazônia - ONG Rádio Margarida, o curso de Serviço Social, a começar pelos seus programas, desenvolverá um instrumental técnico-científico, ou seja, um método (fundamento teórico - metodológico e metódica com suas técnicas e procedimentos), utilizando-se, para tal, de diversas linguagens artísticas e de comunicação como: teatro de bonecos, teatro, animação, palhaço, música, artes plásticas, rádio ao vivo e por transmissão, vídeo, telão, televisão, fotografia, narração, conto, fotonovela, jornal... (PANCERA, 2002, p. 73).

Na descrição e conceituação da metodologia do Projeto Rádio-ação, destaca-se, que se desenvolverá um instrumental técnico-científico, que por sua vez vem enquadrando e delimitando o que se objetiva a fazer: desenvolver método de educação popular de acordo com os procedimentos científicos. Este método tem uma fundamentação teórica e metodológica, ou seja, é dotado de fundamentos filosóficos e teóricos: filosofia da práxis, práxis artístico-cultural metódica, instrumental técnico e procedimentos, que se processam nas e por meio das linguagens artísticas e meios de comunicação social, criando parâmetros e regras para a pesquisa e intervenção. No caso do Projeto Rádio-ação, são procedimentos científicos que dizem respeito à pesquisa-ação na ação do método de educação popular, nas suas mediações e aproximações sucessivas de abordagem do objeto de estudo e intervenção.

O Projeto Rádio-ação não cita diretamente as suas referências bibliográficas e o seu marco teórico, mas encontramos estes subsídios no que antecede o Projeto Rádio-ação, que é o Projeto Rádio Margarida, precursor dos princípios e fundamentos filosóficos e teóricos dos processos educacionais da ONG. No Livro de ouro já citado no capítulo 2 desta tese, encontramos a referência ao conhecimento e à organização da cultura de Antonio Gramsci, em “Os intelectuais e organização da cultura”, citado no texto e rodapé da página quinze e “A ação dos homens sobre a realidade, ora para mantê-la ora para modificá-la”, conceituação de Paulo Freire (1976 apud PANCERA, 1992, p. 8), em “Ação cultural para liberdade e outros escritos”. Também ao falar que a educação deve ser libertadora, buscamos em Freire a teoria da ação dialógica e em Gramsci a filosofia da práxis.

De partida, o Projeto de extensão Rádio-ação: linguagens artísticas e meios de comunicação social obteve aprovação no Departamento de Políticas e Trabalhos Sociais em 06/01/94, no conselho do Centro Sócio-Econômico em 13/01/1994 e interesse de participação

conjunta por parte do Centro de Educação, Centro de Ciências jurídicas / Setor de Prática Jurídica, Departamento de Comunicação Social e Departamento de Artes. De maneira efetiva tivemos como parceiro, além do curso de Serviço Social e Centro Sócio-econômico, o Departamento de Comunicação Social, com o qual viabilizamos a utilização de espaços e infraestrutura: sala administrativa, cessão de espaço para funcionamento de ilha de edição de vídeo, utilização de equipamentos: estúdio de rádio, ilha de edição de vídeo, salas de aula, estúdio de gravação de vídeo.

As categorias descritas e sintetizadas na justificativa e caracterização do Projeto Rádio-ação advêm de observações e vivências na academia que vinham sendo efetuadas desde 1989 e de forma organizada assumem o formato de um projeto de extensão no ano de 2004, no qual estas categorias são trazidas para discussão no âmbito da comunidade universitária, bem como colocadas como desafio de superação de suas limitações. Neste sentido, realizamos diferenciados movimentos que na esfera acadêmica são tidos como de ensino, pesquisa e extensão. O Projeto Rádio-ação faz parte de uma fase do processo de pesquisa-ação na ação do desenvolvimento do método de educação popular da ONG Rádio Margarida, que teve, ao longo de sua trajetória, mais este espaço de atuação. As suas categorias retratam as particularidades do cenário da Universidade, sua comunidade e também o meio e região na qual a Universidade e a ONG Rádio Margarida estavam inseridas.

O Projeto Rádio-ação propiciou o respaldo acadêmico e científico e a legitimação do método de educação popular da Rádio Margarida, o qual, em sua somatória, conta com vasta produção de eventos, campanhas e projetos educativos que serão detalhados mais adiante neste texto, bem como no âmbito da Universidade foi responsável por turmas de estágio profissionalizante, pesquisa, cursos de radiodifusão e vídeo popular abertos à comunidade e aos alunos de comunicação social e serviço social, programas de rádio em emissora de radiodifusão da cidade de Belém com alcance para o interior do estado, divulgação de resultados de vestibular, recepção de calouros e trotes ecológicos efetuados com o Departamento de Vestibular e Pró-Reitora de Extensão, movimento de criação de uma rádio universitária e uma diversidade de outras ações.

Durante o período de 1994 a 2005 o Projeto Rádio-ação foi responsável por três turmas de estágio universitário do curso de Serviço Social, sendo duas delas orientadas com base na metodologia de educação popular das linguagens artísticas e meios de comunicação social. A primeira turma de estágio curricular iniciou no primeiro semestre letivo do ano de 1995, entendendo-se por três semestres, com treze alunas (os), produzindo nove Trabalhos de Conclusão de Curso: sobre formação discente, doença mental, criança-adolescente,

homossexualidade, Projeto Juventudo da ONG Rádio Margarida, rádios e TVs comunitárias, jogos e dinâmicas de grupo, arte-educação e uma experiência na ONG República do Pequeno Vendedor.

Nos anos de 1997 e 1998 abrimos campos de estágio não curricular a alunos do curso de Comunicação Social e Serviço Social, justamente nos períodos em que trazíamos para dentro da Universidade recursos, parceiros e cursos de formação para radiodifusão e vídeo. “Em dezembro de 1997 entrávamos no ar na Rádio Liberal AM, 1330 MHz, com o programa Pará Popular (com financiamento do UNICEF foram produzidos 36 programas de rádio, ofertados seis estágios extracurriculares para alunos de Comunicação Social e dois estágios para alunos do curso de Serviço Social. Também foram treinados dois funcionários do Centro de Letras e Artes” (CENTRO..., 1998).

Em outros campos de estágio estava presente a metodologia do Projeto Rádio-ação, como nos projetos de estudo de comunicação e cidadania e participação do idoso no jornal “O tempo”, da Universidade da Terceira Idade (UNITERCI); o processo de pauperização de comunidades ameaçadas pelos grandes projetos na cidade de Barcarena – PA.

No ano de 1999 o Projeto Rádio-ação inicia outra turma de estágio curricular com 10 alunas (os) do curso de Serviço Social; concentra seus esforços de atuação no bairro Universitário – Área da Liberdade. No ano de 2000 inicia-se a pesquisa socioeconômica, política, cultural e ambiental do bairro Universitário, concluída no início de 2001 tendo como resultante deste processo uma produção acadêmica de cinco trabalhos de conclusão de curso sobre doenças de veiculação hídrica e saneamento básico, alcoolismo, gravidez na adolescência, planejamento familiar.

Durante os anos de 2000 a 2001 tivemos uma intensa inserção no veículo de comunicação de radiodifusão, com o projeto integrado da UFPA, denominado de PROINT, por meio do qual se iniciou em julho de 2000 um quadro no programa de rádio com o nome de Baderna, direcionado aos jovens de escolas públicas do ensino médio e convênio, abordando junto a esses alunos temáticas de interesse da juventude e também aqueles temas que necessitavam de discussão, tais como: drogas, gravidez precoce, DST/AIDS, trabalho, primeiro emprego, geração de renda, conflitos familiares e outros, incluindo aqueles assuntos relacionados ao vestibular. De julho a dezembro do ano de 2000 participamos de cerca de 110 programas de rádio, com duração de 30 a 45 minutos cada programa, nos quais se realiza um quadro com a presença de animadores e personagens que interagem ao vivo com os alunos, repórter, entrevistador e ouvintes do programa de rádio (CENTRO..., 2001).

Em 2001 o programa passa a ter outra formatação, não sendo mais ao vivo dentro das escolas, tendo uma de suas partes pré-gravado, girando em torno de radionovelas e com participação de arte-educadores nos estúdios de rádio em interação no ar com ouvintes. “Neste ano, com apoio do BNDES, foram produzidos, de janeiro a dezembro, cerca de 249 programas de rádio, com produção de 143 radionovelas. Também foram visitadas e entrevistadas cerca de 131 instituições” (CENTRO..., 2001). Também com este mesmo apoio foram produzidos entre junho e setembro deste ano, onze vídeos educativos, com cerca de três minutos cada, sobre diversos temas: leitura, família, drogas, DSTs, água, religiosidade e outros que foram levados ao ar no programa “Papo Cabeça” da TV Cultura do Pará.

Dando continuidade às várias formas de articulação e interfaces de influência e extensão das linguagens, o Projeto Rádio-ação tem sua metodologia registrada no livro: “Radio Margarida: princípio, história e método de educação popular”, no ano de 2002, publicado pela editora da UFPA, com patrocínio do BNDES e da UNESCO.

Em edital nacional da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), concorrido e vencido pela ONG Rádio Margarida no ano de 2003, com o Projeto Radionovelas Educativas, produziu-se o “CD: Radionovelas Educativas – Em defesa dos direitos da criança e do adolescente”. A proposta gerou oportunidades de capacitação por meio de estágio extracurricular em produção de materiais educativos para radiodifusão e neste sentido, onze alunos do curso de Comunicação Social e dois alunos de Serviço Social puderam vivenciar a pesquisa temática, redação de textos e roteiro, interpretação e finalização de pesquisa-ação relacionadas aos assuntos do ECA na defesa e prevenção do trabalho infantil, violência doméstica, sexual, gravidez precoce, drogas e outras questões de defesa dos direitos da criança e do adolescente.

No ano de 2004 e 2005, mais uma vez a ONG Rádio Margarida traz para a Universidade, com base em aprovação de projetos via editais, recursos e oportunidade de abertura de campos de estágio curricular e extracurricular e prestação de serviços direto à população da Região Metropolitana de Belém. Assim aconteceu, por meio dos projetos: Juventudo / Transformando com Arte, financiamento do BNDES que atendeu diretamente quatrocentas e cinquenta e duas crianças em diversas modalidades de oficinas de artes e música. Outros projetos realizados foram o Projeto Musicarte, com financiamento do Instituto Junia Rabello, que propiciou iniciação musical por meio de flauta a 30 crianças, e o Projeto Informarte: prevenção ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes, com financiamento do Ministério da Educação (MEC), que capacitou 60 jovens, na perspectiva do protagonismo juvenil, para produção e distribuição de materiais de comunicação social de

áudio, vídeo e jornal. Com base na aprendizagem dos conteúdos do Estatuto da Criança e do Adolescente foram feitas pesquisas, roteiros de áudio, vídeo e matérias jornalísticas para prevenção ao abuso e exploração sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes, pornografia infanto-juvenil, tráfico de crianças e adolescentes para fins comerciais, turismo sexual e abuso sexual contra crianças e adolescentes.

O processo de conhecimento dos conteúdos do Estatuto da Criança e do Adolescente bem como a aprendizagem de técnicas e procedimentos para produção de materiais educativos em áudio, vídeo e impressos no Projeto Informarte geraram a confecção de um CD com seis músicas e cinco radionovelas, uma fita de vídeo VHS com vídeo de cerca de 20 minutos de duração sobre abuso e exploração sexual para fins comerciais e um jornal tablóide com oito folhas, sobre os mesmos assuntos do CD e vídeo.

Durante este período de realização dos projetos citados, jovens, instrutores de linguagens e de oficinas, técnicos da área social, alunos universitários em estágio curricular (nove alunos) e extracurricular (nove alunos) aprenderam a transformar ideias e conceitos em processos de pesquisa, aprendizagem e práticas profissionais, bem como acompanharam e aprenderam sobre a confecção e produção de materiais educativos. Ainda ao final do ano de 2005, com base nas vivências e estágio profissional nos projetos mencionados, foram realizados cinco Trabalhos de Conclusão de Curso por parte dos alunos do curso de Serviço Social.

Em síntese, com relação à produção acadêmica, durante o período de 1994 a 2005 o Projeto Rádio-ação foi responsável por três turmas de estágio universitário curricular do curso de Serviço Social, sendo duas delas orientadas com base na metodologia de educação popular das linguagens artísticas e meios de comunicação social e uma turma extracurricular aberta ao curso de Comunicação Social e Serviço Social. Foram capacitados 32 alunos em estágio curricular e 30 alunos em estágio extracurricular; produzidos 19 Trabalhos de Conclusão de Curso, sendo 14 a partir da metodologia e temáticas de interface com o Projeto Rádio-ação: linguagens artísticas e meios de comunicação social.

Destaca-se também que, mesmo antes do Projeto de extensão Rádio-ação, a ONG Rádio Margarida já desenvolvia as linguagens e meios de comunicação citados, sem a devida sistematização e formato adquirido e requerido pela produção acadêmica, o que não invalida e nem diminui seu valor artístico, cultural e científico. Assim sendo, para que se tenha a dimensão da quantificação e qualificação do que estamos tratando, vamos fazer um mergulho no banco de dados da ONG Rádio Margarida, trazendo as informações e registros das principais realizações da organização.

A produção artística e cultural da ONG Rádio Margarida, iniciou em 1991, mas os registros no banco de dados das suas ações e informações são contabilizados a partir do ano de 1993.

Antes mesmo de tratarmos de quantificação, correlação e análise qualitativa das informações do banco de dados, que irão aparecer neste item e nos outros itens deste capítulo, devemos esclarecer o fato de que somente entraram no banco de dados as ocorrências mais significativas, no que se refere à importância dos temas e trabalhos realizados. Portanto o que se afirma sobre as informações do banco de dados é de fato e de verdade algo que pode e deve ser considerado como plenamente alcançado e realizado. O banco de dados da ONG Rádio Margarida vem sendo realizado com base em relatórios institucionais anuais que quantificavam e qualificavam as atividades mensalmente. O período que será considerado para análise e citação nesta pesquisa é o período compreendido entre os anos de 1993 a 2007, considerando-se assim uma jornada de quinze anos de realização de ações e atividades.

O banco de dados da ONG Rádio Margarida tem a seguinte classificação: eventos, campanhas e projetos. O critério básico para a delimitação desta classificação foi a categoria tempo de execução de uma ação e de uma atividade ou de um conjunto de ações e atividades. Na classificação de eventos estão contidas ações e atividades realizadas em um período de até quatro dias; nas campanhas este período vai de cinco a trinta dias e nos projetos mais de trinta dias. A partir desta classificação inicial se estabelecem as decodificações e o detalhamento das informações e suas relações com tema e assuntos trabalhados, público-alvo, parceiros, meta, objetivo, linguagens e meios utilizados. Os registros efetuados no banco de dados são informações relacionadas às linguagens artísticas e meios de comunicação social, desenvolvidos pela ONG ao longo de sua trajetória de produção artística, cultural, intelectual e científica.

Do ano de 1993 a 2007 a ONG Rádio Margarida realizou 156 eventos, 47 campanhas e 33 projetos. Ficam fora desta quantificação ações e atividades que se considera não estarem dentro dos critérios de classificação, como a elaboração de três artigos, dois livros e dois guias educativos publicados, um jornal impresso, dois sites: www.radiomargarida.org.br, 64 produção de vídeos e 19 palestras e seminários como expositor⁷⁷.

Dentro da classificação de eventos, campanhas e projetos estão contidas ações e atividades que dizem respeito à natureza daquilo que a organização desenvolve. A somatória das ações e atividades, contidas nas três classificações, que aparecem com mais frequência no

⁷⁷ Fonte: Banco de dados da ONG Rádio Margarida, com registros de ações e atividades realizadas no período de 1993 a 2007. Relatório do banco de dados contagem geral de eventos, campanhas e projetos.

banco de dados são as seguintes: Apresentações de teatro (787), apresentação de teatro de bonecos (760), apresentação de *performances* (585), apresentação de teatro e teatro de bonecos (231), ato *show* (214), produção de radionovelas (204), rodada de multiplicação de tecnologia social (150), radioteatro ambulante (103), oficinas de arte (93), animação educativa (67), divulgação animada (58), produção de *spot* de rádio (53), criação de textos de teatro (45), apresentação de radionovelas (37), jogos e dinâmicas de grupo (30), gincana (28), programas de rádio (24), músicas (24), apresentação musical (23), criação de textos de teatro de bonecos (23)⁷⁸. Nesta descrição foram destacadas apenas as ações e atividades realizadas com uma incidência mínima de 20 frequências.

As ações e atividades mais realizadas dizem respeito às linguagens artísticas de teatro, teatro de bonecos, apresentações de *performances* e ato *show*, que reúne dentro desta denominação várias formas de linguagens artísticas, além das já citadas, e outras tais como: música, dança, animação, poesia, vídeo, cinema popular... As linguagens artísticas permeiam e se unem nesta metodologia de trabalho aos meios de comunicação, tornando-se na verdade o que tratamos por método de educação popular, que adota linguagens e meios, ocorrendo assim uma simbiose e união, com meios e linguagens se permeando e influenciando reciprocamente e também criando novas formas de linguagens e meios.

A maioria absoluta dos eventos e campanhas, beirando a sua totalidade, foi realizada pela ONG Rádio Margarida a convite de instituições públicas e privadas que demandaram os serviços de arte-educação da ONG, para atendimento de seus objetivos institucionais, organizacionais e público-alvo. A ocorrência de 143 eventos e 47 campanhas demonstra um valor numérico expressivo, não só pela somatória das quantificações apresentadas, mas pela diversidade de temas e assuntos trabalhados pelo método de educação popular. Diversidades trabalhadas pelo referencial da práxis artístico-cultural e da adoção das linguagens artísticas e meios de comunicação social, método replicável como referencial científico e instrumental que transita e se expande por inúmeras áreas do conhecimento: saúde, arte, educação, meio ambiente / educação ambiental, cultura, direitos humanos e cidadania, destacadamente o Estatuto da Criança e do Adolescente, comunicação, responsabilidade social, desenvolvimento econômico, desenvolvimento institucional e outras.

A qualificação do método de educação popular também pode ser referendada se levarmos em consideração os mesmos fatores mencionados: demanda de serviços de arte-educação da ONG efetuada por segmentos e parceiros diferentes e pela gama de assuntos e

⁷⁸ Idem nota de rodapé anterior.

temas tratados, bem como pelos processos e resultados alcançados que serão decodificados nos itens: 3.2. Por meio das linguagens artísticas de teatro, teatro de bonecos, palhaços, brincadeiras e música, e 3.3. Por meios de comunicação social de radiodifusão e vídeo popular.

Quanto aos 33 projetos citados, ao contrário dos eventos e campanhas, a sua maioria (28 projetos) foi elaborado e executado diretamente pela ONG Rádio Margarida, sendo que somente 05 foram executados a convite de instituições públicas e privadas que demandaram os serviços de arte-educação da ONG, para atendimento de seus objetivos institucionais, organizacionais e público-alvo. Ressalta-se que, mesmos nos projetos demandados por outras instituições, a concepção da proposta, as linguagens, forma de atuação, textos, interação e mensuração de resultados partiram da concepção do método de educação popular da ONG.

O fato de a ONG ter realizado cinco projetos a convite de outras instituições também demonstra a qualificação do método de educação popular e sua replicabilidade como referencial científico e instrumental de educação popular. O Projeto Sorriso de saúde e higiene bucal, foi realizado dentro do Programa Sorriso: dentes limpos, saúde em família, da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura de Belém, de maio a dezembro do ano de 1996. Outro projeto da ONG, solicitado por seu método de trabalho e de comunicação social, foi realizado junto ao Ministério Público do Pará, no programa o Ministério Público e a Comunidade, de novembro de 1988 a junho de 1999. Tal programa tinha por finalidade divulgar as funções constitucionais do Ministério Público, bem como as atribuições do procurador de justiça. A confiabilidade e o respeito à forma de trabalho e ao método de educação popular, permitiram a aceitação por parte do Ministério Público de personagens caricatas, “Creusa e Raimundona”, dona de casa e vendedora do jogo de bicho, que estabeleciam um diálogo sobre as coisas da vida, direitos, cidadania e imprescindivelmente sobre o Ministério e seus procuradores de justiça.

Os outros projetos realizados a convite de outras instituições dizem respeito aos assuntos de meio ambiente / educação ambiental, Projeto Una de Macrodrenagem, realizado por dezoito meses, de setembro de 1999 a março de 2001, com a Companhia de Saneamento do Pará. Projeto de coleta seletiva de lixo, com a empresa Alumínio Brasileiro S/A (ALBRÁS) e Cooperativa de Serviços Agro Florestais e Industriais (COOPSAI), executado de outubro a dezembro de 2001. Complementando a informação sobre os cinco projetos citados, a ONG Rádio Margarida também desenvolveu seu método de trabalho, abordando a exclusão social de mulheres grávidas, a prevenção da questão da mortalidade / desnutrição

infantil e mortalidade materna, com atuação por doze meses, de setembro de 2001 a agosto de 2002, no Programa Maria Maria, do Governo do Estado do Pará.

Resumidamente, podemos afirmar que, somente em participação em programas e projetos a convite de instituições públicas e privadas, a ONG Rádio Margarida desenvolveu seu método de educação popular com base nas linguagens artísticas e meios de comunicação social, em aproximações sucessivas e processuais com temas e questões sociais e ambientais de saúde e higiene bucal e pessoal, direitos humanos e cidadania focada na missão constitucional de órgão público, educação ambiental relacionada ao tratamento de água, destino de dejetos e esgotamento sanitário, drenagem, habitação, lixo, destinação final de resíduos sólidos e coleta seletiva de lixo. A partir do referencial teórico e metodológico da filosofia da práxis, destacadamente da práxis artístico-cultural, fez mediações para conhecimento e intervenção na realidade social, da mortalidade infantil e materna, para transformá-la, ou seja, incidindo com instrumental teórico e técnico no conhecimento e intervenção na realidade contraditória, na sua negação e na negação da negação, a fim de reverter, em nível local de atuação, a incidência do fenômeno, muito embora a abrangência do que tratamos por transformação social estrutural esteja diretamente ligada às relações de produção, distribuição de renda, relações de classe, alcance das políticas públicas, transferência de renda e muitos outros aspectos.

A história continua artisticamente falando. É a história da arte como mediação cultural da visão crítica de mundo do filósofo, do intelectual, do artista como socializador da cultura, cujo objetivo e meta é mudar este mundo de coisas, objetos, relações sociais de produção e reprodução da vida, mudar a ‘mentalidade popular’, incluindo a nossa mentalidade. Mudar para alcançar a transformação social necessária e desejada, a utopia acompanhada da vontade política de fazer e acontecer, no caso da ONG Rádio Margarida, por meio das linguagens artísticas e meios de comunicação social.

3.2 POR MEIO DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS DE TEATRO, TEATRO DE BONECOS, PALHAÇOS, BRINCADEIRAS E MÚSICA

A história da ONG Rádio Margarida não continua por continuar casualmente, apenas pela força e ação da natureza, mas pela vontade e ação dos homens, que na leitura e interpretação de Gramsci (1989, p. 43) quer dizer: “A natureza do homem é a história”. Por isso a história continua, porque se quer que continue na concepção de influenciar o seu habitat e ambiente de relações sociais, políticas, de produção de meios de vida e da práxis artístico-

cultural, por meio das linguagens artísticas de teatro, teatro de bonecos, palhaços, música, poesia e brincadeiras. A produção artística e cultural pode e deve ser mensurada para que se saiba não só no âmbito artístico do conjunto da obra, mas, em âmbito científico – trata-se aqui do método de educação popular –, da sua capacidade de mediações, processos e resultados alcançados.

A quantificação do que a ONG vem fazendo e acontecendo é brevemente citada anteriormente no item 3.1: produção artística e cultural de apresentações de teatro (787), teatro de bonecos (760), *performances* (585), apresentação de teatro e teatro de bonecos (231), ato *show* (214), radioteatro ambulante (103), criação de textos de teatro (45), criação de textos de teatro de bonecos (23) e outras. Tais mensurações refletem uma produção considerável que pode ser também qualificada pelos conteúdos trabalhados, pela apropriação das linguagens artísticas e seus referenciais e pelos elementos que norteiam o que é produzido. Ao tratarmos da linguagem artística de teatro, teatro de bonecos, tem-se que perguntar de que teatro estamos falando, o que se quer desta linguagem e para que se quer que ela seja utilizada, com que finalidade e objetivos, por que está incorporada e materializada em um método de educação popular.

Para responder às perguntas feitas, vamos buscar dentro da história da própria ONG as suas fundamentações e princípios que baseiam e dirigem as concepções e modos operantes da sua práxis artístico-cultural. Trazendo para o momento atual o registro histórico, Carmen Rita Chaves de Lima e Maria Eugênia Moreira de Melo, diretoras da ONG Rádio Margarida e estudantes do curso de Serviço Social, orientadas pelo professor Osmar Pancera, elaboram, em outubro de 1994, o Trabalho de Conclusão de Curso “Arte-educação: novas linguagens para um novo homem”:

O presente trabalho consiste no relato de experiência que desenvolvemos em conjunto com o Projeto Rádio Margarida, que vem mostrar resultados da importância da organicidade da sociedade civil no espaço político e contraditório das questões dos direitos sociais, resgatando a educação no seu verdadeiro papel que é de formar cidadãos críticos e criativos, o homem na sua totalidade. (LIMA; MELO, 1994, p. 01).

A pesquisa de Lima e Melo (1994) está inserida no contexto de uma experiência, não só acadêmica de estágio profissionalizante, mas de trabalho profissional, como educadoras, arte-educadoras, com práticas vivenciadas em uma organização da sociedade civil, que tem por princípios a luta pela conquista e manutenção de direitos sociais. A educação, ou melhor, a arte-educação e conseqüentemente as suas linguagens são abordadas numa perspectiva de

cidadania e liberdade, rompendo o senso comum, na busca de uma consciência crítica e também criativa. A filosofia da práxis embasa a consciência crítica para a atuação do educador nas suas relações sociais com outros homens, na busca de cidadania, de direitos humanos para se alcançar a dimensão da superação das necessidades, e orientar a caminhada e busca da liberdade, ou seja, do homem na sua plena e potencial totalidade. Portanto, em termos de práxis artístico-cultural, as artes, a arte-educação, as novas linguagens e as velhas linguagens trazidas de novo. Assim sendo, têm-se: o circo, o teatro, o teatro de bonecos, a música e mais, inseridas e trabalhadas a partir da concepção da Filosofia da Práxis, e na atuação de uma ONG, uma organização da sociedade civil que busca e tem a perspectiva da transformação social das relações sociais.

Continuando com a citação da pesquisa de Lima e Melo (1994, p. 01), tem-se descrito:

O eixo fundamental deste trabalho está pautado na arte-educação, pois, acreditamos ser um elemento de fundamental importância para aguçar no indivíduo uma atenção maior e/ou uma nova forma de sentir a vida, à medida que ela rompe com conceitos pré-estabelecidos, que supervalorizam no homem a razão em detrimento dos sentimentos e das emoções. Ao se tratar das linguagens artísticas como meio de comunicação social, falamos de sua origem e seu desenvolvimento. A alegria dos palhaços com o circo, a plasticidade e o lúdico com o teatro de bonecos e a fantasia e realidade com o teatro.

O entendimento de que o eixo fundamental desta pesquisa é a arte-educação coloca este estudo na abrangência da práxis artística, sinalizando-se também a indicação de caminho e finalidade desta práxis, ou seja, a educação. Recriam-se então em termos práticos e conceituais, categorias de análises e de referenciais de trabalho. Isto quer dizer balizamentos nos quais foi inserida a pesquisa e a ação realizadas na ONG Rádio Margarida. A arte-educação como elemento de fundamental importância teórica e prática, é um poderoso instrumental capaz de chamar a atenção e romper com os preconceitos e idealismos. Pode-se destacar nesta fundamentação a presença e a influência do método de educação popular: “ao se tratar das linguagens artísticas como meio de comunicação social” (LIMA; MELO, 1994, p. 01), ou seja, não só as linguagens artísticas e os meios de comunicação, mas a relação das linguagens e meios em processos de arte-educação e de práxis artístico-cultural.

No Capítulo 2 (intitulado Linguagens artísticas como meios de comunicação) do Trabalho de Conclusão de Curso de Lima e Melo, encontram-se os fundamentos que regem a concepção artística e política do **teatro e teatro de bonecos**, e o que se quer fazer por meio destas linguagens, para que ser utilizada, com que finalidade e objetivos, por que estão

incorporadas e materializadas em um método de educação popular. Na abertura do item três descreve-se que:

O teatro existe desde a origem do homem. Existe como processo, em permanente transformação, satisfazendo sempre as exigências e necessidades do homem. O teatro não faz revolução, e sim revoluciona os homens para que eles a façam. (LIMA; MELO, 1994, p. 36).

Na tensão construtiva do texto de Lima e Melo, o teatro está intimamente ligado à natureza humana e, por conseguinte, à satisfação das necessidades do homem. O teatro existe como processo que, por sua vez, significa evolução e transformação do homem em sua relação com os outros homens e em relação com a natureza. Também se tem a dimensão do teatro como relação pedagógica de arte-educação, portanto, processual também de construção: “O teatro não faz revolução, e sim revoluciona os homens para que eles a façam” (LIMA; MELO, 1994, p. 36).

Destaca-se mais uma vez que a produção intelectual e acadêmica de Lima e Melo não encerra as possibilidades e discussões a respeito das concepções artísticas e políticas que existem a respeito do teatro, mas demarcam historicamente a intencionalidade e concepção de mundo das autoras e os referenciais teóricos e metodológicos do método de educação popular para a interpretação e vivência desta linguagem em sua práxis artística e educacional. E continuam as autoras:

Teatro, etimologicamente falando, vem do verbo grego *theastais* (ver, contemplar, olhar). Uma das suposições do aparecimento do teatro é que ele tenha surgido com o homem primitivo, pois, sabe-se que desde cedo o homem sente a necessidade do jogo e é neste espírito que surge a vontade de ‘ser outro’, representar a si ou aos outros, utilizando inclusive máscaras para a representação, muitas vezes religiosa. (LIMA; MELO, 1994, p. 36).

O teatro também é fruto de uma necessidade humana de representação das manifestações da vida, de atribuição de valor e interpretação da relação do homem com a natureza e com os outros homens, é uma possibilidade de estabelecimento de trocas, do jogo e do lúdico presente nas formas de transmissão de conhecimento e de busca do desconhecido. O teatro também demonstra a capacidade criativa de o ser humano representar-se como gênero e espécie, “ser ou não ser, eis a questão” (Hamlet Shakespeare).

No texto de Lima e Melo, bem como na fundamentação teórico-metodológica do método de educação popular trabalhada no item 3.1 deste capítulo 3, percebe-se que não existe a pretensão de discutir divergências conceituais com relação às linguagens artísticas e o

que os autores e correntes de pensamento pensam sobre o teatro, as artes e suas formas, mas sim destacar como a ONG Rádio Margarida realiza, por meio das linguagens artísticas, a sua vontade política e visão de mundo: A arte como socialização da cultura para a transformação social, bem como as mediações necessárias, via método de educação popular, para que isto ocorra.

Continuando com as citações de Lima e Melo (1994, p. 37):



Em relação ao espaço cênico, o teatro pode se realizar em diversos lugares. O anfiteatro grego deu lugar hoje em dia às igrejas, praças e ruas, e o espaço onde há mais representações ainda é o “palco italiano”, onde o ator se mostra para um público que ocupa poltronas, camarotes, galerias. Porém, o teatro nunca abandonou as praças, não se desvinculou das ruas e muito menos abandonou as feiras populares. Como diz Boal, hoje nós podemos fazer teatro numa esquina, colégio, restaurante, num ônibus, barco, galpão, até mesmo nos teatros. A escolha vem em decorrência do tipo de espetáculo, ou até mesmo por questões ideológicas.

As autoras tiveram o cuidado de trabalhar academicamente o tema, pois estavam falando e caracterizando o teatro dentro do âmbito das linguagens artísticas e da experiência do trabalho na ONG, por isso discorrem sobre o espaço cênico, nas suas formas tradicionais, mas se apoiaram em Augusto Boal, teatrólogo brasileiro que defende que o teatro pode e deve ser feito em qualquer lugar, até mesmo nos teatros tradicionais. Por questões de concepção de mundo, a ONG Rádio Margarida nasce em cima de quatro rodas, circulando pelo mundo afora e adentro, ou seja, levando a arte e o teatro às ruas, praças, mercados, colégios, restaurante, barco, aldeia indígena e até dentro de um velho ônibus da Segunda Guerra Mundial.



Para existir o teatro é preciso que haja o ator, que pode ser profissional ou não. No início, não existiam atrizes e os personagens femininos eram desempenhados pelos atores [...] A matéria-prima do trabalho do ator são os homens e a sociedade, por isso o ator deve estar sempre atento às observações da vida social, ao entendimento das relações de produção e suas consequências no dia-a-dia social dos homens. (LIMA; MELO, 1994, p. 37).

A matéria-prima do trabalho do ator e dos autores teatrais vêm necessariamente acompanhada de valores e ideologia, isto reflete na concepção teatral:

Para Boal, o teatro é a ação na qual o espectador pode interferir na cena, no destino do personagem. Já para Brecht, a experiência teatral seria reveladora no nível da consciência, mas não no nível da ação. O teatro existe na duração do espetáculo. Para Brecht, o teatro é o meio pelo qual podemos chegar à realidade para transformá-la. (apud LIMA; MELO, 1994, p. 36).

No estudo efetuado pelas pesquisadoras destacam-se os autores teatrais Augusto Boal e Bertolt Brecht justamente por refletirem, no teatro, a concepção de mundo por elas. O teatro é o meio pelo qual se pode chegar à realidade para transformá-la. Pela utilização de recursos cênicos e personagens (tal como o palhaço) utilizados e vivenciados no trabalho de arte-educação desenvolvidos na ONG, possibilita-se que o espectador seja participante da cena como interlocutor e protagonista para as mudanças necessárias. Quando se fala do espectador do trabalho da ONG deve-se entender que se fala de um público diversificado: crianças, jovens, adultos e idosos em diferenciadas situações de vida. Por opção política, a organização se volta e prioriza um público de classes subalternizadas, desprovido de recursos e bens materiais, para os quais a informação e comunicação é de vital importância para a tomada de decisões.

Quanto ao teatro de bonecos, outra importante linguagem artística adotada pela ONG Rádio Margarida na realização da sua práxis artístico-cultural, também é objeto de intervenção e pesquisa de Lima e Melo (1994, p. 27), que o descrevem da seguinte maneira:

O teatro de bonecos, assim como o teatro de atores, possui uma tradição tão antiga quanto a da própria história do homem. Sabemos que ele vem sendo praticado desde a antiguidade, possivelmente tendo surgido no Oriente, de onde se expandiu para a Europa e América. O teatro de bonecos surge de raízes religiosas, mostrando-se como grande forma de expressão artística, tanto na visão erudita como na popular.

O teatro de bonecos é uma grande forma de expressão artística e popular, por ser de fácil aceitação, pois permite cada um em sua territorialidade e cultura vivencie fábulas, lendas, cotidiano, crítica de costumes, charge de vilões, ditadores, malfeitores, bem como aos heróis, destemidos justiceiros e ao Zé ninguém que encanta multidões.

O teatro de bonecos é praticado em todo o mundo e, por isso, assume fisionomias e espíritos dramáticos diferenciados, de acordo com a localização geográfica de cada uma de suas manifestações, devido às diferenças de tradições culturais, costumes, formação social, econômica e política. No mundo todo existem vários tipos populares de teatro de bonecos. Os mais importantes são: Vidouchaka, na Índia; o Karagós, na Turquia; o Dunck, na Inglaterra; o Guignol, na França; o Fantocini, na Itália; o Mamulengo, no Brasil. Essas manifestações têm algo em comum, que é o caráter popular, o povo se representando para si mesmo. (LIMA; MELO, 1994, p. 27).

O teatro de bonecos presente em diferentes culturas e sociedades demonstra que uma linguagem artística não tem barreiras para se manifestar, pois facilita ao ser humano expressar suas emoções, sentimentos, representar-se a si mesmo em sua busca de divulgar o já

conhecido e indagar o que ainda não conhece. Assim como a música, dança e poesia, o teatro de bonecos vem fazendo parte e contando a história do mundo:



A marionete (teatro de bonecos) é velha como o mundo. Ela é uma filha natural da poesia. É imortal embora habitando na terra, tendo sido criada para fazer os homens esquecerem suas preocupações. Diverte as crianças, encanta as pessoas grandes, toca o simples, oferece um prazer delicado ao enfasiado e ao cético. (CHERNAIS apud LIMA; MELO, 1994, p. 28).

O que o homem de carne e osso consegue criar e transmitir com arte, ensinamento, diversão, orientação aos seus semelhantes é considerado imortal, pois vem sendo reafirmado como linguagem repassada de geração a geração. É a própria história viva do ser humano contada, representada nas suas diferentes formas, tradições, costumes, sociedades.

Resultado da criatividade humana, do desejo, necessidade do homem de se representar, sua história, sua vida, emoções, de se reconhecer, o teatro de bonecos permanece vivo até os dias de hoje, passando de geração para geração, desafiante e ativo, educador, conseqüente e transformador, irreverente, espontâneo, não se submetendo ao estabelecido, como deve ser toda atividade artística. (LIMA; MELO, 1994, pp. 28-29).

A pesquisa de Lima e Melo vem sendo utilizada nesta tese em diversos sentidos: registro histórico de um determinado momento na trajetória do conjunto da obra da ONG Rádio Margarida, demarca também os primeiros passos da utilização das linguagens artísticas e meios de comunicação social, é fonte bibliográfica a respeito das linguagens de teatro, teatro de bonecos, bem como vem reiterando a linha de fundamentação teórica e metodológica que vem sendo adotada pelo método de educação popular da ONG, baseada nos pressupostos históricos da tradição Marxista relativos à existência do homem e produção dos seus meios de vida que lhe permitam a satisfação das suas necessidades: “satisfeita esta necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem às novas necessidades” (MARX; ENGELS, 1987, p. 40), que passam a ser não só a satisfação das necessidades materiais e de sobrevivência física, mas alcança a dimensão de valores, costumes, habilidades, técnicas, artes, cultura e mais, alicerçadas naquilo que produzem e o modo pelo qual o fazem. Lima e Melo falam que o teatro de bonecos é “resultado da criatividade e da necessidade do homem de se representar, sua história, sua vida, emoções” e necessidade de se reconhecer a si mesmo e ao outro como gênero, espécie e possibilidades...

Quando o boneco surge no alto da panada, acontece uma grande transformação do ambiente. Encarna o valente, o ridículo, o apaixonado, o covarde; encarna

sentimentos ou paixões e os espectadores - olhos brilhantes, jovens ou idosos, bocas torcidas no riso ou na raiva, caras fechadas ou abertas - passam a considerá-lo “vivo” e dialogam com ele, se emocionam e se encantam. (LIMA; MELO, 1994, pp. 31-32).



O boneco tem o poder do encantamento, da magia, da fantasia, pode representar a comédia e a tragédia, transforma-se em muitos e muitos em um. “O boneco é personagem de madeira, de pedra, de papelão ou de pano, animado, participando de uma ação dramática” (CHERNAIS apud LIMA e MELO, 1994, p. 31). Tem a capacidade de transformar e criar ambientes, assim como facilitar o entendimento de questões que, ditas das formas convencionais, não alcançam êxito nas mudanças de atitude e comportamento.

O teatro de bonecos educa a audição. Ensina o ser humano a prestar atenção ao mundo sonoro, a ouvir com interesse o que os outros falam, a perceber a beleza da música e do ritmo. A educação ganha força ao aliar a expressão oral à expressão plástica e às emoções. O teatro de bonecos é participativo e questionador. (LIMA; MELO, 1994, pp. 33-34).

O teatro de bonecos desperta a atenção não só para o mundo sonoro, mas também para a visão, aguça os sentidos e o raciocínio para nexos e conexões dos acontecimentos, pois se tem que acompanhar uma trama, um enredo, uma história que, via de regra, possibilita e incita o público a participar, decidir na cena, se manifestar concordando e discordando, aplaudindo, variando os personagens e seus comportamentos, ‘nossos comportamentos’ de seres humanos.

O ser humano não se desenvolve por ideias abstratas, não se transforma por meio de teorias, mas sim pela força de sua ação, pelos seus sentimentos e emoções que esta ação lhe transmite. Educação abrangente é tudo aquilo em que há uma transformação interna, passando pelos sentimentos e emoções. Entre os muitos processos e instrumentais existentes, o teatro de bonecos é um que se destaca bastante por seu conteúdo histórico, sua plasticidade e complexidade de métodos. (LIMA; MELO, 1994, p. 34).

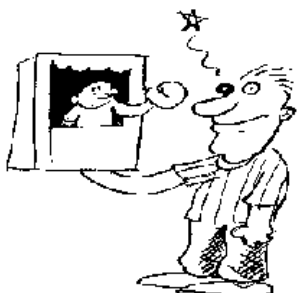
As autoras continuam a reafirmar a linha teórica e metodológica, bem como destacam o sentimento e as emoções em torno dos quais as ações giram, simplesmente porque as ações humanas não são desprovidas de sentimentos, que são escondidos e colocados embaixo do

tapete das realizações. Em se tratando do método de educação, o sentimento é categoria nuclear, que vem precedido pela comunicação e resultante em uma ação transformadora, que volta a se expressar e comunicar-se com o mundo e com o sentimento humano.

Ao tratar o teatro de bonecos em sua amplitude de linguagem, as autoras dizem:

O teatro de bonecos, hoje, deixou de ser puro e simples espetáculo de diversão e lazer, para canalizar-se também para a educação. Segundo nos fala Ana Maria Amaral: O boneco deveria ser usado na educação de saúde preventiva, para transmitir noções de higiene, deveres e direitos cívicos, alfabetização etc. (AMARAL apud LIMA e MELO, 1994, p. 34).

Ana Maria Amaral (apud LIMA e MELO, 1994) preconiza que o teatro de bonecos deveria ser usado na educação em geral, é uma realidade no trabalho da ONG Rádio Margarida, não somente com esta linguagem, mas com relação ao teatro, à música, à poesia, às brincadeiras. Ana Maria pode estar se referindo à educação formal e informal, mas Lima e Melo tratam o teatro de bonecos como mediações e processos.



Um dos processos muito importantes do teatro de bonecos na educação é a combinação do lúdico com o educativo. Para o adulto, é importante a combinação com a diversão. O encanto do teatro de bonecos é que ele sempre apresenta dualidades: é uma arte tanto para adultos como para crianças. É espetáculo de diversão e processo educativo, é fantasia e realidade. (LIMA; MELO, 1994, p. 34).

A combinação do lúdico com o educativo corresponde ao prazer da brincadeira com a utilidade de se levar à prática algo que se tenha apreendido. Todo labor educativo dentre dos princípios da práxis deve ser levado à prática, deve servir para algo que tenha utilização, e com certeza não deve ficar na gaveta ou no esquecimento. Não se pode esquecer o mundo dos adultos, que também necessita de diversão. A dualidade não excludente e, portanto, complementar do lúdico com o educativo abre as portas das possibilidades de chamar atenção e despertar o interesse, sem a obrigatoriedade da educação formal ou da “educação formol” (MARTINS, 2008, p. 36) parafraseando o educador social Tião Rocha, Prêmio Empreendedor Social 2007⁷⁹, coordenador do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), Líder AVINA e participante da Plataforma de trabalho de Araçuaí.

No teatro de bonecos os espectadores veem as suas próprias situações existenciais, dos amigos, patrões e governantes. É manifestação de crítica social. É interessante o efeito que os bonecos têm sobre a sensibilidade humana. Existem pessoas que

⁷⁹ Entrevista de Tião Rocha à revista “Caros Amigos”.

têm medo, outras mostram afetividade quase imediata. Os manipuladores acabam por considerar seus bonecos como amigos, isso quando não chegam ao extremo de carinho e atenção a eles, ou então parte integrante da sua própria pessoa. A explicação é que o homem criou o boneco à sua imagem e semelhança física ou psicológica. São seres estranhos, sem movimentos quando estão sós, porém com grande vida quando manipulados por seus responsáveis. (LIMA; MELO, 1994, p. 35).

Seus responsáveis, ou seja, os artistas manipuladores de bonecos, que também são chamados no Brasil de bonequeiros, dão vida ao boneco, por intermédio de um roteiro de sequência de estória, ou mesmo de um texto teatral para teatro de bonecos, tal como ocorre no teatro. O texto que se transforma em fala, em interpretação; os improvisos são sempre bem-vindos no teatro e teatro de bonecos, os chamados cacos, mas a alma de toda a estória é o texto que, para alguns artistas populares nem precisa ser escrito, pois a transmissão do seu conhecimento foi cabocla, via oral, mas existe uma trama, um enredo, um texto.

Ao longo de dezessete anos de existência, podemos dizer que a produção artística e cultural registrada no banco de dados⁸⁰ da ONG Rádio Margarida, somente neste quesito de produção de textos teatrais contabiliza um total de 45 textos de teatro, 23 textos de teatro de bonecos e 21 textos de teatro e teatro de bonecos juntos, escritos por vários autores, alguns dos quais escritos é o autor do presente trabalho. O texto coletivo também foi utilizado, embora haja prevalência de criação por parte de um autor, posteriormente revisada, discutida e adaptada em equipe para o trabalho de apresentação artística.

Para que possamos entrar na discussão do método de educação popular por meio da linguagem artística de teatro e teatro de bonecos, vamos decompor esta produção desde os títulos dos textos até o texto em si, com seu universo imaginário de personagens e representações de situações do cotidiano, bem como seu movimento de ir a fundo a um tema com pesquisa de fontes bibliográficas, estatísticas de incidência de fenômenos, que afetam e estão presentes na vida das pessoas, consulta às leis e aos instrumentos jurídicos.

Para falar sobre a construção dos textos de teatro produzidos pela ONG Rádio Margarida, é bom inseri-los no contexto de surgimento nos quais estes foram criados. Na sua totalidade os textos foram feitos para atender a uma necessidade do cotidiano e das relações sociais, questões relacionadas à saúde, cultura, direito humano e meio ambiente. O texto, antes de começar a ser escrito, é precedido de pesquisa sobre o que se está tratando. Esta pesquisa envolve fontes secundárias: bibliografia, literatura sobre o assunto, estatísticas de

⁸⁰ Os registros do banco de dados exprimem a real existência da quantificação mencionada, embora a produção efetivamente realizada durante estes anos seja maior do que o que pode ser contabilizado, em virtude de parte desta produção ter sido extraviada e perdida.

órgãos públicos, registros ou mesmo a ausência destes. Em determinadas situações pode-se precisar de dados primários, que envolvem entrevistas de técnicos, especialistas, usuários dos serviços e até pessoas que não ouviram falar sobre o assunto.

Na continuidade da pesquisa, chega as informações nucleares e imprescindíveis que devem ser repassadas no conteúdo do texto. Aí começam os desafios para que o método de educação popular torne entendível o que é necessário ser dito, pois isto está relacionado diretamente ao perfil do público que se quer alcançar. Traduzir conceitos e informações de maneira simples e agradável, ter o devido cuidado de trabalhar com graça e leveza para driblar os preconceitos, desmontando-os, desmitificando-os e dizendo o que precisa ser dito. Tais recursos são utilizados com sucesso quando se faz também um mergulho na cultura local, retirando dela elementos importantes para se falar a mesma linguagem, introduzindo novos componentes para mexer nas posições pré-estabelecidas, criar o novo e despertar para sentidos, comportamentos e atitudes.

A criação do argumento, um texto pequeno com a linha a ser seguida, contendo personagens principais, é de fundamental importância para se começar a visualizar a trama no seu conjunto, com início, meio e fim. Depois, na construção do texto propriamente dito, surgem todos os detalhes de interlocução e diálogos entre os personagens do cotidiano, retirados da observação dos hábitos e comportamentos de risco do senso comum, o mergulho na cultura e no sentimento humano daquele contexto e localidade. Os nomes e títulos dados aos textos acontecem em um determinado momento da criação que não segue uma lógica formal, às vezes pode ser incluso o toque final do artista ou mesmo partindo-se dele se constrói o argumento.

Inúmeros títulos foram dados aos textos de teatro escritos, alguns sugestivos com relação aos ditos populares, outros engraçados e alusivos em relação ao assunto do texto, outros simplesmente introduzindo o assunto, como “A separação”, um título comum, mas também com valorização do assunto, dramaticidade, tragicomédia, para se falar apenas da separação do lixo orgânico do inorgânico e reutilizável; “Fumadinho e Beberão”, para falar de drogas lícitas e ilícitas; “O lobo fumante”, para tratar de tabagismo; “Mulher moderna”, sobre câncer mamário; “Não leve gato por lebre”, direito do consumidor; “O bêbado e o motorista”, trânsito; “O mundo é dos espertos”, desperdício: água, energia elétrica, recursos naturais; “O pintinho e a peruca”, DST-AIDS; “O *show* do desafio”, empreendedorismo; “O vilão quase invisível”, dengue; “Os sentidos no cotidiano”, organização; “Sanitário é preciso”, esgotamento sanitário; “Se o mocinho fuma queima o filme”, tabagismo; “Sujos e maus lavados”, desperdício de água; “Um sonho a mais”, violência contra criança e adolescente.

Continuando, citam-se agora, dentre o conjunto da obra, alguns outros títulos dos textos escritos de teatro de bonecos e teatro: “A incrível história de Maria”, aborda a desnutrição em crianças; “A saga de Asquerodes contra os pequenos grandes homens”, traz para o presente as amargas lembranças do asqueroso Herodes, agora denominado de Asquerodes, para tratar das mazelas do trabalho infantil; “Água, não desperdice. Um dia ela pode faltar”, água; “Aprendendo com a natureza”, desmatamento; “O universo dos Tembés, para tratar de astronomia segundo interpretação das lendas e imaginário dos índios Tembés; “Brinquedado”, solidariedade, doação de brinquedos; “Dentinho”, saúde e higiene bucal; “Flor do Piquiá”, polinização por parte do morcego da flor do Piquiá; “Jogaram cinza no meu sonho colorido”, violência contra criança e adolescente; “Não quero luxo, nem lixo”, lixo; “O domador e os animais nada abestados”, trabalho infantil; “O galo da vizinha”, DST – AIDS; “O menino e o idoso”, idoso; “Orçamento participativo”, participação popular; “Os pingos nos is”, patrimônio genético; “Saber ler é saber viver”, leitura; “Seu Lara, seu Lero e seu Loro”, direito do consumidor; “Transitar é necessário”, trânsito; “Urubu e a cobra” I e II, lixo e desenvolvimento sustentável; “Vamos evitar a Dengue”, dengue; “Verde que te quero verde”, desmatamento.

Com respeito aos títulos de teatro e teatro de bonecos citados, percebe-se a diversidade de temas trabalhados, bem como uma relação direta e indireta dos títulos com os temas tratados e, se não for uma relação direta, ela é, sem dúvida, alusiva aos conteúdos dos textos. Percebe-se também que, para se transitar em assuntos diversos, há de haver um meio de fazê-lo, sem que seja somente o diletantismo de abordar a diversidade. Para isto, contamos com o suporte do método de educação popular, interpretando, decodificando, direcionando e nucleando as informações imprescindíveis, bem como sensibilizando e cativando o público a participar no acompanhamento do desenvolvimento das tramas e enredos, se expressando, opinando, estabelecendo uma relação de empatia e pertencimento.

Para melhor explicar a linha de raciocínio adotada na construção dos textos, com base no método de educação popular, vamos escolher um dos textos citados (Os pingos nos is), e detalhá-lo em suas curvas e meandros, navegando juntos na sua construção intelectual, artística, de pesquisa-ação e resultados de seu processo pedagógico.

O texto “Os pingos nos is”, relacionado às questões de meio ambiente, teve como objetivo possibilitar o diálogo e entendimentos entre a empresa: Indústria e Comércio de Cosméticos Natura e a Associação Ver as Ervas, que representava as feirantes vendedoras de ervas e plantas medicinais da feira do “Mercado do Ver-o-Peso” da cidade de Belém do Pará.

Para contextualizarmos o momento em que o texto foi elaborado, a pedido da “Natura”, temos que contar um pouco da história de tal acontecimento. Fomos procurados em agosto de 2006 em situação emergencial por gerentes e diretores da empresa, por indicação do Instituto Peabiru, para auxiliar no entrave das negociações entre a Natura e a Associação Ver as Ervas a respeito de acordo financeiro, por conta de utilização de conhecimentos tradicionais em pesquisa da empresa e linha de produção de produtos relativos aos ativos Breu Branco, Cumaru e Priprioca. Foi solicitado inicialmente à ONG Rádio Margarida que pudessemos explicar melhor o que estava contido na legislação e regulamentação sobre “Acesso ao patrimônio genético (PG), conhecimento tradicional (CT) e repartição de benefícios no Brasil para atividades de pesquisa científica, bioprospecção e desenvolvimento tecnológico”. Para tal, necessitávamos de informação sobre o tema e sobre o andamento das negociações. A partir deste momento começa a jornada da ONG na pesquisa de construção do texto, observação participante, interlocução com protagonistas, apresentações artísticas em número de três, filmagem, edição e produção de vídeo-registro de um momento especial da negociação.

Ao participarmos como representantes da ONG Rádio Margarida na condição de observadores de um dos encontros, ou melhor, desencontros de discussão sobre a repartição de benefícios do conhecimento tradicional, previstos no calendário de reuniões de negociações, que tinha como representantes: membros da Associação Ver as Ervas e seu advogado, colaboradores e funcionários da empresa Natura, representantes do Ministério Público e outros participantes, pudemos perceber o desgaste e a desconfiança de ambas as partes, mas principalmente dos membros da Associação por desconfiarem das intenções da empresa achando que os representantes da “Natura” estavam somente “enrolando”, e por não entenderem o que estava sendo dito pelos técnicos e setor jurídico da empresa sobre os conceitos e as regulamentações da legislação.

Após a observação na reunião e escuta de perto das desconfianças e reclamações de ambos os lados, estávamos, como se diz popularmente “com uma batata quente na mão”, pois intermediar uma negociação é difícil principalmente porque se visualizava que ambas as partes deveriam ouvir e entender o que o outro estava querendo e isto não estava ocorrendo. Além disso, entrar em um tema desconhecido e ter que compreender do que se trata em pouco tempo é tarefa desafiante, assim como dar segurança à empresa de que a linguagem e o método a serem utilizados facilitariam o entendimento entre as partes.

Assim sendo, em menos de uma semana se produziu o texto de teatro e teatro de bonecos: “Os pingos nos is”, que foi o mais importante dentre os três textos produzidos com o

mesmo fim. O texto teve a missão de traduzir a linguagem técnica e jurídica utilizada pela empresa do “juridiquês” ao português e do português ao paraense, para que os membros da Associação pudessem entender do que se tratava na regulamentação da legislação. Também em “tradução simultânea”, fazia-se a tradução do paraense para o português e para o ouvido da direção da empresa dos anseios e necessidades observadas nas reivindicações da Associação Ver as Ervas.

Vale ressaltar que a regulamentação sobre Acesso ao Patrimônio Genético, Conhecimento Tradicional Associado e Repartição de Benefícios é recente no Brasil, tendo o primeiro caso regulamentado pelo Conselho de Gestão e Patrimônio Genético (CGEN), colegiado de organismos governamentais e participação da sociedade civil, em janeiro de 2005. Acesso ao Patrimônio Genético é a obtenção de amostra de componente do patrimônio genético: bactérias, protistas, fungos, plantas (óleo, manteiga, extratos e moléculas) e animais, para fins de: pesquisa científica, bioprospecção, desenvolvimento tecnológico visando aplicação industrial ou de outra natureza. Acesso ao Conhecimento Tradicional Associado é: informação ou prática individual ou coletiva de comunidade indígena ou de comunidade local, com valor real ou potencial, associado ao patrimônio genético, que pode ser praticado por uma pessoa, uma associação de pessoas, cooperativas, e mais. Quanto à Repartição de Benefícios, tem-se que: os benefícios resultantes da exploração econômica devem ser repartidos com o titular da área onde ocorreu o acesso (para bioprospecção ou desenvolvimento tecnológico) ao Patrimônio Genético e com o detentor do Conhecimento Tradicional. A repartição de benefícios deve ser justa e equitativa, visando a divisão de lucros; acesso e transferência de tecnologia e capacitação de recursos humanos. Qual o objetivo da repartição de benefícios? Geração de Projetos ou Atividades para conservação e uso sustentável da biodiversidade e garantia das futuras gerações.

Para que possamos entrar neste universo e conteúdo dos temas tratados, via método de educação popular, apresenta-se abaixo o texto “Os pingos nos is”, de autoria de José Ailton de Carvalho Arnaud e revisão de Osmar Pancera:

“OS PINGOS NOS IS”

Enquanto o público entra no espaço da reunião, d. Filó (personagem) se senta junto com a plateia, mais ou menos na frente. O ideal é que não chame muita atenção. Os representantes da Natura iniciam a reunião oficialmente (normalmente) podendo fazer a apresentação da empresa e introduzindo o assunto da peça.

***Fernando (Representante da Natura)** - Bem, como estava dizendo, um dos nossos objetivos hoje é esclarecer questões a respeito da legislação brasileira que tratam de Repartição de*

Benefícios, um assunto que interessa a todos aqui. E para nos ajudar nessa explicação, trouxemos dois personagens teatrais, com vocês: d. Filó e seu Birico.



Filó - (ouve-se toque de celular, D. Filó se levanta na plateia toda agoniada e vai em direção ao palco) Ai, desculpa minha gente, eu esqueci o celular ligado. Já vou atender, rapidinho, tá. Deve ser importante. (vai revirando a sacola de feira dela ,tira uma monte de coisa e não acha o celular, que continua tocando, até que ela acha) Ai, tá aqui! (atende) Alô! Alô! Quem é?



Birico - (aparece na panada o boneco do seu Birico) Oi, d. Filó. Minha flor de jatobá. Como é que vai?

Filó - Seu Birico, só podia ser. Isso lá é hora de ligar, homi!? Tô no meio de uma reunião com a Natura.

Birico - Ah, nós também já fizemos muitas reuniões com a Natura, nós fornecemos a matéria-prima para muitos produtos deles, inclusive a Priprioca.

Filó - Bom, essa vai ser a nossa primeira reunião, nós queremos é colocar os pingos nos is.

Birico - Não se apoquente, tudo há de se resolver.

Filó - Isso é que eu quero ver. Quero saber direitinho dos meus direitos, tudo que tá na lei sobre as ervas, todos os produtos que nós trabalhamos.

Birico - Ah, d. Filó, essa parte de lei é complicada. Mas nós que trabalhamos com a venda de produtos vegetais aqui em Boa Vista, já aprendemos um pouco.

Filó - Pouco de que já?

Birico - Um pouco sobre patrimônio genético.

Filó - Credo! Que diacho é isso. Come com farinha? Faz mal com açaí?

Birico - Presta atenção, Filozinha do meu coração, que eu vou te explicar.

(sai de cena, ouve-se somente a sua voz enquanto aparecem em cena objetos ilustrativos: plantas, animais, DNA, etc).

Birico voz - As plantas e os animais são formados por milhares de células. Cada partezinha dessa, ou seja, cada célula, traz uma informação genética. Então o nosso patrimônio genético são as plantas, as bactérias, os fungos e todos os animais do Brasil.

Filó - Mas e as ceras, extratos que são tirados das plantas, não são patrimônio genético?

Birico - São sim. O breu branco, a priprioca, tudo isso é.

Filó - Ei, seu Birico, quer dizer que vocês podem vender esse tal de patrimônio genético assim, pra qualquer um?

Birico - Não é bem assim, minha flor, é pra isso que existe lei. Mas isso eu vou te explicar pessoalmente.

Filó - Pessoalmente? Mas como é que o Senhor vem pra cá...

Birico - (ouve-se som de avião, passa um avião na panada. Aparece seu Birico no palco como ator) Pronto d. Filó, cheguei! (beija várias vezes a mão de Filó)

Filó - Já chega, homi de Deus! Me fala de uma vez essa história de lei, que eu já to agoniada.

Birico - Na verdade o seu Fernando pode nos falar melhor sobre essa parte da legislação, não é?!

Fernando - Se eu puder ajudar, seu Birico.

Filó - Eu queria saber se esse tal patrimônio genético, que são as plantas, os animais, as raízes, tudo, se podem ser vendidos assim pra qualquer um?

Fernando - Antigamente até que podia. Preste atenção: (mostra slide das MPs e explica)

Filó - Quer dizer que a partir daí o governo começou a fiscalizar a venda desses produtos, foi?

Fernando - No caso, o responsável pela liberação das licenças é o Ministério do Meio Ambiente, que autoriza o acesso ao patrimônio genético, e só é permitido para quem vai fazer pesquisa científica, bioprospecção ou desenvolvimento tecnológico.

Filó - Ahhhhh, tá! Não entendi nadinha.

Birico - Deixa que essa quem vai explicar é meu amigo Clorofila, o sapo mas inteligente do mundo. Palma pra ele, pessoal!

Clorofila - (entra Cantando) Fala, Birico, meu amigo, e aí, d. Filó, quê que manda?

Filó - O seu Birico disse que tu ias explicar sobre uma tal de “bioprespecção”.

Clorofila - Bioprospecção, dona Filó, é quando vão usar a genética de uma planta ou animal pra fazer um produto.

Filó - Remédio, por exemplo?

Birico - Isso, ou então, um perfume, pra eu ficar bem cheiroso pra senhora.

Clorofila - E o desenvolvimento tecnológico é quando se organiza melhor tudo que já se sabe sobre determinado recurso da natureza e usa para melhorar um produto ou o jeito de fazer um produto. Sacou?!

Birico - Muito bem, Clorofila, é isso mesmo. Muito agradecido pela informação.

Clorofila - De nada, precisando é só teclar: www.clorofila.binitão.com.br. Até mais galera. Fui!

Filó - Até que entendi um pouco dessa bioprospecção. Mas ainda não falaram do que me interessa!

Birico - (se oferecendo) E o que é que lhe interessa, minha flor?

Filó - Ué! Vocês lá em Boa Vista têm a mercadoria pra negociar, mas eu tenho a sabedoria popular, que vem desde meus avôs. Isso não tem um valor também?

Fernando - Claro que tem, d. Filó. É o que chamamos de Conhecimento Tradicional Associado ao Patrimônio Genético.

Filó - Se é isso tudo que o senhor falou eu não sei, mas que nós sabemos tudo que essas plantas, raízes e tudo mais, podem fazer, nós sabemos!

Birico - Isso é verdade. A mãe da d. Filó, d. Firmina, que Deus a tenha, era benzedeira de mão-cheia. Tirava um mau-olhado que era uma beleza, fazia o banho de comigo ninguém pode, (colocar algumas das falas delas lá no Ver-o-Peso). E tinha a coisa da bota, que era tiro e queda!

Filó - E eu aprendi tudinho!

Fernando - Não tenho dúvida disso, d. Filó. A senhora é provedora de conhecimento tradicional, só que é difícil determinar quantas pessoas têm o conhecimento tradicional associado.

Filó - Lá vem o Doutô de novo. Que diacho é ser provedora de conhecimento tradicional, seu Birico?

Birico - Calma, minha flor, não se estresse. Pensa na priprioca. A pessoa que tem a priprioca ou o conhecimento do que a priprioca faz é provedora. Entendeu?

Filó - Entendi.

Fernando - E esse conhecimento tradicional é difuso. (slide)

Filó - Ah, minha nossa senhora...

Fernando - O conhecimento é difuso, porque é espalhado, muita gente tem e não dá pra dizer todos os que têm esse mesmo conhecimento.

Filó - Tá certo, tá certo. Mas eu quero saber quem é que vai sair ganhando no final das contas?

Fernando - Olhe d. Filó, a lei é bem clara. (slide repartição dos benefícios e explicação)

Filó - Hum, não sei não! A empresa nesse caso só sai ganhando, é?!

Fernando - Antes de ter lucro, a Natura faz um grande investimento de tempo e dinheiro, pesquisando em diferentes locais, Universidade, pesquisas científicas, etc. (slide quando a Natura começa a ganhar e explicação. Pode falar do compromisso da empresa e que é referência no Brasil para aplicação desta lei).

Filó - E nós, será que vamo ter benefícios mesmo?!

Birico - Vão sim d. Filó. Nós, lá em Boa Vista, tamo sempre negociando para fazer um bom negócio tanto para a Natura como pra nós, né. Por exemplo, reformamos nossas casas e compramos um terreno para a Associação.

Fernando - Mas eles têm a vantagem de trabalhar só com matéria-prima, com o patrimônio genético.

Filó - Como assim, vantagem, já?!

Fernando - É porque já foram feitos muitos contratos em todo o Brasil e no mundo sobre patrimônio genético, mas de conhecimento tradicional esse é o primeiro.

Os dois - O PRIMEIRO?

Filó - Ih, complicou! Já vi tudo.

Birico - Com a gente lá é mais fácil mesmo, são repassados os valores pra Associação de produtores e os benefícios são repartidos com todos os comunitários. Já tamo até bem acostumados com esse negócio.

Filó - E no nosso caso, como é que vai ser?

Fernando - Pois é, a questão é que não há uma definição por lei de como é que deve ser a repartição de benefícios em casos de contratos de conhecimento tradicional associado.

Filó - Que é o nosso caso?

Birico - Que é o caso de vocês.

Fernando - Ainda estamos buscando regularizar este caso porque até agora a legislação não era clara o suficiente.

Filó - Mas e agora Doutô, depois de toda essa conversa, toda essa explicação, nós não vamo decidir nada?

Fernando - É por isso que estamos aqui. Nós queremos fazer o primeiro contrato desse tipo no Brasil, mas queremos fazer direito onde todos ficarão satisfeitos. Certo d. Filó?

Filó - Tá certo, mas é que eu pensei que já...

Birico - Não se estresse, minha flor, tudo há de se resolver.

Filó - Ai, ai, ai... Tanta coisa na minha cabecinha. Genética, difuso, bioprospecção, repartição de benefícios...

Birico - (vão saindo para trás da panada) Se acalme, minha flor. É importante você saber que esses benefícios são pra conservação e o bom uso desses recursos da natureza.

Filó - Como assim, seu Birico?

Birico - Temos que garanti essa mesma sabedoria pras outras gerações. Se quiser lhe levo lá em Boa Vista pra mostrar a nossa plantação de priprioca. A senhora vai ver como estamos pensando no futuro.

Filó - Mas como é que vamos? (entram na panada. Ouve-se som de avião e vê-se avião passando)

Birico - (aparecem os dois personagens em boneco) Tá vendo d. Filó, toda a priprioca aqui é bem cuidada, é plantada sem uso de agrotóxicos e está em processo de certificação.

Filó - Agora entendi o que o senhô quis dizer em garantir o recurso pra outras gerações.

Birico - Pois então, nós temos que fazer a nossa parte e pensar no futuro...

Filó - Como assim, seu Birico?

Birico - Eu quero dizer que... estou fazendo grandes planos pra nós dois e...

Filó - (gostando) Nós dois, é?!

Birico - (Se insinuando...) A senhora quer se namorar comigo?

Filó - Namorar nada, só se for pra casar, e de papel passado, com todos os meus direitos... (vai saindo)

Birico - Vem cá, minha flor, se acalme que tudo há de se resolver. Vem cá, vamo prosear, é conversando que se entende. Vem cá! (sai atrás dela)

Fernando - E agora vamos continuar a nossa reunião. Muito obrigado!

Vamos analisar os conceitos e elementos contidos no texto descrito acima, a começar pelo título: “Os pingos nos is”, uma expressão popular para designar que o interlocutor vai falar as coisas certas como elas são e devem ser, ou seja, procura-se colocar a conversa no caminho de repor a verdade e falar francamente. Tem-se que convir que o título seja sugestivo para chamar a atenção das partes em conflito, dar visibilidade às reivindicações da Associação e conhecimento sobre as regulamentações legais do assunto.

Os personagens do texto, com exceção do sapo mais inteligente do mundo e que se diz bonito, e do Fernando Allegretti (Gerente de Relacionamento com Comunidades da Natura), foram talhados e construídos a partir da observação participante nas reuniões e relatos com os interlocutores das partes em negociação. Dona Filó é a legítima representante das feirantes, em sua maioria do sexo feminino, na feira de ervas e plantas medicinais do Mercado do Ver-o-Peso. Dona Filó está muito bronqueada e desconfiada com a Natura, é uma autêntica liderança entre as mulheres donas de barraca e detentora de um conhecimento tradicional de uso e manipulação de ervas e plantas medicinais. Lembrando a presença marcante das mulheres na feira, não esquecer que a presidente da Associação é uma mulher que sabe se posicionar e demarcar espaços para as conquistas de sua categoria profissional. Dona Filó quer saber de tudo e quer tudo que for conversado no papel.

Seu Birico é a representação de um dos quantos agricultores e negociadores do acordo que vem vigorando por alguns anos com a Natura, no município de Boa Vista do Acará. Seu Birico traz a experiência do relacionamento com a Natura, pois é fornecedor de matéria-prima, entrega e recebe pelo que produz e pela repartição de benefícios da área onde existe o patrimônio genético. Tem o papel de dar seu depoimento de que é possível um acordo bom para ambas as partes, bem como trazer tranquilidade para o ambiente de desconfiança e oposição. Seu Birico também representava a possibilidade de uma aproximação e conciliação com os interesses da dona Filó, ou de suas representadas, filiadas da Associação.

Assim sendo, foram pensados e discutidos em equipe o planejamento de construção do argumento e texto para teatro e teatro de bonecos, o ambiente a ser trabalhado, o cenário e a caracterização dos personagens e a mensagem de suas falas. Mesmo que tivéssemos sendo chamados pela Natura, falávamos artística e culturalmente pelas partes, colocando “os pingos nos is”, demonstrando à empresa o descontentamento, e às erveiras o que é que tem na regulamentação.

O diálogo dos dois inicia pelo telefone, com o posicionamento da dona Filó sobre a defesa dos seus direitos em reunião com a Natura e seguem depoimentos do seu Birico sobre a sua relação com a empresa. Com perguntas e respostas sobre o que é patrimônio genético e sua utilização, seu Birico desce da panada e já não é mais boneco. Apresenta-se como um agricultor simpático e esclarecido, que acalma os anseios, temores e as dúvidas de dona Filó. Aí vai se dando o clima de conversação sobre o assunto. A presença no texto e na apresentação artística de um representante da Natura, gerente da empresa, respondendo as perguntas da dona Filó, dava o depoimento “oficial” da legislação e seriedade dos argumentos do texto em uma linguagem descontraída.

Mesmo com a informalidade e descontração, facilitadora de as pessoas se desarmarem e estarem mais dispostas a ouvir, a repetição é necessária para fixação dos conteúdos e melhor esclarecimentos. Por isso dona Filó não tem vergonha em dizer que não entendeu nadinha após a explicação e exposição do assunto com recurso de projetor de imagem por parte do Fernando sobre a legislação e bioprospecção. Neste momento entra em cena outro recurso para repetir o conteúdo com outros argumentos de palavra, e auxílios auditivos e visuais. Surge então um dos representantes da biodiversidade e patrimônio genético em carne e pele, o nosso amigo Clorofila, o sapo mais inteligente do mundo, que volta a falar sobre bioprospecção. Os assuntos e as palavras mais complicadas foram também levados a simplificações, remetendo ao vivido dos interlocutores. Por isso a explicação: bioprospecção, dona Filó, é quando vão usar a genética de uma planta ou animal pra fazer um produto. Ela pergunta se pode ser remédio e ele responde que sim e também pode ser para fazer um perfume. Ambos, remédio e perfume, fazem parte da manipulação que as erveiras e erveiros desenvolvem no seu dia-a-dia.

Continuando na análise do texto, dona Filó havia dito que já sabia o que é patrimônio genético e tinha aprendido um pouco sobre bioprospecção, mas continua firme em seu propósito de indagar se a sabedoria popular, que vem desde seus avôs, tem algum valor. É bom não esquecer que o texto também foi elaborado para causar identificação e empatia. Por isso o papel de dona Filó é de indagação permanente e reivindicação dos seus direitos. Pode-se afirmar que esta empatia e simpatia foram alcançadas. E dona Filó continua a prosa com seu interlocutor preferencial: diacho, o que é ser provedora de conhecimento tradicional, seu Birico? E assim foi explicado que ela também é detentora de conhecimento tradicional, mas que esse conhecimento tradicional é difuso. Aí dona Filó entra em parafuso e quer saber quem afinal de contas vai ganhar com isto? E nós, será que vamos ter benefícios mesmo? Seu Birico responde que em sua comunidade isso já aconteceu, ou seja, já tiveram benefícios com a venda de matérias-primas; reformaram as casas e compraram um terreno para a Associação, mas no caso das erveiras (os) é diferente por se tratar de conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético e por ser o primeiro caso, o qual iniciaria a negociação.

Dona Filó continua: mas e agora, Doutor, depois de toda essa conversa, toda essa explicação, nós não vamos decidir nada? Ouve do representante da Natura: é por isto que estamos aqui. Nós queremos fazer o primeiro contrato desse tipo no Brasil, mas queremos fazer direito onde todos ficarão satisfeitos. Neste ponto é bom lembrar que a chegada deste momento era algo muito esperado por todos os presentes e outros associados da Associação Ver as Ervas. Havia uma grande expectativa e planos fantasiosos com relação a enormes

quantias de indenização que viessem magicamente resolver a situação histórica de pobreza dos feirantes. Por isto ‘todo cuidado era pouco ao abordarmos um tema e situação conflitante que vinha se desenrolando, ou melhor, “enrolando” há algum tempo.

Seu Birico entra em ação mais uma vez e acalma dona Filó, leva-a numa viagem até em Boa Vista do Acará, pra ver de perto o que eles conseguiram nos acordos com a empresa Natura. “In loco”, no imaginário do teatro de bonecos, dona Filó começa a entender que a repartição de benefícios também tem que ser destinada à conservação e bom uso desses recursos da natureza, segundo regulamentação das medidas provisórias. Fazer o primeiro acordo sobre o tema não é uma simples tarefa, pois avaliar circunstâncias relacionadas ao Patrimônio Genético com o detentor do Conhecimento Tradicional remete a repartição de benefícios, que deve ser justa e equitativa, visando a divisão de lucros, o acesso e a transferência de tecnologia, bem como a capacitação de recursos humanos.

Durante a apresentação ocorreram os “cacos”, expressão utilizada no teatro para denominar improvisos no texto, diálogos e brincadeiras com a plateia, que se mostrava bastante receptiva às posições assumidas por dona Filó. Percebia-se a empatia com a personagem, o mesmo ocorrendo com o seu Birico. As pessoas balançavam a cabeça quando a Filó dizia que estava com dúvidas e que não havia entendido e também quando ela dizia que agora já sabia do assunto eu perguntava aos seus colegas feirantes se agora estavam entendendo e diziam que sim. Não houve nenhuma manifestação de repúdio à apresentação artística; pelo contrário, a apresentação foi bem aplaudida. Finda a apresentação, pôde-se continuar a reunião em um clima de descontração propício para que as partes pudessem se ouvir e dialogar. Ao final deste dia de reunião fizemos informalmente uma enquete para saber qual foi a parte que mais gostaram e tiraram proveito na reunião: a grande maioria, para não dizer a totalidade das pessoas, disse que foi a apresentação artística, a dona Filó, a maneira de explicar as coisas desta forma com o auxílio dos artistas e que o dia de hoje havia sido melhor que das outras vezes.

O processo de negociação para levar às vias de fato a aplicação e regulamentação da Convenção da Diversidade Biológica (CDB) na legislação Brasileira, passou por várias etapas sendo a derradeira a MP 2.186/2001 e o Decreto-Lei 5.459/05, de sanções administrativas. Dentre as exigências do processo, em sua primeira etapa, chamada de anuência prévia, consta que deve ser acompanhado por várias formas de representação da sociedade civil, instâncias e órgãos públicos e sua evolução toda registrada com pareceres e decisões. Como representados e representantes no processo tínhamos: membros da Associação Ver as Ervas e seu respectivo advogado, constituído por exigência da regulamentação, sendo este escolhido pela associação

sem ônus para tanto; representantes da empresa e seus convidados; representante do Ministério Público, da OAB, Instituições locais de pesquisa, como o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e outros. Também como exigência do processo, um consultor externo, independente, com perfil para acompanhar as questões relacionadas ao conhecimento tradicional, foi contratado para fazer todos os registros e pareceres pertinentes à sua área. Assim sendo, acompanhando as reuniões e a negociação, tinha-se a antropóloga Sonia Lorenz, pesquisadora e professora universitária, que, em uma parte de seus laudos enviado ao Ministério do Meio Ambiente, emitiu o seguinte parecer sobre o trabalho e método de educação popular da ONG Rádio Margarida:

Osmar Pancera, Coordenador Geral da Rádio Margarida, tomou a palavra para introduzir a peça de teatro que seria apresentada. A Rádio Margarida é uma ONG que trabalha com Arte e Educação em Belém há dez anos, com o objetivo de trazer paz e alegria, como eles próprios se definem, respeitando as diferenças entre as pessoas. João Meirelles, do Instituto Peabiru, apresentou a Rádio Margarida à Natura, com o intuito de viabilizar uma *tradução* da terminologia jurídica e dos conceitos deste tipo de negociação para a linguagem popular da comunidade dos erveiros do Ver-o-Peso. Foi uma escolha feliz, que se mostrou eficaz ao longo do processo de negociação, não só porque conseguiu de fato efetuar a *tradução* almejada pela Natura, como pelo fato de que o Coordenador Geral da Rádio Margarida contribuiu efetivamente para a realização do acordo, enquanto negociador informal, porém muito eficiente. A primeira peça de teatro encenada nesta reunião foi um sucesso, e conseguiu não só propiciar uma mudança do clima tenso entre as partes envolvidas, como possibilitou que os associados compreendessem as etapas do processo de Anuência Prévia e do Contrato de Repartição de Benefícios⁸¹.

Sônia Lorenz também presenciou outras duas apresentações artísticas decorrentes desta negociação, à medida que a conversa e o diálogo iam se estreitando e os acordos iam se firmando. O segundo texto já mostrava dona Filó menos desconfiada, embora continuando a se posicionar e querer “Os pingos nos is”, embora mais suscetível às cantadas do seu Birico. No terceiro texto o acordo já estava fechado no papel e a mesma coisa aconteceu com dona Filó e seu Birico, ou seja, a solenidade de contrato civil de casamento e festividade, ambos no local de trabalho das (os) feirantes, na feira de ervas no mercado do Ver-o-Peso. Tudo foi registrado em vídeo para ficar para a posteridade, uma solenidade bonita, em que dona Filó foi enfeitada e perfumada por suas colegas de trabalho.

Ainda tratando dos resultados obtidos por meio das mediações e práxis do método de educação popular da ONG Rádio Margarida, demonstra-se que tal acordo teve repercussões

⁸¹ Parecer de Sônia Lorenz em processo de Anuência Prévia, entre Associação Ver as Ervas e a Natura, Belém, outubro de 2006.

positivas no meio empresarial, ambiental e acadêmico, conforme pode ser comprovado no artigo “A Natura, dona Filó e seu Birico”:

Com ruídos na comunicação, empresa e comunidade entraram em crise, para superá-la, usou-se até de teatro de bonecos [...] As erveiras se diziam usurpadas e o caso repercutia mal na imprensa. Elas se queixavam de que as comunidades tradicionais, por negociar diretamente com a Natura, teriam ‘inflacionado’ o preço dos produtos e a empresa, copiado a forma de manipulação das essências. As relações começaram a se deteriorar. Além disso, segundo Egydio⁸², o Ministério público Estadual queria impedir o nosso contato com elas, alegando risco de cooptação.

Fomos proativos e chegamos a elas: ‘qual é a bronca? ‘O que está acontecendo’?, conta Allegretti⁸³.

Mas a comunicação não fluiria assim tão facilmente. Era preciso um “tradutor capaz de atravessar o abismo cultural entre as partes. Então a empresa chamou à cena uma organização não-governamental, o Centro Artístico Cultural Belém Amazônia, conhecido com Rádio Margarida, para que criasse um canal de entendimento.

‘Havia um verdadeiro telefone sem fio, envolvendo até pessoas terceiras que davam palpites e influenciavam as erveiras’, conta Osmar Pancera, presidente da instituição conhecida por ter criado um método de educação popular juntamente com a Universidade Federal do Pará. A proposta foi realizar uma encenação do teatro de bonecos. E funcionou.

A primeira etapa, diz Pancera, foi observar como se davam os ruídos de comunicação. A segunda, construir uma linguagem que se apropriasse do imaginário das erveiras e das comunidades, de forma que a Natura conseguisse dialogar com essas partes. ‘Tivemos de nos debruçar sobre o texto da legislação (de acesso ao patrimônio genético e a repartição de benefícios), e traduzir o juridiquês para o português. Mesmo assim a mensagem continuava hermética. Era preciso passar do português para o paraense, incorporando todos os trejeitos e as características locais’, conta.

A primeira encenação, acompanhada de uma apresentação de *Power Point*, serviu para quebrar o gelo. A Rádio Margarida havia criado duas personagens, o seu Birico, integrante de uma comunidade do Alto Juruá, onde a natura já havia atuado, e a dona Filó, uma erveira. Seu Birico queria casar com dona Filó, mas ela não queria saber de conversa.

Na segunda apresentação, conta Pancera, ‘a gente conseguiu restabelecer o diálogo com as erveiras’. Mas dona Filó era muito desconfiada e queria levar tudo pro papel. E na terceira, conseguimos costurar um acordo. Nesta última encenação, Birico finalmente se casava com Filó’.

‘Hoje a gente até esquece que teve esse equívoco’ diz Deuzarina Correia, a dona Deuza, presidente da Associação Ver as Ervas. ‘agora está tudo resolvido, mas precisa ter olho no olho’. (SAFATLE, 2007, pp. 31-32).

Quanto aos resultados obtidos pela Associação Ver as Ervas informa-se que foi efetivado um acordo extrajudicial, com o aval do Ministério Público do Estado do Pará, dando celeridade ao processo de repartição de benefícios, uma vez que o processo por vias e canais legais junto ao Ministério do Meio Ambiente, ainda é muito demorado e burocrático. O acordo perseguiu os passos das resoluções oficiais e também tem o caráter pioneiro de ser o primeiro no gênero no Brasil. A repartição de benefícios gerados neste processo resultou em

⁸² Marcos Egydio Martins – Diretor de Sustentabilidade da Natura.

⁸³ Fernando Allegretti – Gerente de Relacionamento com Comunidades.

divisão de lucros de uma linha de produtos desenvolvidos pela empresa. Isto significou repasse de recursos para Associação Ver as Ervas, que foram utilizados da seguinte maneira: Transferência de recursos para cada feirante fazer investimento em sua atividade profissional; uma sede para a Associação, equipada para desenvolver processo produtivo de remédios caseiros, pomadas, perfumes, xaropes e similares; capacitação para manipulação de ervas e plantas medicinais; verba para custeio da Associação e elaboração de projeto de sustentabilidade.

As erveiras (os) conquistaram esta e outras vitórias, pois sabem se posicionar como portadoras de conhecimento tradicional de plantas e ervas, conhecem os direitos, inclusive os de imagem, e estão sintonizadas com a era da informática; um exemplo do que esta sendo dito é o breve currículo que se apresenta a seguir, de uma legítima representante da categoria:

Clotilde: mais conhecida como dona Coló. Trabalhando há 32 anos na feira do Ver-o-Peso com ervas medicinais, óleos medicinais, garrafadas, banhos de cheiro, banho de limpeza, banho para negócios, banho atrativo, banho para o amor, amuleto da sorte, pomadas caseiras, etc. Tudo que aprendi com meus pais, e agora estou passando para os meus filhos o que eu aprendi. Em minhas apresentações passo meu conhecimento ensinando...

Já fui entrevista pelo globo repórter, Brasil Legal, Gugu Liberato, Olivier Anquier, Ana Maria Braga, Regina Casé, Gilberto Gil, Glória Maria, Arlete Sales, Claudia Raia, Pedro Bial, etc”.

www.barracadadonacolo.xpg.com.br;

Email: barracadadonacolo@gmail.com

Orkut: clotildecolo@hotmail.com

Fone: 91 - 3256.7698/9102.2276

Barraca da dona Coló: 34, 37 e 58.

Somente de passagem citando outra notável e midiática erveira lembramos de Beth Cheirosinha:

[...] Faço palestras sobre o meu trabalho, lido com ervas medicinais há 42 anos, no mercado do Ver-o-Peso. Todo o meu conhecimento sobre as ervas começou com minha avó que era conhecida como Mãe Velha, que passou o seu total conhecimento para minha mãe, que se chamava dona Cheirosa, já falecida, que passou para mim seu grandioso conhecimento e eu sou conhecida nacionalmente como: Beth Cheirosinha [...].

Feira do “Ver-o-peso” Belém do Pará, barraca nº 35

Fones: 3259-2810 / 3249-0845 e 8808-2241

Email: bethcheirosinha@hotmail.com

[HTTP://bethcheirosinha.queroumforum.com](http://bethcheirosinha.queroumforum.com)

Beth Cheirosinha apresenta um currículo maior ainda do que a sua colega dona Coló, com inúmeras participações em programas de televisão. Diz, no final do seu currículo ter contrato de exclusividade com a emissora SBT com início em 2008 e término em 2018.

De tempos em tempos, em outros trabalhos artísticos que realizamos de passagem pelo mercado do Ver-o-Peso somos bem-recebidos e lembrados, bem como perguntam como vai e por onde anda dona Filó e seu Birico.

Retomando os outros elementos contidos no item 3.2: Por meio das linguagens artísticas de teatro, teatro de bonecos, **palhaços, brincadeiras** e música, e continuando também a tratar do método de educação popular, destaca-se neste momento o nosso principal astro, presente como o grande apresentador dos espetáculos artísticos da ONG Rádio Margarida, abre-alas da trupe de artistas, astro principal nas mobilizações sociais e por incrível que pareça é o “responsável” pela descontração e pela brincadeira, porque para ele brincadeira é coisa “séria”, todos têm direito à brincadeira, ao lazer e ao divertimento, que é também um direito social e de grande valia. Com vocês: o internacional, o irresistível trapalhão, brincalhão, insubstituível, o mais forte onde a força é a alegria, aquele que trabalha para o lazer e diversão dos outros, é ele quem mesmo chorando faz com que o público sorria e sinta alegria de viver, ele que na primeira publicação da ONG Rádio Margarida, Livro de ouro, é homenageado e conclamado com o poema **FAZENDO ARTE:**

*O tempo urge,
Os nossos inimigos estão proliferando,
A fome, pobreza e guerra injusta.
Guerreiros não podem parar,
Só quando os inimigos derrotar,
Levanta-te vamos lutar.
Desperta, ouve o sino tocar,
Recolhe tuas armas,
Palhaço em cena, a cantar, a brincar, amar...*
(PANCERA, 2002)

O querido e amado palhaço: “Os palhaços são conhecidos há aproximadamente quatro mil anos, mas a verdade é que desde sempre, e através dos tempos, inúmeras pessoas dedicaram-se à arte de fazer rir”⁸⁴. Continuamos a falar de arte, de arte de fazer rir. O simbolismo e presença do palhaço vêm desde o oriente ao ocidente, são chamados e conhecidos por vários nomes ligados à cultura local e personificação de seus papéis e atitudes: “Por mais de mil anos, em várias partes do Oriente (como Malásia, Burma e o Sudeste da Ásia) os palhaços apareciam em teatros, mesmo em representações religiosas; eram

⁸⁴ Fonte disponível em: <www.omalabarista.com>. Acessado em: 27 set. 2008.

conhecidos como “*Lubyet*” (homens frívolos), os palhaços atuavam como desastrosos assistentes das personagens príncipes e princesas”⁸⁵.

Os palhaços apareciam, e isso é algo interessante de examinar, pois simplesmente aparecer pode envolver uma névoa de mistério e magia, surgir do nada, como também pode denotar que alguém, mesmo sem ser convidado, resolveu aparecer. Ambas as situações podem ocorrer e até mais, porque, em se tratando de palhaço, tudo pode acontecer; na palavra que normalmente não pode ser dita, no comportamento irreverente e na brincadeira com os outros que qualquer pessoa não faria se não estivesse protegida por uma máscara, vestimenta, ou mesmo na atualidade o conhecido e amado nariz vermelho. “Na Malásia os palhaços se chamavam “*P'rang*” e usavam horrendas máscaras de bochechas e sobranceiras enormes, cores carregadas e um grande turbante, criando uma figura pavorosa”⁸⁶. Já na Grécia antiga, há dois mil anos, os palhaços simplesmente não surgiam, eles faziam parte do espetáculo das comédias teatrais: “Após a apresentação de tragédias sérias, os palhaços davam sua própria versão do fato, onde os heróis apareciam como idiotas perante o palhaço. Seu alvo preferido era Hércules, mostrando que suas façanhas aconteciam mais pelo acaso do que intencionalmente”⁸⁷.

A participação do palhaço em uma tragédia só poderia se dar a partir de sua versão, pois a sua missão em todas as culturas e em de todos os tempos é fazer rir. Etimologicamente falando, o nome palhaço, como palavra, em suas origens próximas e remotas, é sinônimo de artista que se veste de maneira grotesca e faz pilhérias e momices para divertir o público (CUNHA, 1986, p. 573). Vem do italiano *pagliaccio*, palhaçada. “Seus sinônimos são truão e bufão. O nome surgiu não porque o artista se vestia de palha, mas com um tecido de saco de estopa que lembrava sacos de carregar e armazenar palha. O termo foi adotado para designar um tipo cômico do teatro e do circo” (GUINSBURG; FARIA; LIMA, 2006, p. 229). A trajetória dos palhaços no tempo, espaço e movimento vem atravessando as cidades, territórios, povos, culturas, dificuldades e obstáculos, passa pelo tempo e se renova com tempo. Na idade média surge a figura do bufão e do bobo da corte, bem como dos saltimbancos, revividos na atualidade pelos espetáculos do *Cirque du Soleil*.

A arte daqueles artistas denominados de palhaços sobreviveu em diversos cenários e contextos históricos:

⁸⁵ Idem a nota anterior.

⁸⁶ Idem a nota anterior.

⁸⁷ Idem a nota anterior.



Já no início da idade média, com os teatros fechados, artistas perambulavam por toda parte para atuar onde pudessem, para sobreviver, participando de feiras em várias regiões. Na Alemanha e na Escandinávia os palhaços eram conhecidos como “gleemen”, e na França, “jongleurs” (malabaristas). Os palhaços contavam contos, cantavam baladas, eram músicos, malabaristas, mímicos, acrobatas, equilibristas e toda sorte de artistas. Em épocas mais festivas, grupos de mímicos e palhaços apresentavam danças e comédias nessas feiras [...] As palhaçadas eram, nessa época, mais importantes do que a própria história que se apresentava [...] Na Alemanha, os palhaços eram chamados de “alegres conselheiros”, pois, em suas agudas observações, cada palhaço incluía bons conselhos⁸⁸.

Na ONG Rádio Margarida os palhaços também são personagens bastante importantes, pois fazem toda a mobilização social, chamam a atenção dos transeuntes e das pessoas que param para ver, anunciam que o espetáculo vai começar, fazem parte do espetáculo, brincam e descontraem o público, e se fazem às vezes de apresentadores; dão o clima necessário de descontração e alegria para o ambiente. Em alguns textos de teatro criados e apresentados pela ONG, os palhaços são protagonistas em todos os personagens, desde a apresentação até o desfecho da estória; em outros textos têm a sua participação especial de abre-alas da alegria e também do bom conselho, são “alegres conselheiros”. Historicamente falando, o primeiro texto, criado pelo coletivo de artistas da ONG, foi um texto de teatro e teatro de bonecos sobre educação de trânsito, as falas de teatro são representadas por palhaços. Texto de educação de trânsito direcionado às escolas de ensino fundamental, por ocasião da Semana de trânsito do ano de 1993, a pedido do DETRAN. Abaixo descrevemos alguns trechos e comentários dos quadros apresentados:

1º QUADRO: Inicia-se com um palhaço solitário utilizando-se de instrumento de som (apito, buzina, trombeta, flauta) buscando chamar seus companheiros. Ao som do apito, os palhaços apareciam tendo como sonoplastia a música “Cancan”. Com a mesma música, os palhaços, utilizando a pantomima e a mímica, criavam situações errôneas no trânsito, as quais culminavam em choques e pequenos acidentes. Nesse momento, o palhaço solitário vestia-se de guarda de trânsito e organizava o que estava errado. Com a presença do guarda, os palhaços caracterizados de automóveis, pedestres e ciclistas, comportavam-se corretamente. No fim, o guarda se ausentava, ficando em cena somente o carro e o ciclista, que acabam sendo protagonistas de um grande acidente. (PANCERA, 2002, p. 51).

No primeiro quadro do espetáculo prevalece na linguagem do palhaço a mímica e a pantomima, jogo de cena muito tradicional da sua arte e de seus recursos de interpretação, por meio de gestos corporais e expressões faciais manifestos sem a palavra verbal, mas repletos de significados. Este quadro fez lembrar também do cinema mudo e de Carlitos. A utilização de uma trilha sonora e a sonoplastia bem escolhida faziam o clima do trânsito das grandes

⁸⁸ Idem nota anterior.

idades, agitação, suspense e desastre. Os palhaços representavam as várias situações errôneas que presenciamos no trânsito das cidades; atitudes desrespeitosas de motoristas, ciclistas e pedestres, atitudes de falta de respeito pela vida alheia, cruzadas à ausência de sinalização, orientação, fiscalização e prioridade à educação de trânsito.



2º QUADRO: Ocorrido o acidente com o corpo do ciclista no chão e a carcaça do automóvel, surgem em cena as figuras do médico e do mecânico. Porém, depois de uma trombada, os dois caem no chão, trocam de chapéu e também de função confusamente. A ambulância é acionada e depois de várias tentativas de encontrar o acidentado, a ambulância do “Torto-Socorro” prioriza a remoção bisonha do automóvel, os carregadores da maca verificam o engano e voltam para recolher o ciclista acidentado. Já no Hospital “Hospitantã”, o mecânico Doutor e o Doutor mecânico tentam salvar o que restou do carro, observando o que estava errado nele. Após a morte do carro, é a vez do ciclista ser atendido, recebendo um tratamento especializado: marteladas anestésicas e retiradas de enormes objetos de seu estômago. Por fim, constata-se que os grandes responsáveis pelo acidente foram: a falta de manutenção no veículo; o motorista neurótico, mau-humorado e alcoolizado e o fato do ciclista estar totalmente distraído, descuidado. (PANCERA, 2002, p. 52).

No segundo quadro do espetáculo continua-se com a mímica e pantomima, mas prevalece na linguagem do palhaço a interpretação de texto, comédia e dramalhão. Os palhaços continuam a representar situações errôneas relacionadas à desestruturação do sistema de saúde, tanto na questão do atendimento como na capacidade dos profissionais enquanto elementos de toda essa estrutura e fatores relevantes no aumento da frequência dos acidentes de trânsito. Dentre eles está a precária condição em que os automóveis circulam pelas vias públicas, constituindo um reflexo de todo o descaso de seus proprietários e a ausência de fiscalização adequada. Há também questões relacionadas ao comportamento de alguns motoristas que dirigirem alcoolizados e de ciclistas e pedestres, de descuido e distração.

3º QUADRO: Nesse quadro, utilizando-se o teatro de bonecos, reforçamos atitudes corretas ligadas ao pedestre, assim como a utilidade do semáforo. O Vovô e a Cremilda (ambos bonecos) cantam uma adaptação de uma cantiga de roda; concomitantemente, os palhaços faziam encenação num espaço cênico, configurado num jogo que representava uma via pública adaptada. (PANCERA, 2002, p. 52).

A conhecida cantiga de roda “se essa rua fosse minha” foi adaptada para a seguinte versão:

*Se esta rua, se esta rua fosse minha,
Eu mandava, eu mandava sinalizar.
Com plaquinhas e semáforos coloridos,*

Para com segurança viajar.

*O vermelho serve pra que a gente pare,
O amarelo serve pra atenção chamar
E o verde serve pra que a gente siga,
Para com segurança trafegar.*

*A calçada é amiga do pedestre,
É por ela que devemos caminhar,
Nunca ande meu amigo no asfalto,
É na faixa que se deve atravessar.”⁸⁹*

Neste terceiro quadro temos um texto de teatro de bonecos com *performances* de palhaços direcionadas para a conhecida cantiga de roda. Com gestos e movimentos de dança, os palhaços mostram para as crianças a rua e a faixa de segurança riscada no chão, exibem os sinais de trânsito e semáforo, param a *performance* quando a letra da cantiga diz: o vermelho serve pra que a gente pare, no amarelo demonstram atenção e cuidado e no sinal verde continuam sua evolução por calçadas e faixas de segurança. Há também palhaços vestidos com veículos respeitando os pedestres e pelas ruas circulando com respeito e atenção.

Outro elemento bastante importante a ser destacado neste quadro é a utilização da conhecida cantiga de roda cuja letra foi adaptada para as necessidades de educação no trânsito, mas preservada a conhecida melodia. Um pouco mais adiante se falará com detalhes da importância da música no método de educação popular.

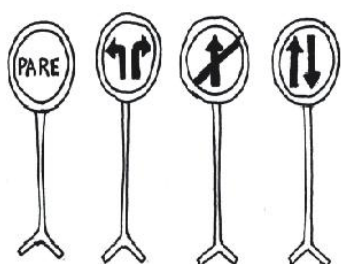
Depois da tragicomédia do primeiro e segundo quadros, neste terceiro quadro os palhaços demonstram o lado responsável no trânsito de pedestres e motoristas; até então era difundida por orientação nacional a conduta responsável do pedestre e a direção defensiva por parte do motorista. Neste quadro também se tem o protagonismo dos bonecos, personagens vivos e contagiantes, lúdicos e fantasiosos, criando uma empatia com o público e fortalecendo a mensagem.

4º QUADRO: Esse quadro, todo feito com teatro de bonecos, conta a estória do ‘Pedestrinho’, um garoto de uma família de baixa renda, que vive criando situações de perigo no trânsito, como por exemplo, correr atrás de papagaio no meio da rua com carro passando, não atravessa na faixa de pedestre, anda pelo meio da rua e “morcega”⁹⁰ ônibus, até que sofre um acidente. Então, todo machucado, ouve a voz de sua consciência, que o faz perceber que estava errado e lhe sugere que procure alguém que possa lhe informar as maneiras corretas de andar no trânsito. . O ‘Pedestrinho’ encontra um guarda de trânsito que ensina a ele regras de comportamento no trânsito. (PANCERA, 2002, p. 53).

⁸⁹ Texto coletivo de artistas do Centro Artístico Cultural Belém Amazônia / Rádio Margarida, Belém – Pará, setembro de 1993.

⁹⁰ Quando a pessoa vai correndo e subindo, pendurada em veículos, numa situação total de risco.

Cita-se este quadro para que se possa perceber o conjunto do espetáculo, bem como a utilização, em um mesmo momento de abordagem de um tema, de diversos recursos pedagógicos necessários para repetir e fixar conteúdos e argumentos. Assim sendo, pode-se perceber que temos os palhaços protagonizando o espetáculo, onde algumas vezes fazem “o errado” e depois mostrando o procedimento correto a ser adotado no trânsito; os palhaços contracenando com bonecos que cantam cantigas de roda e vivem situações de simulação do que acontece com as crianças nas ruas. Os palhaços também voltam à cena no quinto quadro:



5° QUADRO: Utilizando a linguagem circense tendo como eixo básico os *clowns*, esse quadro mostra as placas de sinalização e suas utilidades. Cada palhaço representava uma placa de trânsito e suas personalidades estão intrinsecamente ligadas com a função da placa que são as seguintes: Palhaço Parádão, placa Pare; Palhaço Vira-Vira, placa Vire à Esquerda Vire à Direita; Palhaço Tá na Mão, placa de Mão Única; Palhaço Contra Mão, placa Contra Mão; Palhaço Mão Dupla, placa Mão Dupla. Foi feito um jogo em que os palhaços circulam numa via pública, sendo que o Palhaço Contra Mão tenta a todo momento estragar o jogo, cometendo atitudes incorretas e por fim é banido do jogo e tudo volta ao normal. (PANCERA, 2002, p. 53).

Mais uma vez os palhaços voltam à cena, agora para mostrar a importância do conhecimento das placas de sinalização e sua utilidade, fazendo com que a plateia identifique o que é certo e o que é errado e quais as consequências do desrespeito à sinalização e do não-cumprimento dessas leis. Além das *performances* eles também explicam os procedimentos corretos ao pedestre e ao ciclista, bem como a importância das placas de sinalização para todos, incluindo o motorista.

Este texto é anterior à formalização do método de educação descrito como projeto de extensão universitária, mas vem trazendo os componentes que permitiram a elaboração do método da maneira que ele é: Linguagens artísticas e meios de comunicação social, com adoção do teatro, teatro de bonecos, palhaços, brincadeiras e música. Mediação na construção do conhecimento e práxis artístico-cultural realizada pelas categorias: comunicação + sentimento + ação transformadora. A comunicação, já descrita, mediadora de construção de conhecimento e experiências de vida, o comunicar que vai além da troca de informação entre sujeitos, sendo a informação repassada de diferentes formas, gestos, mímicas, pantomimas e também a fala para tornar comum, fazer saber seja fato, acontecimento, histórias de vida.

A comunicação por meio de expressões e gestos que transmitem emoções e sentimentos, que demonstram sinais e sua decodificação, principalmente em se tratando de

sinais de trânsito, que trazem orientações e direções a serem seguidas. Texto e seus recursos vão e vêm além da simples informação, pois trazem o público, crianças de escolas de ensino fundamental, que ainda não sabem sobre assuntos relacionados ao trânsito, para um cenário de representação simbólica de fatos e acontecimentos.

Recorre-se ao palhaço como um ser mágico que é para prender e chamar a atenção da criança e também do adulto ou mesmo da criança que existe pulsando em cada um de nós. Comunicação que deve e pode salvar vidas na porta das escolas e nas ruas, pode fazer e levar a sensibilização para algo que era despercebido

No aspecto sentimento se desenvolvem as maneiras de levar e trazer a comunicação para dentro de cada um de nós, por meio da sensibilização e emoção que os meios facilitadores de interpretação, dramaticidade, deboche, sátira, crítica e brincadeiras transmitem; mediações para mexer nas posições, o lúdico, que não é um fim em si mesmo, mas deve conduzir a uma ação para mudar a situação existente. Sentimento transmitido pela tragicomédia, pelo riso, para se entender que o conhecimento evita a dor. Sentimento que, dentro de uma perspectiva humanista e dialógica, não pode ser ignorado e nem escondido, deve ser demonstrado e vivido. No caso do teatro e dos palhaços, vivido por meio do lúdico e do jogo, pela troca de papéis, pelas brincadeiras, perguntas e convocação à participação do público para interagir e dialogar com as personagens. Sentimento que deve conduzir a uma ação, não apenas à reação do que foi provocado, mas uma ação transformadora para prevenir acidentes no trânsito.

Quando se articula esse conjunto de idéias e parâmetros com a utilização de recursos, mediações propiciadas pela comunicação, pelo lúdico, pelas maneiras de levar e trazer informação e conhecimento, para sensibilizar e fazer vir à tona sentimentos, é porque se tem objetivos de gerar e colaborar para uma ação transformadora. Como categoria, a ação corresponde a uma tomada de decisão, manifesta a mediação da vontade, obtida por meio do pensado e do refletido, com base nas experiências anteriores, permeado pelos sentimentos, a fim de colocar em prática o que foi aprendido. A postura para a ação transformadora começa com os educadores que dialogam com o público e os interlocutores, dizendo que agora já se sabe do que não sabia antes. Então se pergunta: vamos deixar as coisas como estão? É comum ouvir-se a plateia dizer que não quer deixar as coisas como estão. Assim sendo, o público é convidado a fazer a sua parte, bem como cobrar a quem de direito para modificar as situações existentes.

Por meio das linguagens artísticas continuamos agora a falar como trabalhamos com a **música**: “arte ou ciência de combinar os sons de modo agradável ao ouvido, qualquer

composição musical” (CUNHA, 1986, p. 541). Filosoficamente falando, uma das definições fundamentais dadas à música é a que a coloca “como revelação de uma realidade privilegiada e divina ao homem: revelação que pode assumir a forma de conhecimento ou sentimento” (ABBAGNANO, 2003, p. 689). Particularmente no caso da ONG Rádio Margarida, ao falarmos e utilizarmos a música, fala-se de fenômeno artístico, criação humana, para a qual se atribui conhecimento e sentido àquilo que buscamos conhecer e comunicar, bem como sensibilizar e despertar sentimentos para com as coisas da existência e das necessidades humanas. Neste sentido, trazemos ao plano material todo o sentimento e conhecimento das coisas do mundo para falar da importância da amamentação, vacinação, saúde e higiene bucal, como se deve proceder para evitar a dengue e as verminoses entre outras.

Uma das características da utilização da música na ONG é a de que não fazemos ou trabalhamos a música pela música, nem como pura arte, nem “como uma técnica ou um conjunto de técnicas expressivas que concernem à sintaxe dos sons” (ABBAGNANO, 2003, p. 689), mas a incorporamos à nossa necessidade de representar a vida, de transmitir sentimentos e sentido àquilo que fazemos e coletivamente vivemos. Como educadores, falamos por meio da música a fim de transmitir nossa concepção de mundo e cativar os nossos interlocutores numa relação dialógica para juntos mudarmos este mundo e as suas relações sociais, fazermos transformação do que necessita ser transformado.

Na simbiose simbólica das representações é praticamente impossível que exista uma rádio sem música, embora o nome da ONG Rádio Margarida seja uma fantasia. Mesmo na fantasia, nos permitimos a viver um sonho, embora ainda não possamos ser sintonizados em nenhuma frequência de radiodifusão, mas fazemos a radioteatro ambulante, as radionovelas, os programas de rádio que são transmitidos em outras emissoras. Na figuração simbólica das nossas vontades, muito além das nossas necessidades, vamos conhecendo e vivenciando sentidos e sentimentos que a música nos permite receber e transmitir.

No conjunto da obra musical da ONG Rádio Margarida não se pode dizer, com a mesma propriedade da produção dos textos de teatro e teatro de bonecos, que temos uma vasta obra e acervos com diversos títulos, mas para quem não vai se apresentar como um conjunto musical ou mesmo uma banda de música pode-se considerar que temos o que apresentar: vinte e sete composições musicais realizadas até o ano de 2007, ou seja, ao longo dos dezesseis anos de existência de fato da ONG, direcionadas aos temas relacionados à saúde (higiene bucal, DST AIDS, dengue, verminoses, amamentação, vacinação) direitos humanos (defesa da criança e do adolescente, prevenção à violência sexual e doméstica, trabalho infantil), juventude, direito do contribuinte, participação popular, meio ambiente (lixo,

reciclagem de materiais, água). Neste cômputo, não estão colocados os *jingles*, também utilizados e compostos para finalidades educativas, bem como as paródias de canções conhecidas, que também são largamente utilizadas como ferramentas e recursos pedagógicos.

As composições musicais, letras e músicas foram realizadas seguindo-se a orientação metodológica da proposição de educação popular da ONG Rádio Margarida. Dentro dos procedimentos iniciais efetuados em conjunto com o artista-músico é procedida a pesquisa temática, com levantamento de questões sobre o tema, precisão do foco a ser abordado, construção da letra da música que pode ser ou não do mesmo artista, revisão deste texto e aprovação para se partir à construção musical da harmonia e melodia. Nem sempre a sequência dos procedimentos acontece nesta ordem, mas ao final temos o processo e a produção artística e cultural na esfera musical realizada com esmero e direcionada às funções educativas. Algumas destas criações musicais tiveram participação na criação das letras de jovens que estavam envolvidos com algum projeto da ONG, como foi o caso do Projeto Informarte, que trabalhou o protagonismo juvenil por meio da capacitação em linguagens de áudio, vídeo e impressos voltados à prevenção, ao abuso e exploração de crianças e adolescentes.

Conforme já se enfatizou anteriormente, as músicas produzidas pela ONG Rádio Margarida são criadas e compostas em um contexto de projetos de educação, sendo eles de autoria da própria ONG ou realizados a pedido e em parceria com outras instituições públicas, privadas e ONGs. Ao todo, até o ano de 2007 (dados atualizados do banco de dados), foram produzidos e replicados três CDs contendo músicas, embora a produção de CDs por parte da ONG tenha sido maior até o ano de 2008, num total de seis, sendo que em dois deles não foram gravadas músicas (um CD-ROM sobre prevenção ao câncer e outro específico de radionovelas e *spots*) e atualmente um CD que está sendo replicado (novembro de 2008), no qual se tem outra modalidade musical que é a de *jingles* educativos direcionados às emissoras de rádio e também às escolas.

Entrando um pouco mais neste contexto musical da produção da ONG Rádio Margarida se fará a demonstração de algumas músicas e canções educativas criadas e utilizadas em projetos realizados pela ONG. Neste primeiro exemplo utilizaremos a experiência e vivência transcrita por Ana Claudia Filgueira Guedes, arte-educadora que trabalhou no Projeto Sorriso para a ONG e Programa Sorriso: Dentes limpos, saúde em família; programa da Secretaria Municipal de Saúde do Município de Belém, realizado no ano de 1996. Ana Claudia (1997 apud PANCERA, 2002) escreveu a sua vivência e pesquisa acadêmica intitulada: “Linguagens artísticas e meios de comunicação – uma experiência de

educação popular no Projeto Rádio-ação”. Monografia de conclusão do Curso de Serviço Social. Belém: UFPA, 1997, que expressa a parte acadêmica do método de educação popular da ONG como campo de estágio profissionalizante e turma de ensino do curso de Serviço Social da UFPA. Ana Cláudia descreve os meios, modos e recursos utilizados para viabilizar a educação popular no Projeto Sorriso, incluindo a música:

Todos os recursos utilizados - teatro, teatro de bonecos, vídeo e música tema - eram elaborados a partir de linguagens simples, mas expressivas, que possuíam contornos lúdicos, através de brincadeiras, piadas, interpretação de acontecimentos do cotidiano, cores vivas e alegres, em que o universo inanimado e animado se misturavam levando as histórias a penetrarem no mais íntimo de nossa imaginação. Criatividade era a pitada especial para os resultados positivos, pois seres sem vida própria, como dentes, tomavam vivacidade, expressando opiniões e necessidades, assim como figuras presentes no imaginário popular (Pajé e Saci) e animais que fazem parte da fauna da região Amazônica. Criação, imaginação e poesia eram a base para o processo de transmissão das mensagens, como vemos na música tema, composta pelo educador Buscapé Blues. (GUEDES, 1997 apud PANCERA 2002, p. 100).

Um sorriso

*Escute bem a história que agora vou contar,
Se não escovar os dentes vai virar tamanduá.
Não fique aí parado sem saber como é que é,
Se o rei é o leão, o da boca é o jacaré.
Um sorriso, um sorriso.
Uma boca sem janela,
Dona onça que é legal.
Um sorriso, um sorriso.
No armário do macaco, tem até creme dental
(Buscapé Blues, 1996)⁹¹*

“Todos os recursos utilizados eram elaborados a partir de linguagens simples, mas expressivas” (GUEDES apud PANCERA, 1997, p. 100), ou seja, a comunicação sem complicação, a fala na expressão popular, sem “papas na língua”, mas com recursos, o lúdico, a fantasia, brincadeiras, jogos, contagem de histórias em diversos formatos com teatro, teatro de bonecos, música, a transmissão oral do conhecimento incluso com auxílio de outros recursos audiovisuais eletrônicos: “Escute bem a história que agora vou contar; se não escovar os dentes vai virar tamanduá” (Buscapé Blues). Por que vai virar tamanduá? As crianças perguntavam, e os arte-educadores interagem. Por que o da boca é o jacaré? Você já viu um jacaré? Lá no Museu Paraense Emilio Goeldi tem alguns. Você sabe como é a boca de um jacaré? Perguntam os arte-educadores às crianças, e elas respondem com a sua interpretação.

⁹¹ Música do Cd Rádio Margarida: 10 anos de alegria – canções educativas, 2002.

A dona onça é legal por quê? É legal porque tem todos os dentes fortes e saudáveis. Se até no armário do macaco tem creme dental, imagine o que deve estar faltando no seu armário. “A imaginação e poesia eram a base para o processo de transmissão da mensagem” sobre coisas comuns do cotidiano, pois é neste cotidiano que acontece e se movimenta a vida de qualquer um. Cotidiano de acordar, tomar banho, comer, escovar os dentes após as refeições e comer doces, coisas do cotidiano tratadas de forma simples e expressiva.

Aproveitando o universo imaginativo da criança, a mensagem utiliza os animais, que são seres que possuem instintos de preservação, levando o homem a refletir sobre o seu bem-estar, tendo como lição os animais. O coro vocal dessa música foi realizado por crianças do bairro da Sacramento. A letra foi feita pelo compositor com contribuições da equipe participante. Na verdade, todos os instrumentais utilizados foram resultados de um trabalho conjunto, em que deveríamos ter atividades de rodízio, ou seja, todos deveriam ter conhecimento global para estarem aptos a fazer qualquer personagem. (PANCERA, 2002, p. 101).

O universo imaginativo da criança, assim como das possibilidades do método de educação, que também cumpre a sua tarefa educativa para com os educadores, fazendo o seu exercício primeiro em casa e depois com o domínio da linguagem, por parte dos seus representantes, se expressa em vontade e vai em busca de seu desafio: do contingente ao necessário (PILIPENKO, 1986, p. 5), do que pode ou não ocorrer, do que é incerto para o necessário, ou seja, para aquilo que tem que ocorrer, no caso do método de educação popular da ONG Rádio Margarida: A arte como socialização da cultura para transformação social.

A composição musical “Um sorriso” foi largamente utilizada durante o programa sorriso, continua sendo referência para trabalhos com saúde e higiene bucal na cidade de Belém, assim como corre mundo fora pelas rádios comunitárias e educativas que têm a liberdade de veicular e até reproduzir, desde que seja garantida a citação da sua autoria e domínio. Esta música faz parte do primeiro CD eminentemente musical da ONG Rádio Margarida produzido no ano de 2002.

Ainda percorrendo o caminho da argumentação sobre a importância da música dentro do método de educação popular, podemos examinar outra composição que foi e continua sendo largamente utilizada em campanhas educativas de combate ao mosquito da dengue, a partir do ano de 1995, coordenadas pela Fundação Nacional de Saúde em parceria com a Secretaria Estadual de Saúde do Estado do Pará. Letra de José Ailton de Carvalho Arnaud e música de Buscapé Blues:



Vamos evitar a dengue

*Vamos evitar a dengue,
 Alguns conselhos eu posso te dar,
 Se quiser guarde na cabeça,
 Ou então pode anotar.
 Eliminar criadouros de mosquitos,
 Pneus, latas, garrafas,
 Água parada, não deixe ficar não,
 Tome cuidado todos os dias.
 Não deixe a dengue na sua casa entrar,
 Não deixe a dengue na sua casa entrar,
 Não deixe a dengue na sua casa entrar,
 Não deixe a dengue na sua casa entrar.
 Vamos evitar a dengue,
 Esse mosquito vamos exterminar,
 E é tão fácil, não deixe água limpa,
 E parada ela ficar,
 Tampe bem as cisternas e caixas d'água,
 Qualquer vasilha d'água,
 Deixe viradas, latas e garrafas
 E aquele vaso, limpe todo dia.
 Não deixe a dengue na sua casa entrar,
 Não deixe a dengue na sua casa entrar,
 Não deixe a dengue na sua casa entrar,
 Não deixe a dengue na sua casa entrar⁹².*

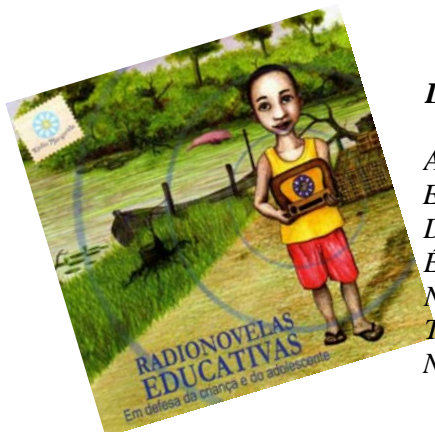
A letra da música foi elaborada e supervisionada por técnicos da antiga Fundação Nacional de Saúde e da Secretaria de Saúde do Estado do Pará (FNS). Hoje em dia, ano de 2008, o que é tratado no conteúdo da letra da música é uma informação mais difundida e conhecida, presente em panfletos, cartazes e propagandas de televisão, mas no ano de 1995 ainda era uma informação que não tinha domínio público, pelo menos na região Norte do país. Tal conteúdo da letra da música ganha forma e vida a partir da harmonia, melodia e interpretação artística. Conteúdos diretos e objetivos, com informações simples, sem rebuscados. O refrão conclama para a ação de não deixar a dengue na sua casa entrar. A música fazia parte de um conjunto de instrumentos utilizados pela ONG em sua abordagem do assunto, pois incorporava-se a uma apresentação artística de teatro e teatro de bonecos. A

⁹² Idem nota anterior.

música era largamente utilizada nas mobilizações encabeçadas pelos palhaços que perseguiram os bonecos em forma de mosquito, acompanhando as donas de casa que saíam com enormes mata-mosquitos estilizados e que faziam o rebuliço em feiras, mercados, praças, escolas... Rebuliço no bom sentido de mexer nas posições, chamar a atenção, dar dinâmica e movimento à comunicação e interação com o público.

A música compõe, dentro das linguagens artísticas do método de educação popular, uma importante ferramenta, imprescindível à finalidade educativa e de popularização da comunicação, sensibilização e motivação para mudança. Desperta sentimentos e motivações, cativa e transmite mensagens direcionadas à mente e ao coração.

Durante os vários anos de atuação da ONG, a música sempre esteve presente, desde a primeira aparição pública do ônibus na viagem inicial de apresentação do projeto-piloto, com trilha sonora de diversos autores nacionais, também desde os primeiros textos e apresentações artísticas, como trilha sonora, paródias de músicas conhecidas e composições próprias. Em determinados momentos se fez presente como parte do processo de capacitação em linguagens artísticas, como é o do Projeto Informarte, direcionado ao protagonismo juvenil e recentemente neste ano de 2008, capacitando agentes do sistema de garantia dos direitos da criança e do adolescente, que participaram de seminários e treinamento temático sobre questões de prevenção à violência familiar, ao abuso e exploração sexual e trabalho infantil, bem como vivenciaram a práxis do método de educação na forma de concepção, produção e multiplicação de resultados e linguagens. A capacitação dos agentes ocorreu no Projeto Radionovelas Educativas, reconhecido em nível regional e nacional, ganhador do Prêmio TOP SOCIAL de 2008 da Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil (ADVB). Neste processo os agentes também mostraram o seu lado artístico na produção de textos de radionovelas, *spots* e músicas, gravadas no CD Radionovelas Educativas: Em defesa da criança e do adolescente. Descreve-se uma destas músicas que integram o CD, com letra composta pelos alunos José Maria, Isabel, Micheline, Allan, Nazaré, Maria de Jesus e Luciléia e música de Renato Torres:



Direito de Criança

*A criança precisa brincar, olalá
E também tem direito a estudar, olalá
Desse jeito, olalá
É perfeito, olalá
Nunca, nunca trabalhar.
Tem direito a ter uma família, olalá
Ninguém pode explorar e humilhar, olalá*

*A criança, olalá
 E a sua vida, olalá
 Todos devem respeitar.
 O trabalho infantil não é direito não
 Crianças e adolescentes longe da exploração
 Cultura, esporte e lazer
 Isso sim é que é educação
 A sociedade precisa aprender essa lição.
 A criança precisa brincar, olalá
 E também tem direito a estudar, olalá
 Desse jeito, olalá
 É perfeito, olalá
 Nunca, nunca trabalhar.
 Tem direito a ter uma família, olalá
 Ninguém pode explorar e humilhar, olalá
 A criança, olalá
 E a sua vida, olalá
 Todos devem respeitar
 Nunca, nunca trabalhar⁹³.*

No CD Radionovelas Educativas: Em defesa da criança e do adolescente, foram produzidas seis radionovelas, vinte e quatro *spots* e quatro músicas, todas com participação direta dos alunos do curso. Demonstra-se assim que o método de educação popular da ONG Rádio Margarida tem seus processos de produção artísticos e culturais para uso pedagógico a ser presenciado pelo público e possibilitar interações, reuniões e dinâmicas grupais. Também realiza vivências e processos educativos de conhecimento e capacitação do uso da metodologia de trabalho, ensinando a fazer e demonstrando a materialização dos processos pedagógicos por meio de materiais educativos. Outra música bastante interessante sobre temática atual de pornografia e tráfico de seres humanos (via *internet*) foi abordada e criada no decorrer do processo de capacitação pelos alunos do curso de Letras: Anne Dias, Gláucia Corrêa, Karla Reis, Kássia Romana e Rafael Grigório e música do músico e instrutor de radionovelas Renato Torres:

Não Caia Na Rede

*Se liga moça e rapaz,
 Se liga galera da internet,
 Cuidado com os seus amigos virtuais,
 Não se exponha demais,
 Sua liberdade se compromete,
 Converse com os seus amigos e seus pais.
 O tráfico de pessoas é mortal,
 O tráfico é imoral, ilegal,
 E colabora com a violência e a exploração sexual,*

⁹³ Música do Cd Radionovelas Educativas: em defesa da criança e do adolescente, 2007.

*A internet está cheia dessa manobra,
 Não caia nessa, seja capaz
 De navegar com segurança, e conhecer as coisas legais.
 Pode ser rede de conhecimento,
 Pode ser rede de amizade,
 Pode ser rede de entretenimento,
 Pode ser rede de debate.
 Se liga moça e rapaz,
 Se liga galera da internet,
 Cuidado com os seus amigos virtuais,
 Não se exponha demais,
 Sua liberdade se compromete,
 Converse com os seus amigos e seus pais,
 Na internet também tem coisas legais,
 Cair no tráfico sexual, nunca, jamais!⁹⁴*

Neste ir e vir da produção artística e cultural relacionada às músicas criadas e utilizadas pela ONG Rádio Margarida, temos que lembrar e registrar que as composições musicais não são a única forma de expressão musical no conjunto de sua obra, pois a música sempre esteve presente nas manifestações da radioteatro ambulante, teatro e teatro de bonecos, atos *shows*, programas de rádio, trilhas sonoras e musicais de vídeo e oficinas de arte relacionadas diretamente com a música e iniciação musical para crianças e adolescentes. Neste aspecto, tem-se a destacar o seguinte: no ano de 2004 foi realizado o Projeto Juventudo, vencedor do edital nacional Transformando com Arte, do BNDES. Neste projeto realizamos oficinas de arte de diversas naturezas artísticas, pintura, teatro, confecção de brinquedos e também confecção de instrumentos de percussão e flauta doce. Os cursos se realizavam em horário oposto ao turno escolar, como atividades extraclasse, voltados a atender adolescentes e jovens. Foram atendidas cerca de quatro turmas de 25 alunos cada, em dois semestres, perfazendo um total de cerca de 100 alunos que realizaram a oficina de confecção de instrumentos de percussão e também seis turmas de flauta doce, atendendo cerca de 120 adolescentes e jovens. As oficinas foram realizadas em 45 dias, cinco dias na semana.

Como resultado exitoso deste ofertório musical, a ONG percebeu talentos e vocações musicais, principalmente em se tratando dos resultados obtidos pela oficina de introdução musical em flauta doce. Assim sendo, foi-se buscar recursos para dar continuidade às atividades de musicalização. Mais uma vez, pelos objetivos e qualidade da proposta, aprovou-se o Projeto Musicarte em edital nacional do Instituto Junia Rabello, possibilitando atender durante um ano 28 adolescentes e jovens. Após esta realização e jornada musical, os talentos musicais foram encaminhados à escola de música da UFPA para, seguirem o caminho de

⁹⁴ Idem nota anterior.

especialização musical. No pequeno currículo da ONG, tem-se até o ano de 2007 um total de 23 apresentações musicais.

3.3 POR MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE RADIODIFUSÃO E VÍDEO POPULAR

Continua a história da ONG Rádio Margarida no sentido de mensuração e demonstração de sua práxis artístico-cultural, agora por meios de comunicação social de radiodifusão e vídeo popular. A produção artística e cultural pode e deve ser mensurada para que se saiba, não só no âmbito artístico do conjunto da obra, mas em âmbito científico – trata-se aqui do método de educação popular –, da sua capacidade de mediações, processos e resultados alcançados. A somatória do que a ONG vem fazendo é brevemente citada nos itens anteriores, 3.1 e 3.2, no geral e com relação às linguagens utilizadas. Neste momento, trata-se de quantificar e qualificar o conjunto da obra e os processos de comunicação social, destacadamente nas produções relacionadas à radiodifusão e ao vídeo popular.

Primeiramente tem que ser dito que a experiência e a vivência da ONG Rádio Margarida inicia nas ruas e não nos estúdios de rádio e televisão. Inicia com a radioteatro ambulante, primeira aparição pública do Projeto-piloto em 20 de julho de 1991. Posteriormente, no decurso da jornada da radioteatro ambulante, temos o acompanhamento do vídeo popular. Como documento histórico pode-se recorrer mais uma vez aos registros efetuados da concepção que deu origem a estas abordagens, linguagens e meios de comunicação social. Neste sentido, vamos novamente aos escritos do Projeto de extensão Rádio-ação descritos no projeto original e citados no livro “Rádio Margarida: Princípio, história e método de educação popular”:



Rádio Saltimbanco: Visa a chamar a atenção, animar, brincar, “roubar a cena”, colocar o espectador como ator, agente. Despertar a atenção por onde passar. A radioteatro estúdio com sonorização, espaço cênico mambembe, que leva e traz informações, serviços de utilidade pública, mensagens educativas, microfone aberto

à expressão popular, à comunidade, às manifestações locais, com a participação de palhaços e bonecos de manipulação. Acontece a magia, a fascinação; aguçam-se a imaginação, a necessidade de comunicação, a mensagem viva, entrevistas, músicas, histórias e estórias, palhaçadas, brincadeiras. A apresentação de teatro de bonecos e

show de calouros compõem parte da programação de animação, informação e comunicação da Rádio Saltimbanco. (PANCERA, 2002, p. 74).

As diretrizes adotadas para a radioteatro ao vivo e em cores são orientações também para a produção de programas de rádio, radionovelas e atos *shows*, bem como para a formação de recursos humanos em linguagens artísticas e meios de comunicação social.



objetividade e inacessibilidade do veículo são desmistificas. (PANCERA, 2002, pp. 74-75).

Acompanhando a Rádio Saltimbanco, vamos utilizar a potencialidade dos meios modernos (eletrônicos) de comunicação, associados ao nosso sempre presente princípio educativo e, com isso, anunciamos a TVIDA, uma televisão viva, retratando os problemas locais, as circunstâncias de vida, expectativas, esperanças. Uma TV de acesso público, sem censura. De telespectadora, a população passa a participante, ator e cidadão no processo de construção de seu cotidiano, aparecendo no telão a projeção de sua imagem e de sua realidade, bem como recebendo informações das mais diversas. Trabalhar com liberdade, informar com liberdade, utilizando o mesmo meio de comunicação, para discutir a crença dos espectadores na mídia. As supostas

Pode-se observar que acompanhando a linguagem de rádio temos uma concepção desmistificadora de vídeo que inclui a produção do que chamamos de vídeo popular e da capacitação em vídeo, que chamamos de vídeo processo. Ambos serão detalhados mais adiante.

Como atividades previstas no Projeto Rádio-ação para estas formas de linguagens e meios se desenhava o seguinte:

Realizar oficinas de artes e grupos de trabalho sobre linguagens e meios; Produzir rádio e teatro popular: equipamento portátil de projeção, amplificação e reprodução/gravação de som; transportá-lo para onde o público estiver; Produzir vídeo popular, equipamento de vídeo, câmera VHS, projetor, telão e videocassete, tudo também portátil; transportá-lo para onde for necessário. (PANCERA, 2002, p. 74).

As atividades previstas no Projeto Rádio-ação começaram a ser realizadas antes mesmo do ano de 1994, ano de início do projeto de extensão universitária, não na intensidade semestral como estavam previstas no calendário acadêmico, mas de acordo com as possibilidades de aprovação de projetos e obtenção de recursos por parte da ONG. Conforme já citado no item 3.1 foram realizados pela ONG, de 1993 a 2007, 214 atos *shows*, 103 incursões de radioteatro ambulante, produção de 204 radionovelas, produção de 53 *spots* de

rádio, apresentação de 37 radionovelas, produção e veiculação de 24 programas de rádio, produção de 67 vídeos, produção e replicação de quatro CDs, sendo um de músicas, um de radionovelas e *spots* e dois de músicas, radionovelas e *spots*, todos de caráter absolutamente educativo.

Ainda dentro do que pode ser considerado meios de comunicação social, pode-se citar a produção e a elaboração de artigos próprios, três em revistas e periódicos de circulação regional, dois livros editados pela Editora da Universidade Federal do Pará (EDUFPA), de circulação nacional, bem como dois guias de orientação de recursos audiovisuais, também editados pela EDUFPA, e um jornal impresso, um CD ROM sobre prevenção ao Câncer, e uma pesquisa de âmbito estadual sobre o perfil da radiodifusão e dos Radialistas do Estado do Pará.

Dos 33 projetos realizados pela ONG, alguns foram voltados à capacitação em áudio e vídeo. O primeiro destes, em uma sequência cronológica, foi o projeto de capacitação para técnicos de rádio comunitária, projeto intitulado “Programa Rádio Saúde”, realizado com financiamento da Comunidade Ecumênica de Serviços (CESE), apoio direto da UFPA via curso de Comunicação Social e Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza. Destinado à realização de treinamento de pessoal para serem agentes multiplicadores de informações e comunicação em saúde. No primeiro treinamento foram capacitados vinte e cinco (25) participantes, como agentes comunitários, técnicos e professores da Universidade, profissionais liberais e alunos de comunicação social. No segundo e terceiro treinamento efetuado em bairros vizinhos à Universidade, foram capacitadas 19 pessoas das comunidades.

O projeto “Programa Rádio Saúde” teve este nome em razão de ter a proposição de, ao longo do curso, possibilitar a elaboração de um programa piloto de radiodifusão, o que efetivamente ocorreu com a aprovação em uma das maiores emissoras de radiodifusão da capital, resultando no Projeto Pará Popular.

O Projeto Pará Popular foi realizado com financiamento do UNICEF e apoio da UFPA, objetivou utilizar o potencial de comunicação e popularidade da radiodifusão em amplitude média (AM), abordando em sua programação temas ligados ao ECA, medidas vitais de saúde, trabalho e prostituição infantil, uso e abuso de drogas, etc., abrangendo as populações da capital do estado e interior do Pará, por intermédio das ondas médias e ondas tropicais. O projeto tinha previsto a duração inicial de veiculação por seis meses, com um programa semanal com 30 minutos de duração, mas foi estendido para nove meses. Por serem feitos uma parte pré-gravados e uma parte ao vivo, era comum os programas ficarem

no ar até por uma hora, de duração estendendo-se nas ligações e participação dos ouvintes com uma faixa de sete a 11 telefonemas por programa, dependendo da polêmica do assunto.

Nesta jornada de capacitação em cursos de áudio e vídeo nos anos de 1998 e 1999 foram realizados três cursos (CENTRO..., 1998, 1999), sendo dois de capacitação de jovens de famílias de baixa renda, para a área técnica de vídeo e TV, e um para a área técnica operacional e de produção de radiodifusão. São cursos de longa duração com carga horária de 660 horas. No curso de vídeo e TV foram capacitados 58 jovens, divididos nas funções de editor, operador de áudio e câmera, produtor e arte cenografia. No curso de radiodifusão foram capacitados 25 jovens divididos nas funções de locução, produção, redação e operação de áudio. Ambos os cursos geraram estágios e acompanhamento de universitários de Comunicação Social e Serviço Social.

Conforme citado no item 3.1, no ano de 2003 realizou-se o primeiro Projeto de Radionovelas Educativas, vencedor de edital nacional da ANDI, este projeto produziu um CD com nove *spots* e nove radionovelas, capacitou onze alunos do curso de Comunicação Social e dois alunos de Serviço Social.

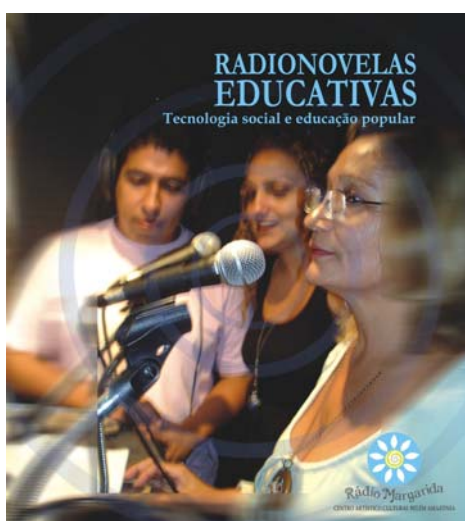
Voltou-se a falar, novamente neste item 3.3 em capacitação de pessoal, diferentemente da abordagem anterior do item 3.1, pois agora a ênfase é abordar a capacidade de multiplicação de meios técnicos colocados à disposição da população para entrar no universo da produção audiovisual, provendo aos jovens e articuladores de trabalhos em bairros populares a condição de conhecer e trabalhar nos meios de comunicação e desmistificá-los como inacessíveis, tanto técnica como politicamente. O resultado foi a criação de rádios comunitárias: Liberdade FM, bairro da Terra Firme, e outra no bairro do Guamá; rádios que foram fechadas pela Polícia Federal, mas continuam na luta pela liberdade de expressão, conforme o que está garantido nos princípios constitucionais. Outro aspecto da capacitação foi a inserção de jovens no mercado formal de trabalho, bem como em empreendimentos próprios na esfera de áudio, vídeo e outros campos de atuação.

Por meios de comunicação social de radiodifusão e vídeo popular, a ONG vem realizando uma produção considerável dada a quantidade de *shows*, incursões de radioteatro, radionovelas, *spots* e vídeos educativos que foram citados; na somatória e quantificação deste elenco de produções, muitas concepções e criações deste conjunto de obra foram de produção com ensino-aprendizagem, ou seja, ensinando-se a fazer o que se estava produzindo, envolvendo aprendizagem por parte de alunos universitários, jovens oriundos de bairros populares e lideranças de associação de moradores e entidades populares, agentes sociais, técnicos e profissionais de diversos segmentos e áreas, bem como a aprendizagem da direção

da ONG nesta relação de troca de saberes e vivências. Portanto, em muitas produções de textos, argumentos, roteiros e na participação de gravações, temos a participação direta destes protagonistas.

Ao longo destes anos de trabalho com processos de educação popular, que não são direcionados apenas às populações de baixa renda e nível de escolaridade precário, mas sim a todos os segmentos de população e classes sociais, tem-se feito a opção de educação e comunicação popular, pois se entende que se pode comunicar de tudo a todos, e se trabalhar o senso comum presente em todos os níveis sociais, atuando para facilitar o diálogo e compreensão do que queremos. Por princípio ético e filosófico e por metodologia de ensino-aprendizagem as capacitações que realizamos são em nós também realizadas e assim nós tornamos, voltamos a ser novamente capazes de algo que não sabíamos ou do que voltamos a saber.

Relembrando os primeiros passos da ONG Rádio Margarida, desde 1994, as oficinas de arte, com conteúdos do Estatuto da Criança e do Adolescente, já enveredavam o trilhar de um caminho de processos de ensino-aprendizagem, de relações dialógicas de ser e saber em movimento com alegria, arte, cultura e responsabilidade social. Como ápice desta linha de capacitação temática e também nas linguagens do método de educação popular, pode-se citar os relatos e registros de pesquisa realizada dentro do Projeto de Radionovelas Educativas em defesa do direito da criança e do adolescente e transcritas no livro “Radionovelas Educativas – Tecnologia social e educação popular”:



O Projeto Radionovelas Educativas, da Rádio Margarida, é apaixonante. Mexe com nossas vivências e se refere ao mundo que queremos para cada criança e cada adolescente. Ele nos interpela a pensar na sociedade que estamos construindo e em nossa responsabilidade com a garantia e a proteção dos direitos da infância e da adolescência.

Esse processo é essencialmente comunicativo. Isso porque pressupõe o compartilhamento de experiências, informações e conhecimentos. E mais: exige a produção de sentidos em conjunto. Ao trabalhar com as linguagens do rádio e do teatro, o

projeto buscou não só capacitar os agentes do Sistema de Garantia dos Direitos, mas construir com eles cada momento. Procurou ainda ressaltar o papel desses atores como protagonistas na defesa dos direitos de meninos e meninas.

Qualquer processo de mobilização social deve ter dois elementos fundamentais: paixão e razão. Se houver amor pela causa, as pessoas incorporam ao dia-a-dia os objetivos que precisam ser alcançados. Da mesma forma, para que haja

transformação social é necessário que as ações sejam bem pensadas e organizadas. O Projeto Radionovelas atuou nas duas direções. E o relato dessa experiência, com os desafios e as soluções encontradas, está materializado neste livro, que se mostra muito mais do que um registro, mas, sim, um caminho para ação. (CAL apud GUEDES; PANCERA, 2008, p. 5)⁹⁵.

A pesquisa efetuada durante as fases do Projeto Radionovelas Educativas proporcionou mais uma vez comprovação da eficiência, eficácia e efetividade do método de educação popular. Esta demonstração será relatada por diversos agentes sociais, de distintas formas. Por meio de seus depoimentos e produção se fará mais uma vez a mensuração e qualificação do método. O primeiro depoimento a ser analisado é o seguinte: “O Projeto Radionovelas Educativas, da Rádio Margarida, é apaixonante. Mexe com nossas vivências e se refere ao mundo que queremos para cada criança e cada adolescente” (CAL apud GUEDES; PANCERA, 2008, p. 5). A concepção de mundo a ser trabalhada não se limita ao universo da informação e da comunicação, mas vai fundo nas vivências e representações. Mexer nas posições estabelecidas é uma atribuição categórica do método: “Ele nos interpela a pensar na sociedade que estamos construindo e em nossa responsabilidade com a garantia e a proteção dos direitos da infância e da adolescência” (CAL apud GUEDES; PANCERA, 2008, p. 5). Chama para o presente, para a consciência de engajamento e participação, somos parte disto e do que queremos mudar na sociedade.

“Esse processo é essencialmente comunicativo. Isso porque pressupõe o compartilhamento de experiências, informações e conhecimentos. E mais: exige a produção de sentidos em conjunto” (CAL apud GUEDES; PANCERA, 2008, p. 5). Comunicação + sentimento + ação transformadora: “Ao trabalhar com as linguagens do rádio e do teatro, o projeto buscou não só capacitar os agentes do Sistema de Garantia dos Direitos, mas construir com eles cada momento. Procurou ainda ressaltar o papel desses atores como protagonistas na defesa dos direitos de meninos e meninas” (CAL apud GUEDES; PANCERA, 2008, p. 5).

No livro também se efetuou a descrição do processo percorrido no projeto e as concepção de mundo, valores humanos e princípios de defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes, bem como a fundamentação do método. Assim sendo, destaca-se a concepção de educação popular que vem sendo praticada pela ONG em seus processos de relação e educação popular:

⁹⁵ Danila Cal, Coordenadora da Agência UNAMA de Comunicação pelos Direitos da Criança e do Adolescente, participou da capacitação do projeto Radionovelas Educativas, escreveu o prefácio do livro Radionovelas Educativas – Tecnologia social e educação popular.

O Projeto "Radionovelas Educativas em defesa dos direitos da criança e do adolescente" vem acontecendo numa perspectiva de construção coletiva, junto com agentes sociais do Sistema de Garantia de Direitos, de desenvolver tecnologias sociais que facilitem e fortaleçam o enfrentamento à violência contra a infância e a adolescência. Este processo vem sendo efetivado por meio de um **método de educação popular que adota as linguagens artísticas e meios de comunicação social**. Recursos da arte e ciência que compõem a base teórica e metodológica de atuação do Centro Artístico Cultural Belém Amazônia - **ONG Rádio Margarida**, organização que implementa o Projeto 'Radionovelas Educativas'.

O método de educação popular da ONG Rádio Margarida tem suas fontes de inspiração em milenares artes, como o teatro em geral, o teatro de bonecos, o circo na figura emblemática do palhaço, os jogos e brincadeiras lúdicas, bem como a fusão destas antigas linguagens com o novo, com o contemporâneo. Assim temos também os recursos dos meios modernos de comunicação, unidos às antigas artes e tradições: radioteatro ambulante (um outro saltimbanco), o vídeo popular, os programas de rádio, as radionovelas, etc. Pedagogias que a organização vem desenvolvendo em seus 17 anos de vida.

A simbiose artística de comunicar e educar, um movimento de entrelaçamento constante, em que a arte e a comunicação são os elementos que facilitam as mediações sucessivas de aproximação da realidade e, na cultura do senso comum, propiciando a sensibilização e a ultrapassagem do mundo das necessidades às esferas das liberdades, da cultura que ainda temos e da que queremos que seja transformada, como a violência contra a criança e o adolescente.

Nossa proposta manifesta-se objetivamente nesse processo criativo de educar educando-se, de comunicar sendo interpretado e redesenhado, de relacionar sujeitos criadores e constituídos por uma cultura estabelecida no diálogo permanente e no ato de desvelar concepções, opiniões; desmistificar preconceitos, mitos; compartilhar ideias, projetos, desafios, que também têm a pretensão de estabelecer a relação de aprendizagem, de troca de possibilidades, oportunidades, esperanças, tristezas, alegrias, de pequenas e grandes vitórias, num movimento que oportuniza a construção e/ou a potencialização de novas práticas, posturas, projetos de vida e transformação das relações existentes. (GUEDES; PANCERA, 2008, pp. 15-16).

Os depoimentos efetuados no decorrer do processo de ensino-aprendizagem foram espontâneos, registrados na pesquisa-ação na ação que percorreu as fases do projeto: “Com as informações e encaminhamentos que antes não eram de meu conhecimento, dificultando no trabalho, agora já tenho respaldo para encaminhar ou fazer procedimentos [...] Com certeza, a partir desta oficina muita coisa vai mudar em minha prática pedagógica”⁹⁶ (GUEDES; PANCERA, 2008, p. 15). Na publicação do livro, bem com nas letras de radionovelas não citamos o nome dos depoentes em virtude de opção decidida pelo grupo, por entenderem que todo o transcorrido foi de criação coletiva. A criação de textos para radionovelas totalizou 12 e foram selecionados apenas seis para serem gravados; Já a produção de *spots* foi de mais de 30 e selecionados 24 para gravação. “Sinto esperança e coragem no enfrentamento dos problemas existentes, pois tive a oportunidade de construir associações importantes entre pessoas [...] Um sentimento de riqueza em relação ao assunto, de mudança em relação a certos

⁹⁶ Agentes sociais do SGD que participaram do Projeto.

conceitos e satisfação por ser mais uma pessoa que vai poder mudar o mundo!”⁹⁷ (GUEDES; PANCERA, 2008, p. 18).

No item 2.1 do livro, ‘caminho da oralidade’, destaca-se, a base das relações sociais e do método de educação popular:



A comunicação **oral** é um dos processos fundamentais que historicamente vem se desenvolvendo de formas diferenciadas, para o estabelecimento de troca de habilidades e conhecimentos entre as pessoas. Por meio da oralidade, homens e mulheres vêm construindo culturas, costumes, concepções de mundo, num processo contínuo de intercâmbio de pais para filhos, de gerações

para gerações e de povos para outros povos. Nesse processo de relação social que tem por base a linguagem, contam-se histórias e criam-se novas histórias das realidades vividas, nas quais a imaginação e criatividade, sempre presentes nos acontecidos e contados, compõem cada prosa.

Mesmo com todo avanço tecnológico na área da comunicação: televisão, satélite e internet, a região Amazônica e sua diversidade de território, povos e saberes ainda dispõe, como potencial de troca de conhecimento e cultura, a **oralidade** que é uma das bases de interlocução das populações indígenas, caboclos, ribeirinhos, entre outros. Quem nunca escutou ou foi um contador de histórias fantásticas que reconstruíam fatos e personagens capazes de reinventar a vida? Também encontramos nos costumes da região as chamadas “bocas-de-ferro” e “aparelhagens” que propagam o som nas ruas, feiras, esquinas, festas populares, nas quais são feitas projeções sonoras de alta proporção, com bastante interlocução nos microfones por parte dos *djs*. Utilizando-se do vocabulário popular, o paraense é um povo barulhento, sendo que esta característica é bastante influenciada pela cultura da oralidade, de troca entre a população. (GUEDES; PANCERA, 2008, p. 21).

Um dos artistas e educadores que participaram do processo coordenando as oficinas de rádio e a produção de radionovelas e *spots*, Mário Filé, artista conhecido na região pela versatilidade e destreza no uso da palavra falada e transmitida, dá o seu depoimento sobre a VOZ:

Força da voz

*A voz da gente é tudo que se tem
Na verdade, o que se passa falando,
Escrevendo, cantando.
A voz é o que há de mais precioso
para quem escuta, querendo saber da vida;*

⁹⁷ Idem nota anterior.

*pra quem duvida
e, ouvindo, aprende pelo tom da voz.
A voz que pensa não fala de qualquer jeito.
A voz tem que sair do peito,
mais do que estar falando,
saber porque está falando.
A voz não pode obedecer a qualquer desmando.
A voz de quem quer que seja tem de ser orientada
por um comando sem vaidade,
tem que passar verdade,
tem que ser fértil,
tem que ter humildade.
A voz tem que soar poética
Tem que ter ética.
(Mário Filé)*

“Da oralidade à era de ouro do rádio” é o subtítulo que trata do caminho adotado por muitos povos e com características bastante peculiares no Brasil e também na Amazônia. Aborda-se também tal assunto no método de educação popular da ONG para falar da história do surgimento da radionovela:

A era do rádio inicia oficialmente no Brasil em sete de setembro de 1922, com um transmissor de 500 *watts*, da *Westinghouse*, no alto do Corcovado – RJ, para 80 receptores. O primeiro programa foi o discurso do Presidente Epitácio Pessoa. Os programas de rádio eram exclusivos para uma pequena elite de pessoas que possuíam esses caros aparelhos de recepção. A programação tinha como pauta: ópera, recitais de poesia, concertos, palestras culturais, entre outros. A partir da década de 30 começa a se processar uma transformação, pois o erudito passa a dar lugar ao popular, no qual são inseridas as programações comerciais. Em meados dos anos 40, no período chamado a era de ouro do rádio, essas transformações acentuam-se e o nível de popularidade dos programas triplica em todo o país. Também é o momento de surgimento das radionovelas (1942), em uma grande inauguração com "Em busca da felicidade". Neste período a dramaturgia lançou vários artistas que passaram a ter projeção nacional, por meio das radionovelas, audiências significativas nas principais praças do rádio, embalando sonhos e imaginação de milhões de brasileiros. (GUEDES; PANCERA, 2008, p.21-22).

A radiodifusão é a extensão da transmissão do conhecimento oral, contando com os aparatos eletrônicos de comunicação em massa, e continua sendo um dos meios mais disputados nas barganhas políticas do Congresso Nacional.

Dentre as opções que a sociedade civil encontra para levar adiante os seus projetos de transformação social elegem-se estratégias que contam com o trabalho corpo a corpo, sensibilização por meios de ferramentas e instrumentos de educação popular e ocupação de espaços e brechas nas relações sociais e de produção.

O Projeto Radionovelas Educativas: em defesa dos direitos da criança e do adolescente, vem sendo uma ação que traz a finalidade da **difusão de uma cultura de enfrentamento da violência contra a criança e o adolescente**. Esta ação fez com que se priorizassem sujeitos, contextos e processos metodológicos, para o enfrentamento da violência. Quando observamos os processos, não nos referimos unicamente à tecnologia das radionovelas, mas a todo um desenvolvimento de procedimentos e técnicas que contribuíram para os produtos e resultados gerados pela vivência. (GUEDES; PANCERA, 2008, p. 23).

Como parte das estratégias e organização das ações, seguindo-se as orientações do pensar global e agir local elegeram-se espaços e sujeitos:

Para implementação das ações do projeto, elegeram-se como **sujeitos e protagonistas** os agentes sociais das organizações governamentais e não-governamentais e, como **espaço**, o Sistema de Garantia de Direitos⁹⁸ – SGD da Região Metropolitana de Belém, isto por considerá-los como estratégicos no enfrentamento da violência contra a criança e o adolescente. O SGD configura-se no espaço de articulação, intercâmbio e troca de saberes e experiências entre as organizações e as pessoas, na perspectiva de execução dos instrumentos normativos para o desenvolvimento da promoção, defesa e controle dos direitos humanos de criança e adolescente. (GUEDES; PANCERA, 2008, p. 23).

Dentro do processo de envolvimento e aproximações sucessivas dos agentes e dos espaços foram promovidos encontros com gestores e agentes, demonstração das demandas e necessidades e concomitantemente a organização e viabilização de parcerias. Eventos de participação social foram realizados por meio de grandes seminários: de abertura e lançamento do projeto, abertura das rodadas de produção das tecnologias sociais, lançamento dos *kits* educativos e da avaliação final e lançamento do livro com os resultados da pesquisa.



O Seminário de lançamento teve, como pauta de diálogo, as questões referentes ao Sistema de Garantia de Direitos da Criança e Adolescente, Violência Doméstica, Violência Sexual e Trabalho Infantil, além da exibição de vídeo acerca do trabalho infantil, espetáculo de teatro de bonecos e um nobre apresentador, representante diplomático da ONG, o palhaço ‘Claustrofóbico’, que teve a natural incumbência de interagir, animar e ser o mestre de cerimônias do evento, em um ambiente de alegria e criatividade, que tornou a discussão de temas complexos algo acessível e interessante para os participantes. Na história da ONG, uma vez mais

a arte foi o elemento condutor do processo em que tivemos oportunidade de proporcionar um espaço de debate, com todo o rigor necessário, mas também

⁹⁸ “O Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente constitui-se na articulação e integração das instâncias públicas governamentais e da sociedade civil, na aplicação de instrumentos normativos e no funcionamento dos mecanismos de promoção, defesa e controle para a efetivação dos direitos humanos da criança e do adolescente, nos níveis federal, estadual, distrital e municipal”. (Secretaria Especial dos Direitos Humanos do Estado do Pará, 2008).

fizemos isto num movimento dinâmico e criativo. (GUEDES e PANCERA, 2008, p. 26).

Como partes do processo e movimento de relação ensino-aprendizagem foram sendo realizadas também as rodadas de formação temática:



As rodadas vivenciais foram uma forma metodológica de desenvolver o processo de aprendizagem em que se dialogava acerca dos conceitos e debates que envolvem a questão da violência contra a criança e o adolescente, mas também o início dos arranjos que compõem a produção das radionovelas e *spots* educativos [...] As rodadas temáticas foram espaços coletivos de troca de experiências e reflexão com o envolvimento dos 120 agentes sociais nos processos de formação acerca das questões de violência contra a criança e o adolescente, em que o objetivo foi oportunizar um ambiente de

diálogo para pensar nos limites e alcance dos temas, bem como traçar as possibilidades que qualificassem com os conteúdos discutidos a produção das tecnologias sociais. Para a abordagem da questão da violência, foram instaladas três rodadas em que cada uma teve um processo dinâmico e criativo, quais foram: violência doméstica, abuso e exploração sexual, trabalho infantil. (GUEDES; PANCERA, 2008, p. 31).

Nas rodadas as questões foram trabalhadas de diversas maneiras para tirar de dentro, fazer vir à tona, dar à luz: “Medo, angústia, opressão, puxão de orelha, vergonha, animal, covardia, trauma, sofrimento, dor, sangue, constrangimento, desconhecimento, invasão, violação, estupro, abuso, poder, submissão, desrespeito e falta de amor”⁹⁹ (GUEDES; PANCERA, 2008, p. 25).

O que a família deve fazer. O que as escolas devem fazer para prevenir. O que as escolas devem fazer quando identificam uma situação de violência sexual? Falar as responsabilidades das instituições que compõem a REDE. Falar que a maioria dos agressores são pessoas de confiança e não desconhecidos. Informar sobre a REDE de atendimento aos agressores. (GUEDES; PANCERA, 2008, p 35).¹⁰⁰

Nos seminários, rodadas temáticas e de produção de tecnologias sociais, a pesquisa-ação na ação do Projeto Radionovelas Educativas e da ONG Rádio Margarida, quanto ao seu método de educação popular, continuou a perguntar e registrar acontecimentos e depoimentos:

⁹⁹ Dinâmica de grupo em que os agentes sociais expressaram com uma palavra seu entendimento acerca da violência sexual.

¹⁰⁰ Propostas dos grupos para produção das tecnologias sociais.

[...] pra mim foi ampliando na relação pessoal, esse processo criativo na relação com o outro, aprender a trabalhar com um grupo cada vez mais... Acho que serviu muito pra minha formação profissional, esse aprendizado reforçou, ampliou o aprendizado de trabalhar em grupo, de trocar, de escutar o outro, de conhecer as ideias do outro, o processo criativo do outro. (GUEDES; PANCERA, 2008, p 25).¹⁰¹

A avaliação das ações do projeto seguiu os indicadores de processo, resultado e impactos. Um conjunto de relações entre o objeto geral e específico, atividades, indicadores de processo, resultado e impacto, meios e período de verificação. Em todas as etapas, seminários, rodadas temáticas e produção de tecnologias sociais, se faziam questionários, entrevistas, depoimentos gravados e filmados, bem como na avaliação final. As perguntas-chave se reportavam aos conteúdos, meios e modos e também às categorias do método: comunicação, sentimento e ação transformadora.

Então, tem toda uma metodologia, então eu sabia o que eu queria, mas eu não sabia como transmitir isso pro papel, eu não sabia como falar de uma questão tão delicada, uma questão que envolve tanto sofrimento, de uma forma lúdica, uma comunicação clara, com uma comunicação que fosse de fácil acesso ao público-alvo, que poderia ser crianças e poderia ser adultos. Então, pra mim, foi muito desafiador todo esse processo. (GUEDES; PANCERA, 2008, p. 39).¹⁰²

Após as rodadas temáticas iniciam as rodadas de produção de tecnologias sociais:

Para a produção da tecnologia social (*kit* educativo: radionovelas e *spots*, músicas educativas e um guia) também foram realizadas rodadas vivenciais acerca das linguagens de radionovelas e *spots* educativos. As rodadas foram facilitadas por profissionais de experiência no ramo (o repórter e radialista Mário Filé e o músico e professor Renato Torres) que construíram possibilidades para esclarecer, ao grupo de agentes sociais, o que é uma radionovela e um *spot*; qual a importância destas linguagens e qual o seu processo de produção.

A partir do seminário de abertura das rodadas de produção das tecnologias sociais, foram realizadas duas rodadas para a produção, uma rodada de produção de radionovelas, com duas turmas, e uma de *spots*. Os agentes sociais, durante o seminário, tiveram que optar entre uma das linguagens para se engajarem, sendo que algumas pessoas participaram das duas rodadas por interesse próprio, dispondo de mais tempo de suas vidas e momentos de seu cotidiano. (GUEDES; PANCERA, 2008, p. 39).

Processos grupais para desempenho individual e coletivo foram utilizados nas rodadas de produção de tecnologias sociais:

¹⁰¹ Agentes sociais do SGD que participaram do projeto.

¹⁰² Propostas dos grupos para a produção das tecnologias sociais.



Para o desenvolvimento artístico dos agentes sociais, foram realizados processos grupais que trabalharam a questão da autoconfiança, confiança no grupo, compromisso, cooperação, entre outros. Assim foram exercitadas técnicas de teatro e dinâmicas de grupo que mexiam com a timidez, o medo, além do aprimoramento das relações para a formação de equipes de produção baseadas na cooperação, elemento de fundamental ligação para que os produtos fossem gerados coletivamente. Também foram realizados exercícios que aguçavam a criatividade coletiva para a identificação de várias possibilidades de gerar informações acerca dos temas em foco, sem ter que se apropriar das estratégias da mídia existente, que trabalha com sensacionalismo e exposição das pessoas e do trágico, que não motiva processos reflexivos, mas sentimentos de rejeição, medo, pavor, entre outros. (GUEDES; PANCERA, 2008, p. 41).

Caminhando nos processos grupais vai-se delimitando o foco para a criação artística, uma vez que o conjunto de informações e pesquisa temática sobre os conteúdos já haviam sido vencidos, então a tarefa já passava a ser outra para se avançar na produção e materialização de processos.

Em cada grupo, foi abordado, com os agentes sociais, como construir um personagem, sem que o mesmo fosse apelativo, perversivo, distorcido da realidade, ou seja, houve uma preocupação para que as personagens não impusessem padrões preconceituosos, como um bom e outro mau. Assim foi orientado para que cada



história contada expressasse a situação de pessoas da vida real, ou seja, homens e mulheres que praticam violências, mas que também, no seu dia-a-dia, batalham pela sobrevivência e podem também ser violadas em seus direitos.

[...] Outra tarefa também pontuada, foi a necessidade de interpretar personagens que não necessariamente fizessem parte de seu caráter, porém, sendo

necessário conhecer o comportamento e a atividade de cada um deles, ou seja, como é o comportamento, a fala e a ação de um agressor, de uma pessoa que sofreu os maus-tratos e a agressão, etc. Para isto também foram feitos testes de timbre de voz, em que se pontuou a necessidade de concentrar toda a interpretação na voz de cada ator e atriz. Assim foram feitos testes com cada agente envolvido, para a identificação de vozes, conforme o perfil das personagens. Neste processo, além dos instrutores, contávamos com a participação ativa dos agentes nas decisões e motivações do grupo. (GUEDES; PANCERA, 2008, pp. 41-42).

Os depoimentos continuavam a ser registrados nas rodadas e nos processos grupais:

Assim, no primeiro mês, pra mim, eu fiquei meio impactada. Como a gente vai relacionar tecnologia, criatividade, num processo de construção pra um tema tão difícil, como construir isso? [...] porque eu sempre, particularmente, tinha muita resistência com a dimensão tecnológica, pra entrar no computador, começar a manusear o computador foi uma resistência muito grande. Quando fiz a oficina com

o Renato, uma linguagem totalmente diferente, “*spot*”, o que significa isso, era um mundo muito distante, muito novo pra mim. (GUEDES; PANCERA, 2008, p. 44).¹⁰³

E continuavam também as rodadas de produção de tecnologias sociais de radionovelas, *spots* e músicas:

Para a produção do CD de radionovelas, *spots* e músicas, em cada rodada, foram divididos três subgrupos que trabalhavam com as temáticas: violência doméstica, violência sexual e trabalho infantil. E em cada temática dividiram-se sub-temas específicos que abordavam as seguintes dimensões:

Denúncia – os roteiros de radionovelas e *spots* abordaram histórias que denunciavam situações de violência. Eles deveriam conter informações sobre as formas e locais para serem realizadas as denúncias;

Prevenção – também encontraram-se meios de traduzir histórias que tratavam sobre as formas de prevenção, bem como as suas consequências; apresentando dicas de como reverter as situações identificadas ou que poderiam vir a ocorrer;

Mudança de atitude - também encontramos histórias que sensibilizaram para mudanças de atitudes em favor da criança e do adolescente. Para cada foco procurou-se equilibrar a quantidade de *spots* e radionovelas. Mesmo assim, devido a uma boa motivação e vontade dos agentes participantes, a produção de textos de radionovelas foi bem maior do que consta no CD. Neste sentido, foram feitas escolhas, bem como se exigiu do grupo, poder de síntese e interação, para a organização de ideias e objetivos, obedecendo aos critérios de tempo, qualidade, interpretação, bem como trabalhando com as informações essenciais para os ouvintes. (GUEDES; PANCERA, 2008, p. 43).

O método de educação popular, linguagens artísticas e meios de comunicação social se muniu neste projeto de todos os recursos disponíveis para demonstrar também que a diversidade de formações, vivências e experiências profissionais é facilitadora do processo, em vez de complicadora, pois visões e interpretações com um objetivo em comum se complementam e somam-se como atributos de qualificação. Assim sendo, a criação de roteiros e estórias foi feita a muitas mãos:

A criação das histórias foi desenvolvida em um processo transdisciplinar, pois contava com a participação de profissionais como psicólogos, assistentes sociais, advogados, pedagogos, educadores populares, lideranças comunitárias, radialistas, estudantes, entre outros. Assim, no momento de formulação dos argumentos e roteiros, todos contribuíam, a partir de suas experiências profissionais, potencializando as informações e corrigindo equívocos. Isto possibilitou uma qualidade nos materiais produzidos.

A partir dos roteiros elaborados, os grupos passaram para a fase de gravação das radionovelas e *spots* no estúdio, em processo coletivo, com o envolvimento de todos na gravação e interpretação de cada radionovela e *spot*, em um contínuo de aprendizagem dos agentes, dos instrutores e coordenadores do projeto. (GUEDES; PANCERA, 2008, p. 44).

¹⁰³ Agentes sociais do SGD que participaram do Projeto.

Nas muitas vozes de diferentes interlocutores ouvíamos a mesma sintonia de interpretação do processo, dos resultados e impactos positivos provocados em cada um dos participantes:

A produção de todas as radionovelas e *spots* foi sensacional, porque mexeu com essas diferenças de pensamento de cada pessoa que participava, cada pessoa tem uma ideia diferente, essas ideias foram se juntando às outras, e chegamos num processo de formatação que deu um resultado direcionado a um interesse comum, que era os direitos da criança e do adolescente. (GUEDES; PANCERA, 2008, p. 43).¹⁰⁴

Como resultado final, teve-se a produção e gravação em CD de seis radionovelas, duas sobre violência doméstica, duas sobre a violência sexual e duas sobre o trabalho infantil; quatro músicas, sendo duas sobre violência doméstica, uma sobre a violência sexual e uma sobre o trabalho infantil; vinte e quatro *spots*, sendo sete relativos ao tema violência doméstica, nove sobre violência sexual e oito sobre o trabalho infantil.

Descreve-se, a seguir, uma radionovela, dentre doze produzidas e seis selecionadas que compõem o CD Radionovelas Educativas: Em defesa da criança e do adolescente, pertencente ao projeto de mesmo nome. O texto da radionovela é parte do processo de capacitação temática sobre violência doméstica, troca de experiências e vivências profissionais e institucionais e exercício de aprendizagem do método de educação popular que adota as linguagens artísticas e os meios de comunicação social em sua práxis artístico-cultural. Assim, apresentamos:

EDUCAR NÃO É BATER – Uma história sobre violência doméstica

*Narrador: Preste atenção na história que vou contar
Que acontece com famílias de todo lugar
Zecão em casa acabava de chegar
Depois de um dia de trabalho só queria descansar
Mas Silvinha, sua mulher, berrava a reclamar.*

Silvinha: Escuta aqui, Zecão, tudo bem que tu não querias que eu trabalhasse... Eu até não me incomodo, mas do jeito que ta não dá, tu nunca pára em casa, a gente tá sempre apertado de grana e ainda por cima tem o teu filho que não obedece e passa o dia inteirinho na rua, vê se dá um jeito nele que eu não aguento mais!

Zecão: Hoje não é meu dia! Vou pegar esse moleque! Marquinho, vem aqui agora que hoje tu vai dormir de couro quente, quero saber por que tu passas o dia na rua. Agora vai tomar banho e depois vai dormir porque hoje eu nem quero mais olhar pra tua cara (Marquinho sai chorando).

Silvinha: Poxa Zecão, não precisava espancar o menino desse jeito! Era só pra chamar atenção do menino!

¹⁰⁴ Idem nota anterior.

Zecão: Cala a tua boca! Tu mesmo disse que ele era meu filho, então eu educo do jeito que eu bem entender. Eu sempre apanhei do meu pai e não morri.

Narrador: Mas não era só pra corrigir, ou seja, educar.

Que Marquinho, um inocente vivia a apanhar,

Acontece que seu pai batia mais pra desferrar,

O cansaço de passar o dia todo a trabalhar.

Na escola a professora vê o menino marcado,

O seu corpo tinha hematomas pra todo lado,

Além disso, o seu rendimento tinha decaído,

Resolveu chamar Silvinha pra falar do acontecido.

Professora Terezinha: D. Silvinha mandei lhe chamar porque há algum tempo venho notando mudanças no comportamento de seu filho. Ele não apresenta mais os deveres de casa, suas notas estão muito baixas e agora anda faltando às aulas, também observei que seu corpo está todo marcado, preciso que a senhora me diga o que está acontecendo.

Silvinha: Sabe o que é professora, o problema é o Zecão, meu marido!

Ele é um bom homem, trabalhador, não deixa faltar nada dentro de casa, mas não tem paciência com a família. Um dia desses, pedi pra ele chamar a atenção do menino e ele só sabe bater.

Terezinha: Olhe, dona Silvinha, tome cuidado com essas agressões, o seu filho só tem oito anos, se o seu marido passar dos limites e algo grave acontecer com Marquinho, tanto a senhora como o seu marido serão responsabilizados. A senhora por negligência e o seu marido por agressão física.

Silvinha: Não professora, deixa que eu vou conversar com o Zecão.

Terezinha: Muito bem, isso não pode continuar assim. Melhor que bater é conversar.

Narrador: Silvinha, pensativa, percebeu então

Que os hematomas do menino chamavam muita atenção,

Percebe que o seu filho ela não soube educar,

Então tenta chamar Zecão pra conversar.

Silvinha: Zecão, a professora me chamou e já estão reparando na escola que o menino apanha muito, a professora disse que poderemos ser responsabilizados.

Zecão: Primeiro eu quero te dizer que ninguém tem nada a ver com a nossa vida! Por acaso a professora te sustenta ou sustenta o Marquinho, heim?!

Narrador: Dias depois Zecão assistia televisão,

Quando ouve seu Raimundo batendo no portão.

Raimundo: Olha aqui, seu Zecão, o seu filho Marquinho junto com uma cambada de moleques quebrou o vidro da janela lá de casa, e eu quero que o senhor e os outros pais paguem o prejuízo!

Zecão: Vem cá seu Raimundo, o senhor viu se foi meu filho que quebrou seu vidro? Pode ter sido qualquer um desses moleques!...

Raimundo: Eu não tô nem aí! Mas o meu vidro o senhor vai ter que pagar.

Narrador: Depois da saída esbravecida do vizinho,

Zecão muito bravo grita por Marquinho.

Zecão: Vem aqui, moleque! Vem aqui agora! Tu quebraste a vidraça do seu Raimundo?

Marquinho: Não fui eu, pai, eu juro, foi o Marvão que quebrou.

Zecão: Eu não quero nem saber se tu tava no meio vai apanhar pelo prejuízo que tu tá me dando (porrada no Marquinho).

Narrador: Zecão enfurecido bate tanto no inocente,

E sem perceber deixa Marquinho inconsciente,

A surra foi tamanha que assustou a mãe, Silvinha,

Que veio correndo assustada da cozinha.

Silvinha: O que tu fizestes com o meu filho?! Tu deixaste ele desmaiado!!

Zecão: Que nada, isso é fingimento dele! Bora Marquinho, vai tomar banho, deixa de moleza. Levanta daí, bora! (sacode Marquinho, preocupado)... Marquinho!... Meu filho! Minha nossa, o que eu fiz!... Vamos levar ele para o hospital!

Narrador: Então Zecão chega gritando no hospital,

Com seu filho no colo passando muito mal.

Zecão: *Alguém me ajuda pelo amor de Deus! O meu filho tá morrendo!*

Enfermeira: *Calma, senhor, calma! Coloque seu filho aqui nessa maca. O que aconteceu com essa criança?*

Zecão: *(Nervoso e com muito medo) é... Ele... Ca... Caiu do muro!....*

Enfermeira: *Calma, senhor! Vou chamar o Dr. Paulo!*

Narrador: *Enquanto o Doutor Paulo avalia Marquinho,*

Percebe muitas marcas pelo corpo todinho,

E como o Doutor já tinha visto algo igual,

Chama a dona Shirley, a Assistente Social.

Dr. Paulo: *Seu Zecão, d. Sílvia, esta é a d. Shirley, nossa Assistente Social. Contem pra nós o que realmente aconteceu com o filho de vocês.*

Zecão: *Ele caiu do muro! É verdade!... (fica em silêncio).*

Silvinha: *Fala, Zecão, fala a verdade pra eles, isso pode salvar o nosso filho!..*

Zecão: *(Depois de um longo choro) Como é que tá meu filho, Doutor?.., Eu não queria fazer isso com ele, eu só queria educar meu filho pra ele ser um bom homem quando crescer, da mesma maneira que meu pai me educou!... Eu também apanhei muito, dona Shirley!...*

Shirley: *Seu Zecão, o que acontece na sua família é um ciclo de violência. Do jeito que o senhor apanhava na infância, reproduz a mesma violência no filho. O senhor precisa entender que se pode educar sem espancar.*

Zecão: *Mas como vou fazer pra ele me obedecer?*

Shirley: *O senhor quer que seu filho tenha medo ou lhe respeite? Existem outras formas de educar, o senhor pode dar disciplina e educação através de diálogo e respeito.*

Zecão: *Então me ajude a ser um bom pai para o meu filho!...*

Silvinha: *É, Zecão... precisamos mesmo de ajuda!... Agora quero saber como tá meu filho! Como está Marquinho, Doutor?*

Paulo: *Fisicamente ele vai se recuperar, não se preocupe...*

Shirley: *....Mas, psicologicamente ele vai precisar de ajuda. Aqui pelo hospital vamos cuidar disso, podemos encaminhar o Marquinho e toda a família para uma instituição que ofereça acompanhamento psicológico. O senhor percebe a gravidade do que fez? O senhor deverá ser responsabilizado. Por isso eu terei que notificar o fato para a DPCA – Delegacia de Proteção à Criança.*

Narrador: *Zecão foi julgado como réu primário,*

Condenado a prestar serviço comunitário,

Ajudando outras crianças que sofrem deste mal,

No setor de pediatria do hospital.

Ao ver que Marquinho se recuperou,

Zecão pede perdão porque sabe que errou,

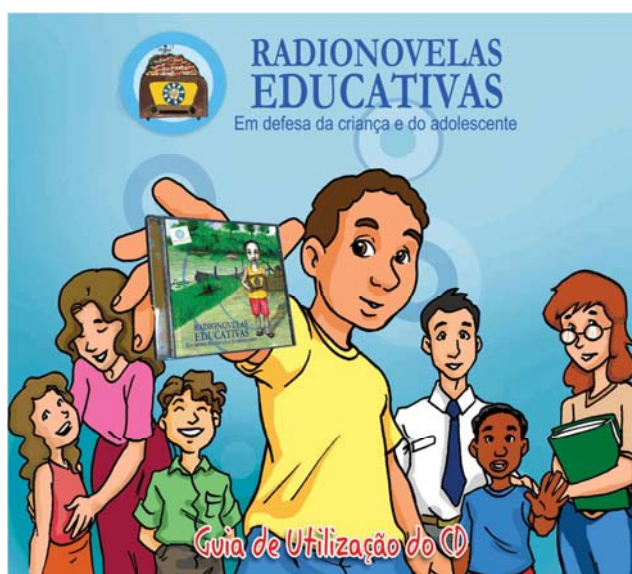
Se você nessa história prestou atenção,

Se liga brother, pra violência diga não!

O texto Educar não é bater – Uma história sobre violência doméstica foi uma criação coletiva realizada por parte dos agentes sociais que participaram do processo de seminários, capacitação temática e de produção de radionovelas educativas. Texto que é fruto de pesquisa, troca de experiências e vivências dos próprios agentes sociais, numa relação dialógica de construção e reconstrução de significados. Intercalado como texto desta radionovela tem-se também a música em estilo *Hap*, cantada nas palavras do narrador. Assim, no mesmo texto tem-se a interpretação da radionovela e também da música. Na faixa de música do mesmo tema tem-se a participação especial de algumas pequenas falas da radionovela.

Em cada texto criado procurou-se uma lógica de abordagem que contém: denúncia, prevenção e mudança de atitude, elementos que, combinados, dão a dimensão da questão social, colocados de forma didática em materiais e instrumentais de educação à disposição do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente para a difusão de uma cultura de enfrentamento da violência contra eles.

Na mesma sintonia da capacitação e produção de tecnologias sociais, a equipe técnica da ONG Rádio Margarida criava o **Guia de utilização do CD de Radionovelas Educativas**. Este guia, assim como a produção do CD, envolveu uma equipe técnica de direção da ONG, coordenação, consultoria, projeto gráfico, editoração eletrônica, diagramação, ilustrações, revisão, catalogação, e dados do manual do editor – ISBN. O guia e o CD, colocados em uma caixa contendo os dois materiais, formam o conjunto que denominamos de *Kit* educativo. Na apresentação do guia diz-se que:



Esta publicação faz parte do Projeto Radionovelas Educativas, realizado junto a 45 organizações que atuam direta ou indiretamente na área da criança e do adolescente, na Região Metropolitana de Belém. Durante seis meses, 120 agentes sociais, entre técnicos, professores, educadores sociais, lideranças comunitárias e jovens de organizações governamentais e não- governamentais discutiram o tema da violência contra crianças e adolescentes e, a partir das rodadas de diálogo, produziram o CD educativo contendo radionovelas, *spots* e músicas sobre a temática. Os agentes sociais apropriaram-se da tecnologia social desenvolvida pela Rádio Margarida para produzir e gravar o CD educativo [...]

O guia de utilização do CD educativo destina-se a educadores sociais, professores, conselheiros tutelares, agentes de saúde, lideranças sociais, jovens, médicos, artistas e a quem quiser atuar como facilitador em processos de grupo. É voltado ainda para radialistas e comunicadores que, a partir do CD, poderão criar inúmeras possibilidades de radiodifusão dos conteúdos em programas educativos para a população.

O guia foi elaborado por um conjunto de profissionais das áreas de Psicologia, Pedagogia, Serviço Social e Comunicação. Algumas técnicas incluídas neste guia

surgiram da experiência coletiva de trabalho com os profissionais que elaboraram o CD, outras foram adaptadas de materiais já existentes.

O guia apresenta e comenta os roteiros das radionovelas, sugere questões norteadoras para debates e atividades que podem ser realizadas em grupos de discussão das mais diversas organizações. Mas, como todo guia, ele apenas indica um caminho, uma possibilidade de uso. Cada facilitador, ao utilizar o CD, pode buscar outros caminhos, atalhos e direções, de acordo com a realidade de seu grupo, de sua comunidade ou região.

Que todos os caminhos nos levem ao êxito neste trabalho de prevenção à violência! (MATOS; PANCERA, 2007, p. 9).

Em seguida, o guia trata do seu ponto 1: As radionovelas educativas e o método de educação popular da Rádio Margarida. Inicia-se também em locais de destaque das páginas o glossário das terminologias e conceitos abordados, sendo o primeiro: “A violência contra a criança pode ser compreendida como qualquer ação ou omissão que provoque danos, lesões ou transtornos a seu desenvolvimento. Pressupõe uma relação de poder desigual entre o adulto e a criança” (MATOS; PANCERA, 2007, p. 11). A combinação dos conceitos e orientações com a definição dos termos faz parte da abordagem de se ter em uma mesma visualização de espaço tudo o que se necessita para começar a pensar e interpretar os assuntos tratados.

Sabemos que qualquer forma de violência e exploração traz consigo uma carga de sofrimento, medo, preconceito e, conseqüentemente, é difícil de ser abordada.

Esperamos que o CD e o guia de radionovelas educativas sejam ferramentas didático-pedagógicas, dentre outras existentes, para facilitar diálogos, rodas de conversa, relatos de histórias e situações vivenciadas, a fim de que as temáticas relativas à violência sejam conhecidas, desmitificadas, denunciadas e transformadas.

A tecnologia social de radionovelas educativas, mesmo com o nome de tecnologia, não é uma parafernália moderna, na qual somente se aperta o botão de liga e desliga. Utilizamos aparelhos eletrônicos apenas para facilitar a reprodução e amplificação do som, a fim de realizarmos com arte a mais antiga das transmissoras de ensino e conhecimento: a história oral. A oralidade – presente em todos os povos antes da escrita – trouxe todas as civilizações ao que são hoje. Baseada na fala e na audição, a oralidade orienta o tato, o paladar, a visão e, principalmente, a imaginação. (MATOS; PANCERA, 2007, p. 11).

Na sequência, continua-se a falar das proposições dos materiais educativos:

Nosso objetivo é trazer à luz questões obscuras, dialogar sobre as maneiras de ver as coisas e seus preconceitos, bem como substituir a cultura da força pela cultura do consenso e da paz, transformar as relações sociais com justiça social, oportunidades, direitos humanos, etc. Daí a importância de chamar a atenção, atuar com os suportes da linguagem artística e dos meios de comunicação social, tais como: teatro, fantoches, jogos, brincadeiras, palhaços, radionovelas, vídeos educativos e outros meios que podem ser utilizados.

O método Rádio Margarida de educação popular trabalha com elementos conceituais e práticos que permeiam e fundamentam toda uma linha de construção, abordagem e troca de conhecimentos, que tratamos por categorias do método, com os quais o verbo se faz ação: **Comunicação, sentimento e ação transformadora.** (MATOS; PANCERA, 2007, p. 12).

As categorias do método são abordadas, sendo detalhadas e concluem o ponto 1 do guia. No ponto 2 temos como título: O facilitador de grupos:



O facilitador é o elo entre a informação e o grupo. É alguém que, utilizando-se das tecnologias de radionovela e *spot*, vai estimular o debate, a assimilação de conteúdos e a mudança de atitude para a defesa dos direitos da criança e do adolescente.

É preciso que o facilitador, antes de desenvolver qualquer atividade, leia atentamente este guia e, se possível, pesquise sobre o assunto, informe-se sobre situação de violência contra crianças em sua comunidade ou

município.

Nós recomendamos que essas atividades sejam facilitadas por pessoas que se sintam confortáveis em trabalhar com esses temas e que tenham certa experiência de trabalho com grupos. As atividades aqui descritas devem ser vistas como parte de um processo de reflexão e educação participativa. Para subsidiar o debate em grupo, leia atentamente os comentários sobre os roteiros das radionovelas, eles trazem informações e abordagens que norteiam o facilitador. (MATOS; PANCERA, 2007, p. 14).

Como orientação ao facilitador, descreve-se por itens o que ele deve fazer:

Conhecer o assunto; Ter postura democrática, de escuta, evitar julgamentos e não permitir desrespeito entre os participantes do grupo; Utilizar metodologia participativa, promovendo discussões, privilegiando o debate e a troca de experiências; Permitir que os participantes sintam-se valorizados, como sujeitos ativos, envolvidos na discussão; Dar espaço para que o grupo se expresse, coloque sua visão. (MATOS; PANCERA, 2007, p. 14).

Continuando tem-se o tópico, ‘preparação para atividade’¹⁰⁵, que começa considerando interessante que haja a presença de mais de um facilitador, adequação de espaços para o trabalho, sem interferências e interrupções, com ambiente livre e respeitoso,

¹⁰⁵ Preparação para a atividade:

1. Ouça o CD antecipadamente e observe se ele é apropriado ao público com o qual você quer desenvolver a discussão (verifique a indicação por faixa etária em cada radionovela). Cada atividade deve ser desenvolvida de maneira apropriada à faixa etária dos participantes e aos objetivos da tarefa.
2. Anote o que considerou mais importante. Faça uma lista dos principais temas para discussão com o grupo.
3. Revise as questões para discussão, selecionando casos relevantes para os temas/cenas que você quer focar com o grupo.
4. Complemente as informações do CD, pesquisando mais sobre os tópicos e prepare exemplos comuns do dia-a-dia dos (as) participantes.
5. Selecione a temática e a faixa a ser trabalhada. Ouça atentamente a radionovela e destaque os trechos importantes para a discussão.
6. Sugerimos que a primeira temática a ser discutida seja violência doméstica, seguida da temática de violência sexual e, por fim, trabalho infantil. As temáticas podem ser trabalhadas em momentos distintos, não necessariamente todas no mesmo dia. (MATOS; PANCERA, p. 15, 2007).

sem julgamentos, pois o tema é complexo e conflituoso, por isso cabe ao facilitador prover estas condições.

No ponto 3, já vencida toda a preparação para a atividade, tem-se o momento de desenvolvê-las. Colocando ação no gerúndio e dando a noção de nosso acompanhamento, temos “Desenvolvendo atividades”. Sugerimos um conjunto de seis atividades que podem ser desenvolvidas após a escuta do CD, devendo ser realizadas individualmente ou em conjunto, dependendo do objetivo do grupo e do tempo disponível. O facilitador também pode ir além das atividades propostas, que servem de orientação e não de normas e regras de procedimentos.

A atividade número 1 é denominada: ‘Conversando sobre a violência, imagens da nossa infância’; o objetivo da atividade é:

Fazer uma reflexão sobre o tema da violência, resgatando no grupo vivências que podem ser relacionadas à violência e à não-violência. Após esta reflexão, propiciar a discussão do que é violência. Para muitos, a violência é apenas o aspecto da agressão física, por isso a atividade permite discutir outras formas de violência. (MATOS; PANCERA, 2007, p. 16).

Em todas as atividades propostas do guia aborda-se o seu objetivo e indicam-se os procedimentos para realização da atividade:

Procedimento - Peça para o grupo ficar em círculo. Coloque uma música de ninar, cantiga de roda ou outra canção suave que lembre a infância. Peça para todos fecharem os olhos. Após alguns segundos, iniciada a música, converse com o grupo, a partir do seguinte texto: Todo adulto já foi criança e, dessa fase de criança, temos muitas lembranças boas e ruins. Faça uma retrospectiva e volte ao seu tempo de criança. Lembre dos carinhos que recebeu, das palavras doces e suaves que ouviu, dos cuidados que recebeu. Que imagens vêm a sua cabeça? Que retrato você criou? [...] ¹⁰⁶ (MATOS; PANCERA, 2007, pp. 16-17).

Após a expressão do grupo, o facilitador deve continuar dialogando e refletindo:

¹⁰⁶ Continua a atividade 1. Procedimento: “Agora, lembre-se dos seus momentos de tristeza e do que os motivou. Lembre-se do puxão de cabelo que recebeu sem saber o porquê, daquele cascudo que veio inesperadamente, das palavras que te envergonharam na frente de teus colegas na sala de aula, da pergunta que ficou sem resposta, das respostas que foram um simples “não” sem um “porquê”. Lembra quando você colocava as mãos no ouvido para não escutar aquelas palavras tão duras? Que imagens você criou? Você as colocaria num porta-retrato? Os fatos que a gente não colocaria no porta-retrato são situações de violência, que em alguma medida afetaram nossas vidas. Por mas que a gente as deixe bem guardadas, lá no fundo do baú de nossas emoções, em algum momento, elas emergem. Hoje, como adultos, já paramos para avaliar como estamos tratando nossas crianças e adolescentes? Que imagens estamos registrando na vida deles? O que pensamos sobre o futuro de nossos meninos e meninas?”

Desligue o som, peça para todos abrirem os olhos e, diante do que refletiram, solicite que desenhem apenas a imagem que colocariam num porta-retrato.

Quando todos terminarem, peça para colarem os desenhos e quem quiser pode falar da sua experiência”. (MATOS; PANCERA, 2007, p. 17).

Crianças e adolescentes são pessoas em desenvolvimento, que precisam de cuidados, proteção e orientações dos adultos. Crianças têm características próprias, adolescentes têm características próprias e os adultos precisam compreender cada fase do desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, para cuidar, proteger e orientar, sem usar do autoritarismo, da força e da violência.

A violência é um comportamento socialmente adquirido, não é natural e pode ser evitado. Portanto, a violência contra crianças e adolescentes tem cura! Depende em grande parte de nossa vontade de refletir e mudar de atitude!

A família, a comunidade e a sociedade como um todo podem e devem agir para garantir uma vida sem violência para as crianças e os adolescentes. (MATOS; PANCERA, 2007, p. 18).

O facilitador, como pode ser observado, tem um papel de fundamental importância, pois terá que conduzir as dinâmicas, a coordenação do grupo e possibilitar em conjunto – enquanto grupo – o encaminhamento de ações em defesa da criança e do adolescente.

Na atividade 2 ‘Discussão sobre a temática’, o objetivo é: “Verificar o nível de informação que o grupo possui sobre o tema e promover debate. Pergunte: O que você achou desta história?” (MATOS; PANCERA, 2007, p. 18). O guia orienta para a utilização das radionovelas. Então, após ouvir uma faixa do CD, o facilitador “deve permitir que o grupo se expresse e, se preferir, pode fazer recortes em determinadas cenas (veja roteiros comentados) e pedir a opinião do grupo. Pode usar as questões sugeridas a seguir ou outras que achar importante” (MATOS; PANCERA, 2007, p.18).

As questões sugeridas para discussão do conteúdo da radionovela, faixa 01: ‘Educar não é bater’, a mesma radionovela descrita anteriormente sobre violência doméstica, são: “Por que as crianças apanham? É fácil dar limites para filhos e filhas? Quem necessita mais de limites: as meninas ou os meninos? Por que muitos adultos batem em crianças? Quais as outras formas de violência que machucam mesmo não atingindo o corpo da criança? Quais seriam as alternativas para as famílias lidarem com as situações de conflito em casa sem o uso da violência?” (MATOS; PANCERA, 2007, pp. 18-19). Questões são formuladas para as outras radionovelas sobre os temas relativos à adolescência; trabalho infantil, doméstico, rural e urbano; abuso e violência sexual, incluindo situações atuais da internet.

Na atividade 3 deu-se como proposição e título ‘Representando uma radionovela’, cujo objetivo era “Explorar outras possibilidades lúdicas que facilitem o entendimento/envolvimento com a temática a partir da radionovela” (MATOS; PANCERA, 2007, p. 21). Também se estimula a criatividade e imaginação por meio da representação das situações, com base nos seguintes procedimentos:

Peça para o grupo (ou grupos, dependendo do número de participantes) representar as situações da radionovela. Pode haver várias adaptações ao roteiro da radionovela original, como a inclusão de novas personagens, modificação das situações, etc. As representações podem utilizar as linguagens do teatro, fantoches, radionovelas e outras.

Para a apresentação de radionovelas, improvise uma cortina de pano e, se possível, microfones. Atrás do pano será feita a encenação. Os participantes podem usar vários objetos para produzir sons e efeitos sonoros.

Ao visualizar novas possibilidades de acontecimentos a partir da história, o grupo desvela e formula outros questionamentos. (MATOS; PANCERA, 2007, p. 21).

Formular outros questionamentos também quer dizer mudar os papéis das personagens do texto da radionovela, onde o agressor pode ser de outro gênero e raça, o agredido e vítima pode ser também mudado. Perguntas do tipo: “E se não ocorresse tal fato como ocorreu e sim de outra forma?”, “Houve ou não a denúncia?”, “Alguma testemunha não quis se manifestar e tomar posição?”, “O que fazer?”... E por aí vai, com a interpretação do grupo e abertura de outras possibilidades para colocação de aspectos que dizem respeito à vivência dos participantes. O importante é que eles, os membros do grupo e facilitador chamem para si a tarefa e ação de viver e interpretar personagens, situações, acontecimentos e proposições de enfrentamento da realidade existente.

A atividade 4 ‘Desenhando radionovelas e músicas’, tem como objetivo “Explorar possibilidades lúdicas que facilitem o entendimento/envolvimento com a temática, a partir da radionovela. É uma boa atividade para ser desenvolvida com crianças e jovens” (MATOS; PANCERA, 2007, p. 22). Para tal atividade são sugeridos dois procedimentos:



Procedimento 1 - O facilitador solicita que o grupo imagine cada personagem da radionovela, bem como cada cena retratada. Em seguida, o grupo pode ser dividido em subgrupos, os quais deverão desenhar as cenas das radionovelas de acordo com a imaginação de cada um. Os desenhos podem dar origem a um gibi ou cartilha, retratando o tema da radionovela, conforme a orientação dada pelo facilitador.

Procedimento 2 - Coloque uma das músicas do CD educativo e peça para fecharem os olhos, imaginando as cenas sugeridas pela música. Depois disto, peça para criarem um desenho que

retrate a leitura da canção. Quando todos os desenhos estiverem prontos, peça para cada participante afixar seu desenho em um mural.

A atividade 5 ‘Vamos passar adiante?’, tem como objetivo “Estimular que o grupo seja multiplicador das informações para outros grupos e movimentos, contribuindo para a mobilização social em torno do tema” (MATOS; PANCERA, 2007, p. 23). Para tal atividade são sugeridos também dois procedimentos:

Procedimento 1 - Campanhas de enfrentamento: A partir das radionovelas, peça ao grupo que elabore uma campanha informativa sobre o assunto, para divulgar em sua comunidade, escola ou grupo. Pode ser cartaz, folder, jornal ou gibi. Material necessário: papel A2, papel 40 kg, canetinhas, giz de cera, cola branca, cola *gliter*, tesouras e revistas usadas. Tempo: aproximadamente 30 minutos, para a elaboração, e 10 minutos, para a apresentação.

Procedimento 2 - Divulgar o CD nas rádios: Peça para o grupo levar os CDs às emissoras de rádio de sua cidade (AM, FM e Comunitárias) e pedir a colaboração dos radialistas para a veiculação do CD, durante a programação das emissoras. (MATOS; PANCERA, 2007, p. 22).

E finalizando as atividades do item 3 “Desenvolvendo atividades”, descrevemos a atividade 6 ‘Mito & realidade’, com objetivo de “Observar o nível de conhecimento do grupo e estimular a compreensão do tema” (MATOS; PANCERA, 2007, p. 23). Quanto ao procedimento:

Divida os participantes em subgrupos. Distribua os papéis, sendo que em um deve estar escrito ‘realidade’ e, no outro, ‘mito’. Em seguida, o facilitador fará perguntas para as quais a resposta deve ser ‘realidade’ ou ‘mito’, conforme o entendimento das equipes. Cada grupo responderá ‘realidade’, quando compreender que a afirmativa é real. Da mesma forma, responderá ‘mito’, quando compreender que a afirmativa não corresponde à realidade. Antes de responder, cada grupo terá cinco minutos para discutir, com o objetivo de chegar a um consenso. (MATOS; PANCERA, 2007, p. 24).

Segue-se ainda neste ponto uma bateria de perguntas para a discussão de violência sexual, tráfico de pessoas, violência doméstica e trabalho infantil. Entrando no ponto 4 do guia fala-se diretamente ao professor, ‘Alô, Professor’, mais um recurso para chamar a sua atenção e pedir seu compromisso e motivação, como o protagonista de maior importância dentro das escolas. De certo que já se vinha falando com os professores, mesmo utilizando o termo facilitador, mas lembra-se de que o CD e o Guia foram feitos para alcançar o Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente. Neste ponto 4 ressalta-se a importância e o papel da escola:

A escola é o espaço privilegiado para o enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes. Depois do ambiente familiar, é o lugar onde a criança passa mais tempo. Além disso, a escola reúne os principais atores responsáveis pela proteção de meninos e meninas: pais, responsáveis, servidores, professores e comunidade. Apostando na escola como um espaço de promoção dos direitos, convidamos você, professor, a mobilizar todos os que compõem esta segunda casa, que é a escola, para o desenvolvimento de atividades com alunos e suas famílias.

Utilize o CD educativo como uma ferramenta de apoio interdisciplinar e explore os mais diversos conteúdos através do lúdico. (MATOS; PANCERA, 2007, p. 26).

São sugeridas aos professores as seguintes atividades: a produção textual, primeira atividade sugerida contendo as possibilidades de criar uma história sobre a temática a partir do roteiro das radionovelas; comentar os tipos e linguajar das personagens; reescrever a radionovela e dar um outro destino à história e final às personagens. Na atividade 2 sugere-se pesquisa sobre questões relacionadas ao Estatuto da Criança e do Adolescente; levantamento da história antiga de como eram tratadas as crianças desde a Grécia antiga, Brasil - colônia, Revolução Industrial; o que significa a expressão 'criança sujeito de direitos'; prejuízos causados pelo trabalho infantil para o desenvolvimento de crianças; em quais estados do Brasil têm-se os maiores índices de trabalho infantil; situação de pobreza no Brasil e se a pobreza é causa do trabalho infantil e por quê? Como a atividade 3 sugerem-se seminários sobre os temas das radionovelas, com perguntas relacionadas às fases de vida da criança e adolescência.

Também como não poderia faltar, na quarta atividade sugere-se ao professor trabalhar com artes: dramatização com confecção de figurinos, cenários; desenho e pintura a dedo para crianças e etc. Desenvolver a já citada atividade de mito e realidade, promovendo uma gincana entre a turma e várias outras turmas da escola; utilizar as temáticas de violência doméstica, sexual e trabalho infantil para eventos de feira cultural, varal de poesia, dia de arte... O professor também pode utilizar todas aquelas atividades indicadas aos facilitadores, pois também é um deles no âmbito escolar e fora dele, bem como tudo que lhe for significativo e fizer parte do seu processo pedagógico de ensino-aprendizagem. O guia ainda propõe nesse ponto indicação de radionovelas por faixa de idade.

Na sua sequência temos o ponto 5 com o comando de roteiros comentados, no qual se descrevem as seis radionovelas e também um pouco mais de informação quanto aos termos e conceitos sobre atendimento especializado, declaração universal dos direitos da criança, rede de proteção, sistema de garantia, funções das secretarias de governos municipais e estaduais. Ao final do guia, tem-se a orientação para preenchimento da ficha de avaliação de utilização do guia e do CD de radionovelas e também as referências bibliográficas e um desenho sobre trabalho infantil com o comando 'como você pode mudar esta cena': "Crie um novo desenho ou copie este, alterando e modificando a situação do menino. Vamos dar a ele a esperança de um futuro melhor?" (MATOS; PANCERA, 2007, pp. 62-65).

Nas análises e descrições efetuadas no transcurso desta tese recorreu-se a uma linha de raciocínio dialético de procurar no histórico da ONG Rádio Margarida e nos estudos efetuados sobre a ONG as suas realizações e acontecimentos, e também nas pesquisas de seus processos as fundamentações necessárias para a comprovação da afirmação: A arte como

socialização da cultura: Em cena a história da ONG Rádio Margarida, sua produção artística e cultural para transformação social e condições de vida, principalmente das classes subalternizadas.

Neste capítulo 3 da tese, item 3.3. Por meios de comunicação social de radiodifusão e vídeo popular, em curso de explicitação, prevalecem os dados de pesquisa e registros efetuados mais recentemente, isto é, dos anos de 2007 e 2008, tomando-se como assertiva o Projeto Radionovelas Educativas: em defesa do direito da criança e do adolescente, com as memórias e registros do ocorrido transcritos no livro Radionovelas Educativas – Tecnologia social e educação popular, bem como na produção do guia de utilização do CD. Nestas duas publicações citadas e transcritas podem-se verificar as mais recentes evoluções do método de educação popular em seus movimentos, tanto em aspectos de ensino-aprendizagem, multiplicação de seus meios e linguagens, produção de materiais educativos, como nas formas e conteúdos artísticos e culturais tratados, demonstrados em sua práxis e simbiose de linguagens artísticas e meios de comunicação: O teatro nas ondas de rádio, ou seja, por meio da comunicação social circulam as linguagens artísticas de teatro, teatro de bonecos, brincadeiras, música e outras formas de expressões artísticas, também transformadas em materiais educativos, com textos, ilustrações, desenhos, proposição de jogos, brincadeiras e também com proposição de recriação do que foi produzido.

O método como processo e produtor de recursos didáticos e pedagógicos em linguagens artísticas e meios de comunicação social tem elementos demonstrativos históricos para continuar a tratar do que denominamos de vídeo popular, que, em sua somatória, desde os primórdios da ONG, conta com um conjunto de obra formada por uma produção de 67 vídeos, sendo assim quantificados e denominados: vídeo institucional (08); vídeo-registro (31); vídeo educativo (25); videoaula (03). Desde a concepção inicial transcrita no projeto de extensão universitária, em que se dá o marco histórico e jornada inicial do método de educação popular, a chamada TVIDA está presente e mostra o caminho a ser percorrido pelo vídeo popular e educativo, o caminho da desmistificação da linguagem e da inacessibilidade dos meios de comunicação.

A classificação adotada para os vídeos produzidos tem objetivo de denominar uma tipificação da produção de vídeo por natureza de serviços, parcerias, registros de eventos, campanhas, projetos desenvolvidos, formato do vídeo. Na classificação de vídeo institucional tem-se o registro e produto de vídeos produzidos às instituições, tratando de aspectos de seu perfil, de projetos em desenvolvimento, como o vídeo elaborado para o Ministério Público do Estado do Pará, com o título de: “O Ministério Público e a Comunidade”, programa

institucional de descentralização dos serviços e atendimento do Ministério à população da Região Metropolitana de Belém. Já com a classificação de vídeo-registro constam produções próprias de documentação de projetos da ONG em parceria com outras instituições públicas e privadas (Projeto Juventudo, BNDES, dezembro de 2004), bem como de prestação de serviços a terceiros em que se efetua o registro de suas ações, campanhas e projetos. Via de regra, os vídeos-registros também demonstram uma ação educativa da ONG Rádio Margarida em conjunto com os parceiros: Educação ambiental, Projeto Una de Macrodrenagem, Companhia de Saneamento do Estado do Pará, dezembro de 2000; Coleta seletiva de lixo, ALBRÁS, janeiro de 2001; Educação no trânsito, Programa Pacto Cidadão Pela Vida no Trânsito, DETRAN-PA, julho de 2003.

Na classificação de vídeos educativos vem-se dizendo qual o objetivo a que se destina a produção dos vídeos, servir de instrumento didático-pedagógico de determinados temas e assuntos, como Saúde e higiene bucal, Programa Sorriso, Secretaria de Saúde de Belém (SESMA), maio de 1996; Prevenção ao câncer, Rede Paraense de Controle ao Câncer, agosto de 2004; Prevenção ao abuso e exploração sexual, Ministério da Educação, MEC/ SECAD, agosto de 2005. Quanto à classificação de videoaula, também se trata de produção de vídeos educativos com destino a ser utilizados como recurso didático pedagógico voltado aos facilitadores de processos de educação informal e professores do sistema de ensino. O videoaula também traz um diferencial que diz respeito ao vídeo na versão digital doméstica – DVD, no qual por intermédio do controle remoto do aparelho conhecido com este mesmo nome, DVD, pode-se acessar tanto o vídeo como perguntas, respostas, comentários sobre o tema e assunto educativo abordado, entrevistas e depoimentos extras.

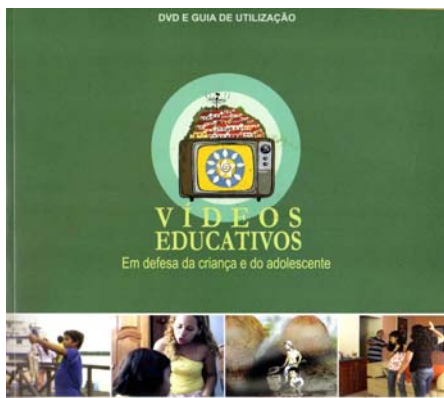
Dentro da concepção de vídeo da ONG Rádio Margarida, que inclui a produção artística e cultura de meios de comunicação social, destaca-se o trabalho recente – Vídeos Educativos: Em defesa da criança e do adolescente, produzido em parceria com o Ministério da Educação, MEC/ FNDE/ SECAD, Governo Federal – que está sendo lançado neste presente momento em que se escreve o texto, no contexto do III Congresso Mundial de Enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, de 25 a 28 de novembro de 2008, Rio de Janeiro. Estes vídeos educativos que têm este adicional de videoaula trazem toda uma construção de um coletivo de técnicos, artistas, consultores, educadores, impressão gráfica e replicação em mídia digital. O que se vê como um instrumental ou material educativo é a resultante de um processo de construção que tem como origem a elaboração do projeto endereçado ao MEC, para produção de materiais e instrumentais pedagógicos demandados pelos organismos da sociedade civil, conselhos tutelares, municipais e estaduais

de defesa da criança e do adolescente, bem como para provimento de sistemas de garantia de direitos da criança e do adolescente, incluindo obviamente a destinação às escolas.

Toda esta movimentação do Projeto Vídeos Educativos começa a ser arquitetada ainda no ano de 2005 e segue no tempo e espaço até a formalização de contratação e destinação de recursos em novembro de 2006. A partir deste momento começam os aspectos de produção dos vídeos educativos: pesquisa sobre os temas propostos de violência doméstica e sexual, e trabalho infantil, criação de argumentos e roteiros, aprovação destes a partir de trabalho de consultores temáticos e de produtores de vídeo, escolha de elenco com definição de tipos e personagens, ensaio, escolha de locais para filmagem, contatos institucionais diversos, entrevistas, depoimentos, filmagem em estúdio e externas, criação de desenho e animação gráfica, edição, elaboração de texto para videoaula com correção e revisão de textos, editoração eletrônica para DVD e videoaula, criação de matriz digital e replicação. Afora o específico do vídeo tem-se também um processo bastante trabalhoso para a elaboração do guia de orientação que acompanha e faz parte do *Kit* educativo: DVD e GUIA de utilização.

Quanto ao guia de utilização do DVD, este material impresso que se pode ter em mãos para leitura, também teve o seu processo de criação e construção, que envolveu pesquisa temática, redação de textos sobre os temas propostos de violência doméstica e sexual, e trabalho infantil, consultoria, revisão ortográfica, projeto gráfico, desenho e ilustrações, editoração eletrônica, matriz, prova e impressão.

O guia tem como organizadores José Arnaud, Mileny Matos e Osmar Pancera. Em sua capa consta o símbolo do projeto e o título do mesmo, com fotos de cenas dos vídeos e animação gráfica, na contracapa a identificação do Centro Artístico Cultural Belém Amazônia, ONG Rádio Margarida, identificação das logo-marcas do realizador, dos apoios e financiamento. Na primeira página interna tem-se uma ilustração dedicada aos povos da Amazônia, seguida de folha de rosto, ficha técnica da equipe participante, dados do manual do editor – ISBN e na sequência a folha de apresentação:



Os materiais aqui apresentados (DVD e Guia de utilização) fazem parte do *Projeto Vídeos Educativos: em defesa da criança e do adolescente*, realizado em 2007 pelo Centro Artístico Cultural Belém Amazônia - ONG Rádio Margarida, com financiamento do Ministério da Educação / FNDE / SECAD e refletem os objetivos comuns de ambas as instituições, em proporcionar ferramentas aos/às professores/as para que possam incluir nas suas atividades de sala de aula os acontecimentos e contradições da sociedade em que vivemos. Com estes materiais pretende-se também alcançar a comunidade escolar em geral, alunos/as, pais, gestores/as, bem

como outros agentes e educadores/as sociais que defendam e possam vir a defender os direitos da infância, como conselheiros/as tutelares, agentes de saúde, lideranças sociais, médicos/as, artistas, jornalistas, etc.

O Vídeo é uma das “tecnologias sociais” desenvolvidas pela Rádio Margarida, que visa ao enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes por meio de componentes lúdicos e informativos que colaborem para mudança de comportamentos e atitudes no que diz respeito à garantia dos direitos infanto-juvenis. O Projeto *Vídeos Educativos* aposta no efeito da linguagem audiovisual como mola propulsora para uma leitura da realidade, de práticas e acontecimentos do dia-a-dia, a fim de termos coragem de enfrentar e substituir o que não mais queremos por uma nova cultura, com princípios e fundamentos de justiça social, distribuição de renda, geração de oportunidades de estudo, trabalho, esporte, lazer, convivências pacíficas com as diversidades de raças, etnias, religiões, convivência com a diferença e divergências de opiniões; enfim, uma cultura de paz, com novos valores de relações entre os seres humanos e com a natureza¹⁰⁷. (ARNAUD; MATOS; PANCERA, 2008, pp. 6-7).

O próximo item do guia é a introdução, que diz o que teremos em síntese nos próximos capítulos, sendo que no capítulo 1, como no guia de Radionovelas Educativas descrito anteriormente, se apresenta o método de educação popular da ONG Rádio Margarida e a utilização da linguagem audiovisual na educação:



A linguagem audiovisual, utilizada na TV, no cinema e no vídeo, tem muito a contribuir na formação educacional de crianças e jovens, pois seu simbolismo está totalmente atrelado à revolução cultural dos nossos tempos. “Uma imagem diz mais que mil palavras”. Como diz Rosa Maria Bueno Fischer, “torna-se impossível fechar os olhos e negar-se a ver que os espaços da mídia constituem-se também como lugares de formação, ao lado da escola, da família, das instituições religiosas”.

¹⁰⁷ No Guia de utilização, a apresentação continua: “Neste *kit*, além do Guia, você recebe um DVD contendo três vídeos educativos que abordam questões sociais como trabalho infantil, violência doméstica e violência sexual. No mesmo DVD temos o “videoaula”, que é um mecanismo interativo que possibilita o debate sobre cada tema, com base em perguntas e comentários explicativos sobre os temas e acontecimentos sociais tratados. Assim sendo, os videoaulas são ricos em imagens, textos e depoimentos que pretendem levar à reflexão sobre a cultura e a sociedade de que fazemos parte e às mudanças de atitudes necessárias para transformar a nós mesmos e ao meio em que vivemos.

Neste Guia de utilização do DVD, que é parte integrante da tecnologia social dos vídeos educativos, temos textos de apoio sobre os temas tratados, conceitos básicos, detalhamento sobre o conteúdo do DVD, proposição de atividades para sala de aula e comunidades e indicação de fontes para saber mais sobre os assuntos.

A elaboração deste Guia tem um histórico, pois é uma sequência pedagógica do *kit* radionovelas educativas, composto de CD e Guia utilização, que trata das mesmas questões sociais e foi elaborado por um conjunto de profissionais das áreas de Psicologia, Pedagogia, Serviço Social, Comunicação e arte, de forma a contemplar de maneira simples as diversas faces dos temas trabalhados.

A Rádio Margarida e o Ministério da Educação esperam contar com o compromisso dos/as gestores/as escolares e professores/as para potencializar a utilização dessa tecnologia social visando a um futuro melhor para as crianças e adolescentes brasileiros/as.

Que todos os caminhos nos levem ao êxito neste trabalho de prevenção à violência!”(ARNAUD; MATOS; PANCERA, 2008, pp. 6-7).



Porém, trabalhar com o audiovisual na escola não se resume apenas à compra de equipamentos e à veiculação de filmes e vídeos para os alunos/as. Não basta saber operar o equipamento, é preciso ‘usar a tecnologia de maneira consciente e eficaz’. Existem conhecimentos importantes a serem adquiridos pelo professor/a para que tenha domínio sobre a linguagem audiovisual, pois existem certos códigos na imagem a serem decifrados. Através de uma ficção ou documentário, por exemplo, o/a aluno/a terá acesso às informações universalizadas, que, quando bem orientado para decodificá-las, podem converter-se em conhecimento de mundo. Contudo, é indispensável revelar às crianças que as produções audiovisuais são resultados artificiais, fabricados em função de certas necessidades, mesmo em documentários e jornalismo.



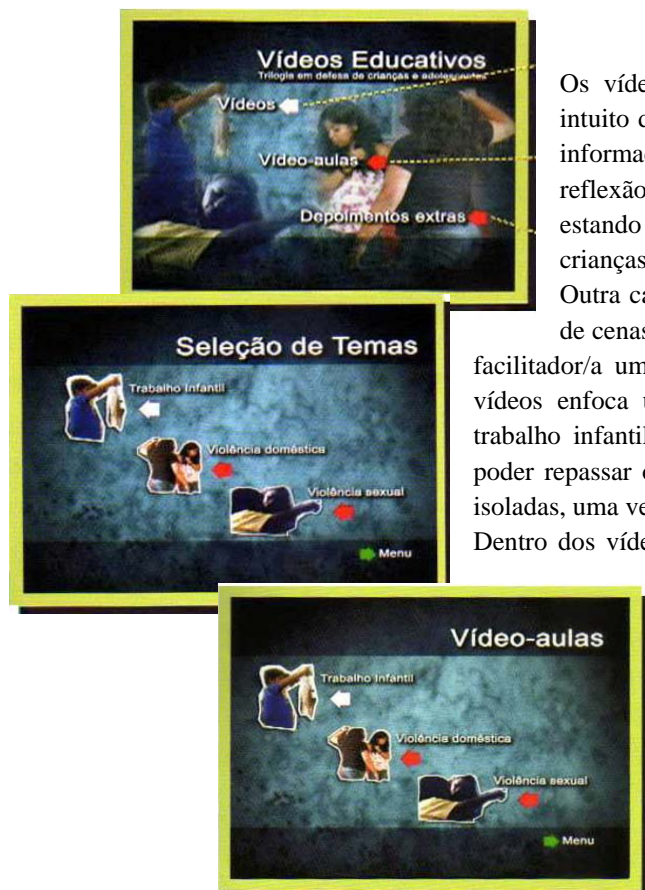
Quando um/a professor/a trabalha com seus/suas alunos/as um recurso audiovisual, este deve ser muito mais que um momento de descontração e/ou de subterfúgio para ocupar o tempo. Deve ser um momento de aprofundar a leitura do universo cultural do/a aluno/a, levando crianças e jovens a uma reflexão sobre o que somos e o que o sistema, principalmente através da televisão, quer que sejamos.

Não podemos entender a televisão apenas ‘como diversão e recusá-la enquanto veículo cultural’ (PORCHER, Lois, 1982, p. 188). Esta é uma visão errônea da TV, pois os teóricos da comunicação são unânimes em afirmar que as imagens que consumimos da televisão influenciam diretamente na nossa formação cultural. Diante de um programa de auditório ou de um mero comercial de refrigerante, podemos visualizar sintomas de um tempo específico, o nosso, e que chegam às salas de aulas por meio dos/as alunos/as e também do/a professor/a. Como nos diz Porcher (p. 191, 1982), ‘Uma imagem é sempre produto de uma época, de uma sociedade, de certos indivíduos que pertencem a uma determinada classe social’. Portanto, tudo o que vemos na TV ou no cinema não pode ser descartado no processo pedagógico, pois a televisão tornou-se um espaço de educação. Isso se dá pela produção de significações direcionadas a influenciar (educar) pessoas. (apud ARNAUD; MATOS; PANCERA, 2008, pp. 13-14).

O capítulo 2 é o que vem na sequência e tem o enunciado direcionado: o/a professor/a como facilitador/a de grupos. Nele ressalta-se a escola como um espaço de promoção de direitos e convida-se aos professores para mobilizar todos os que compõem o que chamamos de segunda casa, que é a escola. Indica o *kit* como ferramenta de apoio interdisciplinar a ser explorado como instrumento lúdico. “Professor/a, seja um(a) facilitador/a do debate, o elo entre a informação e o grupo, um/a comunicador/a que pode valer-se da tecnologia de Vídeos educativos (videoaulas e guia), para estimular as discussões, a assimilação de conteúdos e a mudança de atitude para a defesa dos direitos da criança e do adolescente” (ARNAUD; MATOS; PANCERA, 2008, p. 16). Na sequência, a palavra continua a ser direcionada aos professores para aquilo que ele pode fazer e quem pode incentivar a participar de espaços representativos de defasados direitos das crianças e adolescentes. Seguem-se as recomendações, como as já citadas do guia de utilização do CD de Radionovelas, de ler atentamente o material e se possível pesquisar sobre o assunto. Recomenda que estas

atividades sejam feitas por quem se sinta em condições de desenvolver estes temas e realizar trabalhos em grupos.

O capítulo 3 vem trazendo o enunciado de ‘Como utilizar o DVD’. É a orientação de **navegação** via controle-remoto de aparelho **do DVD**¹⁰⁸. Segue o capítulo com uma breve explicação sobre os vídeos quanto ao seu conteúdo, formato, informações, características:



Os vídeos apresentados neste DVD foram produzidos com o intuito de provocar o debate, desta forma, não são carregados de informações objetivas e sim de imagens e sons que levam à reflexão, a um olhar mais atento sobre determinada situação, estando ela relacionada à violência doméstica e sexual contra crianças e adolescentes e ao trabalho infantil.

Outra característica dos vídeos é que foram estruturados a partir de cenas ou quadros curtos, que possibilitam ao/a espectador/a ou facilitador/a uma reedição dos vídeos, pois cada momento dentro dos vídeos enfoca um sub-tema específico, como: causas, consequências, trabalho infantil em zona urbana, em zona rural, etc. Assim, além de poder repassar os vídeos integralmente, há a opção de se utilizar cenas isoladas, uma vez que elas funcionam de forma independente também.

Dentro dos vídeos temos algumas sequências de depoimentos, que dão consistência realista à abordagem dos temas. Essas sequências também podem ser usadas isoladamente para instigar o debate, principalmente em pequenos grupos. A roda de conversa, presente nos vídeos de violência doméstica e trabalho infantil é um recurso que busca demonstrar a efetividade e relevância deste tipo de atividade, trazendo de forma espontânea os questionamentos e opiniões de pessoas comuns da sociedade. (ARNAUD; MATOS; PANCERA, 2008, p. 20).

¹⁰⁸ Navegação do DVD:

“Como todo DVD, existe um *menu* de navegação comandado pelo controle-remoto do aparelho, e para utilizá-lo corretamente basta ficar atento às indicações a seguir:

Ao abrir o DVD você verá o *menu* inicial, onde a navegação é comandada pelas setas do controle-remoto; Imagem do menu inicial.

Menu inicial do DVD - Botão vídeos – Dá acesso ao *menu* dos vídeos educativos divididos por temas;

Botão Videoaula – Dá acesso ao *menu* dos vídeoaulas divididas por temas (vídeos em partes + perguntas e comentários);

Botão depoimentos extras – Dá acesso ao *menu* com cinco depoimentos extras;

Menu seleção de temas – Em cada botão um vídeo educativo sobre o tema especificado. Neste menu estão os vídeos corridos, integralmente; **Imagem do menu Vídeos Educativos.**

Menus videoaula - Em cada botão um videoaula sobre o tema especificado. Clicando em um botão você terá acesso a um dos vídeos, com entrada automática de perguntas e comentários após cada sequência de cena (mais informações a seguir em videoaulas); **Imagem do menu videoaula.**

Menu Depoimentos Extras - Cada botão corresponde ao depoimento da pessoa que aparece na imagem. (para saber sobre o conteúdo dos depoimentos veja a seguir ‘Depoimentos extras’); **Imagem do menu Depoimentos extras**” (ARNAUD; MATOS; PANCERA, pp. 18-19, 2008).

Para exemplificar as características dos vídeos que compõem este DVD, vamos penetrar no roteiro de um desses vídeos e perceber a sua estrutura e lógica de organização, que não é visível à maioria das pessoas, pois não se tem acesso a esta forma de linguagem, que aparece como produto pronto e acabado dentro das casas das pessoas, influenciando seus valores, concepções, consumo, modo de vida... Conforme já foi sinalizado, para se chegar ao roteiro do vídeo, que é a sua espinha dorsal, alguns caminhos foram percorridos, como a pesquisa sobre os temas, criação de argumentos e da história a ser descrita, aprovação destes por trabalho de consultorias temáticas e de produção de vídeos. Os roteiros produzidos são de autoria de José Ailton de Carvalho Arnaud e supervisão de Osmar Pancera. Vamos tomar como exemplo o roteiro sobre violência doméstica contra crianças e adolescentes, que resultou em um dos vídeos que compõem o DVD e o videoaula.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA – FRAGMENTOS DA VIDA REAL

SEQUÊNCIA 1 - INTRODUÇÃO AO TEMA

Simulação¹⁰⁹ – A Família

Ambiente doméstico. No sofá está um menino, veste seu uniforme escolar e ao mesmo tempo assiste TV. Ao fundo vê-se o avô e a mãe na mesa tomando café.

Narrador (voz sobre)

Família - uma peça fundamental no jogo da vida. Um ambiente familiar saudável é essencial para o pleno desenvolvimento de uma criança. Crianças – pequenos seres humanos que necessitam de cuidados por parte dos adultos, precisam de proteção.

O menino pára de se vestir para assistir TV. O avô levanta-se da cadeira esbravejando, tira o cinto da cintura e vai em direção ao menino, que corre pulando por cima do sofá, derrubando o porta-retrato com a foto da família.

Narrador (voz sobre)

Porém no interior de alguns lares ocorrem muito mais coisas do que nossas vistas alcançam. A violência está escondida entre quatro paredes. E em geral quem sofre são aqueles que mais precisam de amparo, as crianças.

CRÉDITOS INICIAIS

LOGO RÁDIO MARGARIDA

LOGO GOVERNO FEDERAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Apresentam

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA - Fragmentos da vida real

SEQUÊNCIA 2 – AS AGRESSÕES

LETTERING¹¹⁰ – Conhecendo o problema

Depoimento – Vítimas narrando algumas formas de violência que sofreram.

“Os amigos dela vinham pra se drogar em casa, né, quando a minha mãe não tava, e eu trancava minha irmã no quarto. Ficavam convidando a gente, entendeu? Minha mãe chegava, a gente falava e ela não acreditava, não. Porque minha boca é machucada bastante por

¹⁰⁹ Simulação: Representação artística de situações da vida cotidiana.

¹¹⁰ **LETTERING** – Palavra em inglês utilizada na linguagem de televisão para denominar palavras escritas que aparecerão no vídeo.

dentro, entendeu? Muitas cicatrizes, porque quando eu ia falar sobre o que ela tava fazendo, ela me batia”.

“Esse dia minha mãe chegou me deixou de joelho no milho lá e eu ficava chorando, chorando, passei dois dias chorando, tinha uns nove dez anos”.

“Aí, como eu apanhava muito na casa da minha mãe, eu ficava assim, eu ia pra casa da minha mãe e para casa da minha avó, apanhava lá e ia pra lá, ficava igual bola, ia pra um lado e pro outro”.

“A mamãe me batia às vezes de pau, de chinelo, e no dia que ela jogou uma faca na minha irmã que pegou bem aqui”.

“Aí a gente tinha que pedir na rua porque se nós não fosse pedir na rua ela não deixava nós dormir em casa, fazia um monte de coisa com nós, ela jogou mijo no meu irmão, quebrou a cabeça dele, passou a faca no rosto dele”.

“E tava acontecendo assim, que ele tava indo na minha cama querendo me mexer e eu fiquei assim, eu fiquei desesperada né”.

“Porque eu morava com um tio meu e ele abusava de mim com menos de nove anos, aí eu fugi, eu fugi a primeira vez, só que ele me achou, aí ele me batia e me abusava e ele me amarrou pra mim não fugir mais”.

“Ela sempre não gostou de mim a minha mãe, ela dizia que me achou no lixo que ela não gostava de mim”.

SIMULAÇÃO – Negligência

INTERIOR CASA – DIA

Ambiente familiar. Vários *takes*¹¹¹ de um bebê em situações de perigo: perto de fogão, brincando com tomada, remédios, materiais de limpeza, etc.

Narrador (voz sobre) e lettering

Cuidado. Negligência também é uma violência.

*FADE*¹¹²

SEQUÊNCIA 3 – FATORES QUE LEVAM À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

LETTERING – Por que acontece a violência doméstica?

Simulação – Agressão física e bebida alcoólica

EXTERNA BAR - DIA

Mulher (35 anos) bebendo junto com amigos. Farra, gargalhadas. A mulher parece estar alcoolizada.

EXT. PÁTIO - DIA

Menina (6 anos) brincando de amarelinha com duas outras meninas na frente da casa.

EXT. BAR - DIA

A mulher continua bebendo com os amigos. Brindam e ela ri bastante.

EXT. PÁTIO - DIA

A menina continua brincando. A mulher chega esbravejando e as outras meninas saem correndo. A mulher pega a menina com violência e leva para dentro de casa. Ao passar perto da porta a menina pega sua boneca.

INT. SALA – DIA

Mãe batendo na menina, que grita muito. Vê-se somente as sombras na parede. (Edição rápida com *flashes*) A mãe bate na filha e esta cai junto com a boneca.

Depoimentos – “Vítimas falando sobre suas lembranças de por que apanhavam, as causas da violência: separação dos pais, falta de diálogo, desemprego, bebida alcoólica etc.”

SIMULAÇÃO – O medo (animação gráfica)

INT. QUARTO – DIA

Uma adolescente (13 anos) entra abruptamente pela porta. Um homem (35) entra logo atrás. A menina se joga na cama e coloca o travesseiro sobre a cabeça.

¹¹¹ *Takes* – Palavra em inglês utilizada na linguagem de televisão para denominar movimentos de câmera de vídeo para tomar e registrar imagens.

¹¹² *FADE* – Palavra em inglês utilizada na linguagem de televisão para denominar o efeito de a imagem desaparecer gradualmente.

Pai (Bravo): *Espera que ainda não terminei. Você pensa que sabe tudo, você não sabe é de nada. Você é uma imprestável! Só sabe me dar dor de cabeça, isso sim. É incapaz de fazer uma coisa certa.*

A adolescente tira o travesseiro da cabeça e olha para o pai.

Filha: *Tá bom, pai, não precisa humilhar.*

Pai: *Tá bom?! Tá bom, nada. Eu te falo tudo isso e pro teu bem. Tenho medo que você acabe virando uma dessas meninas por aí... largadas na vida! Uma viciada... ou pior... (pausa. Só respiração do Pai)*

Pai vai, abre a porta do quarto e vira-se para a filha.

Pai: *Tenho medo de te perder, filha.*

INT. CORREDOR – DIA

Pai sai do quarto pensativo. O cenário ao seu redor desaparece, deixando o fundo em *black*.

Narrador (voz sobre)

Até onde os pais podem chegar para proteger seus filhos?

SEQUÊNCIA 4 – CONSEQUÊNCIAS

LETTERING – Percebendo as consequências

Depoimentos – As vítimas refletindo sobre algumas consequências: dificuldades escolares e de relacionamentos, desconfiança, fuga de casa. Alguma deve mostrar as consequências físicas como hematomas e/ou cicatrizes.

SIMULAÇÃO - Eu também sei bater!

EXT. PÁTIO - DIA

Mãos de criança brincando com boneca. Menina (a mesma da simulação da agressão física) brincando no pátio em um tapete com alguns brinquedos espalhados próximos.

Menina: *Olha a comidinha que eu fiz. Vai ter que comer tudinho.*

A menina coloca uma papinha na boca da boneca. Repete e balança a boneca como se ela não quisesse comer.

Menina: *Abre a boca, menina. Se não comer vai apanhar! Ah, não quer?! Então vai ficar aí sozinha!*

Menina joga a boneca com violência e sai. A boneca fica jogada.

Narrador (voz sobre)

Que exemplo estamos dando para os nossos filhos?

SEQUÊNCIA 5 - PREVENÇÃO

LETTERING – Como prevenir

Depoimentos (roda de conversa) – Em mesa-redonda algumas pessoas (professores, lideranças comunitárias, conselheiros tutelares e alguém representando a família) debatem sobre como podemos evitar a VDCCA.

Deve-se convocar a sociedade a se articular para realizar ações que intervenham na problemática: fortalecimento dos conselhos tutelares, parcerias da escola com a comunidade, participação efetiva nas associações e centro comunitários, para cobrarem o dever do Estado nas garantias dos direitos. Devem também discutir a necessidade de diálogo entre pais e filhos. (parte de um depoimento cobrirá o início da simulação a seguir)

Simulação – Necessidade de diálogo

EXT. SALA - DIA

Em ambiente domiciliar uma mulher (mãe - 35 anos) briga com uma adolescente (filha – 14 anos) aos gritos e esta responde também gritando. Vê-se ao fundo em segundo plano o pai. Quando a mãe vai bater na menina, vê o pai meio escondido pedindo calma. A mãe repensa sua ação, senta mais calma e chama a menina pra conversar.

LETTERING – A importância da denúncia

Depoimento – Vítimas revelando como foi descoberto que estavam sofrendo violência dentro de casa. Ilustrar casos de denúncias.

Depoimento - Entrevista com representante de entidade ligada à área de proteção da infância e adolescência, falando sobre a importância do engajamento da sociedade e da juventude para mudar a realidade de VDCCA no Brasil.

SEQUÊNCIA 6 - FINALIZAÇÃO**PEÇA PUBLICITÁRIA - ECA: Conhecer para usar****INT. BIBLIOTECA - DIA**

Uma estante cheia de livros de diversos tamanhos, cores e tipos. A câmera acompanha a mão de um homem (40 anos) procurando um livro. Num certo momento, a mão do homem encontra, bem escondido, no meio de uns livros grandes e empoeirados, um livrinho fino e pequeno.

Narrador (Voz sobre)

A violência doméstica e suas consequências podem ser prevenidas (evitadas) por meio de denúncias, diálogos e ações coletivas pela garantia dos direitos.

O homem retira o livrinho e percebe-se que se trata do ECA. O homem começa a ler, voltado para a câmera. Em uma sequência de fusões várias pessoas aparecem lendo o ECA também, finalizando com um adolescente (13 anos).

Narrador (Voz sobre)

Faça sua parte, conheça e use o Estatuto da Criança e do Adolescente.

- FIM -

O roteiro descrito é a essência de tudo aquilo que se denomina de vídeo, ou o que aparece no vídeo em termos de linguagem audiovisual. O roteiro consiste na estruturação técnica e artística do que se quer comunicar com relação à audição, visão e transmissão de impressões, clima e sentimentos. Orienta os que fazem e trabalham com esta forma de comunicação audiovisual a seguirem um caminho, uma rota e direção previamente planejada, o que a princípio não garante a qualidade daquilo que se quer fazer, mas é uma forma de organização para a produção em termos técnicos e profissionais de domínio de linguagem. O roteiro que foi apresentado seguiu uma lógica adotada também para os outros dois roteiros que fazem parte do DVD e tratam de violência sexual e trabalho infantil. A sua estrutura vem pelas sequências: introdução ao tema, as agressões, fatores que levam à violência doméstica, consequências, prevenção e finalização. A finalização diz respeito as proposições e situações que podem e devem ser encaminhadas.

Desde o título: “violência doméstica – fragmentos da vida real”, a informação é direcionada à cena da vida cotidiana, aquilo que é incidente e tem frequência, estatística sobre fatos e acontecimentos. A introdução ao tema nos leva para dentro de uma casa, ambiente doméstico, familiar. O texto introduz os primeiros conceitos do que a família deve ser e o que deve garantir a uma criança (pequenos seres humanos que necessitam de cuidados por parte dos adultos, precisam de proteção), em contraposição ao que realmente acontece. Na sequência dois, vai-se direto ao assunto de agressões, via depoimentos de vida real, incluindo, ao final deste conhecimento de situações de vida, a simulação de negligência que também, de forma indireta, possibilita situações de violência contra crianças e adolescentes.

Continuando, a sequência três trata de fatores que levam à violência, novamente levantando situações de ocorrência e incidência dos fenômenos por meio da simulação artística de agressão física e bebida alcoólica. Em seguida, há depoimentos com os motivos que levam à violência doméstica (separação dos pais, falta de diálogo, desemprego, bebida alcoólica). Outra simulação de violência, na forma de agressão verbal, insulto e humilhação por parte dos adultos é representada. As consequências da violência são aquilo que seguem como resultado também na vida real e no roteiro, retratadas por meio de depoimentos e simulação da reprodução da violência: “Eu também sei bater!” (criança reproduzindo na boneca as agressões físicas recebidas dos adultos).

Após dizer com todas as palavras, gestos, imagens e ambientações possíveis, em um curto espaço de tempo, a violência existe e não pode ser negada e negligenciada, tem-se o encaminhamento de tratar de prevenção em conversas e debates sobre como evitar a violência doméstica contra crianças e adolescentes. Conclama-se a sociedade civil e os organismos de defesa para uma participação efetiva de cobrança do dever do Estado nas garantias de direito com ênfase na necessidade de diálogos de pais e filhos. Ressalta-se também a importância das denúncias para coibir a cultura da impunidade e como forma de prevenção, bem como do engajamento da sociedade e da juventude para mudar a realidade de VDCCA no Brasil. Na sequência seis e finalização se remete à Lei maior de garantia dos direitos da criança e do adolescente que é o ECA e conclui-se com a narração: “Faça sua parte, conheça e use o Estatuto da Criança e do Adolescente”.

Consideramos que apenas os vídeos podem ser um recurso bastante razoável para aproximação e discussão das questões de violência contra criança e adolescentes. Mas acrescida do que denominamos e produzimos como videoaulas, esta ferramenta passa a ser mais um recurso didático-pedagógico com mais informações, argumentações com perguntas, respostas e detalhamento de conteúdos em sua completude e forma de apresentação. Na sequência do guia, ainda no capítulo 3, se discorre sobre os videoaulas:

O videoaula é um recurso audiovisual em que se utiliza a TV como veículo de transmissão da informação. Partindo desta ideia, introduzimos no DVD um recurso onde o facilitador/participante pode assistir aos vídeos e automaticamente ser direcionado a um ‘videoaula’ sobre aquele assunto. Este recurso é ideal para grupos com mais tempo disponível para a atividade, como as turmas da escola.

Como funciona? - Os vídeos estão divididos em sequências de cenas, quadros, depoimentos, etc. O videoaula que propomos são séries de perguntas e comentários que surgem na tela após cada sequência do vídeo. Por exemplo, no vídeo de trabalho infantil, após a sequência que fala de “por que acontece o trabalho infantil?” vem uma série de perguntas e comentários especificamente sobre este sub-tema.

Assim, o videoaula torna-se um elemento complementar aos vídeos, trazendo informações, quantificações e conceitos, que visam embasar as discussões a respeito das temáticas. São informações com base em dados de diversas instituições ligadas à infância e à adolescência, como a Organização Internacional do Trabalho (OIT), UNICEF, bem como bibliografias e *sites* relacionados aos temas.

É importante lembrar que o videoaula não substitui o debate do grupo. Neste sentido, indicamos que as perguntas sejam primeiramente direcionadas ao público, e somente após algumas colocações é que se utilize dos comentários oferecidos pelo videoaula. Muitas perguntas trazem mais de um comentário, ficando a cargo do espectador/facilitador optar em acessar todos ou não, sendo que todos os comentários têm seu grau de importância relacionado ao tema.

Pensando no professor/facilitador colocamos em anexo neste guia todo o texto utilizado nos videoaulas dos três vídeos contidos no DVD, seguindo exatamente a estrutura do roteiro de cada vídeo. Use esse material para preparar suas aulas sobre as temáticas, lendo antecipadamente, podendo ainda fazer cópias para grifar as partes que merecerem destaque em sua opinião. (ARNAUD; MATOS; PANCERA, 2008, pp. 20-21).

Pulando a sequência do guia que no ponto seguinte explica sobre os depoimentos extras, vamos, neste momento, direto aos anexos, a fim, de transcrever um dos textos dos videoaulas para dar-se a sequência no assunto da mesma maneira que o facilitador/ professor pode fazer navegando no *menu* de opções para seu ordenamento e organização de aula e debates, trazendo perguntas e comentários sobre o tema. Demonstra-se a sequência textual conforme aparece no videoaula sobre violência doméstica:

“VIOLÊNCIA DOMÉSTICA – FRAGMENTOS DA VIDA REAL”¹¹³
SEQUÊNCIA 1 - INTRODUÇÃO AO TEMA
VIDEOAULA:

1. O que você sabe sobre violência doméstica?

Violência doméstica é toda violência física, psicológica, verbal ou sexual que ocorre no ambiente do lar. A violência doméstica pode ocorrer contra crianças, adolescentes, adultos e idosos. Podem ser violentadas pessoas que não são da família, como empregadas domésticas e agregados. A violência contra crianças e adolescentes geralmente é praticada por pessoas conhecidas, em quem a criança confia e ama, como pais, parentes ou responsáveis.

2. A violência doméstica é aprendida ou é natural?

A violência é um comportamento socialmente aprendido. A pessoa torna-se violenta por uma série de fatores sociais e culturais – se sofre violência, pode passar a reproduzir a mesma violência. O abuso de álcool e drogas e o convívio com imagens e cenas violentas podem contribuir para o aumento da violência ocorrida no ambiente doméstico. Mas, mesmo quem tem atitudes violentas, se não for por causas psicopáticas, pode aprender a resolver conflitos e problemas de uma outra maneira.

3. Quantas crianças você acha que são vítimas, anualmente, no Brasil, de alguma forma de violência doméstica?

6,6 milhões de crianças são vítimas, anualmente, de alguma forma de violência doméstica no Brasil (12% dos 55,6 milhões de crianças brasileiras menores de 14 anos), com uma média de 18 mil crianças vitimadas por dia. (*Fonte: Sociedade internacional de prevenção ao abuso e negligência na infância, ano 2004.*)

¹¹³ Vídeos Educativos: Em defesa da criança e do adolescente. DVD e Guia de utilização (ARNAUD; MATOS; PANCERA, 2008, pp. 54-59).

Como a violência doméstica está dentro dos lares, nem sempre ela é denunciada, geralmente apenas os casos mais graves são notificados. Portanto, os números não retratam a real extensão da violência doméstica no Brasil.

SEQUÊNCIA 2 – AS AGRESSÕES

DEPOIMENTOS – Vítimas narrando algumas formas de violência psicológica, física, sexual, de abandono e negligência que sofreram.

SIMULAÇÃO – Negligência – Um bebê em várias situações perigosas no ambiente domiciliar¹¹⁴.

Voltando à sequência original do guia, no seu capítulo 4 sugere-se uma série de 10 atividades, a exemplo do guia de Radionovelas Educativas: rodas de conversa; questões para o debate com perguntas específicas por tema; dinâmica mito e realidade; produção textual; pesquisas; seminários; artes; desenhando os vídeos; vamos passar adiante; representando as situações do vídeo; conversando sobre a violência, imagens de nossa infância; trabalhando em rede. Tem-se também o item “um pouco mais de informação”, sobre nomes, referências e terminologias do atendimento integrado de crianças e adolescentes.

Querendo continuar a interagir com a sociedade civil e com os sistemas de garantia dos direitos da criança e do adolescente, a ONG Rádio Margarida propõe a ficha de avaliação do *KIT* vídeos educativos (ver anexo 1):

Prezados/as professores/as, membros de conselhos tutelares e demais educadores/as sociais que venham utilizando os materiais do Projeto Vídeos Educativos (Guia e DVD), solicitamos aos/às senhores/as que façam a gentileza de preencher o modelo da ficha de avaliação abaixo descrita e nos enviem uma cópia pelo correio ou por e-

¹¹⁴ **VIDEOAULA:** Continua na sequência 2 do vídeo (vide roteiro), dando prosseguimento às perguntas, que vão neste tema até a pergunta de número 19 com respostas apresentando vários itens de comentários, conforme o exemplo da pergunta e respostas a seguir:

4. Quais são os tipos de violência doméstica que você conhece ou de que já ouviu falar?

Violência física ou maus-tratos: Quando a criança é agredida fisicamente, com palmadas, surras, beliscões, empurrões, cinturão, pau, colher quente, instrumentos cortantes, etc.

Abuso sexual contra crianças e adolescentes: Quando o agressor busca satisfazer-se sexualmente, através da dominação ou exploração da sexualidade da criança ou adolescente, com ou sem contato físico ou consentimento. Tipos de abusos: observar o corpo da criança para satisfação sexual (*voyeurismo*), sexo oral, vaginal ou anal, exposição do corpo, conversas obscenas, exibir imagens e filmes pornográficos, etc.

Violência psicológica: São ameaças, xingamentos, humilhações e zombarias, rejeição, não dar atenção, depreciação, discriminação, desrespeito, expor ao ridículo, intimidação, etc.

Negligência: Quando o adulto tem a responsabilidade de prover as necessidades básicas para o desenvolvimento da criança e não o faz.

A negligência pode ocorrer em relação:

- 1 - à segurança (expor a perigo de acidente), à saúde (não vacinar, não nutrir, não medicar, etc.);
- 2 - à educação (não matricular, não permitir o acesso à escola, etc.);
- 3 - ao desenvolvimento emocional (não estimular afetividade, aprendizagem);
- 4 - a situações de abandono.

mail, para que possamos mensurar o alcance e resultados da aplicação desta tecnologia social.

A sua avaliação é muito importante para nós, pois é você quem está utilizando o Guia e o DVD, em sua localidade e realidade, sua diversidade social e cultural, e junto ao público da localidade onde você atua. Queremos que você responda à ficha de avaliação como educador/a, ou seja, utilizando a tecnologia, e se possível perguntando diretamente sobre cada item aos participantes das dinâmicas, obtendo assim a somatória e síntese das pontuações. Para isto, se faz necessário determinar uma média das pontuações em cada item.

Portanto, a avaliação da tecnologia será a somatória e a análise das fichas de avaliação, as quais permitirão dar vida, sentido, qualificação e abrangência ao nosso método de educação popular.

Neste sentido, a sua colaboração é de suma importância para que possamos melhorar nosso compromisso com as questões e causas da defesa dos direitos de crianças e adolescentes.

As perguntas que vamos lhe fazer estão relacionadas aos três eixos básicos nos quais se alicerça o método de educação popular da ONG Rádio Margarida, que são: comunicação + sentimento + ação transformadora.

Responda a cada pergunta com pontuações e observações. Pontue cada resposta com valores de zero a 10, a fim de quantificarmos o desempenho de tal item. Por exemplo, na pergunta nº 2: As informações transmitidas são claras e possibilitam o conhecimento sobre as questões? (9).

Ao final, se tiver alguma consideração que não for contemplada pelas perguntas, fique à vontade para tecer seus comentários. Desde já agradecemos a sua importante participação e colaboração. (ARNAUD; MATOS; PANCERA, 2008, pp. 41-42).

Os resultados da ficha de avaliação ainda não podem ser efetivamente mensurados, pois a distribuição do material educativo foi recentemente indicada, exatamente no dia 27 de novembro de 2008, por ocasião do III Congresso Mundial de Enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, ocasião em que foi realizado o lançamento do *Kit* pelo Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Assim sendo, iremos continuar a percorrer o caminho (em parceria com a UFPA) de distribuição de um total ainda de dez mil *Kits* para escolas, instituições de defesa da criança e do adolescente das regiões Norte, Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste do país, bem como para organismos internacionais como OIT, UNICEF e outros.

Desse modo, o mistério e fetiche da televisão e do vídeo inacessível e inalcançável estão sendo mais uma vez penetráveis e decodificado, como já o foram e continuam sendo por tantos que trabalham com esta forma de comunicação popular. Este tipo de comunicação social também vem sendo demonstrado em sua forma e argumentação por meio do método de educação popular. Adentra-se nesta linguagem que o vídeo e a televisão voltados preferencialmente para o mercado de consumo também podem servir de instrumental de luta pela garantia de direitos e conquistas sociais. É possível aos educadores sociais, professores e outros agentes sociais navegar nas órbitas tecnológicas, sem precisar ter o domínio dos modelos mentais da eletrônica e da era digital; basta apenas ter vontade, disposição e na mão

o controle-remoto de aparelho de *Digital Versatile Disc* (DVD) – disco compacto versátil, uma televisão, um local adequado sem interferências externas, com condição de se observar imagens e ouvir perfeitamente. É prioritário estar em um grupo de conversa (alunos, pais, comunidade em geral e outros) disposto a interagir, dialogar e buscar esclarecimentos para conhecer, perceber sua condição nas situações apresentadas, reconhecer o que é necessário ser feito e transformar o que precisa ser transformado.

*“... A vida é amiga da arte,
É a parte que o sol me ensinou ...”
Caetano Veloso*

CAPÍTULO 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: SOBRE A PRÁXIS ARTÍSTICO-CULTURAL DA ONG RÁDIO MARGARIDA

A pesquisa científica intitulada: **A práxis artístico-cultural da ONG Rádio Margarida: Uma história de linguagens artísticas e meios de comunicação social, a serviço da educação popular** estuda os acontecimentos transcorridos e o que acontece na trajetória da ONG Rádio Margarida, buscando demonstrar seu processo artístico-cultural, seu modo de produção, intercâmbio material e linguagem da vida real, ou seja, a explicitação da prática como critério de verdade, solução racional das representações da consciência e também compreensão desta práxis. A práxis artístico-cultural da ONG Rádio Margarida vem sendo analisada e descrita a fim de demonstrar a importância da arte como mediadora no processo de construção das relações sociais, como socialização e mediação da cultura, e ambas, arte e cultura, como mediações para um trabalho educativo, por meio do método de educação popular que adota as linguagens artísticas e meios de comunicação social. Linguagens e meios em movimento, na busca da transformação social das relações humanas, de mudança do modo de vida e superação das necessidades, na garantia dos direitos e conquistas sociais, colocando-se na luta junto às classes subalternizadas no rumo de patamares superiores de consciência.

Na interpretação do movimento e das relações de produção artístico-cultural da ONG Rádio Margarida, o olhar e o foco do pesquisador e conseqüentemente da pesquisa atuaram na dimensão científica, filosófica e também poética do entendimento da inseparável união do homem e seu meio. Meio no qual o homem é produzido e produz a própria vida, transformando o meio em que vive e sendo transformado por tudo aquilo que transforma. Para fundamentação da importância da história da ONG, inserida na ciência da história em geral, buscou-se nos clássicos do materialismo histórico e dialético os princípios metodológicos e marco teórico que subsidiaram as argumentações para análise da produção e práxis artístico-cultural da ONG: “A produção de ideias, de representações, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material [...]” (MARX; ENGELS, 1987, p. 36).

A base teórico-metodológica e de concepção de mundo a partir da filosofia da práxis permitiu a fundamentação da pesquisa, bem como ao longo de anos, como se pode observar nos descritos anteriores, vem servindo de parâmetro e orientação à ONG Rádio Margarida, que deve ser tida como uma organização, palavra que não é colocada por acaso, mas que direciona um coletivo de artistas, intelectuais, educadores sociais, técnicos e outros, que demonstram a sua vontade e a sua prática política em processos, relações sociais, tendo a dimensão das relações sociais enquanto relações de classes sociais e de poder, nas quais a opção de trabalhar para a emancipação das subalternizadas faz parte da concepção, visão de mundo e princípios desta organização social e também das pessoas que fazem parte da direção e que orientam a estratégia, planejamento e ações da ONG Rádio Margarida: “[...] a filosofia da práxis não busca manter os ‘simplórios’ na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca, ao contrário, conduzi-los a uma concepção de vida superior” (GRAMSCI, 1989, p. 20).

A filosofia da práxis é citada e demonstrada nos caminhos percorridos e colocados em prática pela ONG desde as primeiras letras registradas no compromisso público assumido pela publicação do Livro de ouro: Projeto Rádio Margarida, descrito no capítulo 2 desta tese: “Uma história pra contar”, itens 2.1. O processo de criação da ONG Rádio Margarida e 2.2. Uma organização civil com princípio, meio e sem fim, mas com finalidades: Estatuto da ONG, seu significado, estratégias, projeto-piloto e eixos iniciais de atuação. A fundamentação da filosofia da práxis está contida nos documentos citados de princípios e compromissos assumidos com a realidade em que se vive: contexto (localidade e personagens)¹¹⁵ e proposições de transformação desta realidade de necessidades (descrição do programa)¹¹⁶ rumo a liberdades conquistadas por meio da prática efetivamente realizada: “É na práxis que o homem deve demonstrar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno do seu pensamento” (MARX; ENGELS, 1979, p. 12).

A história da ONG Rádio Margarida e uma particularidade da história em geral e de intervenção no contexto amazônico da Amazônia brasileira, Região Metropolitana de Belém, do final do século XX e início do Século XXI, tomada como objeto de estudo, reflexão e transcrição de sua produção, sua práxis artístico-cultural; estruturada para ser descrita, narrada e analisada como uma história que se processou e continua a ser realizada por um coletivo de atores, sujeitos históricos de seu tempo e movimento com: “Um olhar artístico-cultural antecipatório de políticas públicas: Pesquisa, planejamento e ação”, item 2.3, que demonstrou a concentração de esforços e dedicação em intervenções e práticas em defesa dos direitos da

¹¹⁵ Projeto Rádio Margarida, Livro de Ouro (PANCERA, 1992, p. 4).

¹¹⁶ Idem: página VIII.

criança e do adolescente no contexto Amazônico de atuação da ONG e extensivo aos seus horizontes de influência. Historicamente posicionada em seu tempo, trabalha pela consolidação dos direitos e conquistas sociais, como exemplo as ações em defesa do Estatuto da Criança e do Adolescente e outras realizadas pela ONG Rádio Margarida. Notadamente a defesa dos direitos da criança e do adolescente é tida como estratégica, dentre a opção e concepção de mundo de labor educativo junto às classes subalternizadas para a conquista de justiça social, socialização da riqueza material e de bens e valores culturais conquistados pelo desenvolvimento da ciência, filosofia e artes.

Caminhou-se na pesquisa seguindo os feitos, fatos e acontecimentos, pela via predominante de documentos escritos: livros, estatutos, projetos escritos, relatórios, produção de textos e um conjunto de informações contidas também no banco de ONG. Nesta análise histórica vem-se até o estado das artes na atualidade, trazendo não só o transcorrido, mas o que a ONG quer de seu futuro, servindo-se de ferramentas de planejamento organizacional, bem como os processos contemporâneos em termos de produção artístico-cultural, parcerias, alianças, compromissos e estratégias de sobrevivência e de influências em políticas públicas e melhoria da qualidade de vida, principalmente na região amazônica, contexto e movimentos em que se demonstram as estratégias utilizadas e também os reconhecimentos em termos de premiações e resultados advindos como fruto de seu trabalho.

No capítulo 3 “A história continua”, se discorreu sobre o processo de produção do método de educação popular da ONG, desde os primeiros passos junto à academia até o detalhamento de suas categorias, linguagens, meios, modos e resultados alcançados. Percebe-se que, praticamente desde os primeiros anos de existência da ONG, houve a necessidade de se trabalhar com o respaldo da ciência, sob parâmetros de controle e procedimentos ligados inicialmente à extensão e demanda universitária, mas em pleno compromisso de ir além dos muros, o que de fato ocorreu por intermédio dos projetos desenvolvidos a partir do ano de 1994. Trabalhar com o suporte da ciência, principalmente com o materialismo histórico e dialético, significa vontade política de transformação social e das condições de vida das classes subalternizadas.

Linguagens artísticas e meios de comunicação social configuram o âmbito do método, que tem foco nas categorias informação, posteriormente comunicação + sentimento + ação transformadora. A categoria informação, que na era da informática tem uma importância fundamental, é colocada, no âmbito do método de educação popular da ONG, como categoria auxiliar na relação das linguagens artísticas e meios de comunicação social. As categorias pelas quais se demonstram como se procedem as construções por intermédio das linguagens

artísticas e meios de comunicação social, mediações presentes nas criações de textos de teatro, teatro de bonecos, nas músicas, brincadeiras dos palhaços, nos roteiros de radionovelas e de vídeos educativos, em movimentos de aproximação dos temas e objetos tratados, bem como na maneira de levar e trazer os conteúdos de verdades já descobertas ao domínio público de camadas populares, com o propósito de colaborar para a ampliação da capacidade de percepção e nível de consciência da necessidade de mudanças e transformações sociais e da cultura que temos para a cultura que queremos.

O processo de criação deve ser compreendido e analisado tanto pela natureza das linguagens e conteúdos nos quais se mergulha como também pelos procedimentos adotados nesta imersão e movimento de construção do conhecimento. Desse modo, tem-se um universo de elementos artístico-culturais que são trabalhados pelos procedimentos científicos. Na análise do método de educação popular, verifica-se que esta produção se faz por aproximações sucessivas, como descrito anteriormente quanto à produção de textos de teatro ao decompor esta produção desde os títulos dos textos até o texto em si, com seu universo imaginário de personagens e representações de situações do cotidiano, bem como seu movimento de ir a fundo a um tema com pesquisa de fontes bibliográficas, estatísticas de incidência de fenômenos que afetam e estão presentes na vida das pessoas e também no mergulho na superestrutura societária em consulta às leis e os instrumentos jurídicos existentes.

Para falar sobre a construção dos textos de teatro produzidos pela ONG Rádio Margarida tem-se necessariamente que inseri-los no contexto em que foram criados. Na sua totalidade os textos foram feitos para atender à uma necessidade do cotidiano e das relações sociais, questões relacionadas à saúde, direito humano, meio ambiente, cultura, necessidades e direitos sociais, bem como se fala dos procedimentos em termos de sua construção e estrutura. Assim sendo, o texto antes de começar a ser escrito ele é precedido de pesquisa sobre o que se está tratando. Esta pesquisa envolve fontes secundárias: bibliografia, literatura sobre o assunto, estatísticas de órgãos públicos, registros ou mesmo a ausência destes. Em determinadas situações, pode-se precisar de dados primários, que envolvem entrevistas de técnicos, especialistas, usuários dos serviços e até pessoas que não ouviram falar sobre o assunto.

Na continuidade da pesquisa das construções artístico-culturais chega-se às informações nucleares e imprescindíveis que devem ser repassadas no conteúdo do texto. Aí começam os desafios em termos do método de educação popular de tornar entendível o que é necessário ser dito, pois isto está relacionado diretamente ao perfil do público que se quer

alcançar. Traduzir conceitos e informações de maneira simples e agradável, ter o devido cuidado de trabalhar com graça e leveza para driblar e decodificar os preconceitos, desmontando-os, desmitificando-os e dizendo o que precisa ser dito. Tais recursos são utilizados com sucesso quando se faz também um mergulho na cultura local, retirando dela elementos imprescindíveis para se falar a mesma linguagem introduzindo novos componentes para mexer nas posições pré-estabelecidas, criar o novo e despertar para sentidos, comportamentos e atitudes.

Um universo de elementos artístico-culturais que são trabalhados pelos procedimentos científicos conformam o âmbito daquilo que se conceitua e prática como método de educação popular da ONG Rádio Margarida: arte, cultura, educação, ciência, filosofia da práxis e vontade política direcionada à transformação sociocultural, à socialização de verdades. Para substituir o senso comum e as concepções conservadoras de classes dominantes tem-se de saber cativar e conquistar a confiança daqueles com quem se pretende estabelecer a relação e fazer as mediações, utilizar instrumentais e procedimentos pedagógicos: incansavelmente repetir os seus argumentos, lastreados por princípio nas verdades conhecidas para serem divulgadas, variando literalmente os argumentos na sua forma. Realizam-se assim, por parte da ONG Rádio Margarida, os procedimentos necessários de investigação, organização e ordenamento de procedimentos para a pesquisa, na busca de reafirmar a arte como socialização da cultura, bem como comprovar os objetivos e validação dos resultados advindos da sua práxis artístico-cultural: “A arte como socialização da cultura para transformação social”.

A história continua artisticamente falando, pois se trata da arte como mediação cultural na visão crítica de mundo do filósofo, do intelectual, do artista como socializador da cultura, cujo objetivo e meta é mudar este mundo de coisas, objetos, relações sociais de produção e reprodução da vida, mudar a ‘mentalidade popular’:

Luta para transformar a ‘mentalidade’ popular e divulgar as inovações filosóficas que se revelem ‘historicamente verdadeiras’, na medida em que se tornem concretamente, isto é, histórica e socialmente, universais - a questão da linguagem e das línguas deve ser ‘tecnicamente’ colocada em primeiro plano [...] linguagem é essencialmente um nome coletivo: ele não pressupõe uma coisa ‘única’, nem no tempo nem no espaço. Linguagem significa também cultura e filosofia. (GRAMSCI, 1989, p. 36).

A linguagem desta tese é a linguagem artística, colocada aqui no singular, mas contendo a multiplicidade e pluralidade da totalidade. A linguagem da arte, a arte da linguagem que é universal. Arte que se expressa de diversas formas e meios, como palavra,

texto, representação, música... Arte facilitadora, mediadora, por estar sempre presente é o meio e ao mesmo tempo o caminho, sem o qual pode até existir o início da caminhada, mas sem a arte não teremos a jornada, nem tampouco a prática, que é por onde andam todas as linguagens.

Linguagens artísticas e meios de comunicação social é o como, é o método de educação popular desenvolvido pela ONG Rádio Margarida, meio pelo qual se intervém na realidade a fim de transformá-la, as linguagens e os meios a serviço da socialização de uma cultura de transformação da mentalidade popular do senso comum, da ultrapassagem do reino das necessidades em caminhos para realização de liberdades, direitos sociais e acesso aos bens e valores socialmente universais e civilizatórios. Por meio das linguagens artísticas e meios de comunicação social, demonstra-se uma considerável produção realizada ao longo de 17 anos de práxis artístico-cultural, de eventos, campanhas e projetos educativos, com as mais diferentes temáticas e questões sociais abordadas e trabalhadas a partir dos princípios da ONG e dos referenciais teóricos do método de educação popular. Por meio das linguagens artísticas de teatro, teatro de bonecos, palhaços, brincadeiras, música e por meio da comunicação social de radiodifusão e vídeo popular, se materializa toda uma produção artística e cultural de mediação da arte como socialização da cultura, que é demonstrada com exemplificações de construção de textos, personagens, argumentos, estórias e histórias de vida e vividos. Em síntese, a demonstração de um mergulho em universos temáticos e de questões sociais, econômicas, políticas, culturais e de valores humanos transformados por meio das linguagens artísticas de teatro, teatro de bonecos, palhaços, brincadeiras e música e por meio da comunicação social de radiodifusão e vídeo popular.

Inúmeros textos de teatro e teatro de bonecos, interlocuções e apresentações artísticas são protagonizados pelo irreverente mestre de cerimônias, o “senhor palhaço”, sempre disposto a conquistar um sorriso e fazer o público pensar na sua argumentação, que é dita coma habilidade do domínio da linguagem corporal com desdenho do sério e do formal. A radioteatro ambulante, concepção artística e cultural, foi criada para “chamar a atenção, animar, brincar, roubar a cena, colocar o espectador como ator”, e a TVIDA, para “trabalhar com liberdade, informar com liberdade, utilizando o mesmo meio de comunicação, para discutir a crença dos espectadores na mídia. As supostas objetividade e inacessibilidade do veículo são desmistificadas” (PANCERA, 2002, pp. 74-75), continuam vivas e em plena produção material de suas realizações e demonstração (vide descrição dos itens 3.2 e 3.3) da práxis artístico-cultural, por meio das linguagens artísticas e dos meios de comunicação social.

Por narrarmos uma história na qual somos e estamos sujeitos e atores participantes, buscamos abordar os nossos significados e compreensão do vivido, inserindo as nossas argumentações e marco teórico, com base na teoria social de Marx, a fim de tratar o tema neste âmbito, bem como demonstrar a sua importância neste mesmo ambiente científico, artístico e cultural. O tema de arte e cultura inseridos em um marco teórico, metodológico e histórico, e que mesmo que por cuidar de aspectos da própria história, da ONG Rádio Margarida, na qual o pesquisador tem participação direta, não se descuida dos critérios e procedimentos científicos necessários para se trabalhar o vivido e produzido historicamente. Aliás, diga-se que o que se pode tratar por história própria, não é tão própria assim, porque está no mundo das relações sociais, no qual o homem, a mulher (Eu, Tu, Ela, Nós, Vós, Elas), são seres culturais que produzem e são produzidos por sua cultura.

Aprendemos no decorrer da dialética do tempo, senhor de toda a história e da existência humana, a compreender as manifestações e determinações exercidas pelo homem, ser criativo e criador de sua arte e cultura. O tempo e os acontecimentos nos permitem seguir buscando conhecer as limitações e capacidade humana, bem como a totalidade de sua práxis, tanto na expressão de sua objetividade quanto na sua subjetividade. As dimensões do humano são retratadas pela arte e práxis artístico- cultural de fazer e conceber as suas representações e manifestações das coisas do homem, mundo e da natureza. O homem que em suas práticas e relações transforma a natureza, sociedade e pensamento humano e é transformado por tudo aquilo que transforma. Ser que desenvolve técnicas e habilidades fazendo extensão da sua corporeidade, de seus braços, pernas, cérebro e de suas mãos, que utilizam ferramentas para entalhar a madeira e manufaturar móveis e utensílios, plantar, colher, cortar, perfurar o bambu e confeccionar uma flauta para podermos ouvir a música lançada no ar, que ao mesmo tempo traz à tona a subjetividade dos sentimentos e a objetividade das construções musicais. A práxis que, também no seu momento essencial, se articula com o todo e determina a sua totalidade, na qual a arte e a cultura estão contidas, inseridas e exercem influência no todo.

*Mudar é condição essencial,
Transformar o mundo,
Erradicar a fome, pobreza e a guerra
Cultivar virtudes,
Incentivar a criatividade,
Tornar-se ator de sua vida e cultura,
Conquistar a liberdade!*
(PANCERA, 2002)



Viagem

No dito popular:

*Tudo na vida é passageiro,
Menos o motorista e o cobrador.*

Em nossa interpretação:

*Tudo na vida é passageiro,
Menos o motorista, o artista e o leitor...
(PANCERA, 2009)*

REFERENCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ARNAUD, José; MATOS, Mileny; PANCERA, Osmar. **Vídeos Educativos**: em defesa da criança e do adolescente. Belém: EDUFPA, 2008.

BAPTISTA, Myrian Veras. **A investigação em Serviço Social**. São Paulo: Veras Editora; Lisboa: Centro de Investigação em História e Trabalho Social, 2006.

BARBOSA, Mário da Costa. **Planejamento e Serviço Social**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

BRASIL. LEI nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativas do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 jul.1990. Seção 1.

CASTRO, Mary Garcia (Coord.); et. al. **Cultivando vida, desarmando violências**: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza. Brasília, DF: UNESCO, Brasil Telecom, 2001.

CENTRO ARTÍSTICO CULTURAL BELÉM AMAZÔNIA. **Estatuto do Centro Artístico Cultural Belém Amazônia**. Belém, 1992.

CENTRO ARTÍSTICO CULTURAL BELÉM AMAZÔNIA. **Relatório do projeto de extensão Rádio-ação**: linguagens artísticas e meios de comunicação social / banco de dados do Centro Artístico Cultural Belém Amazônia, ONG Rádio Margarida. 1998.

CENTRO ARTÍSTICO CULTURAL BELÉM AMAZÔNIA. **Relatório do projeto de extensão Rádio-ação**: linguagens artísticas e meios de comunicação social / banco de dados do Centro Artístico Cultural Belém Amazônia, ONG Rádio Margarida. 2001.

CHAUÍ, Marilena. Ideologia neoliberal e universidade. In: OLIVEIRA, Francisco de; PAOLI, Maria Célia (Org). **Os sentidos da democracia**: políticas do dissenso e hegemonia global. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 27-51.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico**: Nova Fronteira da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FARIA, Eliana Marília; PANCERA, Osmar. **Características metodológicas e filosóficas de la formación de recursos humanos em salud (medico y enfermero) y su correspondência com las necesidades de salud de la población y la organización de los servicios de salud em Brasil**. 1988. 178 f. Dissertação (Mestrado em Salud Pública) – Facultad de Salud Publica, La Habana, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

GOLDMANN, Lucien. **Dialética e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GUEDES, Ana Cláudia; PANCERA, Osmar. **Radionovelas educativas: tecnologia social e educação popular**. Belém: EDUFPA, 2008.

GUINSBURG, J.; FARIA, João; LIMA, Mariângela A. de. **Dicionário do teatro Brasileiro: temas, formas e conceitos**. São Paulo: Perspectiva; SESC, 2006.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LIMA, Carmen Rita Chaves de; MELO, Maria Eugênia Moreira de. **Arte-Educação: novas linguagens para um novo homem**. 1994. 73 f. – Trabalho de conclusão de curso (Curso de Serviço Social) – Centro Sócio Econômico, Universidade Federal do Pará, Belém, 1994.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe: estudos da dialética marxista**. Porto: Publicações Escorpião, 1974.

MARTINS, Camila; et. al. Entrevista educativa com Tião Rocha. **Revista Caros Amigos**, São Paulo, v. 12, n.137, p. 30-37, ago. 2008.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

MARX, Carlos; ENGELS, Federico. **La ideologia Alemana**. La Habana: Política, 1979.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

MAUÉS, Dênio. Em terra firme. **O Liberal**, Belém, 17 jan. 1996. Caderno Cartaz, p. 1.

MELLO, Ricardo Pimentel. **A construção da noção do abuso sexual infantil**. Belém: Edufpa, 2006.

MATOS, Mileny; PANCERA, Osmar (Orgs.). **Radionovelas Educativas: em defesa da criança e do adolescente - Guia de utilização**. Belém: EDUFPA, 2007.

NUNES, Benedito. **Introdução a filosofia da arte**. São Paulo: Ática, 1989.

PANCERA, Osmar. **Projeto Rádio Margarida**. Belém: Sua, 1992.

PANCERA, Osmar. **Rádio Margarida: princípio, história e método de educação popular**. Belém: Edufpa, 2002.

PILIPENKO, N. **Dialética de lo contingente y de lo necesario**. Moscou: Editorial Progreso, 1986.

PROGRAMA Pacto Cidadão Pela Vida no Trânsito. **O Liberal**, Belém, p. 1, 27 jul. 2000. Caderno Mercado.

PROGRAMA de apoio a Crianças e Jovens em Situação de Risco Social. Rio de Janeiro: BNDES, 2000.

SAFATLE, Amália. A Natura, dona Filó e Seu Birico. **Revista Página 22**, São Paulo, n. 5, p. 31-32, fev. 2007

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006. (Para um novo senso comum, v. 4)

SILVA, William. Rádio Margarida vai difundir a cultura. **A Província do Pará**, Belém, p. 11, 19 jul.1991. Caderno Cidade.

ANEXO

ANEXO 1

FICHA DE AVALIAÇÃO – KIT VÍDEOS EDUCATIVOS

Eixo Comunicação

1. Os vídeos educativos, videoaulas e o guia de utilização facilitaram o entendimento sobre as questões do trabalho infantil, da violência doméstica, abuso e exploração sexual contra crianças e adolescentes? () Pontue de zero a 10.
2. As informações transmitidas são claras e possibilitam o conhecimento sobre as questões? () Pontue de zero a 10.
3. A maneira de transmitir estas informações (ficção, depoimentos, animação gráfica e música) propiciou o diálogo entre os participantes, para desmistificar e aprofundar os assuntos? () Pontue de zero a 10.
4. Esta forma de comunicação contribui para mudanças de atitude no sentido de libertação e de transformação? () Pontue de zero a 10.
5. Outras considerações sobre o eixo comunicação:.....

Eixo Sentimento

6. Os vídeos educativos, videoaulas e o guia tornam possível aos participantes expressarem seus sentimentos com relação às questões abordadas? () Pontue de zero a 10.
7. Os vídeos educativos, videoaulas e o guia tornam possível a troca de vivências e experiências de vida? () Pontue de zero a 10.
8. Quais sentimentos mais comuns foram externados nas participações?
Medo () tristeza () indignação () insegurança () revolta () solidariedade () amor () necessidade de mudança () outros

Eixo Ação transformadora

Obs. do item 9: Pontue os três subitens mais manifestados, inclusive o subitem “outros”, com valores que, somados, não ultrapassem de 10. Por exemplo: levar ao conhecimento de outras pessoas (2), fazer denúncias (4) e outros (4).

9. Os/As participantes manifestam o desejo explícito de mudar estes acontecimentos, de que maneira:

Levar ao conhecimento de outras pessoas () Fazer denúncias () Organizar-se melhor () Promover campanhas e outras formas de mobilização ()

Outros.....

10. A tecnologia social de vídeos educativos, videoaulas e o guia contribuem para uma ação transformadora no meio em que é utilizada? () Pontue de zero a 10.

ANEXO

ANEXO 1

FICHA DE AVALIAÇÃO – KIT VÍDEOS EDUCATIVOS

Eixo Comunicação

1. Os vídeos educativos, videoaulas e o guia de utilização facilitaram o entendimento sobre as questões do trabalho infantil, da violência doméstica, abuso e exploração sexual contra crianças e adolescentes? () Pontue de zero a 10.
2. As informações transmitidas são claras e possibilitam o conhecimento sobre as questões? () Pontue de zero a 10.
3. A maneira de transmitir estas informações (ficção, depoimentos, animação gráfica e música) propiciou o diálogo entre os participantes, para desmistificar e aprofundar os assuntos? () Pontue de zero a 10.
4. Esta forma de comunicação contribui para mudanças de atitude no sentido de libertação e de transformação? () Pontue de zero a 10.
5. Outras considerações sobre o eixo comunicação:.....

Eixo Sentimento

6. Os vídeos educativos, videoaulas e o guia tornam possível aos participantes expressarem seus sentimentos com relação às questões abordadas? () Pontue de zero a 10.
7. Os vídeos educativos, videoaulas e o guia tornam possível a troca de vivências e experiências de vida? () Pontue de zero a 10.
8. Quais sentimentos mais comuns foram externados nas participações?
Medo () tristeza () indignação () insegurança () revolta () solidariedade () amor () necessidade de mudança () outros

Eixo Ação transformadora

Obs. do item 9: Pontue os três subitens mais manifestados, inclusive o subitem “outros”, com valores que, somados, não ultrapassem de 10. Por exemplo: levar ao conhecimento de outras pessoas (2), fazer denúncias (4) e outros (4).

9. Os/As participantes manifestam o desejo explícito de mudar estes acontecimentos, de que maneira:

Levar ao conhecimento de outras pessoas () Fazer denúncias () Organizar-se melhor () Promover campanhas e outras formas de mobilização ()

Outros.....

10. A tecnologia social de vídeos educativos, videoaulas e o guia contribuem para uma ação transformadora no meio em que é utilizada? () Pontue de zero a 10.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)